BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

SEGUNDA TIRAGEM DA EDIÇÃO
COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

NOBILIARCHIA PAULISTANA
HISTORICA E GENEALOGICA

TOMO III.

BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

DIREÇÃO DE AFONSO DE E. TAUNAY

IV

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

NOBILIARCHIA PAULISTANA HISTORICA E GENEALOGICA

Terceira edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por

AFONSO DE E. TAUNAY

*

Tomo III

*

LIVRARIA MARTINS EDITORA

SÃO PAULO

LEMES

Desta familia, e dos grandes varões que ela produziu por espaço de 500 anos, fala Manoel Soeiro, nos seus *Anais de Flandres*, que escreveu em dous tomos, em várias partes. Nós continuaremos somente a sucessão do ramo que passou ao reino de Portugal, segundo o que o mesmo A. diz, no tomo 1.º, liv. 7.º, 8.º, 9.º; e no tomo 2.º, liv. 15, 16 e 18. E bastará, que digamos, que a familia dos Lemes foi muito antiga, e muito conhecida no País-Baixo, pela sua nobresa. Passou a Portugal no tempo do sr. rei d. Afonso V, com a ocasião, que logo diremos, e ali corrompendo-se com a pronunciação portuguesa a verdadeira voz do seu apelido, se chamou *Lemes* o que era *Lems*, mudando totalmente de significação, porque Lemes, como todos sabemos, é nome proprio de instrumento, que serve para o governo das embarcações, e *Lems*, que na lingua flamenga se exprime prolongando nos beiços a pronunciação do *m*, significa o mesmo que na lingua latina, argila, e no nosso idioma greda, que é uma especie de barro, mais mimoso e mais selecto; distintivo, com que a soberba desta linhagem quiz fazer conhecida a sua nobresa entre os seus naturais.

São as suas armas em campo de ouro, cinco merlos de preto, postos em aspa, sem pés, nem bicos; e por timbre um dos merlos entre uma aspa de ouro. Assim se acham iluminadas na torre do Tombo de Lisboa, no livro da America, á fl. 24; e assim o refere o dr. Antonio de Vilas-Boas e S. Payo, na sua *Nobiliarquia portugueza*, cap. 37, fl. 293.

Martim Lems era um cavaleiro nobre e rico, senhor de muitos feudos na cidade de Bruges, uma das principaes do condado de Flandres. Casou e teve entre outros filhos, a Carlos Lems, que foi almirante de França; e Martim Lems, que sucedeu na casa a feudos de seu pai, como escreve Montarroyo, a quem seguimos, em título de Lemes. Era tão devoto das cousas de Portugal, e de ânimo tão grande, que, desejando contribuir para a pia e magnanima expedição do sr. rei d. Afonso V contra os infieis, aparelhou uma urca (hoje chamamos charrua) á sua custa e nela mandou a seu filho Antonio Leme, com varios homens de lança e espingardas, para servirem com ele. Assim se acha em algumas memorias desta familia. Porém, o mais seguro é que este Martim Lems foi o mesmo que de Flandres passou a Portugal por causa do comércio, e se estabeleceu em Lisboa. O sr. rei d. Afonso V o tomou por fidalgo de sua casa. Não casou, mas teve em Leonor Rodrigues, mulher solteira, varios filhos dos quais só ha noticia dos que veremos nos numeros seguintes:

N. 1 — Luiz Leme.
N. 2 — Martim Leme.
N. 3 — Rodrigo Leme.
N. 4 — Catharina Leme.
N. 5 — Maria Leme.
N. 6 — Antonio Leme.

N. 1.º

1 — 1. Luiz Leme foi legitimado pelo sr. rei d. Afonso V, e todos os seus irmãos, a instancia de seu pai Martim Lems, no ano de 1464, como consta da torre do Tombo de Lisboa, no liv. 2.º das legitimações á fl. 151. Não sabemos mais noticias dele, nem de outros seus irmãos varões, que, ou se recolheram ao país de onde eram oriundos, ou faleceram em Portugal, sem geração, como dizem alguns nobiliarios, conforme Montarroyo.

N. 2.º

1 — 2. Martim Leme, diz d. Antonio Soares de Alarcão, nas *Memorias genealogicas* da casa de Trocifal, liv. 4.º, cap. 7.º, n. 8, fl. 415, que foi juntamente conde de Flandres, por sua mulher. Assim traz Montarroyo em título de Lemes.

N. 3.º

1 — 3. Rodrigo Leme; faleceu sem geração. Como traz Montarroyo em título de Lemes.

N. 4.º

1 — 4. Catharina Leme, foi casada primeira vez com Fernão Gomes da Mina, a quem se deu este apelido por haver tido cinco anos o contrato da mina do ouro de S. Jorge, como escreve Garcia de Rezende (1). E teve:

Nuno Fernandes da Mina e outros, dos quais ha geração com apelidos de Britos em título de Minas.

Segunda vez casou dita Catharina Leme com João Rodrigues Paes, contador-mór do reino: em título de Paes, por José Freire de Montarroyo (2). E teve:

(1) Montarroyo em título de Lemes.
(2) Montarroyo em título de Lemes, vide ad. *in fine*, pág. 1.185.

2 — ". D. Maria Paes, que foi mulher de d. Antonio de Almeida, filho segundo de d. João de Almeida, 2.º conde de Abrantes, que levou em dote os oficios de contador-mor do reino e provedor dos armazens que ficou a seus filhos, como se vê em título de Almeidas, por Montarroyo, onde mostra, que daqui procedem d. João de Sotto-Maior, d. Filippe de Alarcão, d. Henrique Henriques de Almeida e outros fidalgos, que existem com geração. Por esta razão alegou Pedro Leme na vila de São Vicente, no ano de 1564 que seu pai e tios eram parentes em grau mui propinquo de d. Diniz de Almeida, contador-mor; de d. Diogo de Almeida, armeiro-mór e de Tristão Gomes da Mina, etc., como tratamos mais expressamente no........ deste título. Seguindo a geração de Antão Leme, em seu filho Pedro Leme, vindo da ilha da Madeira antes dos anos de 1550 para a vila de São Vicente, capitania, que hoje é de São Paulo. D. Antonio Caetano de Sousa na *História genealogica da casa real portuguesa* no liv. 4.º, pag. 413, mostra que de d. Antonio de Almeida, contador-mór do reino e de sua mulher d. Maria Paes nascera a filha (3).

3 — ". D. Joanna de Almeida, segunda mulher de d. Fernando Coutinho, o qual era primo co-irmão da infanta d. Guiomar Coutinho, mulher do infante d. Fernando, duque da Guarda e Trancoso e senhor de Abrantes, e filho do sr. rei d. Manoel e da rainha d. Maria, sua segunda mulher. Este d. Fernando Coutinho era filho de d. Diogo Coutinho, irmão inteiro de d. Fernando Coutinho, conde de Marialva e Loulé, senhor de Castello Rodrigo, alcaide-mor de Lamego e meirinho-mór do reino, que faleceu em 1532 (livro 4.º referido, pags. 403 e seguintes *usque*, pag. 413. Arvore de costado do conde de Marialva d. Fernando Coutinho, na pag. 215 do mesmo livro da *História Genealogica da casa real portugueza*). Do matrimonio, pois, de d. Joanna de Almeida com d. Fernando d. Guiomar de Menezes. Desta união nasceu filha unica.

4 — ". D. Francisco Coutinho, senhor da Torre do Bispo e do couto de Leonil, e mais casas que possuiu seu pai, e foi pretendente á casa de Marialva; morreu no ano de 1578, na batalha de Alcacer. Casou com d. Hieronima de Carvalho, filha de Pedro de Carvalho, provedor das obras do paço, e de d. Maria Brandão Potalim, senhora dos morgados de Potalim de Evora. E teve, entre outros filhos:

5 — ". D. Manoel Coutinho, senhor da Torre do Bispo e do couto de Leonil, que seguiu a mesma pretenção da casa de Marialva: casou primeira vez com d. Maria de Faro, filha de d. Fernando de Faro, senhor de Barbacena. Sem geração. Casou segunda vez com d. Guiomar de Castro, filha de d. Duarte de Castello Branco, primeiro conde de Sabugal, e meirinho-mór do reino, vedor da fazenda e do conselho do Estado, e da condessa d. Catharina de Menezes. E teve:

(3) Montarroyo em título de Lemes.

6 — ". D. Catharina Coutinho, que casou com Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquês de Marialva, terceiro conde de Catanhede, cujo grande carater se vê melhor no livro *Memórias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal,* fl. 145, impresso em Lisbôa, na régia oficina silviana, e da academia real, em Março de 1755. E teve sete filhos:

7 — 1. D. Pedro Antonio de Menezes, segundo marquês de Marialva, quarto conde de Cantanhede, nasceu a 31 de Março de 1658, e faleceu a 19 de Janeiro de 1711. Foi gentil-homem da camara dos reis d. Pedro II e d. João V, do seu conselho de Estado e despacho, presidente da junta do comércio, mestre de campo do têrço da praça de Cascaes. Casou em 1676, com sua sobrinha e prima co-irmã d. Catharina Coutinho, que faleceu a 21 de Novembro de 1722, filha de seu tio d. Rodrigo de Menezes e de sua irmã d. Guiomar de Menezes. Desta união nasceu filha unica.

7 — 2. D. Manoel Coutinho, foi conde de Redondo por mercê do sr. rei d. Pedro II, em 1693. Sem geração.

7 — 3. D. Guiomar de Menezes, que casou com seu tio, irmão do seu pai, d. Rodrigo de Menezes, comendador da Idanha, na ordem de Cristo, e de Jurumenha, na de Aviz, gentil-homem da camara do principe d. Pedro, e seu estribeiro-mór, e do seu conselho de Estado, regedor das justiças, presidente do desembargo do paço, que faleceu em 30 de Junho de 1675. Com geração, que se vê no mesmo livro *Grandes de Portugal,* fl. 127, e seguintes.

7 — 4. D. Maria Coutinho, casou com d. Luiz Alvares de Castro, segundo marquês de Cascais, com geração, em dito livro, fl. 101.

7 — 5. D. Isabel de Menezes, casou com d. Lourenço de Lencastre, comendador e alcaide-mór de Coruche. Com geração.

7 — 6. D. Antonia de Menezes, freira no mosteiro da Esperança, de Lisbôa.

7 — 7. D. Hieronima Coutinho, freira no dito mosteiro da Esperança.

8 — ". D. Joaquina Maria Magdalena da Conceição de Menezes, nasceu a 22 de Julho de 1691, terceira marquesa de Marialva, quinta condessa de Cantanhede, 12.ª senhora desta vila e das de Merles, Mondim, serra de Atem, Hermelo, Bilhalvaz, de Ferreiras, Avelãas de Caminha, Leomil, Penella e Valonga de Azeite, na comarca de Pinhel, e sendo herdeira desta grande casa, faleceu a 8 de Maio de 1740. Casou a 6 de Julho de 1712, com d. Diogo de Noronha, filho terceiro dos primeiros marqueses de Angeja; e foi coronel de um dos regimentos da rainha Anna de Grã-Bretanha, e brigadeiro de cavalaria; na paz foi general de batalha na provincia de Estremadura; e ultimamente mestre de campo general junto á pessoa de sua magestade, e seu estribeiro-mor, feito a 30 de Maio de 1749, gentil-homem da camara por mercê do sr. rei D. João V,

feita a 15 de Janeiro de 1714. Do seu matrimonio nasceram oito filhos:

9 — 1. D. Pedro de Menezes, (filho de d. Joaquina Maria Magdalena do N...), nasceu a 9 de Novembro de 1713, sexto conde de Cantanhede, e quarto marquês de Marialva, gentil-homem da camara de el-rei fidelissimo, o sr. d. José I, feito a 3 de Agosto de 1750, deputado da junta dos tres Estados. Casou a 8 de Janeiro de 1737 com d. Eugenia Mascarenhas, filha primeira dos terceiros condes de Obidos, que faleceu a 27 de Fevereiro de 1752. Teve do seu matrimonio 12 filhos, e é o herdeiro da casa.

9 — 2. D. José de Menezes faleceu em Março de 1732.

9 — 3. D. Thereza José de Menezes, nasceu a 31 de Janeiro de 1718. Casou com d. João da Costa, quinto conde de Soure. Com geração.

9 — 4. D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, nasceu a 5 de Setembro de 1720, governador e capitão general do Algarve, nomeado a 19 de Janeiro de 1754, casou a 26 de Junho de 1735, com d. Maria Antonia Soares e Noronha, filha herdeira de João Pedro Soares, senhor do ofício de provedor da alfandega de Lisboa, e de sua mulher d. Anna Joaquina de Portugal. Tem geração.

9 — 5. D. Maria Josepha de Menezes, nasceu a 19 de Outubro de 1725 e faleceu em Mantilhosa.

9 — 6. D. Francisca Rita de Noronha, nasceu a 7 de Maio de 1728.

9 — 7. D. Isabel Anna de Noronha nasceu a 5 de Julho de 1729, faleceu em tenra idade.

9 — 8. D. Francisca José de Noronha e Menezes nasceu a 23 de Outubro de 1731, e faleceu a 20 de Novembro de 1734.

10 — ". D. Diogo de Menezes, que nasceu a 15 de Junho de 1739, setimo conde de Cantanhede (gentil-homem da camara da rainha nossa senhora), está casado com d. Luiza Caetana de Lorena, que nasceu a 15 de Dezembro de 1747, e foi batisada a 18 de Julho, no paço, pelo cardeal-patriarca, na forma de seus irmãos, sendo seus padrinhos os reis nossos senhores então principes do Brasil, filha de d. Jaime de Melo, terceiro duque de Cadaval, quinto marquês de Ferreira, sexto conde de Tentugal e de sua segunda mulher a princeza Henriqueta Julia Gabriella de Lorena, sua sobrinha e filha de Luiz de Lorena, principe de Lambere, conde de Brione e de Braine, grão senescal hereditario de Borgonha, etc.

N. 5.º

1 — 5. Maria Leme, casou com Martim Diniz, de conhecida nobresa em Lisboa (4). E teve:

---

(4) Montarroyo traz toda esta descendencia como aqui escrevemos. Em título de Lemes.

2 — ". Henrique Leme, que foi servir á India, e se achou em muitas ocasiões honradas nas guerras daquele Estado, em 1518, como consta do livro *Asia Portuguesa.* Tomo 1.º, parte 3.ª, cap. 3.º, pág. 188, e teve:

3 — 1. Luiza Leme, mulher de Vasco Fernandes Carraca, que foi capitão de mar e guerra da náu *São Pedro* á India, em 1555.

3 — 2. Violante Gonçalves Leme, casou com João Dias Garcez Moutinho. E teve dois filhos.

4 — 1. Diogo Dias Leme.
4 — 2. Francisco Leme.
4 — 3. Henrique Dias Leme de Azevedo.
4 — 4. Nuno Dias Leme.

4 — 3. Henrique Dias Leme de Azevedo foi senhor de um morgado, chamado dos Loivos, que tem apresentação de uma igreja em Mezanfrio, e de outro morgado, que chamam da Macieira, que apresenta duas igrejas: casou com d. Anna do Prado, filha de Francisco do Prado e de d. Anna de Alvarenga Monteiro. Em título de Prados, por José Freire Montarroyo Mascarenhas. Este morgado da Macieira vieram a possuir os descendentes deste Henrique Dias Leme de Azevedo; mas ele não administrou tal morgado, porque entrou nesta casa pela mãi de Martim de Tavora, que era da familia dos Cernaches, casada com Manoel Feyo de Mello, senhor do morgado do Botão (5). E teve:

5 — ". D. Maria Leme, que casou com Martim de Tavora e Noronha, senhor de Campo Belo, o qual foi quarto neto de Pedro Lourenço de Tavora, senhor do morgado de Caparica, de quem descendem ilustres casas da còrte de Lisboa. E teve, além de outros filhos:

6 — ". D. Helena de Tavora, mulher de Diogo Leite Pereira, comendador de São João de Alegrete, filho de Alvaro Leite Pereira, senhor da casa de Quebrantoens, comendador da ordem de Cristo, e de sua mulher d. Antonia de Vasconcelos, filha de Manoel Mendes de Vasconcelos, da casa de Frontellas, e de sua mulher d. Paula de Moraes. E teve:

7 — ". Alvaro Leite Pereira, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Quebrantoens, e casa de Campo Belo, que casou com d. Lourença de Azevedo, filha de Lourenço de Azevedo, fidalgo da casa real e capitão-mór de Mezanfrio, e de sua mulher d. Isabel de Mello, cujas nobres ascendencias se vê melhor na dedicatoria do livro 3.º, título *Anatomico jocoso,* impresso em Lisboa, ano de 1753, feita a d. Maria Preciosa de Lima e Melo, mulher de Pedro Antonio Virgolino, fidalgo da casa real, e guarda joias de sua magestade fidelissima o sr. rei d. José. E teve:

---

(5) Alvarengas Monteiros de Lamego, de onde são os Alvarengas Monteiros da capitania de São Paulo.

8 — ". Diogo Francisco Leite Pereira, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Quebrantoens, Gaya Pequena, e Campo Belo, que casou com d. Anna Cazimira de Lima e Melo, filha de Pedro da Costa Lima, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, e de sua mulher d. Maria de Melo. E teve:

9 — ". D. Maria Preciosa de Lima e Melo, mulher de Pedro Antonio Virgolino, já referidos e moradores em Lisbôa. Com geração.

4 — 4. Nuno Dias Leme (filho quarto de Violante Gonçalves, e de João Dias Garcez Moutinho, do n. 3—2 retro), casou com Beatriz Pinto, irmã de Ruy Borges, de Gabriel Borges e de João Pinto. E teve:

5 — ". Balthazar Leme Pinto, foi moço da camara do sr. rei d. Sebastião, e ficou cativo na infeliz batalha de Alcacer, de 4 de Agosto do ano de 1578. Voltando a Lisboa, seguiu as partes de el-rei d. Filippe, por cuja causa padeceu alguns trabalhos; porém, depois foi muito estimado, e se lhe encarregavam diligências de muita importancia justificou por instrumento de títulos tirados na vila de Mezanfrio, em 30 de Junho de 1581, pelo dr. Francisco Teixeira, que serviu de corregedor com o escrivão Luiz Gonçalves toda a sua ascendencia na forma aqui deduzida. Casou este Balthazar Leme Pinto com Francisca de Frias Cardoso; outros dizem que casou com Violante de Lemos da casa da Troia, e que dela teve filhos: seria esta senhora sua segunda mulher, porque da primeira d. Francisca de Frias Cardoso teve dois filhos:

6 — 1. Balthazar Leme Pinto.
6 — 2. Henrique de Leme de Tavora.

6 — 1. Balthazar Leme Pinto, casou com Luiza Monteiro Coutinho, filha de Marcos Barbosa Coutinho, e de sua mulher Sebastiana da Fonseca Castro, e teve:

7 — ". Manoel Leme Coutinho, herdeiro das casas de seus pais, e casou na vila de Britiandos com d. Maria Rebelo (irmã do bispo de Miranda d. frei Antonio de Santa Maria), filha de Antonio Borges de Cerqueira e de sua mulher Maria Cardoso Rebello. Neta pela parte paterna de Pedro Borges Cerqueira (filho de Paschoal Borges Cerqueira) e de sua mulher Martha Coelho Pinto; e pela parte materna, neta de Luiz Cardoso Coutinho, e de sua mulher Feliciana Rebello de Britiandos. E teve:

8 — ". Manoel Leme de Magalhães, herdeiro das casas de seus pais, cavaleiro da ordem de Cristo; casou na vila de São João da Pesqueira com d. Martha Pereira de Sousa, filha de Manoel Pereira de Sousa e de sua mulher e prima d. Maria de Azevedo. Neta pela parte paterna de Gaspar Pereira de Sousa Pinto, e de sua mulher e prima em terceiro grau, Maria de Sousa. E pela parte materna de Antonio de Azevedo Pinto e de sua mulher d. Brites de Azevedo, sua prima, irmã de Thomé de Azevedo da Veiga,

senhor da quinta de Azevedo e Paredes, e capitão de infantaria. E teve dois filhos:

9 — 1. Antonio Leme de Souza, mestre de campo dos auxiliares da comarca de Lamego, sucedeu nos morgados de seus pais: foi cavaleiro da ordem de Cristo. Justificou a sua ascendencia até seu terceiro avô Balthazar Leme Pinto, moço da camara de el-rei d. Sebastião por instrumento de testemunhas, tiradas na vila de Mezanfrio, pelo juiz Balthazar Pinto de Oliveira, escrivão dos autos João da Piedade, em 10 de Dezembro de 1704. Estando solteiro, foi morto desgraçadamente com um tiro, que se disparava contra outrem, em 8 de Junho de 1711.

9 — 2. D. Luiza Michaela de Souza, casou com Nicoláo Pereira de Castro, comendador da ordem de Cristo. E teve:

10 — 1. Manoel Leme de Castro e Sande, moço fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, morador em São João da Pesqueira, casou com uma filha herdeira do mestre de campo da comarca de Lamego, Manoel de Carvalho de Vasconcellos e de sua mulher, filho de Manoel de Mello de S. Payo, moço fidalgo da casa real e senhor da Riba-Longa.

10 — 2. Bento José da Gama, moço fidalgo da casa real

6 — 2. Henrique de Lemes de Tavora (filho segundo de Balthazar Leme Pinto, do n. 5.º), casou com Guiomar Ribeiro, natural de Lamego. E teve duas filhas:

7 — 1. Innocencia Ribeiro de Lemos, que foi amiga do conego Jacome da Fonseca, de quem teve varios filhos que vieram homisiados para o Brasil.

7 — 2. N... Ribeiro de Lemos, foi amiga do Deão Antonio de Faria, natural de Barcelos, de quem teve o filho Antonio Tinôco de Faria.

N. 6.º

1 — 6. Antonio Leme, como escreve Montarroyo, em título de Lemes, depois de haver servido em Africa, para onde foi mandado por seu pai Martim Leme, em uma urca com vária gente de guerra, a sua custa, como fica referido, se achou na tomada de Arzila, e na de Tangere, no ano de 1463. El-rei, obrigado deste serviço, o fez fidalgo da sua casa, com o foro de cavaleiro e o deu ao principe d. João, seu filho, que depois foi rei, quando lhe poz casa separada. Tambem lhe fez mercê de lhe conceder, que podesse usar das armas dos Lems sem diferença, e como chefe da familia, e todos os que dele descendessem por legítimo matrimonio, mandando ao primeiro rei de armas lhas registrasse assim nos seus livros, por carta dada em Lisboa, a 12 de Novembro de 1471, a qual se acha registrada na Torre do Tombo, no liv. 3.º dos Misticos; do que se segue, que o pai deste Antonio Leme não era o chefe; porque, na dita carta, declara el-rei, que ainda que sabia certamente que ele podia usar das mesmas armas, que lhe pertenciam

por seu pai, com diferença, lhe fazia esta mercê para que as podesse trazer direitas. Casou. E teve:

— "Martim Leme (6), foi chamado o moço por diferença de seu tio, que tinha o mesmo nome. Passou para a ilha da Madeira, no ano de 1483, com carta de recomendação do infante o duque d. Fernando, senhor da dita ilha, de quem era muito estimado, para a camara da cidade do Funchal, escrita no mesmo ano, a qual se acha registrada no arquivo da mesma camara no livro 1.º, fl. 158. Falleceu na dita ilha, e jaz sepultado na capela-mor de São Francisco, da cidade do Funchal, da parte direita. Casou. E teve dois filhos:

3 — 2. Antonio Leme, viveu na Ilha da Madeira muito abastado na sua quinta, que depois se chamou dos Lemes, na freguezia de Santo Antonio do Campo, junto á cidade do Funchal. Casou com Catharina de Barros, a qual instituiu o morgado na vila da Ponta do Sol na dita ilha, filha de Pedro Gonçalves da Camara e de sua mulher Isabel de Barros. Em título de Barros, da ilha da Madeira, e teve seis filhos:

4 — 1. Antão Leme.
4 — 2. Pedro Leme.
4 — 3. Aleixo Leme.
4 — 4. Ruy Leme.
4 — 5. D. Antonia Leme.
4 — 6. D. Leeonor Leme.

4 — 1. Antão Leme.

4 — 2. Pedro Leme, instituiu o morgado na Ilha da Madeira, com a obrigação do apelido de Leme, falleceu em Lisboa, em 1556. Não casou, porém deixou filhos bastardos, que todos acabaram sem geração.

4 — 3. Aleixo Leme, viveu tambem na Ilha da Madeira, onde casou com d. Messia de Mello, filha de Diogo Homem de Sousa, e de sua mulher d. Catharina de Berredo e teve geração, que descreve Henrique Henriques de Noronha, e outros nobiliarios das familias das Ilhas.

4 — 4. Ruy Leme, viveu na Ilha da Madeira, onde faleceu a 4 de Novembro de 1566. Casou com Leonor Vieira, e teve geração.

4 — 5. D. Antonia Leme, casou com Pedro Affonso de Aguiar; que passou em posto de capitão a servir na India, na armada, que saíu de Lisboa em 1502, com o capitão-mor Vicente Sodré. E tem geração em título de Aguiares da Ilha da Madeira.

4 — 6. D. Leonor Leme, mulher de André de Aguiar da Camara, irmão de Pedro Affonso de Aguiar, com geração no mesmo título de Aguiares.

4 — 1. Antão Leme, casou, e teve:

---

(6) Tronco dos Lemes da Ilha da Madeira.

TRONCO E ORIGEM DOS LEMES DE S. PAULO

Pedro Leme embarcou na Ilha da Madeira; e pelos anos de 1550 já estava em São Vicente, com sua mulher Luzia Fernandes, e a filha Leonor Leme, mulher de Braz Esteves, e veiu a fazer assento na vila, capital de São Vicente; onde desembarcou com varios criados do seu serviço, e ali foi estimado, e reconhecido com o carater de fidalgo. Foi pessoa da maior autoridade na dita vila; e com a mesma se conservaram seus netos. Ali justificou Pedro Leme a sua filiação e fidalguia, em 2 de Outubro de 1564, perante o dr. desembargador Braz Fragoso, provedor-mor da fazenda e ouvidor geral de toda a costa do Brasil; e foi escrivão dos autos Antonio Rodrigues de Almeida, cavaleiro fidalgo da casa real; e obteve sentença extraída do processo, e passada em nome do senhor rei d. Sebastião, assinada pelo dito desembargador Braz Fragoso. — A petição para esta justificação foi do teor seguinte:

Diz Pedro Leme, que ele quer justificar, que é filho de legitimo matrimonio de Antão Leme, natural da cidade do Funchal, na Ilha da Madeira, o qual Antão Leme é irmão direito de Aleixo Leme, e de Pedro Leme, os quais todos são fidalgos nos livros de el-rei, e por tais são tidos e havidos, e conhecidos de todas as pessoas, que razão tem de o saber; e outro sim são irmãos de Antonia Leme, mulher de Pedro Affonso de Aguiar e de d. Leonor Leme, mulher de André de Aguiar, os quais outro sim são fidalgos, primos do capitão donatario da Ilha da Madeira; os quais Lemes outro sim, são parentes em grau mui propinquo de d. Diniz de Almeida, contador-mór, e de d. Diogo de Almeida armador-mór; e de d. Diogo de Cablera, filho de d. Henrique de Sousa; e de Tristão Gomes da Mina; e de Nuno Fernandes, veador do Mestrado de Santiago; e dos filhos de Claveiro, pela mãi deles ser outro sim sobrinha dos ditos Lemes, tios, e pai dele suplicante, os quais são tidos e havidos e conhecidos em o reino de Portugal por fidalgos. Pede a vm. lhe pergunte suas testemunhas, e por sua sentença julgue ao suplicante por fidalgo, e lhe mande guardar todas as honras, privilegios, e liberdade que ás pessoas de tal qualidade são concedidas. E. R. M.

Pelo contexto desta suplica, e justificação dela, obteve Pedro Leme a sentença, que temos referido, a qual foi depois confirmada na vila de São Paulo, por Simão Alves de Lapenha, ouvidor geral com alçada, provedor-mor das fazendas dos defuntos e ausentes, orfãos, capelas e residuos, auditor geral do exército de Pernambuco, em 3 de Março de 1640 pela causa, que correu em juizo contraditorio, entre partes d. Lucrecia Leme, e seu irmão Pedro Leme, netos de Pedro Leme contra os orfãos, filhos bastardos de Braz Esteves Leme, irmão dos ditos d. Lucrecia e Pedro Leme, que foram herdeiros por falecer seu irmão solteiro, e sem testamento, e aos autos desta demanda, juntaram os autores para prova da

sua qualidade a sentença proferida a favor de seu avô por parte materna do dito Pedro Leme (7).

Estabelecido na vila de São Vicente Pedro Leme, e sua mulher Luzia Fernandes, faleceu esta naquela vila pelos anos de 1560 e tantos; e foi sepultada na capela-mór da igreja dos padres jesuitas, o que tudo consta do testamento de Pedro Leme, aprovado na dita vila pelo tabelião dela Francisco de Torres, a 21 de Setembro de 1592, o qual, em a dita aprovação diz que fora á casa de Pedro Leme, fidalgo da casa de sua magestade, e no dito testamento declarou Pedro Leme que fora casado primeira vez com Luzia Fernandes, de quem tivera unica filha, por nome Leonor; e que casara segunda vez na vila de São Vicente com Gracia Rodrigues de Moura, filha de Gaspar Rodrigues de Moura, a qual era já falecida quando Pedro Leme fez codicilo em São Paulo, aprovado a 7 de Junho de 1596, pelo tabelião Antonio Rodrigues. Faleceu em São Vicente Gracia Rodrigues, com testamento, a 5 de Agosto de 1593, e nele declara ser casada com Pedro Leme, fidalgo cavaleiro, a quem deixara o remanescente de sua terça; e que do seu matrimonio tivera filha unica, Antonia.

Em São Paulo faleceu Pedro Leme, em Março de 1600, em casa de seu genro Braz Esteves, marido de sua filha Leonor Leme, que foi inventariante dos bens de seu sogro. Tudo consta melhor dos autos de inventario de Pedro Leme, onde se acha o seu testamento e codicilo; e tambem por traslado e testamento e codicilo de sua segunda mulher Gracia Rodrigues de Moura, no cartorio de orfãos de São Paulo, no maço 1.º dos inventarios da letra P. n. 40, o de Pedro Leme. Do seu primeiro matrimonio, pois, como fica referido, teve:

6 — "Leonor Leme, que veiu em companhia de seus pais da Ilha da Madeira, e já era casada em 1550 com Braz Esteves, morador da vila de São Vicente (como se vê da escritura da venda de umas terras, que o dito Pedro Leme e sua mulher Luzia Fernandes venderam a Pedro Rozar, alemão, a 23 de Novembro de 1551, e assignou Braz Esteves, genro dos vendedores (8). E na mesma vila viveram muitos anos, abastados com lucros do engenho de assucar, chamado de São Jorge dos Erasmos (9), que ficou dando êste nome ao sítio, que ainda hoje se conserva com a nomenclatura dos Erasmos. Depois se passou com seus filhos para a vila de São Paulo, onde fez o seu estabelecimento, e foi uma das primeiras pessoas da governança desta republica. Faleceu Leonor Leme, com

(7) Cartorio 1.º, do tabelião de São Paulo, maço de inventarios, o de Braz Esteves Leme, com a sentença mencionada à fl. 32 v., Cartorio da ouvidoria da cidade do Rio de Janeirro. Autos de justificação de Garcia Rodrigues Paes Leme; e tambem autos de justificação de Pedro Dias Paes Leme.

(8) Provedoria da Fazenda Real, livro 1.º, título 1.555, fl. 93.

(9) Cartorio sup. de Santos, caderno das cargas do almoxarife Jorge Pires, às fls.

testamento a 13 de Janeiro de 1633 (10). E teve cinco filhos nascidos na vila de São Vicente, que são os dos capítulos seguintes:

Pedro Leme .... Cap. 1.º
Matheus Leme .... Cap. 2.º
Aleixo Leme .... Cap. 3.º
Braz Esteves Leme .... Cap. 4.º
D. Lucrecia Leme .... Cap. 5.º

CAPÍTULO I

1 — 1. Pedro Leme, natural de São Vicente, foi cidadão de São Paulo, da sua governança, que ocupou todos os cargos da republica. Casou com Helena do Prado, filha de João do Prado, natural da praça de Olivença, em Alemtejo. Em título de Prados, da capitania de São Paulo, cap. 2.º. E teve filhos, dos quais descobrimos a certeza só de oito, que são:

2 — 1. Lucrecia Leme .... § 1.º
2 — 2. Braz Esteves Leme .... § 2.º
2 — 3. Matheus Leme do Prado .... § 3.º
2 — 4. Pedro Leme do Prado .... § 4.º
2 — 5. Domingos Leme da Silva ..... § 5.º
2 — 6. Aleixo Leme dos Reis .... § 6.º
2 — 7. João Leme do Prado .... § 7.º
2 — 8. Helena do Prado .... § 8.º
2 — 9. Filippa do Prado .... § 9.º

§ 1.º

2 — 1. Lucrecia Leme, casou com Francisco Rodrigues da Guerra. Em título de Guerras, que temos escrito com sua descendencia.

§ 2.º

2 — 2. Braz Esteves Leme, casou com Margarida Bicudo de Brito, filha de Antonio Bicudo, e de sua mulher Maria de Brito. Em título de Bicudos. cap. 1, § 2.º, com sua descendencia.

§ 3.º

2 — 3. Matheus Leme do Prado, casou na matriz de São Paulo, a 24 de Agosto de 1642, com Beatriz do Rego Barbosa, filha de Diogo Barbosa Rego, que faleceu em Guaratinguetá, em 1661, e

(10) Cartorio de orfãos de São Paulo, março 1.º de inventarios, let. I, n. 14, o de Leonor Leme.

de sua mulher Branca Raposo, todos naturais de São Paulo, exceto Diogo Barbosa Rego, que era do reino de Portugal: Em título de Raposos Bocarros, capítulo 11.

§ 4.º

2 — 4. O capitão Pedro Leme do Prado foi morador da vila de Jundiahy, onde faleceu, tendo sido antes em São Paulo sua patria, onde foi das primeiras pessoas do governo da sua republica, cujos cargos ocupou. Foi abastado de bens e de estimação. Fundou a capela de Nossa Senhora da Estrela, na sua fazenda do termo de São Paulo, para cujo dote, depois, em Janeiro de 1645, pediu por sesmarias uma legua de terras no rio Jundiaí ao capitão-mór governador alcaide-mór Francisco da Fonseca Falcão e depois, em Janeiro de 1651, pediu ao capitão-mór e ouvidor de Itanhaen Dionysio da Costa, uma sesmaria de terras em Taubaté, para onde queria ir e lá fundar outra capela da mesma Senhora da Estrela. Tudo se vê no livro 10.º das semarias, n. 11, tít. 1645 até 1656, pag. 7 v. e fl. 77. Casou com Maria Gonçalves Pinto natural de São Paulo, irmã do capitão Paulo Preto, que faleceu em Jundiahy, a 29 de Agosto de 1695, irmã tambem de um religioso da companhia, e filha de Sebastião Preto, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Gonçalves, gente nobre, como consta dos autos de inquirição de genere processados em 1657, por parte do filho de Pedro Leme do Prado, que depois foi clerigo; e neles se mostra que os avós maternos eram pessoas de nobresa, e que sua mãi dita d. Maria Gonçalves Preto tinha um irmão jesuita, e outro carmelita calçado (11). Faleceu Pedro Leme, em Jundiahy, com testamento a 5 de Março de 1658, em que declarou a sua naturalidade a vila de São Paulo, e que fora casado com Maria Gonçalves, filha de Sebastião Preto, e de sua mulher Maria Gonçalves. E que tivera do seu matrimonio dez filhos. (*O autor escreveu, que diziam, e não havia dúvida que o dito Pedro Leme casara segunda vez com Maria de Oliveira, de quem tivera uma filha — Maria de Oliveira, que casou com Diogo Bueno: em título de Buenos, cap. 1.º, § 7.º como com efeito escreveu em 1768, no dito título mas neste de Lemos riscou a linha que dizia que casara segunda vez, e deixou em aberto o nome da filha Maria de Oliveira. Talves a causa da emenda seja não declarar no seu testamento Pedro Leme, se não o que fica referido a respeito da primeira mulher e dez filhos; pois isto acrescentou depois o autor, como cousa que achara de novo). Teve, pois, do seu matrimonio com Maria Gonçalves Preto dez filhos:

3 — 1. Pedro Leme, que se batisou em São Paulo a 13 de Junho de 1632. Ordenou-se de presbitero secular em Lisboa, para onde o mandaram seus pais, porque eram abastados de cabedais.

(11) Camara Episcopal de São Paulo, autos de genere, letra P, ano de 1.657.

3 — 2. Frei João de... foi franciscano, e nasceu a 27 de Abril de 1641.

3 — 3. Frei Sebastião de Santa Maria, foi religioso carmelita calçado.

3 — 4. Maria, foi batisada em 1643 e faleceu em tenra idade.

3 — 5. Maria Leme foi batisada a 10 de Junho de 1646, na matriz de São Paulo, e casou com o capitão João do Prado Martins, que se passou para Taubaté, e teve o filho João do Prado Martins, que, como procurador de sua mãi dita Maria Leme vendeu as terras desta em 1657 (esta data implica com a do nascimento da mãi (12).

3 — 6. Helena do Prado, foi batisada a 11 de Julho de 1653.

3 — 7. João Leme do Prado, casou com Anna Maria Ribeiro, natural de São Paulo, filha de Gaspar de Louvera. Foi João Leme do Prado ministro em Santa Fé, onde teve datas em 1625.

3 — 8. Anna Maria Leme, mulher de Diogo de Lara e Moraes, filha de d. Isabel de Lara, e Luis Castanho de Almeida. Em título de Laras, cap 7.º, § 3.º, e casamentos de Parnaíba, n. 36.

3 — 9. Maria do Prado, casada com Lucas Fernandes Mattos, natural de Viana do Minho. Vide arvore do filho do capitão-mór Antonio de Moras.

3 — 10. Thimotheo Leme, casou em Parnaíba. Casamentos n. 48.

§ 5.º

2 — 5. Domingos Leme da Silva, casou duas vezes, a primeira com Francisca Cardoso, natural de São Paulo, e faleceu com testamento a 8 de Janeiro de 1678, onde declarou ser filha de Antonio Lourenço e Isabel Cardoso, e teve sete filhos. Casou segunda vez com Maria de Abreu, de quem teve unico filho, Domingos Leme da Silva, que faleceu solteiro no Cuiabá. Domingos Leme da Silva foi capitão e faleceu em Sorocaba, com testamento, que foi aberto a 5 de Julho de 1684. Foi republicano da vila de São Paulo e Sorocaba, onde logrou grande estimação e respeito. O seu primeiro casamento foi a 19 de Outubro de 1630, e seu sogro Antonio Lourenço, segundo padroeiro da capela de Nossa Senhora da Luz em título de Carvoeiro, cap. 1.º, § 6.º. E teve do seu primeiro matrimonio sete filhos:

(12) Nestes numeros e nos paragrafos seguintes se acham tantas emendas, notas, entrelinhas, riscos, e tal confusão, que, não obstante toda a minha diligência de examinar tantos papelinhos, que se acham avulsos dentro do título, necessariamente ha de haver engano, pois o autor mostra em muitos lugares ficar na incerteza se é assim ou não o que escreve, e com efeito as datas contradizem o que se acha em alguns numeros. (Nota de Diogo Ordonhes).

3 — 1. Isabel Cardoso.
3 — 2. Francisco Leme da Silva.
3 — 3. Domingos Leme da Silva.
3 — 4. Pedro Leme, o Torto.
3 — 5. D. Maria Leme da Silva, mulher do alcaide-mór Jacinto Moreira.
3 — 6. Helena do Prado da Silva.
3 — 7. José Leme.

3 — 1. Isabel Cardoso, filha do § 5.º, casou com Bartholomeu Bueno, chamado Anhanguera. Em título de Buenos, cap. 2.º, § 2.º.

3 — 2. Francisco Leme da Silva, casou na vila de Itú, com d. Isabel de Anhaya, que nela faleceu com testamento a 27 de dezembro de 1712, natural da mesma vila, filha de Sebastião Pedroso Bayão e de sua mulher d. Florencia Corrêa de Anhaya, que foi filha de Serafino Corrêa, natural da vila Guimarães (filho de Lourenço Corrêa e de Margarida Bernardes) e de sua mulher Isabel de Anhaya, natural de São Paulo, onde casou a 8 de Fevereiro de 1634, filha de Paulo de Anhaya, natural da cidade do Porto, e de Maria Coelho. E título de Almeidas, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 1 a n. 4 — 1 e em n. 6 — 2 já e nos seguintes a sua descendencia. E teve sete filhos naturais de Itú:

4 — 1. Francisco Leme da Silva.
4 — 2. Salvador Leme.
4 — 3. Antonio Leme da Silva.
4 — 4. Braz Esteves Leme.
4 — 5. José Leme da Silva.
4 — 6. Maria Leme.
4 — 7. Francisca Leme (13).

4 — 5. José Leme da Silva, casou no Pitanguí, com d. Gertrudes de Siqueira e Moraes, sua parente, filha de Manoel Preto e de sua mulher d. Francisca Siqueira de Moraes, natural de Jundiahy. Em título de Moraes, cap..... §... Foi capitão dos auxiliares em Vila Rica, de onde se passou para o Pitanguí onde serviu os honrosos cargos da republica, e viveu em grande opulencia, que já não possuia no tempo da sua morte, que foi em 177...

4 — 7. Francisca Leme, casou com o capitão Balthasar Velho de Godoy, que tange excelentemente harpa, filho de Manoel Velho de Godoy e de sua mulher Estefania de Quadros. Em título de Quadros, cap. 3.º, § 8.º. E teve 10 filhos, naturais de Itú, que casaram em Parnaíba:

5 — 1. Manoel Velho de Godoy, clerigo, faleceu, vindo embarcado no Castelo da Mina.

5 — 2. Maria de Godoy, casou com Paulo Barbosa, faleceram no Serro do Frio, no arraial do Gouvêa. Deixou geração.

(13) Vide em titulo de Almeidas, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 1 usq., n. 62.

5 — 3. Francisca de Godoy, casou com Francisco Rodrigues Pimentel, natural de São Paulo, e faleceu em Goiazes, para onde tinham ido. Deixou geração.

5 — 4. Bernardo da Silva casou no Cuiabá com neta de Serafino Corrêa. Deixou geração.

5 — 5. Miguel de Godoy Leme, casou em Santo Amaro. Deixou geração.

5 — 6. Balthazar de Godoy, faleceu solteiro.

5 — 7. Antonio Leme de Godoy, casou em Araritaguaba com Maria Pedroso, da familia dos Aranhas Sardinhas. Deixou geração.

5 — 8. José Leme de Godoy foi de vida exemplar e faleceu em Araritaguaba com opinião de varão santo.

5 — 9. Alexandre de Godoy Moreira, casou em Araritaguaba com Catharina Pedroso, filha de Francisco Pedroso que foi filho de Urbano Pedroso natural de Parnaíba. Deixou geração.

5 — 10. D. Gertrudes de Godoy Leme, casou com Pedro da Silva Chaves, capitão-mór povoador do sertão de Viamão em cima da serra do Rio Grande de São Pedro do Sul, onde se acha estabelecido com fazendas de gados vacuns, cavalares e muares, cujo rendimento excede cada ano a mais de quatro contos de réis. Ali existe executando as ordens do real serviço a custa da sua fazenda, com grande utilidade do mesmo senhor, como o mostrou na ocasião das recrutas que expediu de socorro contra o castelhano, quando este pretendeu adiantar o passo depois de ter vencido o das barrancas do norte, onde foi impedido, e ali ficou postado e em cujo sitio se tem conservado até o presente ano de 1767. O dito capitão-mór Pedro da Silva Chaves é natural da cidade de Lisboa, freguezia de Nossa Senhora da Penha, filho de Antonio Dias e de sua mulher Maria da Conceição Leal, ambos naturais de Alcabidek em Penha Longa termo de Cintra. (cam. episcopal de São Paulo, autos de genere do padre José da Silva Leal Leme). E teve cinco filhos:

6 — 1. O padre José da Silva Leal Leme, estudou gramatica no seminario do Rio de Janeiro, tomou o grau de mestre em artes e ordenou-se de presbytero secular.

6 — 2. Pedro da Silva Chaves, estando solteiro, foi morto por pessoa a quem hospedava em sua casa para roubar o seu dinheiro, a 27 de Fevereiro de 1767 na vila de Jundiahy. Foi o fundador da fazenda de gados vacuns e cavalares no sitio chamado Capão-Alto nos campos de Itapetininga, estrada seguida de Sorocaba para Coritiba.

6 — 3. D. Maria Francisca de Godoy, casou com Filipe de Oliveira Fogaça da vila de Sorocaba, filho de Filipe Fogaça de Almeida (14). Deixou geração.

(14) Parnahyba, bapt. n. 151 a José Fogaça de Almeida e sua mulher Isabel de Aguiar em 1673, mais o n. 207, ou melhor vide o casamento de José Fogaça em Parnahyba n. 25.

6 — 4. Manoel da Silva Chaves, casou com Maria da Anunciação Fogaça, natural de Sorocaba, filha de Filippe Fogaça de Almeida supra. É (ou foi) tesoureiro da infantaria do presidio de São Luiz de Guatamim, para onde foi com este posto.

6 — 5. Joaquim da Silva Chaves, solteiro em 1767, é tenente de infantaria, em cujo posto foi fundar a colonia de São Luiz de Guatamim.

3 — 3. Domingos Leme da Silva (filho de Domingos Leme da Silva e Francisco Cardoso, do § 5.º), casou com Maria Cordeiro de Almada, natural de Jundiahy, filha de Domingos Cordeiro de Paiva, que foi capitão da vila de Jundiahy e de sua mulher Susana de Almada, que era irmã direita de João Borralho de Almada. Em título de Cordeiros Paivas, cap. 1.º, § 2.º, a n. 3 — 2 e seg. E teve quatro filhos naturais de Jundiahy:

4 — 1. Domingos Leme da Silva, chamado o *Butuca.*
4 — 2. D. Maria Leme da Silva.
4 — 3. D. Maria Leme do Prado.
4 — 4. Pedro.

4 — 1. Domingos Leme da Silva, chamado por alcunha o *Butuca,* batizado em Jundiahy a 16 de Abril de 1681, casou em Itú a 12 de Novembro de 1703 com Maria de Abreu, filha do Capitão Antonio Fernandes de Abreu e de Anna Maria Soares, naturais de Itú. Sem geração.

4 — 2. D. Maria Leme da Silva, natural de Itú, casou com José Martins de Araujo, que foi coronel nas minas do Caetê por patente de D. Lourenço de Almeida, governador e capitão-general de Minas Gerais, natural de cabeceiras de Basto, filho de ...... E teve quatro filhos:

5 — 1. O reverendo frei José Martins da Candelaria, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, da qual é padre presentado. Pelos seus merecimentos foi conservado muitos anos na prelatura de presidente do convento da vila de Itú, ao qual causou muito grande utilidade, não só nas rendas, que lhe aumentou pelo cuidado que teve em adiantar as fazendas do patrimonio do convento, mas em levantar os dormitorios deste em sobrado; cujo aumento logo cessou quando indiscretamente lhe deram sucessor, não experimentando a religiosa comunidade aquelas comodidades que antes gozava no tempo que era seu prelado o reverendo frei José Martins da Candelaria.

5 — 2. Domingos Leme da Silva, faleceu solteiro.

5 — 3. Antonio Leme de Araujo, assentou praça de soldado infante do presidio da vila de Santos, e passou-se para o da Bahia, onde faleceu em posto de alferes e solteiro.

5 — 4. João Martins Barros, seguiu os estudos com destino de estado sacerdotal, que com o tempo poz em olvido. Herdou a grande casa de seus pais, cujos bens com o mesmo tempo cahiram

em decadencia. Conservou-se sempre na resolução de não tomar estado conjugal. As suas prendas de afabilidade, candura, obsequio e de indiferença nos partidos nocivos, que se alteram em muitas povoações sobre o governo da república o tem feito objeto aplaudido e estimado entre os proprios naturais e extranhos. Para se livrar de entrar muitas vezes em roda de couces, com disposições e governo do senado de sua patria, pelo despotismo que praticam, como propriedade de quarto modo, muitos ministros corregedores da comarca de São Paulo, sacrificou-se a ser guarda-mór das terras e aguas minerais, de que teve provisão pela secretaria do Rió de Janeiro, para gozar da liberdade e quietação fora do onus de republicano.

Poucos anos desfrutou esta tranquilidade aumentando o seu patrimonio com o engenho de assucar, que fez construir na sua fazenda; porque solicitando d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, que em fins de Julho de 1765 desembarcou em Santos, governador e capitão-general da capitania de São Paulo em 1766 um paulista com as prendas que o fizesse digno da importante expedição ao sertão *do rio Uvaí que desagua no rio grande chamado Paranta* como Sua Majestade Fidelissima lhe determinava, logo foi lembrado João Martins Barros pela sua grande prudencia, zelo e desembaraço. Com o concurso de ser geralmente amado de seus nacionais e dos seus visinhos moradores da vila de Sorocaba, cujos paulistas haviam de formar o corpo de tresentos soldados escolhidos para a dita expedição. Não pode João Martins isentar-se desta eleição, e ficou encarregado de todo o trabalho do comando desta expedição, que formou um corpo de tresentos e vinte soldados, e no dia 28 de Julho de 1767 voltou com as canoas do seu transporte pelo rio Anhambí, que em São Paulo se chama Tieté, e os castelhanos da provincia do Paraguayy nos seus mapas o nomeiam Piquiri. Levou patente de capitão-mor. Esta expedição foi feita a custa da fazenda real, conforme reais determinações, e chegou a sua despeza a 30$ cruzados, sem embargo da grande cautela e acomodados preços porque foram compradas as canôas, com todo o trem necessario a elas, e mantimentos de milho, feijão, toucinho e farinha de milho, e alguns viveres para servirem a necessidade, mas não ao regalo. Nesta expedição teve muita parte o agente dela o paulista Salvador Jorge Velho, capitão-mór da vila de Itú pelo ativo zelo e grande desembaraço de que é dotado com que atualmente sabe no real serviço desempenhar as obrigações do seu carater de tudo quanto lhe é encarregado.

(* O autor, como até então se ignorava o fim desta expedição, entrou a fazer uma descrição do sertão do Uvaí; e depois, poz como nota, que a expedição tomou diverso rio; porque subindo pelo Guatamim da parte da provincia do Paraguai saltou a gente no lugar junto ao paço do cavaleiro gentio *Guaicurú,* distante da vila Caruruatim da cidade de Paraguai, onde se ia formando uma nova colonia portuguesa.

Esta colonia, depois de ter consumido muito cabedal da fazenda real para a sua subsistencia, foi desfeita e destraida a sua população por nova ordem régia, que levou Martim Lopes Lobo de Saldanha, governador e capitão-general que sucedeu no governo ao dito morgado de Matheus D. Luiz Antonio de Sousa Botelho; visto que não se tiravam as utilidades que se esperavam, por não conseguir-se um caminho por terra, por onde se extrahissem as famosas bestas muares, de que abunda aquele país, não obstante terem intentado muitos romper o sertão em que acharam infinitos obstaculos, que causaram a morte a muitas pessoas; e pela razão de terem morrido muitos centos de pessoas naquela nova povoação de Guatemim onde tambem faleceu o dito capitão-mor João Martins de Barros; e viu-se a capitania de São Paulo livre de um jugo pesadissimo com a extinção da dita povoação, etc.)

4 — 3. D. Maria Leme do Prado (filha de Domingos Leme da Silva e de Maria Cordeiro de Almada, do n. 3 — 3), naceu na vila de Jundiahy e foi casada com Antonio de Oliveira Pedroso que, passando a ser morador da vila de Itú, dela se passou para Cuiabá onde ambos viveram e morreram ha mais de 40 anos; e ele filho de... em título de Cerqueiras, cap. 5.º § 6.º n. 3 — 3. a n. 4 — 3: E teve tres filhos dos quais o primeiro Domingos Leme da Silva passou-se para o Cuibá, estando casado, etc.

4 — 4. Pedro, batizado em Jundiahy a 26 de Fevereiro de 1689. Liv. de bat. n. 128.

3 — 4. Pedro Leme da Silva (filho do § 5.º pag. 15), foi torto e coxo, e faleceu em Itú. Este paulista soube desempenhar os nobres espiritos do sangue que lhe adornava as veas como mostrará a ação de valor e fidelidade, que praticou na campanha e sertão da Vacaria, no sucesso seguinte. Costumavam os antigos paulistas, ainda antes de ser fundada a cidade do Paraguai penetrar os sertões incultos com interesse de reduzir ou conquistar os indios de diversas nações, para que aproveitando-se estes da felicidade do sagrado batismo ficassem depois servindo com o carater de administrados aos seus conquistadores, a cujos decendentes passa esta administração, que se praticou sempre em todo o Estado do Brasil até prohibir-se pelos anos proximos de 1732. Uns se entranhavam aos sertões do Goiazes até o rio Amazonas no Estado do Pará: outros aos da costa do mar desde o Rio dos Patos até o rio da Prata, entranhando-se pelo centro até o rio Uruguai e Tibagí; e subindo pelo Paraguai até o Paraná, onde desagua o rio Tieté ou Anhambí. Atravessaram muitas veses o sertão vastissimo além do rio de Paraguai e cortando a sua cordilheira se achavam no reino do Perú. Debaixo do comando de Pedro Domingues ou Braz Mendes, capitão-mór do seu troço, natural de Sorocaba, saiu Pedro Leme da Silva que era destemido e grande soldado de arcabuz e capaz para qualquer facção de temeridade, quanto mais de valor. Postou o corpo da tropa nas campanhas da Vacaria, cujo sitio fica acima da cidade da Assunção de Paraguai muitas leguas.

Formaram um arraial, sendo as tendas da campanha, casas construidas de madeira, cobertas de palhas, a que no Brasil chamam ranchos. Aproveitava-se a gente deste corpo da abundancia dos gados que inutilmente multiplicam nestas campanhas sem haver algum senhor possuidor de tanta grandeza; que não só é dos gados vacuns, mas tambem dos animais cavalares. Este sertão discorre acima do nosso sitio de Camapuãa, onde ha varadouro que navegam a demandar as minas da vila real de Cuiabá e Vila Bela do Mato Grosso; porque do dito Camapuãa seguem diversas vertentes para o Cuiabá, e este sertão é habitado do gentio *Guaicurú*, vulgarmente chamado *cavaleiro*, por andarem sempre a cavalo, e é gente, por natureza belicosa e briosa com grande ardor e valor para a guerra. Neste sertão pois se achava a tropa, como em arraial, esperando monção para seguirem o destino, a que os conduzira o interesse de conquistar gentios, quando apareceu um mestre de campo, castelhano, da provincia do Paraguai com o seu troço de cavalaria até tresentos soldados. Com cortez urbanidade e oculta politica cumprimentou aos paulistas, presenteando ao capitão-mór da tropa com a excelente herva chamada Congonha, por ser a da vila de Cururuatim a mais mimosa que no gosto e seus efeitos excede a das outras partes daqueles continentes. Deteve-se ali o tal mestre de campo com o seu terço de cavalaria alguns dias, tendo feito o seu abarracamento em distancia de peça de artilharia do nosso arraial. Entre soldados castelhanos e paulistas, se tratava uma sociedade urbana e civil; porque de parte dos portugueses se não tinha penetrado o oculto fundo do dito mestre de campo (é lastima que a inercia dos paulistas deixasse sepultar com o tempo o nome deste cabo, o dia do mês e ano do sucesso acontecido, e que só se conservasse na memoria seguida de pais a filhos a verdade do fato daquele lance, em que teve todo o louvor Pedro Leme, o torto, cujo nome, procedimento e a inveja da sua heroica resolução existe até agora), até que ele em uma manhã veiu ao nosso campo com um suficiente corpo de soldados de pé, que lhe serviam de guarda e procurando ao capitão-mor da tropa paulistana, travaram pratica sobre a vastidão daqueles sertões e seus habitadores gentios bravos, contra cujas forças triunfavam sempre os portugueses da vila de São Paulo em suas entradas e reduções. Subtilmente foi o tal castelhano dispondo o material discurso do capitão-mor, de alguns de seus oficiais e soldados que se achavam na prática, entre os quais, assistia Pedro Leme, sem mais carater que o de soldado raso daquele corpo. Persuadiu o dito mestre de campo que aquele sertão da Vacaria era todo de conquista de el-rei seu amo, como primeiro senhor da provincia do Paraguai, por cuja razão não deviam os paulistas duvidar desta preferencia, e que para o todo o tempo assim constar era muito justo (visto se achar naquela ocasião, um e outro pastando em dito sertão) que assinasse o capitão-mor por si, com seus oficiais e soldados um termo deste reconhecimento. Para este efeito trazia já o mestre de campo lavrado um termo em folha de papel,

que logo o apresentou para o determinado fim de ser assinado. Sem a menor repugnancia pegou na pena o simples e material capitão-mór e assinando-se, foram fazendo o mesmo outras pessoas, que chegaram ao número de cinco, quando repentinamente enfurecido Pedro Leme pelo acordo, que lhe ministrara o discurso, o valor e a fidelidade, pegou na sua arma de fogo e levantando-lhe as molas, rompeu brioso nestas palavras, que se conservam constantes na tradição dos moradores da vila de Itú, sua patria.

"Vossa senhoria, pelo poder com que se acha neste lugar, será senhor da minha vida, mas não da minha lealdade. Estas campanhas são e sempre foram de el-rei de Portugal meu senhor, e por nós e nossos avós penetradas, seguidas e trilhadas quasi todos os anos a conquistar barbaros gentios seus habitadores. O Sr. capitão-mór e mais senhores, que tem assinado sem advertencia o contrario desta verdade, ou estão abandonados como lezos ou como temerosos; eu não, nem os mais que aqui nos achamos em toda esta tropa, porque não havemos de assinar este papel, etc."

A estas vozes e a este exemplo já todo o corpo paulistano tinha pegado em armas, com cujo brioso movimento foi tão prudente o mestre de campo castelhano, que sem articular vozes, nem obrar ação alguma, se tirou para fora da barraca, ficando seu intento sem efeito e adiantando os primeiros passos articulou este seguinte desafogo: Miren el tuerto! E Pedro Leme ouvindo-lhe o vituperio, lhe deu em em alta voz esta resposta: E coxo tambem!

Recolheu-se o castelhano ao seu quartel, e na manhã seguinte levantou o campo e dele se ausentou sem ação alguma de despedida, depois de tantas urbanidades praticadas. Ficaram os paulistas envergonhados da facilidade com que o seu capitão-mor e quatro oficiais tinham assinado aquele termo, sem recordarem que haviam obrado uma ação indecorosa á nação e a seu rei, e natural senhor; e que só Pedro Leme fora capaz deste acordo, e briosa resolução, que evitou o maligno intento do castelhano. Continuou o troço o seu destino quando foi tempo de monção, e se recolheu a salvamento. Aplaudiu-se muito em São Paulo a ação de Pedro Leme quanto se estranhou a materialidade do capitão-mór e seus quatro companheiros. E como estas vozes chegaram a Portugal a informar do lance acontecido ao Sr. D. Pedro, nós não descubrimos: sabemos só com toda a pureza da verdade, que chegando em 1698 a São Paulo Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e capitanias do Sul, confessou ao capitão Bartholomeu Paes de Abreu, pai do autor destas memorias, e ao reverendo Dr. João Leite da Silva e a outras pessoas que tinham vindo a cumprimentá-lo e dar-lhes as boas vindas, que Sua Magestade lhe ordenava, que da sua parte agradecesse a Pedro Leme a ação do honrado vassalo, que praticara na campanha da Vacaria com o mestre de campo castelhano D. Fulano de tal, em tal ano, etc. Esta expressão ouvimos muitas veses comunicada a várias pessoas pelo dito capitão Bartholomeu Paes; porém foi em tempo que nós não soubemos aproveitar dela, indagando então todas as circunstan-

cias ainda as mais miudas que aconteceram naquela ação. Agora porém que fizemos pelas vilas de Iú e Sorocaba desvelado exame a indagar esta materia, não descubriu o nosso zelo mais noticia, que a que existe e existirá sempre nesta comarca de São Paulo, que Pedro Leme se portára com as vozes que temos referido, ignorando-se ao presente tempo quem eram os paulistas que formaram o corpo da tropa, a que o autor D. Francisco Xarque de Andella, chama *Malóca* e por isso em muitas partes dos seus dois livros das *Vidas* dos quatro missionarios, já algumas veses nomeados, costuma dizer: Los maloqueros da vila de São Paulo. Penetrou Pedro Leme os sertões que hoje são minas do Cuiabá, vencendo a navegação de rios caudalosos, com o precipicio de altas caxoeiras, em cujas viagens deixou o seu valor por herança aos dois filhos perseguidos e infelizes João e Lourenço Leme, dos quais fazemos menção com a narração do tragico sucesso que lhes ministrou a ambição de um Sebastião Fernandes do Rego, que até venceu que contra a pureza da verdade corresse desenfreada a pena de Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portuguesa,* impresso em Lisboa em 1727.

Casou Pedro Leme da Silva em Itú com Domingas Gonçalves. E teve quatro filhos:

4 — 1. João Leme da Silva.
4 — 2. Lourenço Leme da Silva.
4 — 3. Antão Leme da Silva.
4 — 4. Helena do Prado.

4 — 1. e 4 — 2. Estes dois irmãos fizeram várias entradas no sertão a conquistar barbaros gentios de diversas nações: com este exercicio adquiriram grande pratica da disciplina militar e conhecimento dos incultos sertões dos rios grandes chamados Paranãa, do Uvaí, do Paraguai e outros; e dos que hoje são navegados pelos que vão em canoas para as minas do Cuiabá. Eram temidos dos mesmos barbaros principalmente dos indios *Paiaguazes;* e capazes ambos da maior facção de guerra, se algum movimento então se intentasse contra os castelhanos daquelas regiões. Porém degenerou este merecimento do valor em algumas extorsões e insolencias que executaram em diversas ocasiões.

O coronel Sebastião da Rocha Pitta, levado de informações erradas e conduzido do natural genio de lisongeiro, claudicou muito da verdade dos fatos, que relata no liv. 10 n. 83, e seg. até o n. 97, da sua *America Portuguesa.* Além de muitos outros descuidos em que caiu, que são erros grandes para a verdade que é a alma da história. Nós agora referimos com toda a pureza o sucesso dos dois irmãos João e Lourenço Leme, visto que Pitta se afastou muito da cronologia dos tempos da verdade dos acontecimentos e da época do descobrimento das minas do Cuiabá que tudo compreendeu nos referidos ns. de 83 até 97.

Diz ele no n. 83, "que o Sr. rei D. João V havia no ano de 1710 separado o país das Minas-Gerais da obediencia do Rio de Janeiro e que em 1721 creara novo governo na região de São Paulo condecorando a sua antiga vila com os privilegios e títulos de cidade do mesmo nome, cujo beneficio fora tão grato, como util aos naturais, que sendo contrarios aos outros povos por natureza, estimaram verem-se agora separados por jurisdição, etc."

Grande erro foi este do coronel Pitta, porque nunca a capitania de São Paulo (em outro tempo chamada de São Vicente desde a fundação desta vila pelo seu primeiro donatario Martim Affonso de Souza pelos annos de 1531 a quem a real grandeza do Sr. rei D. João III havia concedido cem leguas de costa para fundar uma capitania por carta de doação datada em Evora a 20 de Janeiro de 1535, registrada no arquivo da camara de São Paulo no caderno de registros, titulo 1620, fl. 45) foi subordinada ao Rio de Janeiro, porque fundada a dita capitania e a vila de São Vicente sua capital se conservou (depois de se ausentar dela para o reino o dito seu primeiro donatario pelos anos de 1534, em que deixou por seu locotenente a Gonçalo Monteiro com o carater de capitão-mor governador e ouvidor) sempre separada do Rio de Janeiro, e só subordinada aos governadores gerais do Estado os seus capitães-mores governadores.

É certo porém, que descubrindo minas de ouro no sertão dos Cataguazes os dois paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, moradores então na vila de Taubaté pelos anos de 1695 deram conta deste novo descobrimento ao governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, que se achava encarregado de fazer penetrar os sertões de Sabarabuçú para os desejados descobrimentos de minas de prata e ouro, a que tinha vindo encarregado o castelhano D. Rodrigo de Castel Blanco (vide que sobre ele se faz maior menção em título de Campos, cap § n. E neste; cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 1: tratando-se do governador Fernão Dias Paes) a São Paulo pelos anos de 1681, em que fez a sua entrada com uma consideravel despesa da fazenda real sem o menor fruto. E falecendo ao mesmo tempo Antonio Paes de Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetendo ao reino as primeiras mostras com conta datada a 16 de Junho de 1695, foi Sua Magestade servido ordenar por carta de 16 de Dezembro de 1696 a Arthur de Sá e Menezes governador e capitão-general do Rio de Janeiro passasse aos descobrimentos das minas do Sul a executar o que se havia encarregado a Antonio Paes de Sande e praticar com os paulistas benemeritos as mesmas honras e mercês de habitos e foros de fidalgo, concedidos na real instrução que pela secretaria de Estado se havia expedido ao dito Sande. Depois, por outra ordem de 27 de Janeiro de 1697, se mandou sair ao general Arthur de Sá, com 600$ de ajuda de custo em cada ano, além do seu soldo. Tudo se vê melhor na secretaria do conselho ultramarino, livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, nas fls. 160 e 163.

Em cumprimento destas reais ordens veiu a São Paulo Arthur de Sá e Menezes, e passou ás minas dos Cataguazes e Sabarábuçú (hoje chamadas Gerais), estando governador do Rio de Janeiro. Pitta, porém, falto destas noticias, até caiu no indesculpavel erro de affirmar no liv. 8, n. 67, que dito Arthur de Sá passára a estas minas, sendo governador do Rio de Janeiro, convidado das riquezas e abundancia de ouro tão subido, mais como particular que como governador, pois não exercera áto algum de jurisdição, fazendo-se companheiro daqueles de quem era superior, e que se recolhera para o seu governo levando mostras que o podiam enriquecer, etc.

Recolhido ao Rio de Janeiro dito Arthur de Sá lhe sucedeu no governo D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro. E como nas Gerais entre reinoes e paulistas se tinha ateado o fogo da discordia, e com ela executado algumas tiranias contra os nacionais de São Paulo, que em número eram menos poderosos que os da Europa, se fomentou um rompimento de armas entre uns e outros. Por parte dos nacionais de Portugal (chamados então vulgarmente *emboabas*) foi aclamado em governador das Minas Manoel Nunes Vianna, que gostoso aceitou o carater que lhe conferira o corpo de sedição. Por que no Rio das Mortes residia a maior parte dos paulistas, que tinha reduzido aos *emboabas* a um reduto de faxina e terra, que haviam feito para se defenderem nele do desigual partido em caso de serem acometidos, lhes enviou Manoel Nunes Vianna em socorro mais de mil homens valorosos e bem armados, debaixo do comando de Bento de Amaral Coutinho, natural da cidade do Rio da Janeiro. Era este alentado porém tirano, com maior crueldade que valor, com que havia feito na sua patria muitos homicidios e insolencias grandes, cujos crimes o tinham feito marchar para Minas, onde a falta de governador e de ministros lhe segurava a liberdade. Sabendo que um troço grande de paulistas tinha já destacado do Rio das Mortes e caminhava para São Paulo, o seguiu, com marcha de cinco leguas, até uma pequena mata, dentro da qual se achavam os paulistas, quando se viram postos em cerco, e sendo faceis na crença do engano com que Amaral ocultava o animo perfidio e traidor, lhe renderam as armas, fiados no seguro da palavra de que, largando-as, os deixariam em paz seguindo a jornada para a patria; mas, logo que a sinceridade fez obsequio do rendimento, mandou Amaral dar fogo contra os desarmados paulistas, de sorte que pôde a crueldade conseguir o vil triunfo de deixar aquele infeliz campo coberto de corpos, uns já cadaveres e outros meios mortos, ficando abatido e funebre o sitio pela memoria da traição, que o largo curso dos anos ainda lhe não consumiu o nome da tirania, para que a posteridade sempre lhe acuse a perfidia pelo horror do estrago, que lhe deu o nome até agora constante de *campo da Tradição.*

Tendo noticia desta atrocidade e de outras insolencias, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, posto que sem real ordem que lhe permitisse passar a Minas, se poz a caminho. Como

leal servidor poz com a sua presença em socego os tumultos dos moradores das Minas. Com quatro companhias de soldados e outros oficiais da sua guarda chegou ao arraial do Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas exercendo atos de jurisdição, e com semblante afavel aos paulistas. Este benigno agasalho lavrou no animo dos reinoes uma nescia desconfiança contra o seu partido, e fizeram aviso aos povos dos outros lugares, segurando-lhes que D. Fernando só vinha a castigar e prender, como inculcavam os instrumentos de algemas e correntes de que se achava fornecido, e que a liberdade consistia na desobediencia, expulsando-se de Minas ao dito D. Fernando. Eram estas sugestões todas faltas de verdade, e que encaminhavam a fazer tal consternação nos povos, que, não só lhe desobedecessem, mas o fizessem sahir de todos os limites das Minas, sem advertirem que, se temiam os castigos dos crimes entre si cometidos, com mais causa deviam receiar a sublevação contra a regalia do monarcha na pessoa do governador, seu loco tenente. Em corpo de união os forasteiros, com o seu aclamado governador Vianna, vieram apresentar-se no alto de uma colina, em forma de batalha, á vista da casa em que se chava D. Fernando; a infantaria no centro e a cavalaria aos lados. Mandou o governador por um capitão de infantaria e outras pessoas saber a determinação de Manoel Nunes Vianna, que estava na frente do exercito, o qual, depois de algumas conferências, foi acompanhado da sua guarda a falar-lhe, e com pouco mais de uma hora de pratica se retirou. O governador D. Fernando não teve mais ação na marcha que intentava, e deixando as Minas no mesmo estado em que as achára se retirou para o Rio de Janeiro.

A D. Fernando sucedeu no governo Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que chegando ao Rio de Janeiro e achando frescas as memorias dos sucessos revoltosos dos povos das Minas e a inação com que nelas se portara o seu antecessor, passou a elas sem mais companhia que a de dous capitães, dous ajudantes e dez soldados. Foi recebido com demonstrações de amor e obediencia por verem que entrava desarmado. Compoz as dissenções, proveu postos, elegeu oficiais para administrarem justiça, e se recolheu pelo caminho da serra de Mantiqueira a demandar a vila de Guaratinguetá, e descendo á vila de Paratí embarcou para a cidade do Rio de Janeiro.

Na vila de Guaratinguetá encontrou Albuquerque o exercito, que de São Paulo tinha saído, e caminhava para Minas aos seus nacionais, que nelas experimentavam extorsões, mortes e roubos, e outras insolencias, e a castigar a atrocidade do capam da traição, sendo cabo-maior desta conduta Amador Bueno da Veiga (foi filho de Balthazar da Costa Veiga e de Maria Bueno de Almeida, em título de Buenos, cap. 1.º, § 2.º, n. 3 — 1): paulista de conhecida nobreza, a quem o corpo de cento e dezessete republicanos tinham em ato da camara escolhido para cabo-maior e defensor da pátria contra qualquer invasão de inimigos, passando as Minas só a introduzir nelas aos paulistas que se achavam expulsos, procurando

com todo o esforço a paz, e o socego públicos, em serviço de Sua Majestade, e bem dos seus reais quintos do que tudo se lavrou termo no dia 22 de agosto de 1709, no livro das vereanças da cidade de São Paulo, título 1701 á fl. 129 usq. fl. 136. O autor da *America Portuguesa* afirma no liv. 9, n. 43, que "neste encontro querendo o governador Albuquerque persuadir aos mais poderosos, que desistissem da marcha e intento, em que cometiam grande ofensa contra Deus e delito contra el-rei, lhe deram tão pouca atenção e mostraram tal porfia, que quando o governador intentava reprimir-lhes com palavras o furor, se viu obrigado inopinadamente a tomar o caminho para a vila de Paratí" é lástima grande que o coronel Sebastião da Rocha Pitta, sem mais exame da verdade, que umas falsas informações que talvez lhe daria o mesmo Manoel Nunes Vianna, quando corrido e homisiado pelos seus delitos fugia pelo reconcavo da Bahia, escrevesse afastado de toda a verdade uns fatos de tanta ponderação como de graves circunstancias, sem o verdadeiro conhecimento da natureza deles! O governador Albuquerque que vinha de retirada para o Rio de Janeiro, de cuja capitania era capitão-general, e mal podia vir a São Paulo quando dela não era governador, como erradamente se persuadiu Pitta. E' certo que encontrando o exército que de São Paulo tinha saído logo o cabo-maior dele Amador Bueno da Veiga foi cumprimentar a Albuquerque, e nesta primeira visita foi larga a conferencia que ambos tiveram com tanta particularidade, que o segredo dela não transpirou nem ainda aos oficiais de graduação de que se compunha o corpo das tropas; e com reciprocas urbanidades se despediram ambos, tomando cada um o curso da marcha que tinha destinado. Isto foi como fica dito, em 1709, e em 1710 foi Sua Majestade servido crear na pessoa do mesmo Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho o primeiro governador e capitão-general da capitania de São Paulo, em cuja camara tomou posse, tendo avisado por carta sua, que se acha registrada no arquivo da camara de São Pulo no liv. de registros, título 1798, pag. 26 (diz o autor que a cópia se acha no seu caderno, fl. 109).

Tendo o dito governador Albuquerque formado quatro companhias de infantaria paga por ordem régia, elegeu para capitães aos paulistas benemeritos em serviços e qualidades de nobreza, sujeitos ao presidio de Santos em qualquer ocasião de necessidade; e satisfeito de observar os animos tão prontos e liberais para o real serviço, saudoso se ausentou para as Minas de sua jurisdição, e a estabelecer e a fundar as providencias necessarias em bem dos povos e utilidades do rei. Deixou em seu logar para governador interino de São Paulo ao paulista Domingos da Silva Bueno.

Sucedeu-lhe no governo D. Braz Balthazar da Silveira, que, tomando posse na camara da capital de S. Paulo, passou a Minas e lhe sucedeu o conde de Assumar, D. Pedro de Almeida Portugal, que acabou marquez de Alorna, o qual obrou o mesmo que seus antecessores, até lhe chegar o sucessor Rodrigo Cesar de Menezes em 1721, em quem se extinguiu a jurisdição de general de Minas,

porque para elas creou Sua Majestade no mesmo tempo a D. Lourenço de Almeida, primeiro governador e capitão-general positivo de Minas-Gerais da Capitania de Vila-Rica, que é Ouro-Preto.

Por esta forma reparamos os erros, em que caiu o coronel Pitta, afirmando o contrario do que temos aqui referido. E tambem que a vila de São Paulo foi aclamada em cidade a 8 de abril de 1712, em tempo do general Antonio de Albuquerque Coelho, e não no ano de 1721, como afirma o mesmo Pitta no n. 83, do L. 10, fazendo a Rodrigo Cesar de Menezes, primeiro governador de São Paulo separado do Rio de Janeiro. No n. 84 do mesmo L. 10 descreveu o grande alvoroço com que os paulistas receberam o seu novo general Cesar, com as maiores expressões de amor e obediencia; porque vendo-se sublimados com a dignidade de proprio governador, depuzeram todos a natural inconstancia e frieza em reconhecimento da honra, que recebiam e do beneficio que esperavam na mudança de uma vida inquieta ao socego de uma suave sujeição: que recompensavam em obediencias as repugnancias com que em outro tempo mostraram á jurisdição das leis, cuja liberdade causava então não só a distancia ou influencia do clima, mas da falta de governador etc., até aqui o Pitta. Não ha mais expressar! Tudo acontece aos que tomam por fio da história qualquer informação sem mais exame para a credulidade do que o necio conceito de serem verdadeiros todos os fatos que lhe comunica ou a paixão odiosa ou a facilidade lisongeira. Poderiam ter os paulistas estas demonstrações de recompensa se no general Rodrigo Cesar de Menezes, vissem o primeiro governador, como Pitta se persuadiu: porém antes deste cavalheiro tinham aplaudido em sucessiva cronologia de anos, como fica referida, a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; D. Braz Balthazar da Silveira e o conde de Assumar D. Pedro de Almeida Portugal.

Afirma mais no n. 85 do mesmo liv. 10, que esta acertada resolução dos moradores da cidade de São Paulo não comprehendeu a alguns de animos mais ferozes, que se achavam apartados da cidade no seu dilatadissimo reconcavo, vivendo poderosos afetavam a liberdade que não podiam ter na natureza de subditos. Aqui relata o autor a respeito dos dous irmãos Lourenço Leme e João Leme da Silva, uma hecatombe de injuriosos e horrorosos fatos, obrados nas minas de Cuyabá, e que sendo eles das pessoas principais de São Paulo, por nascimento, e poder, quizeram escurecer a sua nobreza, e perder os seus cabedais na ação mais indigna que podem obrar os vassalos, e fabricam a sua ruina, e a dos seus sequazes nos delitos, que cometeram. Descreve no n. 86, acontecimentos não verificados com erros grandes da verdade dos sucessos, o que nós agora repararemos por não deixarmos a historia sem a alma, que a adorna, qual é a pureza da verdade, e darmos um inteiro conhecimento do descobrimento das minas de Cuyabá, sobre cuja materia o autor Pitta não expressou clausula, que não fosse um engano, confundindo umas ações com outras e os sitios,

onde elas aconteceram, porque até afirma, que os dous irmãos Lemes tinham ido para Cuiabá com honorificos empregos no real serviço por eleição do general Cezar mas, que trocaram naquelas minas este beneficio em horror com tiranias contra os povos delas; sendo certo que Lourenço Leme e João Leme estavam no Cuiabá no ano de 1721, para onde tinham ido logo depois, que elas foram descobertas em 1719; e voltando a São Paulo em 1722, com a noticia da chegada do general Cezar, foram por ele recebidos com urbanidade e grande agasalho, de sorte, que elegeu para provedor dos reais quintos do Cuiabá a Lourenço Leme da Silva, e ao João Leme da Silva para mestre de campo regente em maio do mesmo ano; e com efeito, se expediram as cartas patentes, que lhes foram remetidas á vila de Itú, onde os ditos Lemes se preparavam para embarcarem para o Cuiabá, o que ficou sem efeito pela morte de Lourenço Leme, e prisão de João Leme, que remetido á Bahia, perdeu a vida degolado em alto cadafalso, levantado na praça pública daquela cidade. Estes sucessos referiremos agora como na verdade passaram e aconteceram e com o que se obrou no Cuiabá depois do seu descobrimento, restituindo desta forma á historia o fio, que não soube seguir o coronel Pitta por falta de melhor averiguação.

Governando a capitania de São Paulo o general dela, D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, pelos anos de 1718, fez uma entrada ao sertão do Cuiabá para conquistar o gentio *Aripoconê* Paschoal Moreira Cabral, filho do coronel do mesmo nome, que era irmão do alcaide-mór Jacinto Moreira Cabral, naturais da cidade de São Paulo, das principais familias dela, como filhos do capitão Pedro Alvares Cabral e de sua mulher Sebastiana Fernandes, filha do capitão-mór povoador André Fernandes, primeiro padroeiro da igreja matriz da Parnaíba etc. Levando por fieis companheiros do seu valor e disciplina a Antonio Antunes Maciel, Francisco Velho Moreira e outros de igual nobreza e experiencia, com os soldados que compunham o corpo da tropa em número suficiente para a intentada conquista do valoroso gentio *Aripoconê.* Estabeleceram arraial no sitio, que ao presente tempo é conhecido com o nome de arraial Velho, ou casa de Telha, distante da vila do Cuiabá quatorze dias. Dele se embarcou a gente da tropa, subindo o rio Cuiabá até a barra do rio Cuxipómirim. Aqui largaram as canoas, e penetrando o sertão por terra, toparam trilha do gentio *Aripoconê,* que se encaminhava para as serranias e cordilheiras de S. Hieronimo. Seguindo este trilho passou a tropa o rio Cuxipómirim ao pé da barra do rio do Peixe, onde toparam as rancharias do dito gentio, que ali havia conseguido uma muito grande pesca, que beneficiavam, secando os peixes ao sol, dos quais se aproveitou toda a tropa, que por esta fartura o denominaram rio do Peixe.

Deste lugar continuaram a marcha até a barra do rio Butuca, que tomou este nome de umas moscas grandes assim chamadas, que ferem não só aos homens, mas aos animais, que sem grande martirio lhe não resistem a tirania no tempo do verão em que elas

existem em todo e qualquer sertão da nossa America. Nesta paragem, sem os instrumentos de minerar, e só com um prato de pao, no espaço de duas horas, se extraiu de ouro 3/8 e 3/4. Este descobrimento não impediu por então o curso da marcha intentada. Moveu-se a tropa toda, seguindo a trilha, que lhes facilitava o encontro para a empreza, Na madrugada do seguinte dia, deram nos alojamentos do bravo gentio *Arapiconê,* e nesta avançada ficaram as nossas armas sem o triunfo, que esperavam, porque a força do gentio fez muito desigual o nosso partido, ficando cinco dos nossos mortos, e quatorze feridos e tão maltratados, que foram conduzidos em redes para o nosso arraial.

Com este infeliz sucesso se encheu de grande dissabor o cabo da tropa Moreira Cabral, estranhando nesta ocasião o revés da fortuna contra o valor da sua disciplina, sempre triunfante em outras conquistas, e não quiz continuar com os exames para maior descobrimento, contentando-se só por então com as 3/8 e 3/4 de ouro da primeira mostra. Do arraial, onde tinha postado a tropa, aviou para São Paulo a Antonio Antunes Maciel, dando por ele conta com a dita mostra ao general o conde de Assumar. Segurando-lhe que estava a fazer vigoroso exame para descobrir minas de ouro. Assim o fez (já depois de partido Antonio Antunes) e não só achou ouro com abundancia na passagem do primeiro descobrimento, mas tambem em todo o rio Cuxipó.

Foi Antonio Antunes Maciel recebido com alvoroço de contentamento do general conde de Assumar, com jubilos de alegria dos moradores de São Paulo e vilas de sua comarca, pelos quais se derramou logo a noticia da sua chegada, e do novo descobrimento de ouro. Sem demora o general applicou os meios para o regresso de Antonio Antunes Maciel, por quem escreveu ao cabo Paschoal Moreira Cabral, remetendo-lhe provisão de guarda-mór para as partilhas das terras minerais na forma do regimento delas. Porém quando chegou Antonio Antunes já as minas do Cuiabá estavam descobertas, e dando ouro com muita abundancia, concorreu logo muita gente para as novas minas pela navegação dos rios Anhebú, Grande, Pardo e Tieté (por falta de caminho de terra, que com manifesto erro, descuido ou falsidade, afirmou Pitta no n. 89, que o general Rodrigo Cezar de Menezes mandara abrir caminho por terra por Manoel Godinho de Lara, que conseguiu o transito com felicidade) que até agora são seguidos em canoas sem temor do perigo das grandes caxoeiras, que tem os rios, que se navegam até o Cuiabá.

Vendo-se os moradores das novas minas que já formavam um numeroso concurso de pessoas em arraial dilatado, trataram de eleger um cabo maior que os regesse, e ordenasse a conquista do gentio barbaro para explorarem melhor o país, e poderem tirar ouro com menor receio daqueles inimigos, que, em repentinos assaltos, com mortes e roubos, lhes perturbavam o emprego da sua nova povoação, que não podia permanecer segura sem se afugentarem ou conquistarem os mesmos, elegeram de comum acordo ao

capitão-mór Fernando Dias Falcão, natural de São Paulo e das principais familias da sua capitania, para seu cabo maior, para os reger, e determinar as causas particulares e públicas, prometendo todos obedecer-lhes nas materias politicas e militares, até que tivessem outro governador ou ministro por ordem régia. Este voluntario acordo foi em 1719, e quando ainda no Cuiabá não se achavam os dous irmãos Lemes, que, supostos ali chegaram em fins do dito ano, já acharam governando-o o capitão-mor, regente Fernando Dias Falcão, o qual governou aquelas minas por cinco anos com os acertos da sua acreditada capacidade; e, chegando a gostosa noticia de que era general da capitania Rodrigo Cesar de Menezes, se recolheu a São Paulo na monção do ano de 1723, trazendo o ouro dos reais quintos. O general Cesar lhe passou patente em 27 de abril de 1724 de capitão-mor regente das ditas minas, para onde voltou com este emprego neste mesmo ano. Pitta, porém se enganou no n. 88 do liv. 10, em que afirma que em 6 de janeiro de 1721 se lavrara termo da eleição feita pelos povos na pessoa do capitão Fernando Dias Falcão, quando isto foi em 1719, como fica dito.

Tendo, pois, chegado, como já dissemos, os dous irmãos Lemes em fins do dito ano de 1719 ao Cuiabá, se recolheram ambos a São Paulo no de 1722, abundantes e ricos de arrobas de ouro. Foram recebidos do general Cezar com todas as demonstrações de honras, que, liberal, sabia praticar com os seus subditos beneméritos. Era por este tempo muito estimado e privado do dito Cezar um Sebastião Fernandes do Rego, homem de negocio e de grandes maximas para saber conservar a sua introdução. Ele foi quem hospedou com grandeza aos Lemes na sua chegada a São Paulo, contraindo por este modo com eles uma muito particular amizade. Com este trato de hospedagem praticaram ditos Lemes muitas ações de liberalidade ou de desperdicio, repartindo grandes folhetas de ouro bruto com alguns magnatas da terra, e arbitrio simulado do fingido amigo Sebastião Fernandes do Rego. Aos ditames deste se entregaram totalmente os dous irmãos Lemes, que, suposto eram pessoas de principal nobreza, comtudo não tinham adorno algum de policia e tratamento civil, e por isso faltos de agudeza para penetrarem o orgulho alheio. Viram-se em São Paulo estes Lemes aplaudidos e obsequiados, cobrindo por então o segredo do tempo os crimes que tinham de algumas ações de despotismo, que haviam obrado na vila de Itú, sua patria, por cujos delitos se haviam retirado para o sertão antes de chegarem ao Cuiabá.

O general Cezar, levado do conceito que formava do tal Sebastião Fernandes do Rego, elegeu no cargo de provedor dos quintos das minas do Cuiabá a Lourenço Leme da Silva, e em mestre de campo regente a João Leme da Silva. Para a resolução destes empregos, que toda foi filha do gosto do general, não teve parte nem voto algum o senado da camara, como com total erro afirmou Pitta no n. 91, do liv. 10, onde diz que o senado da camara tivera ordem do general Cezar para lhe propôr pessoa mais idonea para

a cobrança dos reais quintos, e que por termo de 7 de maio de 1723, fora proposto Lourenço Leme. Tudo isto é falso, porque nada disto passou assim, e examinamos ocularmente os livros do archivo do senado.

Recolheram-se os Lemes para a vila de Itú, onde lhes chegaram as patentes que o Cezar, por via de Sebastião Fernandes do Rego, lhes remetera, de provedor a Lourenço Leme, e a João Leme de mestre de campo. Estes irmãos tinham entregue o seu grande cabedal ao tal Sebastião Fernandes, de cujas fingidas palavras e simulada amizade se tinham capacitado para esperarem dele que mandasse vir um numeroso comboio de pretos, e carregação de fazendas secas e generos comestiveis, para com este negocio embarcarem para o Cuiabá. Correu o tempo, e o Rego, premeditando o meio da ruina dos dous irmãos para se aproveitar melhor do grande cabedal que deles tinha recebido, concorrendo para a sua diabolica sugestão a oculta e intrinseca amizade que tinha com o desembargador Manoel de Mello Godinho Manso, ouvidor-geral e corregedor da comarca de São Paulo, fez resuscitar para o castigo e confisco de bens os delitos que tinham cometido os dous irmãos João e Lourenço Leme.

Estes, antes de passarem ao Cuiabá, tinham obrado na vila de Itú o barbaro atentado de tirarem com violencia da casa de seus pais, para suas concubinas, a tres donzelas, filhas bastardas de João Cabral, e delas entregaram uma para o estupro a Domingos Leme, amigo e parente dos insultores. Não satisfeitos desta cruel violencia roubaram ao mesmo Cabral uma filha de legitimo matrimonio para casar com Angelo Cardoso, a quem deram em dote os mesmos bens do agravado velho Cabral, tirados do seu poder contra a vontade e por força de armas. Deste desgosto enlouqueceu Cabral e perdeu logo a vida. Entre outras mortes que tinham executado foi a de Antonio Fernandes de Abreu, pessoa nobre, e decendente do honrado e famoso paulista, o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, que com este posto tinha obrado milagres de valor no terço do seu mestre de campo Domingos Jorge, no sitio e conquista dos Palmares de Pernambuco em 1695, e destruição de 20.000 almas que dentro em si continha o sitio de Palmares, que governava o principe *Zumbi*, sendo governador e capitão-general de Pernambuco Caetano de Mello e Castro. E já de antes tinha dado provas do seu valor na guerra e conquista dos barbaros indios do sertão da cidade da Baía, em companhia de Estevão Ribeiro Bayão Parente, governador da dita guerra, com o exercito de paulistas, com que embarcou no porto de Santos em junho de 1671, conseguindo estas armas uma completa vitoria contra os inimigos em 1672, e continuou a campanha até 1674, como temos tratado em título de Moraes, cap. I.

Do morto Antonio Fernandes de Abreu ficou um filho do mesmo nome e apelido, que se retirou para as Minas Gerais, onde lhe chegaram as cartas de convite de Sebastião Fernandes do Rego, de quem aceitando os conselhos e a proteção, se poz a caminho e

chegou a São Paulo a tempo que os dous irmãos Leme se achavam em Itú esperando a carregação e o comboio dos pretos de que temos falado. O dito Antonio Fernandes de Abreu denunciou perante o dr. corregedor Mello contra os Lemes, não só da morte feita a seu pai, mas tambem de todos os crimes que tinham, pelas suas insolencias, executado na vila de Itú, antes de se retirarem para os sertões do Cuiabá. Nesta denuncia entrou tambem a morte, que no sitio do Camapuan tinha feito João Leme a um *Carijó* da sua administração por desconfiança de que tinha tratos ilicitos com uma sua concubina da mesma administração, a qual tambem foi morta; e com estes dous cumplices, pela desconfiança de João Leme, perdeu a vida um rapaz pelos indicios de ser o terceiro neste ilicito trato. Antes de executadas estas tres mortes, mandou ao padre Antonio Gil, presbitero secular de São Pedro, que confessasse aos tres desgraçados *Carijós,* o que feito, foram mortos com tanta desumanidade, que o varão incurso na culpa do ciume, foi primeiramente castrado e depois morto e esquartejado pelas proprias mãos de João Leme.

Tambem no sitio do Rio Pardo da navegação do Cuiabá, obrigaram ao padre André dos Santos a que fosse ministro do Sacramento do matrimonio, recebendo uma filha bastarda de Lourenço Leme com Domingos Fernandes, sem ser para esta ação legitimo pastor o dito padre, a quem seguravam, que tinham para isso permissão do reverendo vigario Manoel de Campos. Achando-se em Cuiabá o padre Francisco Justo, feito vigario por provisão do cabido, sede vacante do Rio de Janeiro, chegando a esta cidade o Exmo. bispo D. Frei Antonio de Guadalupe, proveu ao padre Manoel de Campos, natural da vila de Itú, em vigario da igreja e da vara do Cuiabá, porém chegando a estas minas, não lhe quiz dar posse o seu antecessor padre Francisco Justo, com o necio fundamento de que ainda não era findo o tempo da sua provisão, que lhe fora conferida em sede vacante; e o mesmo tambem anulou o matrimonio celebrado no rio Pardo; e o aprovava o novo vigario Manoel de Campos. Este tinha em seu partido a amizade dos Lemes; e aquele a de alguns freguezes antigos moradores do Cuiabá. Seguiram-se discordias entre os de um, e outro sequito: os Lemes porém com o respeito de serem temidos e respeitados, decidiram a contenda com o estrondo das armas. Mandaram dar um tiro na casa do vigario, o padre Francisco Justo, do qual ficou morto um camarada ou familiar, e ele, atendendo ao seu socego, para logo largou a igreja, embarcou, e se retirou para São Paulo. O novo vigario da vara, proveu a instancia dos Lemes, a frei Florencio dos Anjos, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro em cura de almas dos moradores de arraial Velho (hoje se chama Casa de Telha), distante do Cuiabá quatorze dias. Esta verdade consta dos autos e processos das culpas de João, Lourenço Leme, em que podendo instruir-se o coronel Sebastião da Rocha Pitta, aceitou com facil crença tudo quanto lhe introduziu a informação falsa de Sebastião Fernandes do Rego, e com ela escreveu erros

contrarios a mesma verdade nos ns. 92 e 93, do liv. 10, da sua *America Portuguesa,* onde acumulou aos Lemes varios fatos não obrados; sendo certo que para o carater que mereceram de insolentes e matadores, sobram os casos e os delitos aqui relatados.

Estas culpas haviam perdoado a clemencia do senhor rei D. João V.

Provadas as culpas pela denuncia do queixoso Antonio Fernandes de Abreu, ordenou o desembargador Manoel de Mello Godinho Manso a prisão dos dous criminosos Lemes, que se achavam na vila de Itú, descansando nos seguros, que lhes tinha ministrado a lima do tempo. Como Sebastião Fernandes do Rego, sargento-mór das ordenanças de São Paulo tinha sido movel para o castigo dos Lemes, concebendo na sua idea, que na destruição deles se podia aproveitar dos grandes cabedais de ouro que em si retinha, foi encarregado para cabo da conduta do corpo de uma multidão de soldados que da vila da Parnaíba e Sorocaba se lhe mandaram agregar para segurança da diligência. Chegou o Rego á vila de Itú (ficou disposta a balroada para a madrugada da noite daquele dia, com tanta cautela, que emboscadas as tropas, não transpirou o movimento delas aos moradores da vila de Itú, muito menos aos dous Lemes) e apeando-se á porta dos seus, na aparencia amigos, João e Lourenço Leme, foi deles recebido com as demonstrações de alegria que costuma produzir a verdadeira amizade. Tratou-se do banquete para regalo do novo hospede, e chegada a hora se puzeram á mesa em que havia muita diversidade de iguarias e abundancia de vinho. O fingido amigo para segurar a diligência, quebrando as forças aos Lemes, repetia os brindes para os embriagar; mas eles não se deixaram vencer das demazias. Acabada a cêa, convidou o sono ao repouso; e quando o Rego reconheceu o silêncio, dele se aproveitou para ir ao cabide das armas e descarregá-las, como tinha prometido aos oficiais e soldados da sua conduta, para com maior animo darem o cerco na hora destinada. Chegou esta já quando a noite declinava para a madrugada, e o corpo das tropas poz em cerco a casa cingida de diversos cordões pelo grande número de soldados. Ao estrondo de se arrombarem as portas acordaram os Lemes; e conhecendo a traição, animosos com intrepida resolução, apagaram as luzes, ficando a casa totalmente ás escuras. Nela estavam varios escravos e alguns familiares dos Lemes; e havendo lutas entre os que avançavam, e que resistiam, rompeu João Leme, saltando os muros do quintal, o cerco que estava desta parte; e Lourenço Leme, pela porta da rua rompeu tambem por entre a multidão dos que se achavam nela e ambos conseguiram a liberdade sem dano contra tantas cargas de espingardas, que a um mesmo tempo se dispararam da parte do quintal e da rua; e só Lourenço Leme ficou levemente ferido em uma mão. Como se tinham levantado da cama em ceroulas e mangas de camisa, desta mesma forma conseguiram a liberdade e marchando a pé e descalços, tomaram o rumo para o sítio de Ararai-

taguaba, onde chegaram ao romper do dia, vencendo uma marcha de cinco leguas. Ficaram mortos cinco escravos e prisioneiros sete, e por despojo todas as armas, moveis e alfaias da casa.

Em Araraitaguaba se puzeram em armas os dous irmãos, e já constituidos régulos, mandaram tocar caixas e clarins. Nesta ação se detiveram dous dias; e passados estes, se meteram ao mato com todos os sequazes, que lhe formavam corpo de armas. Fizeram picada pelo interior do sertão com tanta petulancia, que deixaram um letreiro na entrada dela, que dizia. — Se o ouvidor aqui vier, este é o caminho. — Tendo penetrado pela picada referida distância de meia legua de sertão, postaram ali com o corpo da comitiva, conservando sentinela avançada para que o aviso dela desse lugar para se ocultarem pelo centro do mesmo sertão. Neste estado se achavam quando chegou em pessoa o desembargador Mello, com um grande troço de valorosos soldados, pelos quais mandou seguir a mesma trilha e nesta diligência ficou morta a sentinela avançada que ainda teve tempo de dar vozes, a cujos ecos escaparam de ficar presos os dous irmãos, fugindo cada um por diverso rumo e só se aprisionaram vinte e tantas pessoas e se recolheram por despojo as armas, que ali ficaram.

Passados alguns dias, procurou João Leme o sítio e casa de sua madrinha, a viuva Maria de Chaves, a qual preocupada do temor de ficar incursa nas penas, que por edital se tinha publicado para que pessoa alguma de qualquer qualidade ou sexo, não desse agasalho aos facinorosos e regulos João e Lourenço Leme da Silva, mandou aviso ao desembargador corregedor, que não ficava muito distante do sítio e conservava ainda o corpo da tropa auxiliar com que tinha acometido ao mato. Neste intermedio tinha a pobre velha feito guizar o jantar para o descuidado afilhado, que ao tempo de principiar a comer, foi a casa posta em cerco, porém João Leme tirando forças da propria fraqueza, e ainda valoroso rompeu o cerco e se lançou ao caudaloso rio Anhebú, em cujas margens existia o sítio de Maria de Chaves. Ao romper do cerco lhe dispararam uma carga de tiros de escopetas; e por oculta providência do ceo, não perdeu ali a vida por que todo traspassado de balas passou a nado o dito rio, e saltou em terra da oposta margem, tão esgotado em sangue e desfalecido de forças, que ali mesmo o prenderam e foi conduzido com um grande corpo de guarda para a vila de Itú.

Depois disto e passados trinta dias, estando Lourenço Leme da Silva, oculto em uma casa deserta de José Cardoso, fundador e protetor da capela de Nossa Senhora da Penha de Araraitaguaba, foi descoberto por peritos trilhadores, que batiam os matos na diligência da prisão que solicitavam, até que descobriram a Lourenço Leme, que estava dormindo em a dita casa velh ; e disparando-se a um tempo as escopetas, na mesma cama ficou morto; e o seu cadaver foi conduzido a vila de Itú, onde na igreja do convento dos carmelitas se lhe deu sepultura. Seu irmão João Leme da Silva foi remetido para a Bahia, onde mandou a relação

do Estado fazer-lhe os autos sumarios e estando as culpas provadas, e não alegando ele reo, cousa relevante em sua defesa, o condenou á morte; e foi degolado em alto cadafalso no ano de 1723; e foi condenado em seis mil cruzados para as despesas da relação, os quais logo se cobraram em São Paulo, pelo desembargador e ouvidor geral Manoel de Mello Godinho Manso. Acabou João Leme da Silva com demonstrações de um verdadeiro catholico, e com muita consolação dos padres jesuitas, que lhe assistiram. O grande cabedal de arrobas de ouro, com que do Cuiabá chegaram a São Paulo os dous infelizes irmãos João e Lourenço Leme até agora não sabe o seu consumo; porque estando entregue a Sebastião Fernandes do Rego, como temos referido, depois da prisão de um e morte de outro, se procedeu a sequestro, porém jamais se descobriu o consumo dele. Este foi na verdade o fim dos dous tão afamados, como temidos irmãos Lemes, cuja catastrofe poz em contentamento aos moradores da vila do Cuiabá pela noticia que o capitão general Rodrigo Cezar de Menezes, na monção do ano de 1723, participou em carta sua ao capitão-mor regente Fernando Dias Falcão e ao brigadeiro Antonio de Almeida Lara.

Enganou-se o coronel Pitta no n. 92 do liv. 10, de que os Lemes vendo-se com os cargos de provedor dos quintos e de mestre de campo regente do Cuiabá, nos seus animos desleais servira o beneficio de fazer mais escandalosa a ingratidão; porque com o poder trataram só de executar insolencias etc., por quanto os ditos Lemes depois de providos nos cargos referidos em 1723, neste mesmo ano ficou morto Lourenço Leme e o irmão João Leme da Silva foi remetido para a Baía onde, como temos referido, foi degolado.

Este foi casado com *Maria Bicudo,* filha de Manoel Fernandes e de sua mulher Luzia de Abreu, em titulo de Godoy, cap. 6.º, § 6.º. E teve:

5 — 1. João Leme da Silva.
5 — 2. Pedro Leme da Silva, que faleceram no Cuiabá.
5 — 3. Quiteria Leme, que casou primeira vez com João Diniz, sem geração, e segunda vez, no Rio de Janeiro, com Antonio de Miranda. Sem geração.

Lourenço Leme da Silva, foi casado com D. Gertrudes de Almeida Campos, filha de Thomé de Lara e de sua segunda mulher, D. Maria de Campos. Em título de Taques, cap. 3.º, § 4.º, sem geração. E só teve um filho bastardo, Gaspar Leme da Silva, morador em Jundiahy.

4 — 3. Antão Leme da Silva (filho terceiro de Pedro Leme, o torto — não foi compreendido no infeliz destino de seus dous irmãos: fez assento nas minas do Cuiabá, para onde passando o governador e capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes o tratou com honrosas demonstrações de amizade, e o proveu no posto de

mestre de campo do regimento dos auxiliares daquelas minas e regente delas, onde tambem foi ouvidor pela ordenação. Ali faleceu, tendo sido casado na vila de Itú, com Maria Corrêa Ribeiro, natural de Itú e viuva de Antonio de Arruda Botelho, filha de Serafino Corrêa Ribeiro e de sua mulher Maria Leme. Em título de Almeidas Castanhos, cap. 1.º, § 4.º, a n. 3—1 usq. numero 4—1 e 5—5. E teve cinco filhos:

5 — 1. D. Domingas Leme da Silva, mulher do capitão Salvador Martins Bonilha. Sem geração.

5 — 2. Francisco Leme, faleceu no Cuiabá, solteiro.

5 — 3. D. Maria Leme, casou com Francisco Bueno de Sá e faleceu em Itú. Sem geração.

5 — 4. Pedro Leme da Silva, casou com filha de Manoel Fernandes, irmão de Maria Bicudo, que foi mulher de João Leme, do n. 4—1: faleceu no Cuiabá. Sem geração.

5 — 5. Serafino Corrêa, faleceu solteiro no Cuiabá.

3 — 5. D. Maria Leme da Silva (filha de Domingos Leme da Silva e Francisca Cardoso), foi casada com o alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral, irmão do coronel Paschoal Moreira Cabral, naturais de São Paulo. Em titulo de Moreiras, cap. III, § 2.º, a ascendencia do alcaide-mor Jacintho Moreira Cabral, que faleceu em Sorocaba a 3 de fevereiro de 1690, e foi sepultado na capela-mór da igreja de São Bento daquela vila, como consta do livro dos obitos da matriz de Sorocaba. E teve dous filhos:

4 — 1. Maria Leme do Prado, casou em Itú com José Nogueira Homem.

4 — 2. Pedro Alvares Moreira (casamentos de Sorocaba 45).

Estes filhos estão em dúvida, porque nos apontamentos avulsos diz o contrario: que foram Josepha Leme, casada com José da Costa Homem, o Tapexi, de alcunha, e Catharina Leme, mulher de Manoel da Costa, natural de Sorocaba.

3 — 6. Helena do Prado Cardoso (filha de Domingos Leme da Silva, do § 5.º), casou na vila de Itú com Pedro Vaz Ratão, natural da cidade de Evora, que faleceu na vila de Itú, filho de Belchior Vaz Ratão e de sua mulher Maria de (15) .... E teve naturais de Itú seis filhos:

4 — 1. Anna Leme faleceu em Mogí das Cruzes com testamento a 9 de Julho de 1724, e declarou ter sido batizada em Sorocaba, e que era filha de Pedro Vaz Ratão, etc., e que fora casada com Manoel Martins da Cunha, natural da freguezia de Vila-Cova, do termo de Barcellos, o qual foi filho de Pedro Martins e de Maria Gonçalves, naturais da mesma freguezia de Vila-Cova. Anna Leme casou a 18 de Julho de 1709 (16). (Vide casamentos de Itú, n. 640.)

---

(15) Camara episcopal de São Paulo, autos de genere de Ignacio da Costa Cintra, maço 3.º, letra I.

(16) Daqui até o n. 4 — 6 vai muita cousa em dúvida.

4 — 2. Maria Vaz, faleceu em Araraitaguaba, onde foi casada com Antonio Lobo, que, indo embarcado para o Cuiabá, foi morto pelo gentio *Paiaguá*. E teve tres filhos que acabaram sem geração, e só a filha 5 — Appolonia Vaz Cardoso, casada com Clemente Alves, natural de Sorocaba, que tiveram dous filhos, naturais de Araraitaguaba:

6 — 1. Antonio.

6 — 2. Clemente, que existem em Itú solteiros.

4 — 3. Francisca Vaz Cardoso, casou a 23 de Abril de 1701, em Itú, com Miguel Coelho de Souza, natural de Portugal, e foi quem em Itú se achava com os dous infelizes irmãos.

4 — 4. Isabel Lopes do Prado, casou em Itú a 2 de Agosto de 1708 com Antonio da Costa Cintra, natural de Lisboa, freguezia de São José, filho de Antonio da Costa, da freguezia de São João das Lampas, termo da vila de Cintra, do lugar de Gouvêa, e de sua mulher Maria Gonçalves, da freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, em Lisboa, como consta dos autos de genere retro, citado á margem. E teve:

5 — 1. Ignacio da Costa Cintra, que, tendo sentença de genere, e com ela vindo a São Paulo para ordenar-se de clerigo, casou com... Leme, natural de São Paulo, filha de Antonio Vaz Pinto de sua mulher D... Em título de Moraes, cap. III, §... Tem filhos nascidos em São Paulo.

5 — 2. N...

4 — 5. Pedro Vaz Ratão, casou a 25 de Abril de 1708 com Maria Antunes, filha de Manoel Antunes Lobo e de Maria Pedroso. Casamentos de Itú, n... letra P.

4 — 6. Josepha do Prado, casou em Itú (Casamentos n. 501) a 24 de Julho de 1717 com João Antunes Lobo, filho de Manoel Antunes Lobo, do número supra.

§ 6.º

2 — 6. Aleixo Leme dos Reis, casou com Anna de Góes Pompeu, filha de Maria Pompeu Taques e de Manoel de Góes Raposo. Em título, cap. V, § 1.º. Com geração.

§ 7.º

2 — 7. João Leme do Prado (filho de Pedro Leme e Helena do Prado, do cap. I), casou com Anna Maria Ribeiro (Vide *Memorias de Jundiahy*). E teve quatro filhos e tres filhas, todos naturais de São Paulo, em 1651, que queriam ir povoar Guaratinguetá (ou Taubaté), como eu entendo, fl. 67, n. 40 v. dos *Apontamentos*:

3 — 1. Sebastião Preto Leme.
3 — 2. João do Prado Leme.
3 — 3. Braz Esteves Leme.
3 — 4. João do Prado Leme.

4 — 5. Antonia do Prado Leme, casou com Antonio da Rocha Leme. Em título de Alvarengas, cap. 3.º, § 9.º, ns. 3—3 e 4—1, filho de Maria Leme Bicudo e Cornelio da Rocha, estrangeiro. E teve nove filhos, tres varões e seis fêmeas:
4 — 1. Miguel de Quebedo.
4 — 2. Arthur da Rocha.
4 — 3. Lourenço Leme.
4 — 4. D. Maria Leme do Prado.
4 — 5. D. Rosa Leme do Prado.
4 — 6. D. Margarida do Prado Leme.
4 — 7. D. Catharina de Senne Leme.
4 — 8. D. Francisca Leme do Prado.
4 — 9. D. N....

4 — 1. Miguel de Quebedo, casou em Itú.
4 — 2. Arthur da Rocha, casou em Carrancas das Gerais, com Maria das Neves, e faleceu louco em Baependí. E teve seis filhos:
5 — 1. Francisco da Rocha.
5 — 2. Bento da Rocha.
5 — 3. Anna.
5 — 4. Ignez Clara, casou com Luiz Gomes Ferreira, natural de Chaves, e tiveram seis filhos: Luiz, Manoel, Francisco, Joaquim, Anna, Maria, Ignez: e a dita Anna casou com Francisco Gomes da Cunha.
5 — 5. Gertrudes.
5 — 6. Maria.

4 — 3. Lourenço Leme, casou na freguezia dos Pouzos-Altos, com Maria Martins, filha de Domingos Martins. E tiveram varios filhos.
4 — 4. D. Maria Leme do Prado, casou com Thomé Rodrigues Nogueira do Ó, natural da Ilha da Madeira, que faleceu em Baependí e foi sepultado na capela-mór que ele fundou de Nossa Senhora do Montserrate, que depois ficou em freguezia que hoje existe chamada de Baependí E teve nove filhos:
5 — 1. Nicoláu Antonio Nogueira, republicano da vila de São João de El-Rei, em cuja camara tem servido muitas vezes os nobres cargos; é alferes das ordenanças da dita vila em que exercia a ocupação de escrivão da ouvidoria geral em 1771, é dotado de muitas prendas, e toca varios instrumentos, e é bastantemente instruido nas artes liberais. Casou na dita vila (17) com D.

(17) Isto é de um papel avulso, e letra de outro, emendado pelo autor.

Anna Joaquina da Gama, filha de Manoel Gomes Vilas-Boas, natural de Portugal, e de sua mulher D. Ignacia Quiteria da Gama, natural da colonia do Rio Grande. E teve quatro filhos:

6 — 1. Antonio.
6 — 2. Joaquim.
6 — 3. Manoel.
6 — 4. Maria.

5 — 2. D. Joanna Nogueira, casou duas vezes, primeira com José de Sá, de quem teve quatro filhos, segunda com João Gomes de Lemos, natural de Vila Nova de Famelicão, que faleceu de um raio em Baependí, e deste matrimonio teve seis filhos.

Os do primeiro matrimonio são:

6 — 1. Manoel Nogueira, casou com Ignacia de... Deixou geração.

6 — 2. José Nogueira, é capitão da nobreza em Baependí.

6 — 3. Pedro Nogueira, faleceu.

6 — 4. D. Maria Joaquina, casou com Manoel do Monte Gato, natural de Portugal. Sem geração.

Os do segundo matrimonio são:

6 — 5. O tenente Albino Gomes.
6 — 6. O Alferes Theodoro Gomes Nogueira.
6 — 7. Hilario Gomes.
6 — 8. Francisco.
6 — 9. Amaro.
6 —10. Caetana.

5 — 3. D. Maria Nogueira (filha do capitão-mór Thomé Rodrigues Nogueira, do n. 4—4 retro), casou com Luiz Pereira Dias, natural da Ilha Terceira. E teve quatro filhos:

6 — 1. José Joaquim Nogueira Dias, bom estudante e poeta, e bôa pena, casou com D. Maria Thereza de Jesus, filha do capitão Antonio Fernandes, natural de Portugal, e de D. Rita Maciel, natural das Gerais.

6 — 2. Januario Pereira Dias, alferes da ordenança em São João d'el-Rei, está casado com Maria Martins, filha de Manoel Martins da Barra, natural de Portugal. Deixou geração.

6 — 3. Anna.
6 — 4. Maria.

5 — 4. D. Angela Isabel Nogueira do Prado, mulher de Domingos Teixeira Vilela, natural de Chaves, e capitão de Baependí.

5 — 5. D. Anna... mulher de Antonio de Sousa Ferreira.
5 — 6. D. N... mulher de José Rodrigues da Fonseca.
5 — 7. D. Clara... mulher de...
5 — 8. D. N....
5 — 9. D. N....

4 — 5. D. Rosa Leme do Prado (filha de Antonia do Prado Leme e Antonio da Rocha, do n. 3—5), casou com o sargento-mór Manoel Nunes de Gouvêa.

4 — 6. D. Margarida do Prado Leme, mulher de José de Carvalho.

4 — 7. D. Catharina de Senne Leme, mulher de Pedro da Silva Góes.

4 — 8. D. Francisca Leme do Prado, mulher de José Machado da Silva.

4 — 9. D. N... mulher de...

§ 8.º

2 — 8. Helena do Prado, casou na matriz de São Paulo, a 8 de Agosto de 1638, com Pedro de Góes Raposo, filho de Antonio Raposo, natural de Lisboa, que faleceu a 7 de Janeiro de 1633 (irmão inteiro de Estevão Raposo, que faleceu em Santos e jaz na capela-mór da matriz daquela vila com campa de pedra, na qual se declara o seu nome e qualidade) e de sua mulher Isabel de Góes, que faleceu em São Paulo em 1629, que foi filha de Domingos de Góes e de sua mulher Catharina de Mendonça, vindos da Ilha da Madeira com a filha Isabel e o filho Francisco de Mendonça. Em título de Góes Mendonças, que temos escrito. E teve... Vide suplemento (A). (*).

§ IX e último

2 — 9. Filippa do Prado (filha de Pedro Leme e Helena do Prado, do cap. 1.º), casou em São Paulo, com João de S. Maria, que veiu por secretário de D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, no fim do ano de 1609, e faleceu em 1674: assim consta no caderno de registros da camara de São Paulo, título 1607, a fl. 33. E teve sete filhos:

3 — 1. Marianna do Prado. Em título de Camargos.

3 — 2. Helena do Prado, mulher de João Gonçalves Meira, que floreciam em São Vicente em 1655.

3 — 3. Pedro de Leão S. Maria, que em 1655 assinou em São Vicente, uma escritura de seu cunhado Meira.

3 — 4. Antonio do Prado S. Maria. (Not. de São Vicente, procuração de Felippa D. viuva, etc.).

3 — 5. Domingos Leme da Silva. (Not. de São Vicente, fl. 30 v.).

3 — 6. João de S. Maria, o moço. (Not. de São Vicente. 1641, fl. 3.

3 — 7. V........ mulher de Antonio Pellaes, como diz o ex-provincial (frei Gaspar).

(*) Não existe no manuscrito. (*Nota da redação*).

CAPÍTULO II

1 — 2. Matheus Leme, cidadão de São Paulo, que serviu os cargos da república e deixando sua patria a vila de São Vicente, acompanhou para São Paulo a seus pais: faleceu com testamento em São Paulo, a 30 de Agosto de 1633. Casou duas vezes: primeira, com Antonia de Chaves, natural de São Vicente (irmã inteira de Ignez Dias, mulher de Aleixo Leme, do cap. 3.º adeante: de Manoel de Chaves, de que consta no seu inventário que era homem nobre, cujos autos se acham no cartorio de órfãos de São Paulo, no maço 2.º de inventarios, letra M: de Catharina Dias, mulher de Garcia Rodrigues (em título de Garcias Velhos, cap. 10, onde se trata dos Chaves, povoadores de São Vicente): de Maria de Chaves, que faleceu com testamento em Mogí das Cruzes, a 8 de Novembro de 1693, e mulher de Manoel Godinho, natural da vila do Espirito Santo, filho de Francisco Godinho de Lara e de Joanna Fernandes) e filha de Domingos Dias, natural da freguezia de São Miguel, termo de Lourinhã em Vimieiro, nobre povoador da vila de São Vicente, e de sua mulher Mariana de Chaves: e faleceu em São Paulo dita Antonia Chaves, com testamento a 3 de Março de 1610. Segunda vez casou Matheus Leme com Antonia Gaga, de quem não teve filhos. Assim consta no cartorio de órfãos de São Paulo, no maço 5.º, dos inventarios, letra M, o de Matheus Leme. E maço 2.º, letra A, o de Antonia Chaves. E teve do seu primeiro matrimonio com Antonia Chaves, sete filhos naturais de São Paulo:

2 — 1. Marianna de Chaves .... § 1.º
2 — 2. Leonor Leme .... § 2.º
2 — 3. Maria da Silva .... § 3.º
2 — 4. Antonia Leme .... § 4.º
2 — 5. Antão Leme .... § 5.º
2 — 6. Francisco Leme da Silva ...... § 6.º
2 — 7. Domingos Leme .... § 7.º

§ 1.º

2 — 1. Marianna Chaves, casou com Antonio Lourenço. Em título de Carvoeiros, cap. 1.º, deixou geração, de cujo casamento vide a escritura no caderno das notas, fl. 18, n. 13.

§ 2.º

2 — 8. Leonor Leme, casou com Thomé Martins, filho de Francisco Martins Bonilha, natural de Castela e de sua mulher Antonia Gonçalves: faleceu Thomé Martins, em São Paulo, com testamento, a 24 de Julho de 1659 (18). E teve filho unico:

(18) Orfãos de São Paulo, maço 1.º, letra T, n. 8, inventario de Thomé Martins.

3 — " Matheus Martins Leme: casou e foi de morada para a vila de Coritiba, onde teve o filho Antonio Martins Leme, que casou com Margarida Fernandes, que foram pais do capitão José Martins Leme.

§ 3.º

2 — 3. Maria da Silva, casou com Claudio Forquim. Em título de Forquins. Deixou geração.

§ 4.º

2 — 4. Antonia Leme, casou com Pedro do Prado, cidadão de São Paulo. Em título de Prados, cap. 9.º. Faleceu Antonia Leme em São Paulo, com testamento, a 23 de Dezembro de 1683 (19). E teve oito filhos naturais de São Paulo:

3 — 1. Ignacio do Prado.

3 — 2. Francisco do Prado.

3 — 3. Isabel do Prado. Louca, faleceu solteira.

3 — 4. Maria do Prado, batizada a 6 de Agosto de 1651. Casou com André Rodrigues Saraiva, o qual casou segunda vez com Agueda Soares, que faleceu a 10 de Fevereiro de 1681. E teve:

4 — 1. Anna Saraiva, que faleceu a 14 de Novembro de 1674, mulher de Francisco Leme.

4 — 2. João Saraiva........

3 — 5. Leonor Leme, mulher de João Gomes Coelho.

3 — 6. Catharina Leme, nasceu a 2 de Novembro de 1647, mulher de Gaspar Ribeiro.

3 — 7. Filippa do Prado, casou com Manoel Preto de Moraes, morador da vila de Mogí das Cruzes. Com geração em dita vila.

3 — 8. Maria Leme do Prado, casou com João Pereira de Avelar, filho de.... em título de Prados, cap. 6.º, § 1.º, n. 3—4. E teve:

4 — 1. Pedro Fernandes de Avellar, faleceu nas Minas do Pilar, casou duas vezes; primeira, na matriz de São Paulo a 22 de Fevereiro de 1700 com Sebastiana Ribeiro, filha de João Paes Rodrigues e de Messia Ferreira de Tavora. Sem geração. Em título de Camargos, cap. 4.º. Casou segunda vez com a filha de João Dias da Silva. Em título de Pires, cap. 6.º, §....

4 — 2. Bartholomeu Pereira Leme, faleceu com testamento a 3 de Setembro de 1726, e foi casado com d. Isabel da Silveira, filha de Antonio Raposo da Silveira, mestre de campo dos auxiliares de São Paulo. Em título de Raposos Silveiras, cap. 2.º, § 4.º. Com geração de quatro filhos. Maria — Antonio João — José Nicoláo — Bartholomeu Pereira da Silva.

4 — 3. Paulo Pereira Leme, faleceu.

4 — 4. Luiz Pereira Leme.

(19) Orfãos de São Paulo, maço 1.º, de inventários, letra A, n. 31, o de Antonia Leme.

§ 5.º

2 — 5. Antão Leme, faleceu ainda em vida de seu pai e já casado com............. e teve o filho Luiz Dias Leme, que herou no inventario do avô Matheus Leme.

3 — " Luiz Leme, cidadão de São Paulo, casou com Anna Cabral, irmã inteira de João Moreira, que casou na matriz de São Paulo a 4 de Fevereiro de 1632 com Gregoria da Silva; de Pedro Alvares Cabral, que casou com Sebastiana Fernandes, de cujo matrimonio foram filhos o alcaide-mór Jacinto Moreira Cabral e o coronel Paschoal Moreira Cabral: e de Branca Cabral, mulher de Simão da Costa, natural da cidade de Beja, filho de Luiz Cabral de Tavora e de sua mulher Antonia Gomes Froes, como se vê na matriz de São Paulo no casamento de Luiz da Costa, irmão do dito Simão da Costa a 21 de Abril de 1632. E teve dois filhos naturais de São Paulo:

4 — 1. Antonio de Almeida Cabral.
4 — 2. Francisco de Almeida Cabral.

4 — 1. Antonio de Almeida Cabral, batizado na matriz de São Paulo a 29 de Março de 1643; casou com d. Maria da Silva Falcão, filha de Francisco da Fonseca Falcão, professo da ordem de Cristo, capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de São Vicente e São Paulo, e de sua mulher d. Maria da Silva. Em título de Falcão. Faleceu Antonio de Almeida Cabral, em 1669 e sua mulher faleceu com testamento a 6 de Outubro de 1674. (Cartorio de órfãos de Parnaíba, maço de inventarios n. 208, o de Antonio de Almeida Cabral e o de d. Maria Falcão). E teve tres filhos, naturais da Parnaíba:

5 — 1. Thomazia de Almeida, mulher de Manoel Bicudo de Brito. Em título de Bicudos.

5 — 2. Isabel de Almeida Falcão, mulher de Paulo de Proença Abreu. Em título de Falcão, com geração.

5 — 3. Fernando Dias Falcão. Em título de Taques Pompeos, cap. 3.º, § 4.º, n. 3 — 4 de d. Lucrecia de Barros, filha do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Com geração. (Deve pôr-se aqui a varonia).

4 — 2. Francisco de Almeida Cabral: casou no Rio de Janeiro, com d. Maria de Cassera, que foi irmã inteira do conego João da Veiga Coutinho. Em título de Taques, cap. 3.º, § 4.º, n. 3 — 5.

§ 6.º

2 — 4. Francisco Leme da Silva (filho de Matheus Leme e Antonia de Chaves, do cap. 2.º), ocupou os cargos da república de

São Paulo, e foi morador na sua fazenda de Juaguaperúba: faleceu em 1657 como consta no cartorio segundo de notas de São Paulo, liv. de inventarios antigos o de Francisco Leme. Foi casado com Isabel de Goes, filha de Domingos de Goes, o qual faleceu em 1672, e de sua mulher Joana Nunes. Em título de Goes Mendonças, cap. 1.º, § 2.º. E teve duas filhas:

3 — 1. Maria das Neves.
3 — 2. Maria Leme.

3 — 1. Maria das Neves, casou em São Paulo a 24 de Janeiro de 1644 com Antonio Lourenço Cardoso, filho de Antonio Lourenço, segundo padroeiro da capela de Nossa Senhora da Luz, e de sua segunda mulher Isabel Cardoso. Com geração. Em título de Carvoeiros, cap. 1.º, § 7.º.

3 — 2. Maria Leme, casou com Antonio Ribeiro Bayão (20) (irmão inteiro de Estevão Ribeiro Bayão Parente, governador da guerra contra os barbaros gentios do sertão da Bahia, que conquistou, cujas memorias e relevantes serviços temos tratado em título de Moraes, cap. 1.º), que foi de morada para a vila de Coritíba, onde teve quatro filhos:

4 — 1. Antonio Ribeiro Bayão casou com Maria de Siqueira. Deixou geração.

4 — 2. O padre Francisco Ribeirão Bayão, clerigo.

4 — 3. Maria Ribeiro da Silva, que faleceu a 4 de Janeiro de 1696. Sem geração. Casou com André Mendes Ribeiro.

4 — 4. Domingos Ribeiro.

De Maria Leme e Antonio Ribeirão Bayão, supra, é neta Antonia Ribeiro da Silva, mulher de José Martins Leme, natural de Coritíba.

2 — 7. Domingos Leme (filho último de Matheus Leme, do cap. II), faleceu em São Paulo com testamento a 27 de Setembro de 1673 (21), e foi casado com Maria da Costa, que faleceu com testamento a 5 de Março de 1680, filha de João da Costa e de Ignez Camacho. Em título de Carvoeiros, cap. 8. E teve seis filhos. Vide em Bicudos, cap. 2.º, § 3.º, onde estão.

CAPÍTULO III

1 — 3. Aleixo Leme, veiu da vila de São Vicente para São Paulo, onde fez o seu estabelecimento e ocupou os honrosos cargos da sua república, da qual foi uma das primeiras pessoas do governo dela. Faleceu com testamento a 16 de Novembro de 1629, e foi casado na vila de São Vicente com Ignez Dias, natural desta vila (irmã inteira de Antonia de Chaves, mulher de Ma-

(20) Em título de Bayões, cap. 5.º, § 1.º, n. 3 — 3.
(21) Orfãos de São Paulo, maço de inventários, letra D, n. 4.

theus Leme, do cap. II retro); e ela faleceu em São Paulo com testamento a 15 de Julho de 1655 (22). E teve 10 filhos:

2 — 1. Luzia Leme .... § 1.º
2 — 2. Braz Leme .... § 2.º
2 — 3. Aleixo Leme .... § 3.º
2 — 4. Francisco Dias Leme .... § 4.º
2 — 5. Francisco Leme .... § 5.º
2 — 6. Ignez Dias .... § 6.º
2 — 7. Leonor Leme .... § 7.º
2 — 8. Maria da Silva .... § 8.º
2 — 9. Manoel de Chaves .... § 9.º
2 — 10. Maria Leme da Silva .... § 10.º

§§ 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

2 — 1. Luzia Leme casou com Francisco de Alvarenga. Em título de Alvarengas, cap. 3.º, § 9.º, n. 3—3. Deixou geração.

2 — 2. Braz Leme, casou com Isabel de Freitas. Em título de Freitas.

2 — 3. Aleixo Leme, casou com Catharina Gomes, e ignoramos se teve geração.

2 — 4. Francisco Dias Leme, casou na matriz de São Paulo a 10 de Fevereiro de 1640 com Anna do Amaral, filha de Paulo da Costa e de Paschoa do Amaral, e ignoramos-lhe a descendencia.

2 — 5. Francisca Leme, mulher de Miguel Gonçalves Corrêa, tambem lhe ignoramos a descendencia, se é que a teve.

§ 6.º

2 — 6. Ignez Dias, foi casada com Jorge Rodrigues de Niza, que foi morador na vila de Santos, e nela pessoa de respeito e autoridade, que do reino veiu provido em feitor da fazenda real, cujo oficio exerceu com muita aceitação do governador geral do Estado, indo á cidade da Bahia dar contas da sua administração na provedoria-mór do mesmo Estado, como era costume naqueles tempos. Foi proprietario do oficio de ... E teve filhos, cuja geração existe na vila de Mogí, entre os quais foram, nascidos todos na vila de Santos:

3 — 1. Domingos Rodrigues de Niza.
3 — 2. Mecia Leme.
3 — 3. Aleixo Rodrigues de Niza.
3 — 4. Ignez Dias.
3 — 5. Jorge Rodrigues de Niza.
3 — 6. Anna Rodrigues de Niza.

(22) Orfãos de São Paulo, maço 2.º de inventarios, letra A, n. 1, o de Aleixo Leme, e maço 5.º, letra I, n. 2, o de Ignez Dias.

3 — 1. Domingos Rodrigues de Niza, casou na matriz de São Paulo a 29 de Junho de 1643 com Beatriz da Silva, filha de Paulo da Costa e de sua mulher Paschoa do Amaral. E teve duas filhas: Maria e Ignez, que se batizaram na matriz de São Paulo a 18 de Setembro de 1645. Casou segunda vez com Francisca de Andrade, em Mogí, onde foi morador.

3 — 2. Mecia Leme, casou na matriz de São Paulo a 24 de Agosto de 1643 com Estevão de Brito, filho de João de Brito Cassão e de sua mulher Mecia de Freitas. Em título de Freitas, cap. I, § 2.º, n. 2—2. Deixou geração.

3 — 3. Aleixo Rodrigues de Niza, casou na vila de Mogí, onde faleceu com testamento a 10 de Novembro de 1691, casado com Catharina de Siqueira. E teve nove filhos, como consta (e tambem dos casamentos dos filhos) do cartorio de órfãos da dita vila, maço de inventarios, letra A, o de Aleixo Rodrigues de Niza, e na ouvidoria de São Paulo, residuos, testamento do mesmo. E foram:

4 — 1. Maria Rodrigues, mulher de Paschoal Fernandes Lamim.

4 — 2. Ignez Rodrigues, mulher de João Pereira de Bulhões.

4 — 3. Maria Rodrigues, mulher de João Fernandes.

4 — 4. Isabel de Siqueira, mulher de Domingos Rodrigues.

4 — 5. Anna Rodrigues, mulher de Manoel de Oliveira.

4 — 6. Mecia Rodrigues de Niza, mulher de Manoel Delgado da Silva.

4 — 7. Catharina de Siqueira.

4 — 8. Jorge Rodrigues de Niza, casou com Ignez da Cunha Pinto, irmã do mestre de campo Aleixo Leme, filhos de Maria da Silva, do § 8.º adiante: foi morador da vila de Mogí. E teve nove filhos:

5 — 1. João Leme da Silva, com geração, na familia dos Lemos dos Ligas.

5 — 2. Aleixo Leme da Silva, capitão da vila de Jacarehy. Casou em Pindamonhangaba com Martha Antunes de Miranda, natural de Pindamonhangaba, filha de Domingos do Prado Martins e de sua mulher N... de Miranda, ou Isabel Antunes de Miranda. E teve:

6 — 1. José Leme da Silva.
6 — 2. Lourenço Leme da Silva.
6 — 3. Domingos do Prado Martins.
6 — 4. Aleixo Leme da Silva.
6 — 5. Isabel Antunes de Miranda.
6 — 6. Maria Leme.
6 — 7. Catharina da Silva.
6 — 8. Ignez da Silva ou da Cunha.
6 — 9. Rita da Cunha.
6 —10. Martha Antunes de Miranda.

5 — 3. José Leme da Silva, morador nas Minas Geraes.

5 — 4. Antonio da Silva Leme, existe em 1767 em Jacarehy, casado com filha de José Moreira.

5 — 5. Sebastião de Siqueira, existe em Goiazes, tendo casado na Conceição dos Guarulhos com filha de Antonio Cardoso.

5 — 6. Jorge Rodrigues Leme, existe em Jacarehy, casado com a filha de João Lopes do Prado.

5 — 7. Maria da Silva, faleceu em Jundiahy em 1729. Casou com Manoel de Lemos Bicudo em Jacarehy. E teve quatro filhos.

5 — 8. Catharina da Silva, casou duas vezes: primeira com João Gonçalves S. Thiago; segunda com Miguel Delgado. Deixou geração de ambos.

5 — 9. Isabel da Silva, casou em Jacarehy com Antonio de Brum da Silveira, da nobre familia do seu apelido na ilha de São Miguel, com duas filhas: Maria e Gertrudes.

4 — 9. Manoel Rodrigues de Niza (filho de Aleixo Rodrigues de Niza, do 3 — 3), casou com Maria Francisca, natural de Santos. E teve a filha:

5 — ". Joana Barbosa, que casou com Manoel Rodrigues Barbosa, natural do Rio de Janeiro. E teve filha unica:

6 — ". Victoria de Jesus, que casou com Antonio José Machado, natural de Nazareth, termo de Lisboa, moradores de Magé, no Rio de Janeiro. E teve filho unico:

7 — ". Manoel José Machado, o Manco, que casou com Maria das Chagas de Jesus.

3 — 4. Ignez Dias (filha de Ignez Dias do § 6.º), faleceu em Santos em 1682 (Livro de obitos, fl. 40). Casou na dita vila com o capitão Bento Nunes de Siqueira, natural da mesma vila. Em título de Aguirres, n. 1, cap. I, § 1.º. E teve filho unico:

4 — ". Bento Nunes de Siqueira, capitão de infantaria da Bahia, casou duas vezes: primeira com d. Maria de Barros de Araujo, natural de Santos, onde faleceu em 1686 (Obitos, fl. 59), filha de Duarte de Barros de Araujo, cavalleiro fidalgo, senhor de engenho de Assucar, e de sua mulher d. Isabel Garcez, filha do sargento-mór Francisco Garcez Barreto. Em título de Garcez Barreto, cap. 2.º.

3 — 5. Jorge Rodrigues de Niza, faleceu no sertão em 1659. (Livro de obitos de Santos, a fl. 3) e era alferes em 1655, em que vendeu o seu quinhão das terras que herdara de seu pai, a seu cunhado, Antonio Alvares Pedroso infra.

3 — 6. Anna Rodrigues de Niza, mulher de Antonio Alvares Pedroso, (da arvore 25).

§ 7.º

2 — 7. Leonor Leme casou duas vezes: primeira com Daniel de Juésto, natural da cidade de Napoles, filho de Simão de Juésto e de sua mulher Justa Delius a 30 de Junho de 1630; segunda vez com João Homem da Costa, ouvidor da capitania de São Vicente em 1653, e de ambas sem geração, que se extinguiu no filho Manoel de Chaves de Juésto.

§ 8.

2 — 8. Maria da Silva, casou na matriz de São Paulo a 6 de Junho de 1633 com Manoel Delgado de Tavora, natural da vila da Atouguia do arcebispado de Braga (vide se estes são pais ou avós dos que se seguem). E teve:

3 — 1. Aleixo Leme da Silva, foi promovido ao posto de mestre de campo por d. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general de São Paulo, casou duas vezes: primeira com d. Ignacia do Amaral Gurgel, sem geração: segunda vez em Taubaté a 21 de Agosto de 1729 com d. Maria Pedroso da Fonseca (livro de casamentos de Taubaté, n. 38) a qual faleceu sem geração em Mogí. (Letra M, n. 81). Vide o dito mestre de campo Aleixo Leme, casado com Isabel Pereira do Faro. (Inventarios, letra I, n. 169), de quem teve dois filhos que foram:

4 — 1. Manoel da Silva, casou com d. Maria Machado de Moraes, sem geração.

4 — 2. José Pereira de Faro, que casou e foi viver no Cuiabá, onde faleceu deixando em São Paulo o filho Aleixo Leme de Faro, morador da Conceição, onde casou com.... filha de Moraes.

3 — 2. João da Cunha Pinto, capitão da ordenança de Araçariguama.

3 — 3. Francisco Delgado de Tavora, casou em Jacarehy.

3 — 4. N.... da Silva, pai de Bernardo da Silva e Valerio da Silva.

3 — 5. Isabel da Silva Pinto, casou duas vezes: primeira com Sebastião de Siqueira Caldeira, de quem teve dois filhos:

4 — 1. Sebastião de Siqueira Caldeira, tenente-coronel e depois coronel, que foi pai de

5 — 1. José Corrêa de Siqueira.

5 — 2. João Corrêa de Siqueira.

5 — 3. Sebastião de Siqueira Caldeira, que é o diretor da aldeinha de Nossa Senhora da Escada.

4 — 2. N.... casada com Manoel Mendes de Oliveira, filho de Antonio Alvares e Rufina de Moraes, e faleceu de parto, deixando dois filhos que são: José Mendes e João Mendes. Casou segunda vez dita Isabel da Silva Pinto em Simão Corrêa de Lemos Moraes (irmão do capitão Francisco Corrêa de Lemos. Em título de Moraes) e teve filhos, e entre eles a

4 — ". Francisco Corrêa de Moraes, que casou em Jundiahy em 1724.

3 — 6. Ignez da Cunha Pinto, casou com Jorge Rodrigues de Niza, do n. 4—8 do § 6.º, retro.

§ 9.º

2 — 9. Manoel de Chaves, casou na matriz de São Paulo a 12 de Agosto de 1641, com Simoa de Siqueira (esta, viuvando deste matrimonio, foi mulher de Duarte Pacheco de Albuquerque, capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro) irmã direta do reverendo padre Matheus Nunes de Siqueira, protonotario apostolico, que foi visitador do bispado em 1677, fundador da capela do Senhor Bom Jesus na matriz de São Paulo. Foi paulista adornado de letras e virtudes, com as quais soube conciliar um grande respeito. Por se fazer distinto nas ocasiões que teve do real serviço, mereceu que sua magestade lhe agradecesse por carta firmada do seu real punho datada em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1674, que se acha registrada no livro de cartas do Rio de Janeiro, título 1673 a fl. 2 v. da secretaria do conselho ultramarino; filhos de Aleixo Jorge, natural da Arrifana de Sousa, e de sua mulher Maria de Siqueira. Faleceu d. Simoa de Siqueira, estando já casada com o capitão Duarte Pacheco a 16 de Agosto de 1709 (23). E teve tres filhos que todos faleceram sem deixar geração, que foram: João de Chaves, Antonio de Chaves e Salvador de Chaves.

§ 10.º e último

2 — 10. Maria da Silva Leme, filha última do cap. 3.º, casou na matriz de São Paulo a 28 de Maio de 1635, com Thomaz Dias Mainardi, natural do reino de Piza da cidade de Florença, filho de Bartholomeu Dias e de Isabel Mainardi. Faleceu em 1678, como consta no segundo cartorio de notas de São Paulo, inventario de Thomaz Dias Mainardi. E teve

3 — 1. João Dias Mainardi, casou com Margarida Esteves. E teve

4 — 1. Lucrecia Leme, que faleceu em 1701.

4 — 2. Francisco Dias Leme, casou em Itú a 20 de Abril de 1690, com Maria dos Santos, natural de Itú, filho de Manoel Fernandes de Carvalho e de sua mulher Anna de Medina. Casamento n. 279.

3 — 2. Isabel Dias, casou com João Viegas Xortes, ou Xertes; ela faleceu em São Paulo em 1691. Inventarios 105. E teve cinco filhos:

(23) Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 2.º de inventarios, letra S. o de Simoa de Siqueira.

4 — 1. Luzia Lemes, mulher de José Alvares Pestana. Deixou geração.

4 — 2. Maria Leme, faleceu solteira.

4 — 3. Antonio Viegas Xortes, casou com Catharina de... natural de Santo Amaro. E teve cinco filhos:

5 — 1. André Viegas, casou em Sorocaba. Sem geração.

5 — 2. Antonio Viegas, casou em Sorocaba.

5 — 3. Maria Viegas, casou com José Baptista.

5 — 5. Francisco Viegas, faleceu solteiro ás mãos do gentio, indo conquistá-lo.

4 — 4. Francisco Viegas.

4 — 5. Thomaz Viegas.

3 — 3. Ignez Dias, casou com Gaspar de Sousa. E teve a filha Luzia de Sousa, que faleceu solteira em Santo Amaro com bôa opinião por suas virtudes.

3 — 4. Francisco Dias Mainardi, casou em Itú com... (Vide casamento n. 689) seu filho, em Sorocaba n. 128.

3 — 5. José Dias Mainardi, casou em Itú com Maria Rodrigues. E teve o filho 4—1 Antonio Dias Mainardi, que casou em Itú. Vide casamento 85.

CAPÍTULO IV

1 — 4. Braz Esteves Leme: não casou, porém teve 14 filhos bastardos, havidos em diversas mulheres oriundas do gentio da terra, a que no Brasil se diz mamelucos. Foi muito abastado de bens, com grosso cabedal de dinheiro amoedado, do muito ouro que extraíu no tempo da grandeza da serra de Jaraguá, cujas minas foram descobertas por Affonso Sardinha em 1597. Faleceu Braz Esteves abintestado no sertão de Jaraguá. O juizo de órfãos procedeu a inventario dos seus bens por partilhas dos 14 filhos mamelucos, que deixou, os quais, não devendo ser herdeiros pela nobre qualidade de seu pai, foram excluidos da herança por sentença proferida a favor dos irmãos de Braz Esteves, que então se achavam vivos Pedro Leme e Lucrecia Leme, por Simão Alvares de La Penha, do teôr seguinte:

SENTENÇA A FAVOR DOS LEMES

D. Filippe, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquem e de além mar, em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, comércio da Etiopia, Arabia, Persia e da India, etc. A todos os corregedores, ouvidores, provedores, juizes, justiças, oficiais e pessoas de meus reinos e senhorios, a que esta minha carta de sentença, e confirmação de outra for apresentada e o conhecimento e direito dela haja de pertencer e seu cumprimento de pedir e requerer, saude faço-vos a saber, que nesta vila de São Paulo, da capitania de São Vicente, a mim e ao meu ouvidor geral,

com alçada em toda a repartição e distrito do Sul enviaram a dizer por sua parte Pedro Leme o velho e Lucrecia Leme, sua irmã, d. Viuva, que eles alcançaram sentença no juizo desta capitania, por bem da qual os julgaram por nobres, e como tais só pudessem herdar, sendo, como são legítimos e não os naturais; e porque para que o todo o tempo constasse de sua nobreza, lhe era necessario que eu lhe confirmasse a dita sentença por estar passada em meu nome, me pediam lhe mandasse passar para a sua guarda, título e brazão de sua linhagem no que receberiam mercê segundo que tudo isto assim e tão cumpridamente era conteúdo, e declarado na dita petição dos suplicantes a qual sendo-me apresentada e vista por mim com o dito meu ouvidor geral, nela puzera por despacho, que, como pedia, e em cumprimento da qual, e para bem dela fora apresentada pelos ditos suplicantes uma sentença dada pelo sr. rei d. Sebastião, a qual sendo primeiramente apresentada ao juiz ordinario desta dita vila de São Paulo a confirmou, havendo e julgando aos ditos por nobres e limpos de geração, e que como tais pudessem gosar de todos os privilegios e liberdades, que por bem de sua nobreza e fidalguia lhes é concedido: e outrosim por legitimos e universais herdeiros, e que como a tais lhes pertencia herdarem e não os filhos naturais, conforme a lei: e sendo julgados por legitimos herdeiros em razão da sua nobreza, o ouvidor desta capitania de São Vicente lhe confirmara, e mandara passar sua sentença pela qual os havia por nobres e fidalgos, e legitimos herdeiros de Braz Esteves Leme, e que só eles em razão da dita nobreza fossem os herdeiros de seus bens, sem na dita herança poderem entrar os filhos naturais e bastardos de menor condição: E vista por mim a dita sentença como dito meu ouvidor geral pronunciara, que lhe confirmava e havia por confirmada a dita sentença, assim a do juiz como a do ouvidor e em confirmação de ambos lhe mandei passar a presente, que mando se cumpra e guarde como nela se contém, e em cumprimento julgo e confirmo aos ditos suplicantes por nobres e fidalgos, limpos de toda a raça de macula, judeu ou outra qualquer macula, e de nobre e limpo sangue, e por tais mando sejam havidos, tidos e conhecidos, e lhe sejam guardadas todas as honras, privilegios, liberdade e preeminencias, de que gosam e podem gosar em razão da dita nobreza, como tambem em virtude dela e na forma da sentença do ouvidor, que confirmo, os hei por legitimos herdeiros de Braz Esteves Leme, e como direitos universais poderão e devem só herdar em seus bens e nos mais de quem diretamente forem herdeiros, em cuja herança não poderão herdar os naturais e bastardos por ser assim conforme a mesma lei: Cumpri-o assim, e al não façais. Dada nesta vila de São Paulo e passada pela minha chancelaria aos 3 dias do mês de Março. El-rei Nosso Senhor o mandou pelo licenciado Simão Alvares de Lapenha, ouvidor geral com alçada, provedor-mór das fazendas dos defuntos e ausentes, órfãos e residuos e capelas, juiz das justificações e auditor geral do exército de Pernambuco, e de toda a repartição e distrito do Sul. Manoel Coelho, escrivão da

correição e ouvidoria geral desta repartição do Sul a fez ano do Nacimento de Nosso Senhor Jesús Cristo de 1640 anos. — Manoel Coelho. — Cumpra-se como nela se contém — São Paulo, 7 de Março de 1640 — Camargo. Esta sentença se acha junto aos autos de inventario de Braz Esteves Leme, no primeiro cartorio do judicial e notas da cidade de São Paulo como já temos referido neste título.

CAPÍTULO V, ÚLTIMO

1 — 5. Lucrecia Leme casou em São Vicente com seu tio Fernando Dias Paes, natural da vila de Abrantes, onde teve uma irmã, que foi mulher de João Gameiro, de cujo matrimonio foi filho João Pinheiro, desembargador do paço, o qual foi pai do desembargador José Pinheiro, morador ás Portas do Sol em Lisboa, em casas proprias, que foi conselheiro do conselho e junta da fazenda pelos anos de 1667, e casado com d. Luiza Palha de quem não teve filhos, e ela vivia pelos anos de 1720, nas suas casas ás Portas do Sol. Este José Pinheiro foi chamado pelo infante d. Pedro quando tomou posse de regente do reino para dar o seu parecer sobre esta materia, como se vê no *Portugal Restaurado*, segunda parte a fl. 699. Este Fernando Dias Paes tinha sido casado na vila de São Vicente com Helena Teixeira, de quem tivera tres filhos: Francisco Teixeira, Vicente Teixeira e Antonio Teixeira, que todos foram para a Bahia, chamados de um parente que tinham nesta cidade de grande respeito e tratamento, nela casou Antonio Teixeira, o qual teve uma filha que casou na mesma cidade, onde tem nobre geração.

Foi Fernando Dias assim em Santo André como em São Paulo uma das pessoas de maior respeito, e das primeiras do governo da república, cujos cargos ocupou repetidas vezes, como se vê dos livros da Camara da cidade de São Paulo, e no ano de 1590 era juiz ordinario, sendo seu companheiro Antonio de Savedra. (Cartorio do primeiro tabelião, livro de notas, título, 22 de Fevereiro de 1590). Fez o seu estabelecimento no sitio dos Pinheiros onde teve uma grande fazenda de cultura, cujas terras de matos e campos chegavam até a ribeira do Iporanga, compreendendo a distancia de uma legua. Faleceu com testamento e codicillo em São Paulo a 5 de Outubro de 1605, e nele declarou os filhos que tivéra na vila de São Vicente de Helena Teixeira sua primeira mulher, como temos referido. Procedeu na fatura do inventario dos seus bens o dr. desembargador e provedor-mór do Estado Francisco Subtil de Siqueira. Faleceu Lucrecia Leme com testamento em São Paulo no 1.º de Julho de 1641 (24). E teve sete filhos:

2 — 1. Isabel Paes .... § 1.º
2 — 2. Leonor Leme .... § 2.º

(24) Orfãos de São Paulo, maço 1.º, de inventários, letra F., n. 11, o de Fernando Dias. E letra L, maço 1.º, n. 30, inventário de Lucrecia Leme.

2 — 3. Fernão Dias Paes .... § 3.º
2 — 4. Maria Leme .... § 4.º

2 — 5. Pedro Dias Paes Leme .... § 5.º
2 — 6. Luzia Leme .... § 6.º
2 — 7. Luiz Dias Leme .... § 7.º

§ 1.º

2 — 1. Isabel Paes, casou em São Paulo, e passando-se de morada para Portugal com o marido, viuvou na cidade do Rio de Janeiro em 1599, em cujo ano passou a segundas nupcias com José Serrão, com quem embarcou para Lisboa, onde se estabeleceu, e viuvando, escreveu a seu sobrinho Paschoal Leite Paes, que a fosse conduzir para a patria, a vila de São Paulo, para onde com efeito se recolheu, e faleceu sem geração.

§ 2.º

2 — 2. D. Leonor Leme, casou com Simão Borges de Cerqueira, moço da camara de el-rei d. Henrique, natural de Mezamrio. Com geração. Em título de Cerqueiras, cap. §.

§ 3.º

2 — 3. Fernão Dias Paes, casou com Catharina Camacho, filha de João Maciel e de sua mulher Paula Camacho, o qual casal veio da vila da.... do Minho para São Paulo com filhos e filhas; e foi esta familia uma das primeiras que povôou a vila de São Paulo. Foi Fernão Dias potentado pelo dominio, que teve em um grande número de indios, que fez baixar do sertão com o poder das suas armas; e fundou a populosa aldea chamada de Imbohû, que, depois, por escritura de doação entre marido e mulher, cederam aos padres jesuitas do colegio de São Paulo, em cujo instituto era religioso um filho unico que tiveram, chamado o padre Francisco de Moraes, chamado de alcunha *Malagueta*, que é uma pimenta muito forte e acre e na cor encarnada, que ha no Brasil. Depois deixaram herdeiro dos seus bens ao mesmo colegio, com a pensão de uma festa anual á imagem de Nossa Senhora do Desterro, que tinham colocado em um altar, que fundaram na igreja de mesmo colegio, e estabeleceram jazigo para serem sepultados nele, como assim se verificou.

§ 4.º

2 — 4. Maria Leme, casou com Manoel João Branco, natural da vila de Setubal, donde se passou com seus irmãos, Francisco João Branco, que casou com Anna de Cerqueira, em título de Buenos, cap. 2.º, e o padre Antonio João, clerigo de São Pedro, que

voltou para a patria Setubal. Este Manoel João Branco, no ano de 1624, foi administrador geral das minas de São Paulo, provido por Diogo de Mendonça Furtado, governador geral do Estado do Brasil, como se vê no arquivo da Camara de São Paulo, caderno de vereanças, tit. 1625, á fl. 16. Adquiriu um grande cabedal extraído das minas de ouro de São Paulo, pretendeu estabelecer casa em seu filho Francisco João Leme, ao qual mandou para a vila da Vitória, da capitania do Espirito Santo, para se instruir na gramatica latina, e porque casou na dita vila, concebeu o pai um grande dissabor, porque destinava o filho para maiores estudos em Portugal. Estando já em avançados anos, entrou nos pensamentos de querer conhecer ao seu rei e natural senhor. Com efeito, poz em execução esta nobre idéa. Foi embarcar á Bahia, onde mandou fazer umas bolas de ouro, palhetas, e aro, e tambem um pequeno cacho de bananas, tudo de ouro, e chegando á corte, beijou a mão a sua magestade o senhor rei d. Affonso VI, a quem com sinceridade de pureza de ánimo ofereceu o presente, e mereceu a honra de lhes ser aceito. Apareceu com as mesmas cans brancas da cabeça, e el-rei lhe fez um grande agasalhado, vendo na sua presença um vassalo que de tão longe ia procurar a honra de beijar-lhe a mão. Era tão velho, que temendo os balanços de uma carruagem, levou de São Paulo ou da Bahia, uma rede de fio de algodão e lã de varias cores, que ainda hoje se tecem na capitania de São Paulo com perfeição, nela andava embarcado na corte de Lisboa, e em logar de mariolas, carregavam a rede mulatos calçados, seus escravos, que já os conduziu para este ministerio. Seria objeto de grande riso esta nova carruagem em Lisboa, e na verdade só a Providencia o faria escapar das pedradas dos rapazes da Cotovia. A real grandeza lhe franqueou as portas para que pedisse, e foi tão material este caduco velho, que não quiz mais mercês do que a de uma data de 11 leguas de terra em quadra no sertão (hoje vila de Guaratinguetá) no rio Guaipacaré, que existe inutilmente. Sem chegar a cultura delas, aos seus descendentes, que por moradores de São Paulo desprezaram aquelas terras. De Portugal voltou Manoel João Branco, supondo que nesta data trazia o maior morgado e chegou a São Paulo, onde faleceu. E teve tres filhos:

3 — 1. Francisco João Leme.
3 — 2. Anna Leme.
3 — 3. Isabel Paes.

3 — 1. Francisco João Leme, foi mandado por seus pais para a capitania do Espirito Santo a estudar gramatica latina, e seguindo os estimulos da sua inclinação, casou na vila da Vitória com Barbara Mouzinho de Vasconcelos, e se recolheu a São Paulo, onde faleceu em 1679. (Orfãos de São Paulo, m. 2.º de inventarios, letra F, o de Francisco João Leme). Teve muitos indios do seu serviço, e com eles intentou ir povoar Guaratinguetá pelos anos de 1652,

e obteve data de oito leguas em quadra, por sesmaria de 4 de Março de 1652, como consta da provedoria da fazenda real de São Paulo, livro de sesmarias n. 10, á fl. 113 e fl. 114. Os filhos nomeados na petição e para cada um dos quais teve 1/2 legua são os seguintes:

1. — Manoel João.
2. — Jorge Mealheiro de Vasconcellos.
3. — Sebastião Leme.
4. — Miguel de Quebedo.
5. — Salvador João.
6. — Joanna Brandão de Vasconcellos.
7. — Isabel Paes.
8. — Maria Leme.
9. — Angela de Quebedos (25). E teve treze filhos.

4 — 1. Manoel João de Quebedo, casou com Maria de Faria, natural de São Paulo, filha do capitão Manoel Themudo, cidadão de São Paulo, natural de Chande Coute, freguezia de Nossa Senhora do Rosario (filho de Pedro Themudo e de Maria Simões Bernardes) que faleceu com testamento em São Paulo a 7 de Dezembro de 1670, e de sua mulher Maria Pedroso, como se vê do testamento de Manoel Themudo, no cartorio de orfãos de São Paulo, m. 2.º de inventarios, letra M, o de Manoel Themudo e de sua mulher Maria Pedroso, que foi filha de Diogo Penedo, que faleceu em São Paulo com testamento a 7 de Janeiro de 1646, e de sua mulher Simoa Fernandes, que faleceu em 1676 (26). O dito Manoel João de Quebedo, em 1693, e foi senhor e morador da fazenda do Tamanduatehí, que ainda hoje possue sua filha Maria de Quebedos, e existe este ano de 1766, viuva de Sebastião Henriques, como dizemos infra. E teve sete filhos:

5 — 1. Manoel Themudo, que casou com Maria Cardoso.
5 — 2. Isabel de Faria.
5 — 3. Bento.
5 — 4. Francisco Paes.
5 — 5. Domingos.
5 — 6. José Dias Paes.
5 — 7. Maria de Quebedos, viuva de Sebastião Henriques, natural de...., que ainda existe. E teve. Vide suplemento.

6 — 1. Frei Francisco de Quebedo, que existe comissario provincial dos religiosos do convento do Carmo de São Paulo.

6 — 2. Frei Marcello, que faleceu carmelita no convento da Ilha Grande.

6 — 3. Antonio Antunes.

---

(25) Isto a respeito da data que pediu Francisco João Leme, e os filhos que nomeou, poz depois em nota o autor, por isso eu sigo a ordem que ele escreveu antes, e não riscou.

(26) Orfãos de São Paulo, maço 2.º de inventários, letra D, n. 6, o maç. 7.º, letra S, etc.

6 — 4. Sebastião Henriques do Nascimento.

6 — 5. Rosa Maria, mulher de Antonio Corrêa Ribeiro, de cujo matrimonio houveram dois filhos:

7 — 1. Frei Leandro Manoel Ribeiro, carmelita.

7 — 2. Ricarda..., mulher de João da Silva Machado, natural da vila de Freixo de Espada a Cinta, que foi soldado dragão.

4 — 2. Jorge de Mealheiros de Vasconcellos, batizou-se em São Paulo a 19 de Agosto de 1646.

4 — 3. Sebastião Paes Leme.

4 — 4. Miguel de Quebedo Leme.

4 — 5. José de Quebedo, faleceu solteiro.

4 — 6. Domingos de Quebedo, faleceu solteiro.

4 — 7. Frei Antonio da Trindade, franciscano, o trapiá de alcunha.

4 — 8. Isabel Paes, mulher de Antonio de Macedo, que foram paes de Miguel de Quebedo Leme, que casou na matriz de São Paulo a 2 de Maio de 1700, com Antonio Rodrigues, filho de Paulo Nunes de Siqueira e de sua mulher Joanna de Castilho.

4 — 9. Maria Leme, mulher de Thomé Freire.

4 — 10. Angela Mouzinho de Quebedo, casou com Roberto Nunes de Sousa Coutinho, bisavós do capitão Ignacio Francisco da Nobrega e Silva, da Ilha Grande, governador de São Thomé.

4 — 11. Filippa Vaz, faleceu solteira de bexigas em 1731.

4 — 12. Barbara Moizinho de Vasconcellos, casou com Francisco Nunes de Siqueira, filho de Paulo Nunes de Siqueira e de Joanna de Castilho, acima, e foram paes de frei Euzebio..., carmelita, e de André de Oliveira, que foi genro de José da Silva Góes, por alcunha "Cabeça do Brasil", e de sua mulher Anna de Moraes, que ainda existe.

4 — 13. Nataria de Vasconcellos, casou na matriz de São Paulo a 4 de Janeiro de 1700 com Antonio de Lemos, filho de José de Lemos e de sua mulher Anna de Lara.

3 — 2. Anna Leme (filha de Maria Leme e Manoel João Branco, do § 4.º), casou com David Ventura, que se passou para a cidade da Bahia, onde faleceu testando grande cabedal, com o qual dotou a uma sobrinha de sua mulher, filha de Francisco da Cunha, de que na Bahia havia geração, chamada dos Lemes de David Ventura. Em São Paulo faleceu Anna Leme com testamento a 5 de Setembro de 1668, e se mandou sepultar no jazigo que sua mãi tinha na igreja do convento do Carmo de São Paulo. Sem geração.

3 — 3. Isabel Paes, faleceu a 18 de Abril de 1632, com testamento (27) e foi casada com Marcos Mendes de Oliveira, que viuvando se ordenou e foi clerigo de São Pedro e vigario da igreja matriz de São Paulo. E teve dois filhos:

---

(27) Orfãos de São Paulo, maço 2.º, letra I, n. 100.

4 — 1. Maria Leme, mulher de Francisco da Cunha, de cujo matrimonio houve a filha, que David Ventura casou na cidade da Bahia, como fica referido.

4 — 2. Manoel João de Oliveira, cidadão de São Paulo, faleceu em 1689, e foi casado com Francisca de Lira, filha de Lourenço Corrêa de Lemos, com geração em título de Moraes, cap. 2.º, § 5.º.

§ 5.º

2 — 5. Pedro Dias Paes Leme (filho de Fernando Dias Paes e de Lucrecia Leme, do cap. 5.º), ocupou os cargos da república muitas vezes: foi paulista de uma grande estimação e respeito: faleceu a 16 de Julho de 1633, sepultado na capela mór da igreja do Carmo de São Paulo, em jazigo proprio. Foi casado com Maria Leite, que faleceu a 13 de Maio de 1667 e se sepultou no seu jazigo da capela mór da igreja dos carmelitas (28) : foi natural de São Paulo, filha de Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria, dos Açores, e de sua mulher Isabel do Prado, irmã do padre Domingos do Prado, jesuita, faleceu entrevado no colegio de São Paulo. Em título de Prados, cap. 1.º. Este Paschoal Leite Furtado, foi irmão direito de Catharina Furtado Leite, mulher de Sebastião de Fontes Velho; irmão do capitão Francisco de Andrade, o qual foi pai de d. Francisco de S. Hieronimo, segundo bispo da cidade do Rio de Janeiro, e passou dito Paschoal Leite Furtado em serviços da coroa ás minas de São Paulo, chamadas de São Vicente, o que tudo melhor consta do brazão de armas passado em Lisboa a 23 de Janeiro de 1709, pelo rei de armas Manoel Leal, sendo escrivão da nobreza José Duarte Salvado, cavaleiro fidalgo da casa real por sentença proferida pelo desembargador Alexandre Corrêa da Silva, a favor de Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria, que se acha registrada no liv. 5.º de registos da Camara de São Paulo, a fl. 65, pelo escrivão dela João Ferreira dos Santos, no ano de 1762, a requerimento nosso. O conteúdo em dito brazão de armas se lê tambem no livro da *Historia insulana,* do padre mestre Antonio Cordeiro, da companhia de Jesus, impresso em Lisboa, ano de 1717. Tambem se vê o mesmo no *Nobiliario* do reverendo dr. Gaspar Fructuoso, liv. 3.º, cap. 3.º. Por estes nobiliarios e pelo dito brazão consta a qualificada nobreza de Paschoal Leite Furtado, que foi filho de Gonçalo Martins Leite, neto de Jorge Furtado de Sousa, que teve o foro de fidalgo da casa real (filho de Ruy Martins Furtado e de sua mulher Maria Martins, irmã direita de João de Arruda da Costa, filhos de João Gonçalves Botelho e de sua mulher Isabel Dias, o qual João Gonçalves Botelho foi filho de Gonçalo Vaz Botelho, em título de Botelhos Arrudas, onde temos mostrado a ascendencia toda deste Gonçalo Vaz

(28) Orf. de São Paulo, maço 1.º de invent. letra P, n. 32, o de Pedro Dias Paes, e maço 3.º, letra M, o de Maria Leite.

Botelho, povoador da ilha de São Miguel; e o dito Ruy Martins Furtado foi filho de Martim Annes Furtado de Sousa, fidalgo principal da ilha da Madeira, dos Corrêas que depois passaram para a Graciosa, como trás o reverendo dr. Gaspar Fructuoso, liv. 4.º, cap. 16) e de sua mulher Catharina Nunes Velho, como se vê do dito brazão, que para clareza destes ascendentes de Paschoal Leite Furtado, o damos aqui copiado fielmente para instrução do leitor; e seguindo-o agora foi dita Catharina Nunes Velho, filha de Fernão Vaz Pacheco, como escreve dito Fructuoso, liv. 4.º, cap. 10, e de sua mulher Isabel Nunes Velho, filha de Nuno Velho, irmão de Ruy de Mello, estribeiro-mór del-rei d. João II, e de sua mulher Africa Annes, viuva de Jorge Velho. Nuno Velho foi filho de Diogo Gonçalves de Travassos, que foi vedor do infante d. Pedro, regente de Portugal, padrinho e aio dos filhos do dito infante, com quem se achou na tomada de Ceuta; foi do conselho del-rei dom Affonso V, e tanto seu privado que na sua doença foi visitado del-rei em pessoa: jaz sepultado no convento da Batalha, á porta da capela dos reis, com a letra D sobre a sua sepultura (deste Diogo Gonçalves de Travassos, faz menção José Soares da Silva, academico da real academia da história portuguesa nas *Memorias del-rei d. João I*, tomo 3.º, §§ 1664 e 1690) e de sua mulher d. Violante Cabral, irmã de frei Gonçalo Velho Cabral, descobridor e donatario das ilhas de Santa Maria e São Miguel, comendador do castelo do Almurol e senhor das vilas das Pias, Becelga e Cardiga, e foram filhos do fidalgo Fernão Velho e de sua mulher d. Maria Alvares Cabral, que foi filha do sr. de Belmonte.

BRAZÃO DE ARMAS DOS VELHOS, MELLOS, CABRAES, TRAVASSOS

Portugal, rei de armas principal do muito alto e poderoso rei d. João V, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalém mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação, commercio da Etiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão e brazão de armas e fidalguia, nobreza digna de fé, e crença virem que por parte de Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria, ilha dos Açores, me foi feita petição por escripto, dizendo que pela sentença junta, que offerecia passada em nome de sua magestade e pela chancellaria da corte e promulgada pelo dr. Alexandre da Silva Corrêa, do desembargo do dito sr. desembargador da casa da supplicação e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis, constava ser elle supplicante descendente das nobres e illustres familias dos Mellos, Velhos, Cabraes e Travassos, que deste reino são fidalgos antigos de solar conhecido e cota de armas, por ser irmão dos padres José de Andrade e Manoel Martins Columbreiro, filhos de Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Catharina Furtado Leite, irmã de Paschoal Leite Furtado, que em ser-

viços desta coroa passou ás minas da capitania de São Vicente: neta por seu pai Gonçalo Martins Leite, de Jorge Furtado de Sousa, que teve o foro de fidalgo, e de sua mulher Catharina Nunes Velho, filha de Isabel Nunes Velho, que foi filha de Nuno Velho, filho de Diogo Gonçalves Travassos e de d. Violante Alvares Cabral, neta do sr. de Belmonte: e o dito Sebastião de Fontes Velho, com seu irmão Francisco de Andrade, pai do sr. dom Francisco, bispo do Rio de Janeiro, eram filhos do capitão Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Maria Velho Mello, o qual capitão era filho do capitão Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Maria Romeiro Velho, o qual segundo avô do supplicante era filho de Adão de Fontes e de sua mulher Beatriz Afonso, fidalga da ilha da Madeira; e o dito Adão de Fontes e Jorge de Fontes, fidalgo cavalleiro do habito de Christo, eram filhos de João Fontes das Cortes e de sua mulher Ignez Affonso; e a dita Ignez Affonso sua quarta avó, era filha de Africa Annes, e de seu primeiro marido Jorge Velho, fidalgo africano; a qual era filha de Gonçalo Annes e de sua mulher Simôa de Sá, fidalgos desta corte: E Maria Velho de Mello, avó do supplicante, era filha de Diogo Velho de Mello e de sua mulher Anna de Andrade, filha de Balthazar Velho de Andrade, que teve o fôro de fidalgo e de sua mulher Marqueza Fernandes, de quem elle é terceiro neto: e Diogo Velho de Mello, era filho de Domingos Fernandes e de sua mulher Margarida Affonso, filha de Duarte Nunes Velho; fidalgo cavalleiro do habito de Santiago: e a dita Marqueza Fernandes era filha de Domingos Fernandes e de sua mulher Margarida Affonso, filha do dito Duarte Nunes Velho: e a dita Maria Romeiro, segunda avó do suplicante era filha do capitão Manoel Romeiro Velho, neta de Breolania Nunes, filha de Lourenço Annes, fidalgo da vila de São Sebastião da ilha Terceira, e sua mulher Grimaneza Affonso de Mello, irmã do dito Duarte Nunes Velho, filhos da dita Africa Annes e de seu segundo marido Nuno Velho, irmão de Pedro Velho e de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór del-rei d. João II, que eram irmãos de d. Catharina Velho Cabral, avó de Manoel da Silveira, senhor de Terina, e da mulher de Nuno da Cunha, vice-rei da India; o qual Nuno Velho, quarto avô do supplicante com os ditos seus irmãos, são filhos de Diogo Gonçalves Travassos e de sua mulher d. Violante Alvares Cabral, irmã de d. Thereza, mãi de João Soares de Albergaria, donatario das ilhas de São Miguel e Santa Maria, e de frei Gonçalo Velho Cabral, commendador do castello do Almurol, senhor das villas das Pias, Becelga e Cardiga, descobridor das ilhas e seu primeiro donatario, os quaes são filhos do fidalgo Fernão Velho e de sua mulher d. Maria Alvares Cabral, filha do sr. de Belmonte. Por cujas razões largamente se mostra por sentenças, lhe pertencem as armas das nobres familias referidas, das quaes quer usar, que são as dos Mellos, por seu quarto avô o sobredito Nuno Velho, irmão de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór del-rei dom João II. E as armas dos Velhos pela casa dos commendadores do Almurol o dito frei Gonçalo Velho Cabral: e das armas dos Cabraes pela casa de Bel-

monte, de quem era filha a dita d. Maria Alvares Cabral: e a dos Travassos pelo seu quinto avô Diogo Gonçalves de Travassos, vedor do infante d. Pedro, regente deste reino, e seu escrivão da puridade, com o qual se achou na tomada de Ceuta, e foi aio e padrinho dos filhos do dito infante, e do conselho del-rei d. Affonso V, e tanto seu privado que na sua doença foi visitado del-rei em pessoa, e está sepultado no convento da Batalha á porta da capella dos reis com esta letra D sobre sua sepultura de mandado do dito rei: dos quaes todos elle supplicante descendia por linha direita, sem quebra de bastardia e serem christãos velhos, e limpos de toda a raça de nação infecta, e se tratar elle supplicante a lei da nobreza, como todos seus avós, com armas, cavallos e escravos, e por tal estava julgado na dita sentença; e por se não perder a memoria de seus progenitores, de sua antiga fidalguia, e nobreza, queria elle supplicante para conservação della um brazão de armas pertencentes ás ditas gerações; pelo que me pedia lhe mandasse passar carta e certidão de brazão em forma com as ditas armas illuminadas assim como elle supplicante as havia de trazer e dellas usar, e receberia mercê. E visto por mim a dita sua petição e sentença, que fica em poder do escrivão da nobreza, e por ella consta estar elle supplicante julgado por legitimo descendente das ditas gerações, que neste reino são fidalgos de solar, pelo haver assim provado na dita sentença, na qual achei o conteúdo na dita petição, em virtude da qual revi os livros da fidalguia e nobreza do reino, e nelles achei registradas as armas que ás ditas linhagens pertencem, que são as que nesta lhe dou divisadas e illuminadas. Um escudo posto ao balão esquartelado. No primeiro as armas dos Mellos em campo vermelho, seis bezantes de prata entre doble cruz e uma bordadura de ouro. No segundo a dos Velhos em campo vermelho cinco vieiras de ouro em aspa. No terceiro as dos Cabraes em campo de prata duas cabras pastantes de purpura. No quarto as dos Travassos em campo vermelho cinco rosas de trevo de ouro em aspa: timbre o das armas dos Mellos que é uma aguia preta com bezantes de prata, paquife dos metaes e cores das armas e por differença uma estrella vermelha. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem, eu Manoel Leal, rei de armas Portugal e principal com o poder de meu muito nobre e real officio lhas dou, e assigno assim como vão no dito escudo; das quaes armas poderá usar, com acto e prerrogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gozar de todas as graças, liberdades, honras, isenções e privilegios, que pelos srs. reis destes reinos foram concedidos aos fidalgos e nobres delles, e em especial aos das ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas e em todas as mais emprezas assim de paz como de guerra, e em tudo o mais, que licito for, e as poderá fazer pintar e bordar em seus reposteiros, bandeiras, estandartes, e abrir em suas baixellas, aneis, sinetes, e nas portas das suas casas e quintas; e finalmente as poderá esculpir e deixar sobre sua propria sepultura, servindo-se e honrando-se dellas como a sua nobreza e fidalguia convém, e como o fazem os mais fidalgos e

nobres deste reino: pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de Sua Magestade da parte do dito senhor e da mesma por virtude do officio, que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou della, rei de armas, arautos e passavantes, a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar assim como por mim é determinado e julgado; e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do meu officio. Dada nesta corte e cidade de Lisboa, aos 23 dias do mez de Janeiro de 1709. Francisco de Almeida a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real e escrivão da nobreza destes reinos e senhorios de Portugal, e eu José Duarte Salvado a fiz escrever e subscrevi — Rei d'armas — Cumpra-se e registre-se como nella se contém. Em camara aos 23 de Outubro de 1762. — Piza — Bueno — Campos — Sá. Fica registrado no liv. 5.º do registro geral de fl. 65 v. até fl. 67. São Paulo, 25 de Outubro de 1762. — João Ferreira dos Santos.

Do matrimonio de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º e de sua mulher Maria Leite, nasceram em São Paulo, nove filhos:

3 — 1. Fernando Dias Paes, governador das Esmeraldas.
3 — 2. Paschoal Leite Paes.
3 — 3. Pedro Dias Leite.
3 — 4. João Leite da Silva.
3 — 5. Maria Dias.
3 — 6. D. Isabel Paes da Silva.
3 — 7. Potencia Leite.
3 — 8. Veronica Dias Leite.
3 — 9. Sebastiana Leite da Silva.

3 — 1. Fernando Dias Paes (filho de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º), ocupou repetidas vezes os honrosos cargos da república de São Paulo. Foi capitão de infantaria das ordenanças e capitão-mór do mesmo regimento. Este paulista soube conciliar um grande nome e igual respeito com grande paixão ao real serviço em todas as ocasiões que se ofereceram dele, e o seu nome depois de encher as praças do Brasil, passou aos ouvidos dos srs. reis d. Afonso VI e d. Pedro II, porque de ambos mereceu honrosas cartas de agradecimento firmadas pelo real punho, as quais, com os mais papeis que são as patentes de capitão, de governador da leva e descobrimento, atestações das camaras de São Paulo e outras vilas da capitania de São Vicente e de outras pessoas tais como d. Rodrigo de Catel Blanco, capitães-mores, vigario da vara e igreja, e finalmente todos os papeis de seus grandes serviços se acham na secretaria do conselho ultramarino na consulta que se formou por este tribunal a favor de Pedro Dias Paes Leme, neto do dito Fernando Dias Paes. E tambem se acham lançados em um dos livros de registos que serviu em 1703, que se acha em um dos cartorios de notas da cidade do Rio de Janeiro, em o qual era

tabelião pelos anos de 1744 Francisco Xavier da Silva. Damos aqui neste logar somente as copias das cartas régias fielmente extraídas dos seus originais:

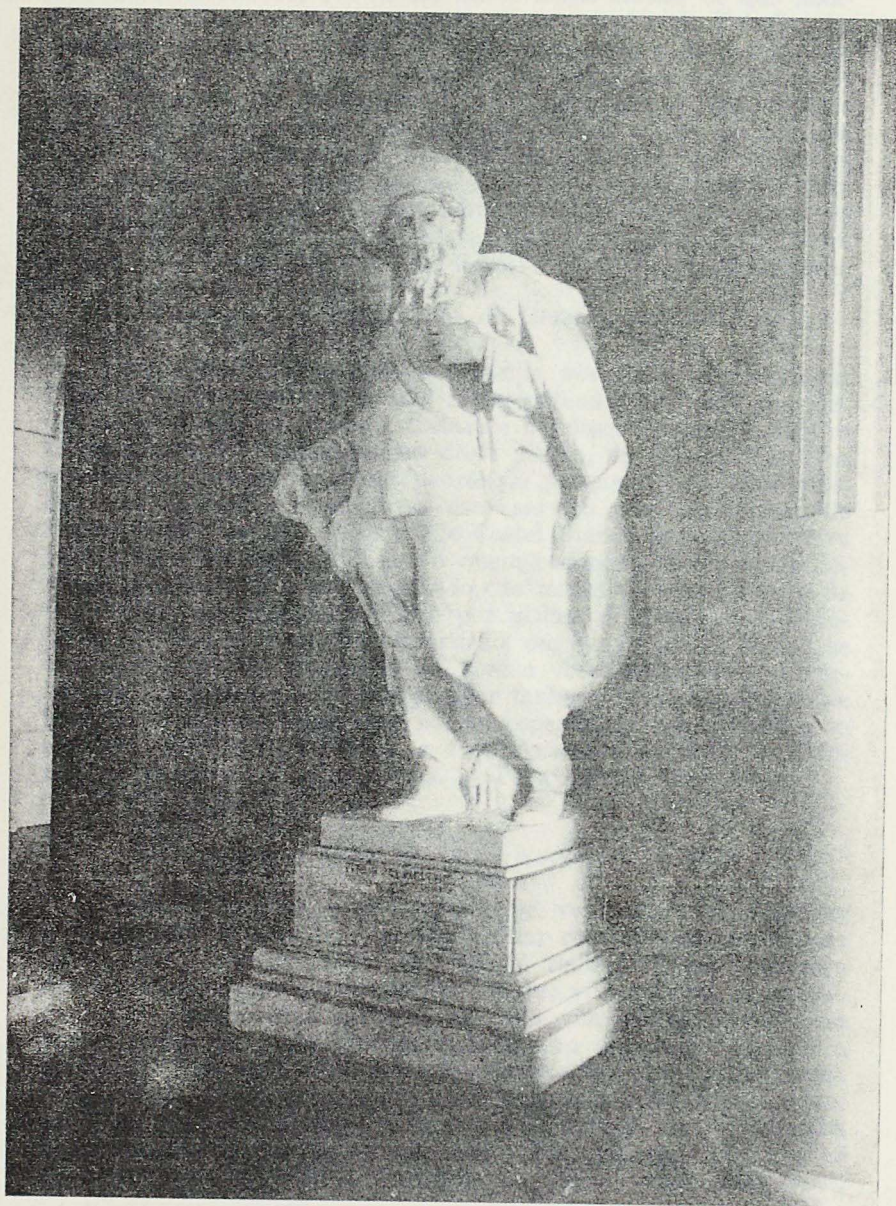
Carta do sr. d. Affonso VI, de 27 de Setembro de 1664

Capitão Fernão Dias Paes. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Bem sei que não é necessario persuadir-vos a que concorrais da vossa parte com o que for necessario para o descobrimento das minas, a que envio a Agostinho Balbalho Bezerra, considerando ser natural desse Estado, e que como tal mostre particular desejo dos augmentos delle, confiando pela experiencia, que tenho do bem que até agora me serviu, que assim o fará em tudo o que lhe encarregar; porque pela noticia que me tem chegado do vosso zelo, e de como vos houvestes em muitas ocasiões do meu serviço me faz certo vos disporeis á me fazer esta: elle vos dirá o que convier para este effeito: encommendo-vos lhe façais toda a assistencia para que se consiga com o bom fim, que ha tanto se deseja, o que eu quizéra ver conseguido no tempo e posse do governo destes meus reinos, entendendo, que hei de ter muito particular lembrança de tudo o que obrardes nesta materia para vos fazer a mercê e honra que espero me saibais merecer. Escripta em Lisboa a 27 de Setembro de 1664. Rei. — O conde de Castello Melhor. Para o capitão Fernão Dias Paes.

Carta de sua alteza de 30 *de Novembro de* 1674

Fernão Dias Paes. — Eu o principe vos envio muito saudar. Pela cópia de vossa carta de 21 de Julho deste anno, que me remetteu o governador Affonso Furtado de Mendonça, me foi presente como naquelle dia partieis ao descobrimento das minas do sertão de São Paulo e terra das Esmeraldas, e o dispendio que para este effeito fizestes, o que vos agradeço muito e o zelo que tendes do meu serviço, e espero, e fico com lembrança para que assim a vós, como aos que vos acompanham mande fazer as mercês que merecem por tal serviço, tendo consideração ao que representastes ao governador na vossa carta e ao empenho com que fazeis essa jornada, de que me darei conta do successo della para com effeito vos mandar deferir como houver por bem. Escripta em Lisboa 30 de Novembro de 1674. — Principe. — O conde de Cal dos Reis. — Para Fernão Paes de Barros. (* Talvez haja engano na cópia.)

Carta de sua alteza de 25 *de Fevereiro de* 1674

Fernão Dias Paes. — Eu o principe, vos envio muito saudar. Pela vossa carta de 12 de Agosto de 1672, me foi presente o grande zelo do meu serviço, com que vos dispunheis ao descobrimento das

Estátua de Fernão Dias Paes Leme, por Luís Brizzolara — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

minas de esmeraldas, que se diz haver nesse sertão, de que mandastes um papel sobre esta materia ao governador do Estado, por cuja causa e ordem trataveis este descobrimento e de outros, que quererá Deus que por vosso meio se effectuem para melhoramento desta corôa, e suas conquistas; e como para este effeito tenhaes preparado gente, e feito despesa consideravel, o que me pareceu agradecer-vos; e que com aviso vosso do que neste negocio obrardes quando tenha effeito, que se deseja, podeis esperar de mim toda a mercê e acrescentamento, como tambem as pessoas que vos acompanharem. Escripta em Lisboa, a 25 de Fevereiro de 1674. Principe. — O conde de Val dos Reis. — Para Fernão Dias Paes.

Carta de sua alteza de 4 *de Dezembro de* 1677

Fernão Dias Paes. — Eu o principe, vos envio muito saudar. Pelas cartas que me escrevestes fiquei entendendo o zelo que tendes do meu serviço, e como trataveis do descobrimento da serra de Sabarabuçú e outras minas deste sertão, de que enviastes as mostras de crystaes e outras pedras; e porque fio do vosso zelo, que ora novamente continuaes esse serviço com assistencia do administrador geral d. Rodrigo de Castel Blanco, e do thesoureiro geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno, que depois de devanecido o negocio a que os mando das minas de prata e ouro de Parnaguá, passem a Sabarabuçú por ultima diligencia dos descobrimentos das minas dessa repartição, em que ha tanto tempo se continua sem effeito; espero que com a vossa industria e advertencias que fizerdes ao administrador tenha o bom sucesso que se procura, e vós a mercê que podeis esperar de mim quando se consiga. Escripta em Lisboa, a 4 de Dezembro de 1677. — Principe. — O conde de Val dos Reis. — Para Fernão Dias Paes.

Carta de sua alteza de 12 *de Novembro de* 1678

Fernão Dias Paes. — Eu o principe, vos envio muito saudar. O governador Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio do meu serviço, que pondo-vos em effeito, redundará em augmento dos meus vassallos, principalmente dos que vivem nessa repartição do sul, e porque estou inteirado do zelo com que vos haveis em varios particulares do meu serviço, espero que neste ajudeis a d. Manoel Lobo com vossa pessoa, escravos e o mais a que vossa possibilidade der lugar porque se consiga o bom effeito deste negocio, e me fica em lembrança para com a informação do que obrastes vos fazer mercê que houver por bem. Escripta em Lisboa, a 12 de Novembro de 1678. — Principe. — Para Fernão Dias Paes.

Penetrou Fernando Dias Paes o sertão do sul até o centro da serra da Apucarana, no reino dos indios da nação *Guaianã,* pelos anos de 1661; nele existiu alguns anos, tendo estabelecido arraial

com o troço das suas armas, para poder vencer a redução daquele reino que se dividia em tres diferentes reis, vulgarmente chamados *Caciques*, e cada um deles se tratava como soberano, com leis ao seu reinado gentilico, que praticavam contra os vassalos culpados até o suplicio de garrote. Tinham tratamento e uso prático de cultura, com economia de recolherem os frutos aos celeiros. Eram estes tres reis confinantes uns dos outros e havia muitos anos que existiam inimigos com atuais guerras em cujas batalhas tinha perecido a maior parte da multidão dos seus vassalos; e se achavam já debilitados de forças quando Fernando Dias Paes postou naqueles sertões. Eram estes tres reis os seguintes: *Tombû*, que usava de armas sobre o portico do seu palacio, e eram elas um ramo seco com tres araras vivas, de sorte que morrendo uma destas aves, lhe substituia para logo outra, porque delas se animava a empreza deste barbaro gentio. Era este *Tombû* o mais poderoso entre os dois reis da sua nação e o mais observante do cumprimento das suas gentilicas leis: usava de oficial como mestre de cerimonias, e este era o atual camarista que lhe assistia no paço e fazia dar entrada nele aos vassalos, que tinham necessidade da audiencia do seu rei. Depois de admitidos á sua presença lhe falavam com os joelhos em terra, sem jamais levantarem os olhos para ver a face do rei. Quando saia fora se fazia carregar como em andor em que ia sentado, e este fingido trono era sobre os hombros de quatro homens dos mais principais do reino. Os vassalos logo que viam ao rei, se prostravam com os joelhos em terra com tanta reverencia e submissão, que inclinando a cabeça, beijavam a terra, em cuja positura se conservavam até passar o dito rei. Este foi o que mereceu a felicidade de chegar a São Paulo, como logo diremos.

O outro rei se chamava *Sondá*, e o outro *Gravitay*. A estes tres reis poz cerco Fernando Dias Paes, tomando-lhes as feitorias e plantas das suas sementeiras; e fazendo-lhes ver que o seu intento não era distraí-los com as armas, mas sim estabelecer com todos uma firme amizade, e conduzí-los para o gremio da igreja. A este intento não faltou a providência do Senhor, porque sem os estrondos das armas e tiranias das mortes, conseguiu Fernando Dias a ventura desta redução. Estando já dispostos os animos dos tres reis para com seus vassalos deixarem os reinos e acompanharem para São Paulo a Fernando Dias, cuja amizade já estava muito adiantada na estimação destes gentios; faleceu o rei *Gravitay*, o que deu causa para se apressar a resolução de deixarem aqueles sertões e patria do seu gentilismo. Poz-se em marcha o grande corpo daqueles reinos, e todos seguiam gostosos esta transmigração, debaixo do comando, inteiramente do seu conquistador e amigo Fernando Dias. Nesta marcha faleceu o rei *Sondá* e os vassalos deste e os de *Gravitay* se uniram todos ao agazalho do rei *Tombû*, que chegou a São Paulo com cinco mil almas de um e outro sexo. Fernão Dias fez estabelecer este reino nas margens do rio Tieté, abaixo da vila de Santa Ana de Parnaíba, para se aproveitar este

grande número de gente da fertilidade do dito rio pela abundancia dos seus peixes e da grande mataria para a cultura das sementeiras de milho, feijão e trigo. *Tombû* observando a desordem dos catolicos, quebrantando os preceitos da divina lei, repugnava o batismo, argumentando com diabolica teima, de que não era boa a lei, que o senhor dela não castigava para logo ao culpado transgressor. Todos os mais vassalos se foram instruindo nos sagrados dogmas para merecerem regenciar-se pela fonte do batismo. *Tombû* praticava sempre as virtudes morais, tendo por norte o lume natural, porque jamais se apartou desta virtude. Teve grande amor ou inclinação sobrenatural aos religiosos de São Francisco, os quais eram atualmente hospedados do agazalhado dêste gentilico rei, que com grandeza os fornecia da abundacia do trigo e mais fartura das suas sementeiras. Passados alguns anos, enfermou *Tombû*, e sendo sempre assistido do seu capitão e amigo Fernando Dias, que para este obsequio convidava aos parentes para ser maior o concurso da assistencia, chegando a hora da morte chamou *Tombû*, dizendo a Fernando Dias que se queria batizar; porque o padre que ali tinha a cabeceira lhe persuadia que assim fizesse para ir gozar da vista do pai Tupãa (quer dizer na versão portuguesa — Deus, Nosso Senhor). Não havia, na casa religioso algum, por cuja razão assentaram todos naquelas horas que Deus fôra servido, que aos olhos do gentio estivesse patente ou São Francisco ou Santo Antonio em figura de religioso para conversão dêste venturoso rei. Prontamente se chamou o paroco da freguezia, que, ministrando-lhe os sacramentos do batismo, recebeu Deus em sua igreja ao rei *Tombû* com o nome de Antonio, e conseguida esta dita, expirou. É indizivel o excesso gentilico que obraram os vassalos já catolicos na morte de seu rei; e a faltar Fernando Dias Paes, a quem muito amavam, certamente se tornariam para os centros de onde, por ele, tinham sido desentranhados. Foram repartidos pelos parentes do mesmo Fernando Dias, dos quais fiou o bom trato, a doutrina e o agazalho, como administradores desta gente. Assim se foram conservando até o ano em que obrigado do real serviço fez Fernando Dias, já enfraquecido com avançada idade, aceitação da emprêza para que era convidado.

Governava o Estado do Brasil Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, a quem o sr. Pedro, principe regente do reino recomendava muito o descobrimento das Esmeraldas. Estas foram sempre apetecidas do princípio do descobrimento do Brasil. Diogo Martins Cam, o *magnate* de alcunha, foi o primeiro que intentou o descobrimento destas pedras e das minas de ouro, para cujo fim fez entrada ao sertão pela capitania do Espirito-Santo, mas sem efeito. Seguiu-lhe os rumos o capitão Diogo Gonçalves Laço, que de São Paulo levou alguns companheiros para esta emprêza, como foi Francisco de Proença, cavaleiro fidalgo, filho de Antonio Proença, moço da camara do infante d. Luiz, como consta dos livros do arquivo do Senado de São Paulo, e desta história faz menção o padre Simão de Vasconcellos, nas *Noticias do Brasil*. Não esque-

ciam na corte estas noticias porque o sr. rei d. João IV, por carta sua datada em 9 de Janeiro de 1646, ordenou a Duarte Corrêa Vasques Annes, que então era governador do Rio de Janeiro, e tio de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, almirante do Sul, que fizesse entradas para o descobrimento das Esmeraldas no sertão da capitania do Espirito-Santo. Dispuzeram-se os Azeredos, sendo cabo da tropa Marcos de Azeredo Coutinho para esta entrada e descobrimento, como se vê da carta do mesmo senhor, datada a 8 de Dezembro de 1646; e uma e outra se acham registadas no conselho ultramarino, no livro de registos das cartas gerais de todas as conquistas, título 1644, á fls. 76, 87 e 96.

Todas estas despesas se malograram, porque não foi Deus servido que delas resultasse o apetecido efeito. Foi lembrado Fernando Dias Paes; e confiando-se do seu valor e experiencias militares da guerra contra o bravo gentio dos sertões de São Paulo, se lhe recomendou muito esta expedição e descobrimento das Esmeraldas, e conquista dos inimigos indios do reino Mapaxô. Já ele não estava em idade de penetrar sertões, porém ás suas enfraquecidas forças deu briosos alentos, o amor e zelo do real serviço. Dispoz-se para a jornada, levando a seu filho legítimo Garcia Rodrigues Paes, e um bastardo José Dias Paes, e por cabo seu futuro sucessor Mathias Cardoso de Almeida, um dos grandes paulistas com valor e experiencia dos sertões; e com outros mais paulistas e amigos e parentes formou o seu troço de avultado número de soldados, com o concurso dos indios *Guaianãs* da sua redução, já catolicos.

Foi grande o alvoroço com que o governador geral Affonso Furtado de Castro recebeu a resposta de Fernando Dias Paes, em que lhe segurava a sua resolução. Todas as despesas que a prudencia de qualquer deve conjeturar quais seriam, foram á custa do mesmo Fernão Dias, sem que a fazenda real lhe assistisse com cousa alguma para esta tão grande como assás recomendada expedição. Para ela entrou no ano de 1673, com o carater de governador da leva, de que se lhe passou a carta patente do teor seguinte:

"Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, commendador das commendas de São Julião de Bragança, da ordem de Christo, alcaide-mor da villa da Covilhãa, senhor de Barbacena, do conselho de guerra de sua alteza, governador geral do mar e terra do Estado do Brasil. etc. Por quanto tenho encarregado ao capitão Fernão Dias Paes o descobrimento das minas de prata e esmeraldas, a que ora está para partir da capitania de São Vicente, e sendo a importancia deste negocio de tanta consideração e de tão grandes conveniencias para o serviço de sua alteza, augmentos de sua real fazenda, e conservação deste Estado, convém, que para melhor poder obrar nelle vá com posto, authoridade e poder que melhor faça conservar a obediencia de todas as pessoas que o acompanharem; respeitando eu as qualidades que na sua concorrem, e esperando delle, que em tudo o que tocar as suas obrigações, e as disposições do fim a que o envio, se haverá muito conforme a

confiança que faço do seu merecimento. Hei por bem de eleger e nomear, como em virtude da presente faço, governador de toda a gente que tiver mandado adiante para o dito descobrimento, levar consigo ou for depois a incorporar-se com elle, assim de guerra como de outra qualquer condição; e com este posto usará da insignia que lhe toca, e gozará de todas as honras, graças, privilegios, preeminencias, franquezas, isenções e liberdades, que lhe tocam, podem e devem tocar aos que neste Estado tiverem semelhante occupação; pelo que o hei por mettido de posse, dando juramento nas mãos do capitão-mór da dita capitania de São Vicente. E ordeno ao mesmo capitão-mor e aos de outros quaesquer por onde fôr e aos officiaes maiores e menores da milicia, fazenda e justiça della, e camaras de quaesquer villas daquellas capitanias, e em particular as de São Vicente e São Paulo, e mais pessoas de todas ellas, o hajam, honrem, estimem e respeitem por tal governador da dita gente; e mando aos officiaes maiores e capitães, que da dita gente o acompanhar, tiver ido ou se for incorporar com ella, façam o mesmo, e obedeçam, cumpram e guardem todas as suas ordens, de palavra ou por escripto, tão pontual e inteiramente como devem e são obrigados; para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas, a qual se registrará nos livros da secretaria do Estado, e nos da camara das referidas villas de São Vicente e São Paulo, Antonio Garcia fez nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, em os 30 dias do mez de Outubro do anno de 1672. — Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, etc. (29)".

No ano de 1673 entrou para o sertão Fernando Dias Paes a demandar primeiramente a serra de Sabarabuçú, de que resultou descobrirem-se depois as ferteis minas de ouro, e chamadas vulgarmente Gerais ou de Sabará, e Cataguazes por Carlos Pedroso da Silveira, e seu socio Bartholomeu Bueno de Siqueira; os quaes paulistas animados da entrada que tinha feito o governador Fernando Dias Paes, penetraram o dito sertão, seguindo os vestigios que nele deixava o dito governador, e descobriram ouro, de que por mostras dele apresentaram 5/8as em 1695 a Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro (Vide em Toledos, cap §).

Não achando minas de prata na serra de Sabarabuçú, continuou o governador Fernão Dias o destino da sua comissão, entranhando-se por aqueles vastos e incultos sertões até chegar ao desejado dos barbaros indios *Mappaxos*, patria da apetecida serra das Esmeraldas. Assentou arraial no sítio de Itamerindiba; e depois dêste outros mais, estabelecendo plantas e celeiros para neles recolher os frutos das sementeiras, sendo mais populoso o arraial de São João do Sítio do Sumidouro.

Com constancia e igual valor se conservou Fernando Dias sete anos até conseguir á custa dos seus grandes cabedais, e ultima-

---

(29) Arquivo da Camara de São Paulo, liv. de registos, n. 4, título 1.664, fls. 98 e 99.

mente da propria vida o feliz, posto que laborioso, descobrimento das Esmeraldas. Nesta empreza acreditou a sua constancia e amor do real serviço, sem lhe fazer vacilar contra a propria resolução os muitos e varios contratempos que experimentou da fortuna. Consumidos com o tempo o fornecimento de polvora e bala, ferro e aço, sendo já morto um grande número de soldados exploradores, e a maior parte dos seus escravos e dos indios já catolicos *Guaianãas* da sua redução, lamentando tambem a morte dos parentes e amigos, que gostosos tinham deixado a tranquilidade da patria para o acompanharem e suportarem com ele os trabalhos, incômodos, e aspereza do sertão, com pestes, fomes e guerras dos barbaros inimigos seus habitadores; mandou a São Paulo enviados buscar á sua custa novo fornecimento do necessario, ordenando com briosa e liberal resolução á sua esposa d. Maria Garcia Betim, que depois de vender toda a prata e ouro de sua casa, não perdoasse as joias do adorno de suas proprias filhas. Assim o executou esta matrona, que igualmente liberal como discreta, não duvidou estragar o seu cabedal, para que seu marido conseguisse uma ação em que estava toda empenhada a honra, o crédito e nome de seu marido.

Enquanto os enviados penetraram os sertões, demandando o rumo para São Paulo se introduziu uma diabolica sugestão contra a vida do governador Fernão Dias, que a ter efeito ficava o descobrimento infrutuoso. Foi autor deste sacrilegio e barbaro atentado o mameluco José Paes, filho bastardo dos delirios da mocidade do governador Fernando Dias, que por muitas vezes poz em desconfianças de que o seu amor excedia para com este bastardo aos grandes merecimentos de seu legítimo filho e primogenito Garcia Rodrigues Paes, que com os brios do sangue que lhe animava as veias sabia constante sofrer as calamidades e miserias do sertão, para acompanhar nele sempre gostoso seu proprio pai. Querendo pois o mameluco José retirar-se para o povoado, temendo perder a vida ao rigor de tantas causas, a que viviam sujeitos todos os que restavam do grande número de pessoas, de que se tinha composto o troço, e discorrendo que esta ação não podia verificar-se primeiro sem tirar-se a vida ao governador Fernão Dias, seu pai, fez conciliabulo dos seus parciais, que sujeitando-se ao infernal arbitrio consentiram na proposição de tirar-se a vida ao dito governador para se retirarem livremente com todas as armas e a limitada porção de polvora e bala, que ainda havia, e deixarem em total desamparo aos poucos brancos que ainda restavam do numeroso corpo que se formava dos que saíram de São Paulo.

Foi Deus servido, que estando em uma noite nas diabolicas assembléias em consulta da resolução, que tinham tomado, transpirassem algumas vozes aos ouvidos de uma mulher *Guaianãa* já velha e casada, que por oculta Providencia de Deus tinha saído naquela hora da sua cabana, e sentindo rumor na casa do conciliabulo, aplicou os ouvidos ás paredes dela, que eram de tabique, e esfuracadas ao rigor dos invernos. Percebia ela muito bem a crueldade do assunto tornado na assembléia, e no mesmo ponto com discreta cau-

tela veiu informar de todo o fato ao governador. Este prontamente se armou, e sem mais companhia veiu examinar as vozes dos agressores, que ainda existiam no seu ajuntamento; retirou-se para logo, e com as cautelas e silêncio, que pedia o caso, passou o restante da noite. Amanheceu o dia, e comunicando a gravidade da materia a seu filho legítimo e aos oficiais parentes e amigos, procedeu na prisão dos culpados, que fazendo-os separar uns dos outros, se averiguou a verdade da capital culpa, que toda recaiu no filho mameluco; porém como o caso pedia um exemplar castigo para evitar outra futura ruina, negou-se ao amor, e piedade de pai, e todo cheio de reta justiça, fez levantar o réu ao alto, e depois de confessado e desenganado de que não escapava, o fez enforcar á vista de todo o arraial, com horror e temor dos mais companheiros.

Com este indispensavel castigo, evitou o governador Fernão Dias Paes outra conjuração, e ficou seguro de que se intentasse qualquer outra retirada por fuga. Chegaram os seus enviados com feliz regresso, providos do necessário que tinham vindo conduzir de São Paulo, e continuando a examinar os centros e serras do sertão dos *Mapaxos*, descobriu a célebre alagoa do Uvupabuçú, e em uma espessa mata a serra das esmeraldas. Dos socavões que fez dar, extrahiu ditas esmeraldas nos mesmos buracos onde Marcos de Azeredo antes de falecer tinha achado estas pedras, de que havia deixado uma pequena relação da figura da serra e a lagoa de Uvupabuçú, e os graus de altura em que tudo isto ficava, se poz em retirada o governador Fernão Dias, quando já os seus anos eram muito avançados.

Das carneiradas que produzem os rios daquele sertão enfermou o governador Fernão Dias Paes, e deu a vida ao Creador no mesmo ano do seu feliz descobrimento, que foi no ano de 1681, no sítio do Sumidouro, onde tambem da mesma peste acabaram outras muitas pessoas e a maior parte ou quasi todas do gentio *Guaianãa* do dito governador (como se vê da relação dêste fato nos termos que se lavrou no livro da camara de São Paulo das vereações, tit. 1675, á fl. 139, entregando as esmeraldas o ajudante Francisco João da Cunha, enviado por d. Rodrigo de Castel Blanco). Garcia Rodrigues Paes, seu filho primogenito, teve a lembrança de fazer embalsamar o cadaver de seu pai, para efeito de o vir sepultar no seu jazigo na capela-mor da igreja do mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo, deixou ficar uma guarda nos socavões das esmeraldas para serem defendidas e por cabo dela José de Castilho. Porém, antes que cheguemos ao fim desta relação, devemos instruir aos leitores no fato seguinte:

Veiu de Castela ao reino de Portugal um d. Rodrigo de Castel Branco, a quem sua magestade tomou por fidalgo da sua casa, o qual senhor persuadido das grandes expressões do tal castelhano, que assegurava ter um prático conhecimento de minas de ouro, prata e pedras preciosas, conseguiu o vir para o Brasil encarregado da administração das minas, com o carater de governador e administrador delas, vencendo de soldo 600$, de que se lhe passou provisão firmada por sua alteza a 25 de Novembro de 1677. Deu-

se-lhe para tenente-general a Jorge Soares de Macedo, a quem se passou carta patente deste emprego em Lisboa, em 30 de Outubro do dito ano, com soldo de 26$ por mez desde o seu embarque até á cidade da Bahia; e no tempo que nela se detivesse até a embarcar para vir para São Paulo vencia a 16$ por mez. (Arquivo de São Paulo, livro de registros, tit. 1645, á fls. 24 e 25).

Saíram de Lisboa d. Rodrigo, e Jorge Soares, tendo aquele recebido uma instrução, que para efeito de conhecer-se as liberalidades da real grandeza, pomos aqui fielmente a cópia da dita instrução; para que se veja, que os descobrimentos das minas de prata, de que vinha encarregado fizeram uma despesa consideravel, que toda veiu a ficar infrutuosa, como irá mostrando o contexto desta relação, quando se tem visto que Fernão Dias Paes não teve um só real de ajuda de custo, como do mesmo modo não tiveram os mais paulistas descobridores das Minas Gerais, do Cuiabá e dos Goiazes, e nem ainda os primeiros que descobriram as das serras de Jaguamimbaba, Jaraguá, Vuturuna e Hibiraçoiaba, no fim do seculo XV, em São Paulo e seu termo, que então era tudo um sertão inculto; nem tambem tiveram ajuda de custo os que no seculo de 1600, depois da feliz aclamação do senhor senhor d. João IV, descobriram as minas de ouro chamadas de Canarica, Iguape e Parnaguá; e as da Ribeira, Paranampanema e Apiaí, que todas elas deram e ainda hoje dão aumentos ao real erario.

Instrução que se deu a d. Rodrigo de Castel Blanco

Eu o principe, como regente e governador dos reinos de Portugal e Algarves, faço saber a vós d. Rodrigo de Castel-Blanco, fidalgo de minha casa, que ora envio ao entabolamento das minas de prata de Tabayana, do Estado do Brasil, que eu hei por bem que no entabolamento delas guardeis o regimento seguinte, por convir assim ao meu serviço e augmentos destes reinos e de meus vassalos:

1.º Partireis desta cidade de Lisboa em direitura a da Bahia de Todos os Santos, onde entregareis as ordens que levaes minhas ao governador geral do Estado, Affonso Furtado de Mendonça, e em sua ausencia a quem seu cargo tiver; e depois de lhe apresentardes este regimento e communicardes com elle o negocio a que ides, vos despachará com toda a brevidade daquilo de que necessitardes e do que lhe faço aviso. Partireis com as pessoas que levaes em vossa companhia, que são as que trouxeram as amostras das ditas minas e outras, e indo ao sitio dellas vol-as amostrarão e em seu beneficio seguirei aquelle estylo, pratica e intelligencia que tendes deste ministerio, e por ser elle da qualidade que tereis entendido e convir, que sem dilação se ponha em effeito, hei por bem que no entabolamento destas minas e diligencias que sobre ellas haveis de fazer em sua administração, vos dê o governador geral Affonso Furtado todo o poder e jurisdição que para este beneficio pretenderdes e for mister, e no tocante as cousas e diligencias que orde-

nardes para o ensaio e averiguação destas minas guardarão vossas ordens os capitães-mores e officiaes da minha fazenda, justiça e guerra do districto das ditas minas sem contradição alguma, assim de palavra como por escripto, e tereis jurisdicção sobre todos os naturaes moradores estantes nellas, os quaes todos para o dito effeito serão obrigados a guardar as ditas ordens e mandados, confiando de vós usareis da maneira, que fazendo-se o que ao bem das ditas minas e meu serviço, não haja causa de desavença, como espero de vossa prudencia; e para o que vos for necessário das mais capitanias do dito Estado, mando ordenar ao governador geral delle e aos governadores e capitães-mores, ministros da fazenda, justiça e guerra, vos acudam com aquillo que lhes perdirdes e for mistér para bem das ditas minas e sua administração; e quando o não façam (o que de uns e outros não espero) então protestareis contra elles, e dareis conta ao governador geral para mandar proceder contra os que não o fizerem, como houver por meu serviço.

2.º Para o ministerio destas minas levais na vossa companhia aquelles materiaes que pedistes, e juntamente para o primeiro serviço 400$ — de emprego; e para que daqui vá logo na arrecadação, que convém tudo; hei por bem, que das pessoas que levais, nomeeis logo thesoureiro e escrivão, a quem dareis juramento para que sirvam como convém: e ao thesoureiro carregará o escrivão em receita em um livro que para isso se lhe entrega (rubricado por um dos ministros do meu conselho ultramarino) todas as ditas cousas que aqui se vos entregaram, e as mais que pelo tempo adiante mandardes receber e vos derem no Brasil; e das entregas passarão os ditos conhecimentos em forma para os officiaes da minha fazenda a que tocar, que serão vistos por vós e rubricado, para constar em todo o tempo de que entrou em vossa administração.

3.º Para o primeiro ensaio e gastos delle vos mandarei entregar neste reino 400$ de emprego, 500 arrateis de azougue e o mais que pedistes, e constará do livro da receita do thesoureiro que nomeastes para conta de tudo, e se despender tudo por ordem e instrucção vossa. Tambem ordeno ao governador geral do Estado vos mande dar de minha fazenda o rendimento das baleas da Bahia, até tres mil cruzados para vos irdes valendo deste dinheiro, despendidos os 400$, que levais de emprego, por se entender que com estas quantias se poderá continuar este dispendido, emquanto me daes conta com as amostras da prata, que tirardes destas minas; e a quantia que o governador geral mandar entregar, ordenareis se carregue em receita ao thesoureiro, e della dê conhecimento em fórma para despesa do thesoureiro geral, na fórma que se declara no cap. 2.º deste regimento.

4.º E porque para averiguação e beneficio destas minas vos haveis de valer dos indios, e mais gentio domesticado dos meus vassalos, e das aldeas da minha administração, os obrigareis que vos dem por distribuição aquelles que vos forem necessarios, com que igualmente trabalhem todos, aos quaes mandareis pagar o seu trabalho na forma que naquella parte se pratica.

5.º E dado caso que vos seja necessario valer-vos dos indios, que ainda não estão domesticados, mandareis pessoa que vos parecer a ter pratica com elles, para que com bom modo, os persuada a virem trabalhar nas minas; e as estes mandareis fazer seus pagamentos na forma que no cap. 4.º se vos ordena e declara: e a uns e a outros gentios tratares com bom modo, não consentindo se lhes faça vexação alguma, antes que pontualmente se lhes assista com seus pagamentos.

6.º E no pagamento que mandardes fazer aos ditos indios, usareis da forma seguinte: o escrivão que nomeardes, que ha de servir com o thesoureiro, será juntamente apontador, o qual, em um caderno separado, que vos rubricareis, assentará por dias todos os indios que trabalharem; e quando se lhes houver de fazer pagamentos se tirará um rol do dito caderno do ponto, feito e assignado pelo dito escrivão, o qual mandareis contar pela pessoa que vos parecer, e com certidão da dita pessoa mandareis fazer o dito pagamento por vosso dispendio; e porque os indios não sabem assignar de como receberam, assistireis vós ao tal pagamento, e com outra certidão de como assim se fez e venha posto no caderno do ponto, será levado em conta ao thesoureiro que fizer.

7.º E porquanto os soldos que vós e os officiaes da vossa administração hão de vencer vão por provisão aparte, e se vos ha de pagar pelos effeitos da minha fazenda na Bahia de Todos os Santos, nella se declarará o que cada um ha de vencer por mez, e se lhe ha de pagar, pelo thesoureiro geral do Estado, na consignação que a provisão apontar e de que mando fazer aviso ao governador geral e ao provedor da minha fazenda, e de como estes soldos hão de correr do dia que chegardes a Bahia de Todos os Santos, nella se fará folha particular pelos officiaes da minha fazenda, e com alvará de correr do dito governador geral, e nesta forma se vos continuará o pagamento, e aos ditos officiaes com certidão vossa de sua assistencia e traslado da dita folha, e nela recibos feitos pelo escrivão do thesoureiro da vossa administração, do que cada um recebeu, para satisfação do thesoureiro geral do Estado; pela qual se lhe levará em conta o que assim despender com o traslado deste cap., que se lhe trasladará na folha.

8.º E porque se tem noticia que demais das minas a que ides, ha outras no sertão, hei por bem que depois de terdes averiguado e entabolado as do distrito, a que agora vos mando, fareis toda a diligencia para averiguação dellas, de que fareis aviso ao governador geral, e por sua via me dareis conta com o termo da diligencia que nellas fizerdes, e sitios em que estiverem, e vosso informe e parecer, para dispôr o que mais conveniente for ao meu serviço.

9.º Outrosim, hei por bem que sejais administrador geral das ditas minas emquanto ellas durarem, e nellas tereis poder e jurisdicção para seguir o que mais conveniente for a meu serviço, tendo juntamente com a mesma duração o cargo de provedor geral dellas, para pordes em arrecadação o que tocar a minha fazenda, man-

dando carregar em receita ao thesoureiro tudo o que me pertencer das ditas minas, pondo na forma que se pratica em os reinos de Castella para nomear os officiaes. E porquanto estas minas se abrem de novo e se não sabe certo rendimento, mostrando a experiencia que ellas o tem por seu beneficio não poder correr por conta da minha fazenda, com as amostras da prata que tirardes e beneficiardes, me dareis conta do que tiverdes obrado e estado dellas, e seu rendimento muito por menor com vosso parecer e informação do que se deve seguir, de que me fareis aviso e ao governador geral para que o envie na primeira embarcação que vier para este reino, de que mando advertir ao governador geral do Estado, para que não haja detença em me vir o dito aviso e amostras.

10. As cartas que levais minhas para as pessoas particulares, que pareceu convinha mandar-lhes escrever, lh'as entregareis e vos valereis dellas no que for necessario para execução deste regimento e beneficio das ditas minas; e de todos confio, que pelo zelo que têm do meu serviço, não faltarão ao que a elle tocar, e lhes saber gratificar. E sendo-vos necessario guarnição de soldados, para defesa do sitio das minas, por causa do gentio bravo intentar descer a ele, vos valereis do governador geral como lhe escrevo e da capitania que ficar mais visinha ao lugar, que fôr necessario defender-se, dando conta ao governador geral.

11. Emquanto me fazeis aviso e ao governador geral do que executais no entabolamento destas minas o metal que tirardes, irei pondo naquella forma que é estilo e estando em sua perfeição, o mandareis carregar em receita ao thesoureiro que comvosco servir, sem advertirdes a outro effeito; e emquanto vos não for ordem minha para o modo em que se ha de dispôr e repartir, tereis entendido que tudo o que derem de lucro as ditas minas, é para a minha fazenda, e me ireis dando conta nas embarcações, que depois do primeiro aviso e amostras, que mandardes, vierem para o reino com relação do que tendes em ser, e seu rendimento para eu ordenar o que fôr servido.

Esta instrucção e regimento pela maneira, que nelle se contém seguireis e cumprireis, e mando ao governador geral do Estado do Brasil, e aos mais governadores e capitães-mores delle, officiaes de guerra e justiça, e officiaes de minha fazenda, e mais ministros, officiaes e pessoas do dito Estado a quem pertencer, que assim o cumpram e façam em tudo cumprir e guardar sem duvida, nem embargo algum, e sem embargo de seus regimentos e de quaesquer outras provisões e instrucções, que em contrario haja, porque assim o hei por meu serviço, e este valerá como carta e não passará pela chancellaria sem embargo da ordenação do liv. 2.º, título 39 e 40 em contrario, e se registrará nos livros do conselho ultramarino, e no do Estado do Brasil, fazenda e camaras, onde for necessário e mais partes a quem tocar para a todos ser notorio. Antonio Serrão de Carvalho o fez em Lisboa a 28 de Junho de 1673. O secretario Manoel Barreto de S. Payo o fez escrever. — Principe.

Não obrou coisa alguma este d. Rodrigo no sertão de Tabaiana. Foi mandado passar para São Paulo e seguir os futuros descobrimentos nas serras de Parnaguá e Sabarabuçú. Para este efeito se lhe destinou por mineiro experiente a João Alvares Coutinho, morador em Sergipe del-rei, a quem sua alteza escreveu carta firmada do seu real punho em 7 de Dezembro de 1677, que se acha registrada no arquivo da camara de São Paulo, no liv., título 1675, á fl. 53, e damos aqui fielmente a cópia.

Carta de sua alteza a João Alvares Coutinho

João Alvares Coutinho. — Eu o principe vos envio muito saudar. Por ser informado do prestimo da vossa pessoa na pratica e intelligencia das minas, me pareceu convinha a meu serviço irdes em companhia do administrador d. Rodrigo de Castel Blanco, e do tenente-general Jorge Soares de Macedo, a diligencia destas a que o envio as capitanias da repartição do Sul; e ao mestre de campo general Roque da Costa Barreto, mando escrever, vos chame e vos nomeie o soldo e ajuda de custo, que haveis de levar pago na mesma parte, em que o de d. Rodrigo, e espero que nesta jornada me façais tal serviço que por elle vos faça a mercê que couber em vossa pessoa. Escripta em Liboa, 7 de Dezembro de 1677. — Principe. Conde de Val de Reis. Para João Alvares Coutinho. — E a fl. 53 v. do referido liv., consta, que em 20 de Agosto de 1678, passou Roque da Costa Barreto provisão consignando nela 20$ de soldo em cada mês a João Alvares Coutinho, do dia que saísse da Bahia para São Paulo.

A esta cidade chegaram d. Rodrigo, Jorge Soares e João Alvares Coutinho, e aos oficiais da camara dela, escreveu sua alteza carta que se acha registada no liv. já referido, à fl. 27 v., cujo teor é o seguinte:

Oficiaes da camara de São Paulo. Eu o principe vos envio saudar. Viu-se a vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, e o que me representaes sobre o imposto do donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, e serviços, que esses moradores têm feito a esta corôa, na conquista dos indios barbaros do reconcavo da Bahia, e que em toda a occasião de seus acrescentamentos lhes hei de mandar deferir, como merecem. E porque ora fui servido resolver fossem ao descobrimento das minas de prata, e ouro de Parnaguá o administrador geral d. Rodrigo de Castel Blanco, e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, para de uma vez se vir no conhecimento de que ha estas minas, ou de todo se colher o desengano, de que não persistem, mandei applicar a este dispendio o dito imposto, e os mais dessas villas da repartição do Sul por se achar minha fazenda tão exausta, que não houve outros effeitos para lhe applicar; e satisfazer a Inglaterra, e Hollanda pela deste reino o que elles importam; e desvanecendo-se o intento das minas de Parnaguá, lhes ordeno passem a serra de Sabarabuçú; e porque não

poderão fazer sem adjutorio desses moradores, como levam para instrucção, communicando comvosco o modo com que se pode fazer este serviço, quando sejam em numero, em que se lhes haja de nomear capitão que vá a ordem do dito tenente-general, o nomeareis; e fio de vosso zelo, e do bem que tendes assistido ao que toca em beneficio desta coroa obreis nisto, e na entrega do que se estiver devendo do donativo, e for cahindo para supprir a despesa do que fica referido de modo que tenha eu que vos agradecer, e deferir em vossos acrescentamentos, como merecem tão leaes vassallos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677. — Principe. — Conde de Val de Reis.

Eram oficiais da camara neste ano Lourenço Castanho Taques, juiz ordinario, Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Roza, e Manoel de Góes, vereadores; e procurador do conselho Matheus de Leão. Recebida esta carta, e conferida a matrícula do seu contexto com o administrador d. Rodrigo e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, se assentou chamar-se para uma assembléia aos paulistas da maior experiencia, e melhores sertanistas, para com o voto deles determinar-se a entrada do enviado descobridor d. Rodrigo de Castel Blanco.

Procedeu-se a esta junta na casa do senado da camara, como se vê do liv. já referido á fl. 54, a 20 de Junho de 1680, sendo juiz ordinario Antonio de Godoy Moreira; e vereadores João Pinheiro, Francisco Corrêa de Lemos, Diogo Barbosa Rego, e procurador do conselho Manoel Rodrigues de Arzão. Foram consultados os paulistas Jeronymo de Camargo, Mathias Cardoso de Almeida, Braz Rodrigues de Arzão, Antonio de Siqueira de Mendonça, Pedro da Rocha Pimentel, e outros. Todos assentaram que convinha mandar primeiro plantar as paragens nomeadas, e assinaladas para em Fevereiro de 1681 fazerem a sua jornada o administrador d. Rodrigo com todas as mais pessoas, paulistas praticos e de conhecido valor que gostosos se ofereceram para fazerem á sua custa êste particular serviço a sua alteza; e foram eles, como se vê do livro já referido, Antonio Affonso Vidal, Estevão Sanches de Pontes, o capitão-mor Braz Rodrigues Arzão, Manoel Cardoso de Almeida, Mathias Cardoso de Almeida e André Furtado.

Em Março do ano de 1681 saíu de São Paulo d. Rodrigo para o sertão de Sabarabuçú a ir demandar o em que se achava o governador Fernão Dias Paes. Para mais aparato do grande corpo de que compunha a sua leva, o troço de soldados escolheu por patentes suas, oficiais militares; e porque o tenente-general Jorge Soares de Macedo tinha ido de antes para a ilha de Santa Catarina com um corpo de 500 indios escopeteiros, de cujo exército foi vedor geral Manoel da Costa Duarte, a incorporar-se na ilha de São Gabriel com d. Manoel Lobo, que foi encarregado da construção da fortaleza e povoação da Nova Colonia do Sacramento, elegeu dito d. Rodrigo para lhe substituir no posto de tenente-general ao grande sertanista Mathias Cardoso de Almeida, sem mais soldo que o amor com que êstes paulistas empregou todas as forças no real

serviço. Para sargentos-mores Antonio Affonso Vidal, e Estevão Sanches de Pontes; para capitão-mor Braz Rodrigues Arzão, que já tinha este carater quando foi adjunto ao governador Estevão Ribeiro Bayão Parente, na guerra contra os barbaros indios do sertão da Bahia. Dividiu o corpo em companhias, e por este modo dispoz d. Rodrigo a sua entrada. Para o fornecimento dela fez a despeza que consta no livro das vereanças, título 1675, de fl. 62 até fl. 75, a saber: em dinheiro 2:000$; de farinha de trigo tres mil alqueires; de carne de porco, tres mil arrobas; de feijão, cem alqueires; de pano de algodão, oito mil varas; fio de algodão torcido de tres, trinta e oito arrobas; de fio de algodão singelo, duas arrobas. Para condutores das cargas duzentos indios.

De São Paulo saiu d. Rodrigo com a sua grande tropa, e chegando ao arraial de São Pedro, nos matos de Paraúpeva, lhe apresentou a 26 de Junho de 1631 Garcia Rodrigues Paes as esmeraldas que seu defunto pai, o governador Fernão Dias Paes, tinha extraído da serra, da qual os Azeredos em os reinos dos *Mapaxos* tinham tirado esmeraldas. Estas recebeu d. Rodrigo para delas fazer remessa para o reino; ao mesmo fez dito Garcia Rodrigues Paes entrega de todas as plantas, feitorias e arraiais que á sua custa tinha feito seu pai em nome de sua magestade, a quem oferecia para de tudo se aproveitar ele d. Rodrigo, em utilidade do real serviço em que se achava. De tudo se lavrou termo que assinaram ele Garcia Rodrigues Paes, d. Rodrigo de Castel Blanco, o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida e outras pessoas. Assim se vê á fl. 71 do referido livro de registos, título 1675 do arquivo da camara de São Paulo. A real grandeza de Sua Magestade liberal fez despender soma grande de dinheiro, esperando que d. Rodrigo verificasse tantas promessas. Para os descobrimentos a que veio mandado trouxe o soldo de 600$, que deixamos referido; além desta mercê trouxe alvará do mesmo senhor datado a 29 de Novembro de 1677, porque sua magestade lhe confere 60$ por mês, e um padrão de juro e herdade de 700$ por ano, se o rendimento das novas minas importasse no primeiro anno depois de descobertas, quatro mil cruzados livres para a real fazenda; e de propriedade o ofício de provedor e administrador das ditas minas. Por outro alvará datado a 29 de Novembro do mesmo ano de 1677, lhe foi conferido a honra de poder nomear aos sujeitos benemeritos que o acompanhassem ao descobrimento das minas seis habitos das ordens militares, com tença efetiva a cada um deles até 40$, cujas mercês seriam confirmadas pelo dito senhor; seis foros de cavaleiros fidalgos e seis de moços da camara, e que se haveria respeito a qualidade dos serviços das tais pessoas para merecerem o foro de fidalgos da casa.

O efeito destas grandes esperanças só ficou infalivel no consumo das grossas despesas da real fazenda, porque o tal d. Rodrigo foi um patarata que só entreteu o tempo aproveitando-se das honras que desfrutou e dos dinheiros que com liberalidade consumiu.

Esta verdade fez eco nos ouvidos de sua magestade a quem informaram alguns paulistas como leais vassallos, sendo o primeiro o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, e o dito senhor reconhecendo este zelo, averiguada a materia da informação, mandou recolher para o reino ao dito d. Rodrigo, por ordem de 23 de Dezembro de 1682, registada na secretaria do consêlho ultramarino no livro de cartas régias do Rio de Janeiro, título 1673, á fl. 35 e se não verificou esta real ordem por chegar a tempo que já era morto d. Rodrigo de Castel Blanco, no sítio do Sumidouro.

Garcia Rodrigues Paes, tendo entregue as esmeraldas a d. Rodrigo, como deixamos referido (foram mandadas por ele aos oficiais da camara de São Paulo pelo paulista Francisco João da Cunha, com carta escrita a 18 de Junho de 1681, do sítio de Paraupeva, arraial de São Pedro, em um saquinho de chamalote para os ditos oficiais continuarem esta remessa para o Rio de Janeiro ao desembargador sindicante João da Rocha Pita, ausente ao mestre de campo governador Pedro Gomes), continuou a marcha do seu regresso para São Paulo e fez dar sepultura ao cadaver de seu pai no seu jazigo proprio da capela-mor da igreja do mosteiro de São Paulo, da qual tinha sido fundador e seu primeiro padroeiro dito Fernão Dias. As ações e morais virtudes deste cavaleiro paulista constam da oração funebre que recitou o padre Antonio Rodrigues na ocasião destas exequias, que então era reitor do colegio dos padres jesuitas de São Paulo.

Ainda era solteiro Fernão Dias Paes quando tomou a virtuosa resolução de despender os seus cabedais fundando, como fundou o mosteiro, que ainda hoje existe do patriaca São Bento, da cidade de São Paulo, cujos monges existiam dantes em uma limitada casa e igreja; construiu-se esta obra com tres grandes dormitorios e igreja, que a fez acabar com coro, pulpito e altares, e dotou esta casa com cem indios para cultura das terras dos religiosas Estabeleceu patrimonio para sustentação do azeite da lampada do altar-mor, onde está o sacrario, em uma rendosa fazenda chamada de São Caetano, com fábrica de olaria para cozer telha e tijolo; e ao presente tempo é o rendimento mais certo que tem este mosteiro. Ornou a capela-mor com a lampada de prata e castiçais do mesmo metal para a banqueta do altar-mor cujos moveis ainda existem, recordando nos monges a memoria deste bemfeitor e fundador.

Em agradecimento da construção e fundação deste convento cederam os religiosos monges (por escritura celebrada na nota do tabelião de São Paulo João Dias de Moura, o pavimento da capela-mór para jazido do fundador e seus descendentes por linha reta, tendo-os, e os das linhas obliquas. Esta escritura foi outorgada pelo reverendo d. abade provincial o dr. frei Gregorio de Magalhães (acabou d. abade geral no mosteiro de Tibães) sendo presidente do mosteiro de São Paulo o padre pregador frei Feliciano de Sant' Iago. Quem teve a glória e o contentamento de ver acabada com perfeição toda a obra que se havia traçado e ajustado com o fun-

dador Fernão Dias Paes foi o d. abade do mesmo mosteiro o padre prégador frei Hyeronimo do Rosario, que saiu eleito no trienio do reverendissimo padre geral frei Vicente Rangel, no ano de 1659, como tudo assim melhor consta no tomo 3.º dos livros que se chamam Bezerros, que existem na secretaria do mosteiro de Tibães, donde se nos comunicaram as noticas que pedimos sobre esta materia.

Casou Fernão Dias Paes com d. Maria Garcia Betimk, que nasceu a 16 de Dezembro de 1642, natural de São Paulo, filha de Garcia Rodrigues Velho, natural e cidadão de São Paulo, e de sua mulher Maria Betimk. Em título de Betimk, cap. 1.º Faleceu d. Maria Garcia em 1691 (Cartorio de orfãos da vila de Parnaíba n. 359, inventario de d. Maria Garcia). E teve oito filhos:

4 — 1. Garcia Rodrigues Paes.
4 — 2. Pedro Dias Leite.
4 — 3. D. Custodia Paes, mulher de Gaspar Gonçalves Moreira. Sem geração.
4 — 4. D. Isabel Paes, mulher do coronel Jorge Moreira.
4 — 5. D. Marianna Paes Leme, mulher de Francisco Paes de Oliveira.
4 — 6. D. Catharina Paes, mulher de Luiz Soares Ferreira.
4 — 7. D. Maria Leite, mulher do tenente-general do mato Manoel de Borba Gato.
4 — 8. D. Anna Maria Leme, mulher de João Henriques de Siqueira Baruel.

4 — 1. Garcia Rodrigues Paes, acompanhou a seu pai ao sertão dos indios *Mapaxos* ao descobrimento das esmeraldas. Recolhido a São Paulo teve ordem de Sua Magestade para entrar ao mesmo sertão e fazer profundar as catas, a buscar no centro delas as esmeraldas por se ter entendido que estas seriam mais finas e transparentes como não eram as extraídas na superficie da terra, que se tinham remetido ao reino e descobertas por seu pai. Para esta diligencia constituiu Sua Magestade a Garcia Rodrigues Paes com o carater de capitão-mór por provisão de 3 de Dezembro de 1683. Por outra provisão o constituiu administrador geral das minas (* O que se segue está em nota, porque o autor não continuou, deixando espaço para depois escrever). Faleceu aos 7 de Março de 1738. Serviu de guarda-mor trinta e oito anos desde o principio do ano de 1701 até Março de 1738. Em carta de 10 de Julho de 1701 deu conta a el-rei do novo caminho do Rio para Minas Gerais, que já tinha principiado. El-rei lhe respondeu em carta de 7 de Dezembro de 1701, que do seu zelo esperava concluida a abertura do dito caminho tão util como conveniente. Em 6 de Janeiro de 1708 deu conta do miseravel estado em que se achavam as Minas Gerais por falta de observancia do regimento, apontando os meios para se evitarem as desordens e se acrescentarem as minas, e se lhe respondeu em carta de 14 de Julho de 1709 que se lhe reconhe-

cia o zelo com que se empregava no real serviço, e que mostrava não faltar da sua parte cumprir com o que estava da sua obrigação, com o que merecia estar muito na real lembrança de Sua Magestade. (Padrão dos 5$ cruzados).

3 — 2. Paschoal Leite Paes (filho de Pedro Dias e Maria Leite, § 5.º) passou a corte de Lisbôa donde se recolheu com sua tia Isabel Paes, como temos referido no § 1.º. Casou duas vezes, a primeira na vila de Santos com D. Maria da Silva, natural daquela vila, da nobre familia dos Britos, e irmã direita de Gaspar de Brito Peixoto, o qual foi pai de João de Brito, de Gaspar de Brito, de Domingos de Brito, que eram parentes muito chegados de André de Brito, morador na Bahia, e senhor da casa da Torre; e tambem irmã da sogra de Diogo Pinto do Rego, capitão-mor governador da capitania de São Vicente e São Paulo, por patente del-rei D. Pedro II, de 2 de Janeiro de 1677. Faleceu ela em São Paulo com testamento a 14 de Outubro de 1654 (Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 1.º do inventario letra M. n. 14 o de D. Maria da Silva). E teve filha unica de que abaixo faremos menção. Casou segunda vês com D. Agostinha Rodrigues estando viuva do seu segundo marido Francisco Couraça de Mesquita, que tinha sido capitão-mór governador da capitania de São Vicente e São Paulo. Sem geração. D. Agostinha Rodrigues faleceu aos 7 de janeiro de 1684, e era natural de São Paulo. (Cartorio de Orfãos de Parnaíba, n. 318, inventario de D. Agostinha Rodrigues. Faleceu Paschoal Leite Paes em 1674. (Cartorio da Parnaíba n. 245, inventario de Paschoal Leite). E teve do seu primeiro matrimonio filha unica:

4 — 1. D. Margarida da Silva casou com Salvador Jorge Velho, natural e cidadão de São Paulo onde se batizou a 14 de Novembro de 1643; filho de Domingos Jorge Velho e de sua mulher Isabel Pires de Medeiros; em título de Jorges Velhos. Foi descobridor das minas de ouro, chamadas de Salvador Jorge que são minas da Coritiba. Foi senhor da capela do sitio de Iaribaíva, termo da vila de Parnaíba, que lhe ficou por herança de D. Agostinha Rodrigues. Este paulista se fez distinto nas ocasiões do real serviço, e Sua Magestade lho agradeceu com a honra de uma carta firmada pela sua real mão, datada a 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro de registros de cartas do Rio de Janeiro, título 1673 fl. 198. Por parte de sua mulher D. Margarida da Silva ou de sua tia D. Isabel Paes herdou uma grande quinta em Lisboa sobre a qual correu litigio, cuja causa estando defendendo por parte de Salvador Jorge Velho por cabeça de sua mulher, o reverendo Dr. João Leite da Silva, irmão do dito Paschoal Leite, pelos anos de 1682; desamparou a causa, e se recolheu a São Paulo em 1683, temendo grande oposição que encontrou de pessoas poderosas, e deixando a quinta, que vieram a possuir os que dela não podiam ser senhores; porém um terror panico fez com que o reverendo Dr. João Leite desampa-

rasse a demanda depois de consumir nela avultada soma de dinheiro Em São Paulo teve grande estabelecimento de fazendas de cultura, porque ficou herdeiro dos grandes cabedais de D. Agostinha Rodrigues, assim de moveis de ouro, como de prata, além de 560 *Carijós* catolicos, que lhe ficaram a título de administrador deles. Faleceu Salvador Jorge a 27 de Outubro de 1705, e sua mulher Dona Margarida faleceu a 24 de Junho de 1726 (Cartorio de Orfãos de Parnaíba n. 441, inventario de Salvador Jorge Velho. E n. 539, o inventario de Margarida da Silva).

E teve batizados na igreja matriz da vila de Parnaíba nove filhos:

5 — 1. D. Maria Jorge Velho.
5 — 1. D. Ìsabel Pires Monteiro.
5 — 3. Domingos Jorge da Silva.
5 — 4. Agostinha Rodrigues.
5 — 5. D. Sebastiana da Silva.
5 — 6. D. Margarida da Silva.
5 — 7. D. Maria da Silva.
5 — 8. D. Anna Pires.
5 — 9. Francisco Jorge da Silva.
5 —10. D. Ignez, que faleceu solteira.

5 — 1. D. Maria Jorge Velho, casou com Francisco Bueno Luiz. Com geração. Em título de Buenos, cap. 1.º § 7.º n. 3—4.

5 — 2. D. Isabel Pires Monteiro, casou com Balthazar de Lemos de Moraes. Com geração. Em título de Moraes, cap. 2.º § 3.º n. 3—1 á n. 4—2.

5 — 3. Domingos Jorge da Silva, familiar do santo oficio: foi sargento-mor de batalha, cuja patente se lhe conferiu na ocasião do inimigo francez apoderado do Rio de Janeiro em 1711. Sahiu de socorro com um grande troço de soldados a sua custa, e com eles residiu tres meses na guarnição da fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande da vila de Santos, para impedir a entrada do sobredito inimigo; e gastou quatro mil cruzados sustentando o troço a sua custa. Faleceu no sertão do Rio Pardo, que banha a estrada de Mogí-Guaçú para Vila Boa de Goiazes. Foi casado na vila de Itú aos 10 de Janeiro de 1708 com D. Margarida de Campos Bicudo, filha de Manoel de Campos Bicudo e de sua mulher D. Luzia Leme de Barros: em título de Campos, cap. 3.º § 6.º. E teve oito filhos:

6 — 1. Salvador Jorge Velho, que existe capitão-mor da vila de Itú, casado com D. Genebra Maria Machado, filha de Manoel Machado Fagundes de Oliveira. Em título de Machados Fagundes. (* O capitão-mor Salvador Jorge Velho passou-se ha muitos anos para a capitania do Cuiabá: depois do descobrimento das minas do Beripocuna foi minerar nelas, e eu o deixei estabelecido no arraial de São Pedro d'El-rei das mesmas minas em 1791, e faleceu em 1792). E teve nove filhos:

7 — 1. D. Margarida Maria de Campos, já falecida, tendo sido casada com Francisco de Campos Pires; e teve dois filhos.

7 — 2. D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, batizada em Mogí-Guaçú, e casada com Gonçalo de Arruda Leite.

7 — 3. Bento, faleceu menino.

7 — 4. D. Anna Gertrudes Maria das Neves, batizada na freguezia de Juquirí.

7 — 5. Domingos Jorge Velho, batizado na freguezia de Araraitaguaba, capitão de infantaria auxiliar.

7 — 6. Manoel José Velho Machado, natural da freguezia de Araraítaguaba.

7 — 7. Antonio Pires, faleceu menino.

7 — 8. D. Maria Luzia Leme de Barros, natural de Araraítaguaba.

7 — 9. D. Maria Paula Machado, natural de Araraítaguaba.

6 — 2. Manoel de Campos Bicudo, faleceu solteiro.

6 — 3. Paschoal Leite Paes, idem.

6 — 4. Domingos Jorge Velho, idem.

6 — 5. José de Campos Brandemburg, casou com Maria do Rego, filha de Pedro de Mello do Rego. Sem geração. Em título de Botelhos Arrudas, cap....

6 — 6. D. Maria Thereza Isabel Paes, que casando por procuração com o capitão-mor Fernão Dias Paes, antes de consumar o matrimonio, ficou viuva como fica referido nos filhos do capitão-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Segunda vês casou com Bartholomeu Bueno da Silva, coronel do regimento da cavalaria de Vila Boa de Goiazes, filho de Bartholomeu Bueno da Silva, Anhanguera de alcunha, descobridor das minas de Goiazes, das quais foi capitão-mor regente e superintendente com alçada no crime e civel: Em título de Buenos, cap. 2.º § ... na descendencia do n. 2—2. E teve quatro filhos:

7 — 1. Bartholomeu Bueno de Campos Leme Gusmão.

7 — 2. José Joaquim de Gusmão.

7 — 3. Alexandre de Gusmão.

7 — 4. D. Margarida de Campos Bueno, casou com seu tio, em terceiro gráo, Lourenço Cardoso de Negreiros, filho do capitão Antonio Cardoso de Campos, e neto de João Leite da Silva, guarda-mór e descobridor das minas dos Goiazes, neste título, cap. 5.º § 6.º, n. 3—6.

6 — 7. D. Francisca, faleceu menina.

6 — 8. D. Luiza, idem.

5 — 4. D. Agostinha Rodrigues (filha de Salvador Jorge Velho e D. Margarida da Silva), foi casada com o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros. Sem geração. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, §...

5 — 5. D. Sebastiana da Silva, foi casada com o coronel Antonio Pires de Campos. Com geração. Em título de Campos, cap. 3.º, § 1.º.

5 — 6. D. Margarida da Silva, foi casada com Filipe de Campos Bicudo. Com geração. Em título de Campos, cap. 3.º, § 2.º.

5 — 7. D. Maria da Silva, foi casada com José Pompêo Leite, filho de Estevão Forquim Francez, natural e cidadão de São Paulo, e de sua mulher D. Anna de Proença. Em título de Taques Pompêos.

5 — 8. D. Anna Pires Ribeiro, foi casada com José de Godoy Roá, filho do tenente-general Gaspar de Godoy Colaço e de sua mulher D. Sebastiana Ribeiro de Moraes; em título de Moraes, cap. 3.º, § 2.º, na sua descendencia. E teve sete filhos, nacionais da vila de Parnaíba:

6 — 1. Margarida da Silva.
6 — 2. Ignacio Pires de Godoy.
6 — 3. Rita Pires de Godoy.
6 — 4. Domingos Jorge Velho.
6 — 5. Paschoal Leite Paes, faleceu solteiro.
6 — 6. José de Godoy Pires.
6 — 7. Sebastiana Ribeiro de Moraes.

5 — 9. Francisco Jorge da Silva, foi casado com Anna Ribeiro, filha de Francisco Bicudo de Brito e de sua mulher Maria de Almeida Neves, que foi filha de João de Almeida Neves, natural da vila de Algodres da Serra da Estrela bispado de Viseu, que faleceu a 11 de Março de 1715, e de sua mulher Maria da Silva; em título de Almeida Neves (Cartorio de orfãos de Parnaíba n. 473, inventario de João de Almeida Neves). E teve filha unica:

6 — Maria Jorge, mulher de Ignacio Gonçalves da Silva, natural de Lisboa.

5 — 10. D. Ignez, faleceu solteira.

3 — 3. Pedro Dias Leite, faleceu a 19 de Março de 1658, casado com D. Anna de Proença, com geração em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 8.º.

3 — 4. João Leite da Silva. Foi clerigo do hábito de São Pedro, e passou a corte de Lisboa a ordenar-se. Tomou o grao de doutor em teologia. Foi sujeito de bom nome entre os seus naturais, dos quais e dos estranhos adquiriu grande respeito e de estimação. O serenissimo Sr. D. Pedro II lhe mandou escrever uma carta, firmada do seu real punho, com data de 28 de Fevereiro de 1674, cheia de expressões muito honrosas, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro, título 1673, a fl. 2 v. Pelas suas letras e virtudes, e como pessoa de grande autoridade foi visitador do bispado pelas vilas da marinha do Sul, e as do centro da capitania de São Paulo, que ao zelo goza da concessão pontificia para o uso do pingo, a que chamam banha de porco nos dias de vigilia e tempo de quaresma. Faleceu deixando uma saudosa lembrança. Repartiu o seu cabedal em obras pias, e deixou legados grandes a varios

parentes pobres. Jaz sepultado na capela dos terceiros de São Francisco da cidade de São Paulo, do qual foi irmão professo, e havia sido ministro da mesma ordem.

3 — 5. Maria Dias, casou duas vezes: a primeira aos 9 de Janeiro de 1633 com Diniz Cardoso, natural de Santo Antonio do Tojal de Lisbôa; sem geração. Segunda vês casou aos 20 de Janeiro de 1636 com Domingos Rodrigues de Mesquita, natural de Torre de Moncorvo, com a sua descendencia, em título de Mesquitas.

3 — 6. D. Isabel Paes da Silva, faleceu na Ilha de São Sebastião a 8 de Abril de 1666 (Cartorio de orfãos da Ilha de São Sebastião, maço 6.º de inventario, letra I, o de D. Maria Paes da Silva com testamento), e casou duas vezes: primeira, na matriz de São Paulo, a 29 de Janeiro de 1636, com Barhtolomeu Simões de Abreu, natural da vila de Santos, filho de João de Abreu, nobre cidadão da vila de Santos, almoxarife que foi da fazenda real em 1591, e de sua mulher Isabel de Proença Varella, natural da vila de Santos, filha de Paulo de Proença, natural da vila de Alemquer, e de sua mulher Isabel Cubas, filha de Braz Cubas, cavaleiro fidalgo da casa real (*). Segunda vês casou D. Isabel Paes na matriz da Ilha de São Sebastião com Simão Ferreira Delgado, natural da cidade da Bahia, e professo da ordem de Christo, de cuja praça era capitão de infantaria da companhia de seu pai, o mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, de quem era filho, e de sua mulher D. Maria Braz Reis, que foram senhores de engenho, e de grandes cabedais na Bahia. Falecendo o dito mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, passou a Bahia seu filho e unico herdeiro desta grande casa, o capitão Simão Ferreira Delgado, e ali embarcou para o reino a tratar dos seus serviços com o concurso dos que lhe ficaram por morte de seu pai. Teve a infelicidade de ficar o navio do seu transporte cativo dos mouros, e para o poder destes barbaros foi tambem cativo o capitão Simão Ferreira Delgado, e encontrando o seu destino rigores e crueldades não lhe durou muito tempo o tormento, porque aos efeitos dele perdeu a vida. Não bastou o desvelo e liberalidade com que se portou sua mãi a matrona Dona Maria Braz Reis, fazendo enviar logo ao reino de Portugal dinheiro bastante para resgate do seu infeliz filho; e acabando nele o herdeiro da casa vieram a herdar as tres netas, filhas do dito seu filho, das quais fazemos menção abaixo.

(*) Silva Leme (tomo VI, pag. 180) discorda desta filiação intercalando uma geração aqui. Eis a sua versão:

Isabel de Proença Varella mulher de João de Abreu	Paulo da Proença Varella	Paulo de Proença
		Isabel Cubas
	Innocencia Doria	Domingos Rodrigues Marinho
		Maria Doria

(A. de E. T.).

Teve D. Isabel Paes da Silva do seu primeiro matrimonio com Bartholomeu Simões de Abreu tres filhos: E do segundo matrimonio com o capitão Simão Ferreira Delgado, tres filhas:

1.º Matrimonio

4 — 1. Francisco Paes da Silva.
4 — 2. D. Potencia Leite da Silva.
4 — 3. D. Maria de Abreu Pedroso Leme.

2.º Matrimonio

4 — 4. D. Lucrecia Leme.
4 — 5. D. Sebastiana Paes Leme.
4 — 6. D. Anna Ferreira Tourinho.

4 — 1. Francisco Paes da Silva, casou segunda vês em São Paulo aos 15 de Julho de 1699 com Maria Bueno do Amaral, filha de Antonio Bueno, e Maria do Amaral.

4 — 2. D. Potencia Leite da Silva, casou com o capitão Diogo de Escobar Ortiz, natural da Ilha de São Sebastião, irmão de Estevão Raposo Bocarro, abaixo. E teve duas filhas:

5 — 1. D. Maria Leite, casou com Manoel Lopes Pereira, capitão das ordenanças, natural da vila de São Sebastião filho de Gonçalo Lopes, natural da villa de Vianna, e de sua mulher Helena de Onhate, filha de Manoel Pires Escache. E Manoel Lopes Pereira foi primo direito do padre Manoel Gomes Pereira, vigario colado de São Sebastião. Sem geração.

5 — 2. D. Catharina Paes Leite, casou com João da Silva Rebello, natural do reino de Portugal, homem nobre em sua terra. Faleceu em Pitanguí. E teve doze filhos:

6 — 1. D. Potencia Leite da Silva, casou nas Minas Gerais, em Pitanguí com o coronel Cabral Teixeira, natural de Portugal. E teve filha unica:

7 — D. Cordula Cabral Teixeira, casou com o capitão Serafim Vieira de Vasconcellos, natural de Portugal: este casal passou-se para Paracatú, onde ambos faleceram.

6 — 2. D. Maria Leite da Silva, casou em São Sebastião com Amaro Dias Torres, natural de Massarelos, da nobre familia dos Torres. Faleceu em São Sebastião e teve nesta ilha oito filhos:

7 — 1. Manoel Leite Pereira, casou em São Sebastião com Maria Nunes Corrêa, filha de Francisco Gonçalves Souto, natural de Portugal, e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, natural de São Sebastião, que foi filho de Diogo Corrêa Mazagão e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, ambos da dita vila de São Sebastião. Com geração.

7 — 2. João da Silva Torres. Foi escrivão da camara da vila de Santos, casado com Anna Corrêa da Gaya, em São Sebastião, filha de João da Motta Moreira e de sua mulher Maria Corrêa Nunes, filha de Diogo Corrêa Mazagão e de Isabel Corrêa, acima. Com geração.

7 — 3. D. Maria, faleceu menina.

7 — 4. D. Maria Leite da Silva, casou em São Sebastião com José Dias Martins, filho de André Gonçalves Martins e de sua mulher Josepha Gomes, ambos de São Sebastião. Com geração.

7 — 5. D. Rosa, faleceu menina.

7 — 6. D. Anna Leite da Silva, casou em São Sebastião com Sebastião Homem de Oliveira Coutinho, natural de São Sebastião, filho de João Homem Coutinho, natural de São Sebastião, e de sua mulher Joanna de Oliveira, da mesma ilha. O dito Coutinho foi filho de Sebastião Homem Coutinho do Couto de Alcobaça, e de sua mulher Isabel Rosada das Neves, natural de São Sebastião. Esta D. Anna Leite existe no Rio de Janeiro em 1774. E teve em São Sebastião sete filhos:

8 — 1. D. Maria Thereza de Oliveira, casou em São Sebastião com Lino Lopes de Oliveira, filho do capitão Antonio Lopes de Siqueira e de sua mulher D. Maria da Alleluya, natural ele da vila de Santos e ela de São Sebastião, neto paterno de Mathias Lopes de Siqueira e de D. Apolonia Garcez. Vide em título de Garcez Barreto.

8 — 2. D. Anna Leite da Silva, casou em São Sebastião com Thomé Ayres Garcez, filho do capitão Diogo Ayres de Aguirre, e de sua mulher Anna Nunes de Freitas, irmã de Catharina Nunes de Freitas, que foi mulher do capitão Diogo de Escobar Ortiz.

8 — 3. D. Catharina Leite da Silva, casou em São Sebastião ocm Domingos Ayres de Aguirre, filho do ajudante da ordenança José Rodrigues de Abreu, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Cecilia de Aguirre, natural de São Sebastião. Em título de Aguirres.

8 — 4. D. Emerenciana Rita Leite, existe solteira na companhia de sua mãe no Rio de Janeiro.

8 — 5. João Amaro da Silva Leite, seminarista do seminario da Lapa em 1774.

8 — 6. Manoel, faleceu menino.

8 — 7. Joaquim Manoel Francisco da Gloria, com idade de dez anos nestes de 1774.

7 — 7. Amaro Dias, faleceu menino.

7 — 8. Manoel, idem.

6 — 3. D. Catharina Maria da Silva, casou no Rio de Janeiro com o capitão Paulo Baptista, natural da cidade de Genova, que se passou para Minas Gerais, e se estabeleceu no Sabará, onde lhe nasceram dois filhos que lhe ficaram:

7 — 1. João Baptista.

7 — 2. D. Catharina. Estes dois filhos passaram para Lisbôa na companhia de sua mãe, estando já viuva, com destino de recolher a filha d. Catharina a um mosteiro de freiras, e os filhos para o estado clerical. E no 1 de Novembro de 1755, que foi o terremoto, ainda estavam em Lisboa, e escaparam da morte naquelle dia.

6 — 4. D. Marianna Leite, casou em Pitanguí com o capitão de mar e guerra de fragata real Batholomeu Farto, natural de Portugal. E teve cinco filhos:

7 — 1. D. Mathilde.
7 — 2. D. Anna.
7 — 3. Felix.
7 — 4. Antonio.
7 — 5. João.

Estes tres irmãos passaram-se para Portugal com seu pai: um é religioso bruno, e outro carmelita descalço, em Lisboa.

6 — 5. D. Anna Maria, casou em Pitangui com José Rodrigues S. Thiago, natural de Portugal. E teve dois filhos:

7 — 1. D. Anna.
7 — 2. Joaquim.

6 — 6. D. Rosa da Silva, casou em Pitangui com Domingos Pereira. Sem geração.

6 — 7. D. Custodia Leite da Silva, casou em Pitangui com Manoel Pinto Pereira, grande estudante e examinador synodal do bispo Guadalupe. E teve quatro filhos:

7 — 1. D. Francisca.
7 — 2. D. Catharina.
7 — 3. D. Rosa.
7 — 4. Vicente.

6 — 8. Manoel Leite da Silva. Foi completo na lingua latina, e excelente poeta com grande instrução da historia; e abandonando o progresso das letras, faleceu solteiro em Minas Geraes.

6 — 9. D. Rosa Leite da Silva. Embarcou na companhia de sua tia Sebastiana Paes da Silva, mulher de Antonio do Rego de Sá, que ia para a Bahia, e dalí se recolheu a sua patria a Ilha de São Miguel; e D. Rosa para religiosa em um dos conventos da dita ilha: porém D. Sebastiana faleceu no mar constituindo para seu testamenteiro e herdeiro a seu marido Antonio do Rego de Sá, e deixou oito mil cruzados para dote de sua sobrinha dita D. Rosa em 1709, como consta da provisão do desembargo do paço de 5 de junho de 1723 a favor de Anna Ferreira Delgado contra Antonio do Rego, para efeito de dar partilhas da meação de sua mulher D. Sebastiana, o qual passava de cincoenta mil cruzados em ouro e

moeda. Antonio do Rego recolhido a sua patria com mais de cem mil cruzados casou com D. Rosa Leite da Silva, de cujo matrimonio existe na ilha de São Miguel nobre geração com varios morgados.

6 — 10. D. Josepha, faleceu menina nas Gerais.

6 — 10. D. Josepha, faleceu menina nas Gerais.

6 — 12. João, faleceu menino, em São Sebastião.

4 — 3. D. Maria de Abreu Pedroso Leme, casou com Estevão Raposo Bocarro (irmão inteiro de Diogo de Escobar Ortiz do n. 4—2 acima) da governança da república da vila de São Sebastião e natural dela, onde foi pessoa de tratamento e grandes cabedais de númerosa escravatura e senhor do engenho chamado da Praia do Barro que tinha sido de seus avós, primeiros fundadores e povoadores da ilha de São Sebastião, como iremos mostrando. Foi este Estevão Raposo Bocarro, guarda-mor da marinha desta ilha dos Porcos até a barra da fortaleza da Bertioga no tempo que o inimigo e pirata francez andava roubando as embarcações, que navegavam para aquela costa. Foi filho do capitão Gaspar Picão, natural da vila de Santos, morador da ilha de São Sebastião e senhor do sobredito engenho da Praia do Barro, e da governança da república, onde ocupou os cargos dela repetidas vezes, e de sua mulher Catharina de Oliveira como consta do cartorio de orfãos, nos maços de inventarios da dita vila de São Sebastião. Catharina de Oliveira foi irmã inteira de Antonia de Escobar, mulher de Manoel Pinto, chamado o Passarilho, de cujo matrimonio nasceu Domingos Thomaz da Silva, que foi pai do padre mestre frei Bernardino de Jesus, natural do Rio de Janeiro, religioso franciscano e comissario do Santo Ofício, um dos grandes talentos em letras e virtudes na sua provincia. Foi Estevão Raposo Bocarro neto por parte paterna de Gaspar Fernandes Palha, natural da cidade de Funchal da ilha da Madeira, descendente de Ruy Vaz de Almada, a quem el-rei D. João o I deu o apelido de Palha com as armas, como consta de muitos nobiliarios. Foi da governança da vila de Santos. Foi provedor de orfãos, dos defuntos e ausentes, capela e residuos da capitania de São Vicente e São Paulo, e casou na dita vila de Santos com D. Antonia Acqueixa e Peralta, natural de Hespanha, de onde veiu com seu marido Antonio Raposo, para a capitania de São Vicente na armada real, de que foi general D. Diogo de Flores Baldez, como tudo melhor consta do alvará, que se passou ao dito Antonio Raposo quando em São Paulo foi armado cavaleiro no ano de 1601 por D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, que para o fazer tinha decreto del-rei D. Felippe, em premio de servicos feitos a coroa, o qual alvará se acha registrado no arquivo da camara de São Paulo no caderno de registros, título 1600, de fls. 31 a 38.

E pela materna foi o guarda-mor Estevão Raposo Bocarro neto de Francisco de Escobar Ortiz, que foi o primeiro povoador da ilha de São Sebastião a qual lhe concedeu para si e seus descen-

dentes o donatario da capitania de cem leguas Pedro Lopes de Sousa para ele com sua nobre geração a povoar, como fez saindo da capitania do Espirito Santo com sua mulher Ignez de Oliveira Cotrim, e com filhas já casadas. Dentro das sete leguas da dita ilha que lhe foi concedida se estabeleceu Francisco de Escobar Ortiz e seu cunhado Nuno Cavalleiro. Foi senhor de dois engenhos de assucar, os primeiros que houve naquela ilha, onde foi pessôa de grandes cabedais com um navio de duas cobertas, que navegava para Angola. Na capitania do Espirito Santo teve uma irmã chamada Antonia de Escobar, casada com o fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que era filho natural do fidalgo do mesmo nome, capitão e senhor donatario da dita capitania por mercê del-rei D. João III. Antonio de Escobar fez procuração na dita capitania no ano de 1633 para se receber em São Paulo a herança, que lhe tocou por parte de seu filho o capitão Frederico de Mello Coutinho, que faleceu sem geração em São Paulo a 28 de Janeiro de 1633 estando casado com D. Maria a qual depois foi mulher de João Barreto, como tudo se vê do testamento do capitão Frederico de Mello nos autos de inventario de seus bens, no primeiro cartorio do judicial e notas de São Paulo, maço de inventarios antigos, letra F. Este Frederico de Mello foi conhecido e estimado em São Paulo por homem-fidalgo, como consta assim no arquivo da camara no caderno de registros capa de couro de veado n. 1 título 1623 a fl. 22. Das entradas, que ele fez contra os castelhanos da provincia do Paraguai fala com petulante expressão e conhecido odio D. Francisco Xarque de Andella, no 1.º e 2.º tomo da sua obra.

Francisco de Escobar, faleceu na ilha de São Sebastião com testamento no ano de 1652, e sua mulher Ignez de Oliveira a 3 de agosto de 1675 tambem com testamento, onde se mostra que do seu matrimonio fora filha Catharina de Oliveira, mulher do capitão Gaspar Picão, senhor do engenho da Praia do Barro (Cartorio da ilha de São Sebastião, maço 4.º de inventarios o de José de Oliveira, apenso a eles o de seu marido Francisco de Escobar Ortiz). Do matrimonio do guarda-mor Estevão Raposo Bocarro e de D. Maria de Abreu Pedroso Leme, nasceram na vila da ilha de São Sebastião doze filhos que foram:

5 — 1. Pedro Dias Raposo.
5 — 2. Estevão Raposo Bocarro.
5 — 3. João Leite da Silva Ortiz.
5 — 4. Diogo de Escobar Ortiz.
5 — 5. Bartholomeu Paes de Abreu.
5 — 6. Bento Paes da Silva.
5 — 7. D. Ignez de Oliveira Cotrim.
5 — 8. D. Veronica Dias Raposo.
5 — 9. D. Isabel Paes da Silva.
5 —10. D. Catharina de Oliveira Cotrim.
5 —11. D. Antonia Requeixa de Peralta.
5 —12. D. Leonor Corrêa de Abreu.

5 — 1. Pedro Dias Raposo, casou duas veses: a primeira com D. Isabel Ribeiro da Silva Bueno, natural da vila de Santos, filha de D. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa; em título de Buenos, cap. 1.º § 4.º n. 3—7; e teve·

6 — 1. Domingos da Silva Bueno.
6 — 2. D. Maria Theresa.
6 — 3. D. Isabel.

Segunda vez casou com d. Rosa da Apresentação, filha do sargento-mor das ordenanças de São Sebastião Manoel Gomes Mazagão, bem conhecido pela sua nobresa e cabedais em a dita Ilha, e dêste segundo matrimonio teve filho unico, que foi:

6. José Dias Paes, que em Vila Boa de Santa Ana de Goiaz, casou com sua sobrinha d. Anna Luiz Pereira Leite, tendo sido dispensado no impedimento do terceiro grau de consanguinidade mixto com o segundo, filha de sua propria irmã d. Maria de Escobar, e de seu marido Gaspar Luiz Pereira; faleceu sem geração.

5 — 2. Estevão Raposo Bocarro, passou da patria ao sertão dos Currais da Bahia, Rio de São Francisco, onde se estabeleceu com grossas fazendas de gados vaccuns, e foi um dos mais potentados daquele sertão; dele abriu estrada franca pelo sertão e do Hurucuia para as minas de Vila Boa de Goiaz. Foi um dos grandes sertanistas do seu tempo, cujo valor acreditou por espaço de alguns anos, conquistando e domando o barbaro gentio, naquela, que se lhe fez pelo governador dela Mathias Cardoso de Almeida. Deixou do seu matrimonio duas filhas, e um filho, que foram:

6 — 1. D. Francisca Leite, que faleceu sem geração pelo infeliz sucesso que lhe aconteceu por ser bastantemente resoluta em montar qualquer generoso cavalo, que o sabia mandar com excelencia de qualquer perfeito cavaleiro. Ao vadear uma grande ribeira, para avançar o alto barranco dela, picou com esporas de pua ao bruto, que, carregando a grande corpulencia desta senhora, avançou a ganhar o barranco com impeto, que lhe tinha estimulado o castigo do ferro; e desbroando-se a terra em que já tinha as mãos, voltou-se de costas, e no precipicio da queda recebeu d. Francisca o dano de se lhe imprimir no estomago o arção da sela, que era a Jeronima, e para logo perdeu a vida, que parece procurou ela esta fatalidade, pelo atrevimento com que meteu no perigo. Não teve filhos do matrimonio, que tinha contraído com Pedro Cardoso, aquele que, passando para a India, obrou ações de valor em uma pequena fortaleza do Rio de Sena. O grande cabedal de d. Francisca, estabelecido em rendosas fazendas de gado herdaram seus irmãos.

6 — 2. D. Rita, que existe casada com Thomaz da Costa Ferreira de Alquimi, natural da vila de Viana, fidalgo da casa real, bem conhecido pela sua distinta qualidade da casa e morgado de Alquimi, irmão direito de João da Costa Ferreira, que foi mestre de campo e governador da praça de Santos, e de Antonio Ferreira

de Brito, fidalgo da casa real, que casou na vila de Santos, na nobre casa de Santa Anna, e de quem neste título fazemos menção na descendencia de Luiz Dias Leme, do § 5.º, n. 2—7. E foi filho de André da Costa, fidalgo da casa real, e Morgado de Alcami, em Viana.

6 — 3. N... que mataram no sertão dos Currais da Bahia seus proprios cunhados, os filhos do Roboredo.

5 — 3. João Leite da Silva Ortiz, casou com d. Isabel Bueno da Silva, filha de Bartholomeu Bueno da Silva, descobridor das minas de Goiaz, em título de Buenos, cap. 2.º, § 2.º, n. 3—1 e seguintes, e a quem acompanhou o dito João Leite, que igualmente foi socio e descobridor das ditas minas com seu sogro Bartholomeu Bueno da Silva, cujos serviços de conquista, descobrimento e estabelecimento delas temos tratado no epitome, que fizemos ao carater do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva.

De Vila Boa de Goiaz passou João Leite da Silva para São Paulo, no ano de 1730, com a resolução de ir a real presença a dar conta do que tinha obrado em serviços da magestade. Chegando ao Rio de Janeiro, embarcou para a cidade da Bahia, a demandar a frota, que já não alcançou. Ali foi recebido com grandes aplausos e públicas demonstrações de cortejos, que fez praticar o vice-rei do Estado o conde de Sabugoza Vasco Francisco Cesar de Menezes, sabendo conhecer este cavalheiro os relevantes serviços do descobridor João Leite da Silva, que á persuações do grande zelo de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de São Paulo, aceitou a comissão de penetrar o inculto e vasto sertão dos Goiaz, na mesma conduta do cabo principal dela Bartholomeu Bueno da Silva. Venceu o Cesar a João Leite da Silva para esta grande empresa, porquanto, aceitando Bartholomeu Bueno da Silva o ser explorador daqueles sertões, foi com a clausula de ser seu adjunto e futuro sucessor na campanha seu genro João Leite da Silva Ortiz, no ano de 1722. Então se achava João Leite da Silva rico e abastado, com numerosa escravatura, e bem estabelecido de lavras minerais no sitio chamado o Curral de El-Rei. A persuasões de seu irmão, o capitão de infantaria Bartholomeu Paes de Abreu, e das promessas do governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, aceitou o convite; e, fazendo vender por um o que valia dez, recolheu a São Paulo, onde a custa dos seus grandes cabedais se formou o troço de 500 homens, com cujo corpo penetrou o inculto sertão de Goiaz, sofrendo no decurso de tres anos e oito meses, as perdas, os trabalhos, e as miserias, que temos tocado nas ações do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva, em título de Buenos, § 2.º.

Tinha-se empenhado a emulação de Antonio da Silva Caldeira, (filho espurio de um conego da Sé de Lamego) sendo governador da capitania de São Paulo sem o carater de capitão general, a que Rodrigo Cesar de Menezes não ficasse com a glória de fazer dar a luz um descobrimento tão apetecido, e para o qual o Cesar se tinha muito empenhado, e se achava este particular serviço muito

na lembrança da magestade de el-rei o sr. d. João V. Da capitania de São Paulo se tinha recolhido, depois de acabar o seu governo Rodrigo Cesar de Menezes, que, passando por ordem de el-rei ás minas de Cuiabá, e achando-se nelas no ano de 1728, chegou a São Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, que tomou posse do governo da capitania na camara desta cidade a... de...... E para logo entrou publicamente a desprezar todos os acertos de seu antecessor, que até concebeu a barbara blasfemia de afirmar (entre o vil sequito do seu partido) que o Cesar tinha no Cuiabá feito introduzir chumbo em lugar de ouro, pelas oito arrobas, que, dos reais quintos, tinha cobrado naquelas minas; querendo que este sacrilego atentado não recaisse em Sebastião Fernandes do Rego, particular amigo do dito Caldeira, que o tempo, pelas suas circunstancias e exatas devassas a que se procedeu pela insolencia deste roubo, não pôde eximir a Sebastião Fernandes do Rego de ficar conhecido por autor deste horrendo delito: bem o publicou depois o geral confisco, que se lhe seguiu em São Paulo em todos os seus bens, porque ainda, que amparado das subtilissimas maximas do seu protetor, e amigo Antonio da Silva Caldeira pôde Sebastião Fernandes passar da prisão, em que residia no calabouço da fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande da vila de Santos para o Limoeiro da cidade de Lisboa, onde depois de alguns anos, venceu a astucia do mesmo Rego o recolher-se a São Paulo livre e desembaraçado, onde chegou no ano de 1739; contudo, descobrindo-se na corte os efeitos da sua habilidade, se passaram para logo com todas as forças, decretos do sr. d. João V para a prisão do dito Rego, remetendo-se os mesmos caixotes, e o chumbo que nele se tinha introduzido ao ouvidor de São Paulo e corregedor da comarca, o doutor Domingos Luiz da Rocha, para formar a vista de tudo um novo auto de corpo de delito, e proceder a devassa. Neste tempo já era falecido Sebastião Fernandes do Rego, cuja morte o livrou da injuria das rigorosas prisões, que a sua culpa tinha lavrado. Procedeu-se pela ouvidoria de São Paulo na devassa, e nela ficou assás manifesta a sacrilega culpa do autor dela, e segunda vez se verificou um geral confisco nos bens de Sebastião Fernandes do Rego, pelo doutor Domingos Luiz da Rocha, cujos autos a todo o tempo publicarão esta verdade para horror e confusão dos vindouros.

Antonio da Silva Caldeira descobriu na sua má intenção o meio de abandonar as novas minas de Goiás, onde se achavam por segunda entrada para o seu estabelecimento, e repartimento das terras minerais aos vassalos do rei, observadas as reais ordens, os descobridores delas Bartholomeu Bueno da Silva, com o carater de capitão-mor regente, e superintendente com jurisdição no crime e civel; e João Leite da Silva feito guarda-mor geral da repartição das terras minerais das mesmas. Em São Paulo, porém, ficou residindo o terceiro socio, o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, para desta cidade fornecer do necessario aos descobridores, que se achavam residindo em Minas; a este entrou a perseguir Antonio da Silva Caldeira Pimentel, do que resultou pôr na real presença

estes procedimentos e queixoso Bartholomeu Paes de Abreu, em tres distintas cartas, que se acham na secretaria do conselho ultramarino; e resultando elas as providências das ordens datadas em 12 de Maio de 1730, que se acham tambem registradas na mesma secretaria no livro 1.º das cartas de São Paulo, título 1726, de fl. 63, até fl. 96, produziu o desafogo de Caldeira o excesso de mandar prender potenciosamente o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, no calabouço da fortaleza da Barra de Santos, onde então se achava o preso Sebastião Fernandes do Rego. Ali o conservou sem lhe admitir recurso, e proibido o desafogo de escrever e receber cartas, e não falar, nem ainda com seus proprios filhos se ali aparecessem; porque tinha concebido o conceito de que ao compasso destas violentas tiranias, perderia a constancia, a inocencia do preso, a quem por este modo desejava Caldeira tirar a vida.

Os ecos desta influência chegaram as minas de Goiás; e lamentando-se ali estes procedimentos contra um vasallo de tão relevantes serviços; precipitadamente se resolveu o guarda-mor João Leite da Silva Ortiz passar á São Paulo, seguindo derrota até a real presença. Nada bastou a mover o endurecido odio de Antonio Caldeira da Silva Pimentel. A este requereu João Leite da Silva da parte do real serviço, que queria ter audiencia, com o preso seu irmão Bartholomeu Paes de Abreu, na presença dos oficiais, que para este ato fossem nomeados, sem que para a prática se precisasse de aliviar ao preso, extrahindo-se do mesmo calabouço em que residia, porque, nas grades da janela dele podia João Leite conseguir a pretendida prática com seu irmão, de quem só interessava informar-se como seu procurador e socio, o estado em que se achavam os serviços feitos com o descobrimento das minas de Goiás. A nada se moveu o governador Caldeira.

Desceu João Leite para Santos; e na noite antes de embarcar para o Rio de Janeiro, pernoitou na mesma fortaleza de Santo Amaro, cujo comandante era então o capitão de infantaria André Curciano de Mattos, que com o desembaraço do sangue que lhe adornava as veas por todos os costados, recebeu e agasalhou a João Leite da Silva com as honras que merecia um vassalo, que, a custa da sua fazenda, deixava descobertas minas para enriquecerem o real erario. Como obediente soldado, não se afastou de cumprir as ordens do seu governador, em observancia das quais não se chegaram a avistar os dois irmãos. Na madrugada, porém, do dia do embarque mandou o capitão comandante, a sua custa, salvar com algumas peças de artilharia da fortaleza, quando se fez a vela, a embarcação do guarda-mor João Leite, e bastou esta obsequiosa ação, executada em contemplação de um vassalo tão benemerito, para ficar no desagrado do governador Caldeira, que, por isto, não perdeu ocasião de perseguir ao capitão André Curciano de Mattos.

Da Bahia embarcou João Leite da Silva para Pernambuco; e com cartas de aviso do conde vice-rei, foi naquela cidade recebido com semelhantes demonstrações de aplausos, as que se tinham com ele praticado na Bahia. O governador capitão-general, e o

exmo. bispo de Pernambuco honraram muito aos merecimentos de João Leite da Silva Ortiz, que, detendo-se a espera da partida da frota, enfermou de bexigas, e foi feliz nesta enfermidade. Eram passados quarenta dias, e ainda o enfermo se conservava recolhido. Na tarde do dia 8 de Dezembro de 1730 foi visitado do bispo diocesano. e, na despedida deste prelado, o acompanharam Bartholomeu Bueno da Silva e Bento Paes da Silva; aquele era cunhado, e este sobrinho do guarda-mor João Leite, e com ambos tambem o padre José de Almeida e o filho do dito guarda-mor acompanharam ao exmo. bispo. Neste intermedio quiz o enfermo beber um copo dagua do cosimento das sementes de cidra, cuja potagem mandavam os medicos que usasse para temperar a massa do sangue, ainda exaltada da enfermidade das bexigas. Ministrou-lhe a bebida o padre Mathias Pinto, clerigo de São Pedro, que, esquecido do seu carater, tinha obrado alguns excessos de desenvoltura nas minas do Cuiabá, das quais mandando-o vir preso com as culpas, o exo. bispo d. fr. Antonio de Guadalupe, se refugiou, e escapando da justiça para as minas de Goiás. Delas se aproveitou do afavel genio e caridoso animo do guarda-mor João Leite, que, liberal, recebeu em sua companhia, para o conduzir ao reino sem a menor despesa. Logo em São Paulo, descobrindo-se, que todas as noites, debaixo do rebuço de um capote, costumava ter práticas com o governador Caldeira, foi advertido por parentes e ainda por pessoas religiosas, que despedisse ao dito clerigo; porém João Leite, sem valor para o fazer, desprezou os avisos e o foi conduzindo com os detrimentos das necessarias cautelas para não ser descoberto e preso pelas culpas graves que tinha no Rio de Janeiro; e por este ato de virtude veiu João Leite a tragar a morte, porque ministrada a bebida pelo dito padre Mathias Pinto, atuado no corpo o veneno que lhe tinha introduzido, antes de completar duas horas, entrou o enfermo em mortais ancias. Acudiram os medicos, e observada a novidade, se conheceu que eram efeitos de veneno. O clerigo desapareceu da casa, deixando com a retirada mais suspeitosa a culpa da sua estragada consciencia e indesculpavel ingratidão contra o seu amigo, protector e bemfeitor. Como o veneno se introduziu no sangue, perdeu a vida quem era merecedor de a possuir mais larga; e perdeu o rei um muito distinto e benemerito vassalo, porque ele bastava para conseguir, como pretendia, os maiores descobrimentos em todo o sertão de Goiás, que até hoje por esta falta se lamenta a morte de João Leite da Silva, que, na madrugada do dia 9 de Dezembro de 1730 entregou a alma ao Creador, na vila de Santo Antonio de Recife de Pernambuco. Tinha feito dantes o seu testamento, em que declarou o cabedal proprio e alheio, que levava comsigo; e, como as barras douro avultavam em grande soma de mil cruzados, despertou esta grandeza a ambição dos oficiais do juizo dos ausentes, que, sem atenção a ter o testador testamenteiros prontos, e filho herdeiro em sua companhia, se procedeu na arrecadação e rematação de tudo. Porém, examinada a causa pelos deputados da mesa da consciencia e ordens, lavraram

sentença de nulidade a todo o processo, declarando-se nela que, com mão rapida, tinha sido este procedimento. Porém, não havendo quem viesse a Pernambuco fazer executar esta sentença, no poder daqueles oficiais ficou o lucro, que tiveram a título de dívidas, comissões. Do matrimonio do guarda-mor João Leite da Silva Ortiz nasceram quatro filhos:

6 — 1. Bartholomeu Bueno da Silva, que acompanhando a seu pai, para seguir os estudos na Universidade de Coimbra, antes de chegar a Lisboa, faleceu de bexigas, no mar.

6 — 2. Estevão Raposo Bocarro, faleceu solteiro, na Vila Boa de Goiazes.

6 — 3. D. Theresa Leite da Silva, casou, na matriz da freguezia de Nossa Senhora da Penha de França, do sítio de Araçariguama, com Januario de Godoy Moreira, em título de Godoy, cap. 5.º, § 5.º, com geração, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Maria Barbara.

6 — 4. D. Quiteria Leite da Silva, casou, na matriz de Vila Boa de Goiazes, com Antonio Cardoso de Campos, capitão de cavalos do regimento auxiliar das ditas minas, e guarda-mor das terras e aguas minerais do arraial de Crixás, onde tem servido de juiz ordinario algumas vezes; é natural de vila de Itú, filho de Lourenço Cardoso de Negreiros e de sua mulher Mecia de Campos: em título de Botelhos Arrudas, cap. 3.º, § 6.º, não 2—2. E teve filhos:

7 — 1. Lourenço Cardoso de Negreiros, que se acha casado com sua tia, em terceiro grau de consaguinidade, d. Margarida de Campos, filha do coronel Bartholomeu Bueno da Silva e de sua mulher d. Maria Theresa Isabel Paes, de quem temos tratado neste título, no cap. 5.º, § 5.º, decendentes de Paschoal Leite Paes, de n. 3—2.

7 — 2. João Leite da Silva Gusmão.

7 — 3.

7 — 4.

5 — 4. Diogo de Escobar Ortiz, faleceu na vila da ilha de São Sebastião, tendo repetidas vezes ocupado os cargos daquela republica; e nela foi casado com Catharina Nunes de Freitas, natural da mesma ilha, irmã de Luiz Nunes de Freitas, que faleceu em 1734; filhos do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, natural de São Sebastião, e de sua mulher Maria de Freitas, com quem casou em Santos, a 17 de Outubro de 1668: era filha de Gonçalo de Freitas, natural de Viana, e de sua mulher Maria Farinha, natural da vila de Coimbra; e ele, filho de Bartholomeu Gonçalves e de Maria de Onhate. E teve cinco filhos:

6 — 1. D. Maria de Escobar, que se acha moradora na capitania de Goiazes, viuva de Gaspar Luiz Pereira, que são os pais de d. Anna Luiz Pereira Leite, mulher de José Dias Paes, filho de Pedro Dias Raposo e de sua mulher do número retro 5—1.

6 — 2. D. Francisca Leite da Silva, mulher de Domingos Gomes Mazagão, filho do sargento-mór Manoel Gomes Mazagão,

natural desta praça, e de sua mulher Barbara Moreira. E teve tres filhos:

7 — 1. Diogo.
7 — 2. Manoel.
7 — 3. Anna.

6 — 3. D. Catharina Paes, mulher de Bento de Sousa Coutinho, natural da Ilha Grande, filho de Francisco de Bittencourt; sem geração.

6 — 4. D. Josepha Luiza de Freitas, mulher de Clemente Paes Pereira, que existe morador em São Sebastião, onde tem servido os cargos da republica e, algumas vezes, o de juiz ordinario dela. Tomou o grau de mestre em artes, no colegio dos padres jesuitas do Rio de Janeiro, no ano de 1744. É natural de Oeiras, de onde, já em praça de soldado, com matrícula na vedoria da corte, da fortaleza de São Gião, veiu para soldado da praça do Rio de Janeiro, com seu pai, o mestre de campo do terço de artilharia da mesma praça, onde faleceu, tendo sido casado com d. Joanna Maria das Chagas, natural de Oeiras, e o dito mestre de campo foi natural da Torre de Moncorvo. Com 19 anos de serviço deu baixa Clemente Paes Pereira. E teve, naturais da ilha de São Sebastião, tres filhos:

7 — 1. Luciano Paes Pereira.
7 — 2. Manoel José de Jesus Pereira.
7 — 3. D. Emerenciana Paes Pereira Leite de Escobar.

6 — 5. Manoel Hieronimo Leite, foi casado com d. Maria Alves de Moraes Tavares, filha de Manoel Alves de Moraes, que foi coronel das ordenanças, da ilha de São Sebastião. Em título de Moraes, cap. 1.º, § 5.º, na decendencia do número 3—1; sem geração.

5 — 5. Bartholomeu Paes de Abreu, (a) cidadão da cidade de São Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz ordinario o capitão de infantaria paga, do novo terço, que, por ordem régia, levantou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, primeiro governador e capitão general da capitania de São Paulo, como temos tratado em título de Taques Pompêos, pelo casamento do dito capitão Bartholomeu Paes com d. Leonor de Siqueira Paes, sua prima em quarto gráu de consanguinidade.

5 — 6. Bento Paes da Silva, casou com filha de Urbano de Castro Pereira, e faleceu nas Minas Gerais, tendo dois filhos chamados João Paes, e Gregorio de Castro Pereira, que faleceram sem geração.

(a) Nascido em São Sebastião, em 1674, (Aff. de E. Taunay).

5 — 7. D. Ignez de Oliveira Cotrim, foi mulher de Antonio de Faria Sodré, irmão inteiro, do P. João de Faria Fialho, fundador da vila de Pindamonhangaba, e da igreja matriz dela, a quem deixou patrimonio para dos rendimentos ter a sua congrua de 80$000 por ano o vigario da dita igreja. E teve:

6 — 1. Miguel de Faria Sodré, que casou com sua parenta Veronica Dias Leite Ferraz, e foi morador das Minas de Pitangui, onde soube estabelecer um grande nome pelas morais virtudes, e igual honra no procedimento das suas ações, e governo da sua casa, com grandes lavras de terras minerais, e excelente educação dos seus filhos. Faleceu em ditas minas em 1754, importando o monte do seu casal 56 contos de réis. E teve:

7 — 1. Antonio de Faria Sodré, casado com d. Leonor Moreira Domingues da Cunha, filha de d. Thomasia Pedroso: em título de Toledos, cap. 2.°, § 2.°. n. 3—6.

7 — 2. Miguel de Faria Fialho, casou com Maria de Morais de Siqueira, natural de Pitangui, filha de Manoel Preto Rodrigues, e de d. Francisca de Siqueira de Morais, natural de Jundiahy, do padre João de Morais? Com geração.

7 — 3. José Ferraz de Araujo, casou com d. Genoveva da Trindade, filha de d. Thomasia Pedroso, acima. Com geração.

7 — 4. Francisco Leite, casou segunda vez com d. Emiliana Francisca de Moura, filha de d. Thomasia Pedroso, acima. Com geração dêste segundo casamento.

7 — 5. Antonio Ferraz de Araujo, casou com Leonor de Siqueira de Morais, natural de Pitangui, filha de Manoel Preto Rodrigues, acima. E teve sete filhos:

8 — 1. Helena de Moraes Araujo, mulher de Francisco Lourenço Cintra, natural do Algarve.

8 — 2. Maria Leite de Araujo, mulher de Amaro das Neves de Moraes, natural de São Paulo, e casou em Pitangui, filho de Domingos Teixeira de Moraes, que foi mercador em São Paulo, e de sua mulher Maria Soares das Neves, prima irmã da freira Anastacia, etc.

8 — 3. Andreza de Araujo, mulher de José Felix Cintra, irmão de Francisco Lourenço, acima.

8 — 5. Lucrecia Leite de Araujo, primeira vez casou com Rafael Soares de Oliveira, de Jundiahy, filho de Gonçalo Ribeiro, e de sua mulher Anna Cordeiro, de Jundiahy.

8 — 5. Manoel Ferraz de Araujo, casou em Mogí, com Isabel Pedroso Leite, filha de Antonio Leite de Barros, e de sua mulher Josepha Cardoso de Almeida.

8 — 6. Antonio Ferraz de Araujo, casou na freguezia de Nazareth, com Gertrudes de...., filha de Gaspar Vaz da Cunha e de Joanna Gonçalves.

8 — 7. Luiz José de Faria, casou em Pitangui.

6 — 2. João Leite da Silva Sodré, casou em São Sebastião, com d. Beatriz da Silva, filha de Jordão Homem, e de sua mulher d. Paschoa Pinheiro. Esta familia é da de Botafogo, do Rio de Janeiro e o padre Alexandre Pinheiro foi irmão desta Beatriz da Silva. E teve nascidos em São Sebastião, sete filhos:

7 — 1. D. Ignez de Oliveira Leite, casou com o capitão Julião de Moura Negrão, que existe em 1774, atualmente capitão-mor por patente régia, filho do coronel Salvador Ferreira de Moraes, natural do Rio de Janeiro, e de d. Maria Gomes da Costa, sobrinha direita do padre Manoel Gomes Pereira. E teve tres filhos:

8 — 1. D. Ignacia Gomes de Moraes, mulher do sargento-mór Manoel Dias Barbosa.

8 — 2. D. Maria Pinheiro de Oliveira, foi casada com o capitão de infantaria Francisco Aranha Barreto, comandante da praça de Iguatemí, em 1773. Sem geração (*Faleceu em major comandante da praça de Santos. em 1794).

8 — 3. Julião de Moura Negrão, casou com d. Ignez Gomes de Moraes, filha do coronel Manoel Alves de Moraes de Navarro.

7 — 2. D. Ignacia Pinheiro, mulher do capitão Domingos Borges da Silva, natural de São Sebastião, filho de Antonio da Silva Borges, morador do Rio de Janeiro, e de Fabiana Ortiz, de São Sebastião. Com geração.

7 — 3. D. Monica Pinheiro, foi casada com Matheus Barbosa de Carvalho, natural da Nova Colonia. Com geração.

7 — 4. D. Maria Leite, mulher de Domingos Lopes de Azevedo, filho do sargento-mor João Nunes de Freitas, e de sua mulher d. Catharina Pedroso de Moraes, irmã do coronel Manoel Alves de Moraes. Com geração.

7 — 5. Jordão Homem Pedroso, casou em São Sebastião com Anna Pedroso de Moraes, filha do sargento-mor João Nunes de Freitas, e de sua mulher d. Catharina Pedroso, acima. Com geração, entre os quais:

8 — 1. D. Beatriz.
8 — 2. D. Maria.
8 — 3. Daniel.
8 — 4. D. Catharina.
8 — 5. D.

7 — 6. Sebastião Pinheiro Leite, casou em São Sebastião com d. Barbara Moreira, filha do coronel Manoel Alves de Moraes, e teve:

7 — 1. João.
8 — 2. Ezequiel.
8 — 3. D. Maria.

7 — 7. João Pinheiro Leite. Faleceu estudante.

6 — 3. Antonio de Faria Sodré, casou com Veronica da Gaya Moreira, filha de Antonio da Motta Moreira: em título de Gayas. E teve:

7 — 1. João de Faria Sodré, casou com d. Anna Maria Furtado de Jesus, filha do capitão Pedro Furtado, e de sua mulher..., natural de Taubaté, moradores de Ubatuba. Com geração.

7 — 2. Leonardo de Faria Sodré, casou com Maria Josepha, filha de Antonio Homem Coutinho, e de Domingas de Freitas. Com geração.

7 — 3. D. Angela de Gaya, casou com Antonio Corrêa Mazagão, filho de Francisco Gonçalves Souto, e de Isabel Nunes Corrêa. Com geração.

7 — 4. D. Ignez de Oliveira, casou com Manoel Dias Cardoso, filho de Antonio Fernandes, e de sua mulher Paula Dias. Sem geração.

7 — 5 e 7 — 6. D. Barbara e d. Catharina, faleceram solteiras.

5 — 8. D. Veronica Dias Raposo, casou com Miguel Gonçalves Martins, como consta do testamento da dita Veronica Dias, que faleceu a 21 de Fevereiro de 1723, o qual se acha no cartorio de São Sebastião, no maço segundo dos inventarios. E teve tres filhos:

6 — 1. D. Francisca Leite de Escobar, casou com... (*Aqui diz Taques que se veja o seu livro. É de notar que desde o n. 57 foi escrito nas margens, em suplemento, e por isso vai sucintamente).

E teve:

7 — 1. D. Martha Leite, casada com Sebastião Ribeiro, filho de Pedro Homem Coutinho, e de Senhorinha Ribeiro, da familia do Deão Gonçalves de Araujo por Freitas, que era tio da dita Senhorinha Ribeiro.

7 — 2. D. Maria de Abreu Pedroso, casou com Simão de Goes, filho de Bernardino de Goes, e de Maria da Motta Moreira. Com geração.

7 — 3. João de Moura, casou com Theresa Cardoso, filha de Antonio Homem Coutinho, e Domingos de Freitas, acima. Com geração.

5 — 9. D. Isabel Paes da Silva. Faleceu no ano de 1736, e foi casada com Manoel André Viana, o qual faleceu com testameito, a 20 de Fevereiro de 1739, e era natural da Vila do Rio de São Francisco, filho de Pedro Gonçalves Vianna, e de sua mulher Francisca André. (Cartorio da Ilha de São Sebastião, maço 1.º de Inventarios). E teve duas filhas:

6 — 1. D. Maria de Abreu Pedroso, que foi casada com Gaspar Ferreira de Moraes, irmão direito do capitão-mor Julião de Moura Negrão. Com geração.

6 — 2. D. Francisca Leite de Escobar, que foi casada com Bento de Oliveira Souto, irmão direito de Francisco Gonçalves Souto, e do P. M. fr. Antonio Godinho, que foi provincial dos ca-

puchos da provincia do Rio de Janeiro. Sem geração, porém adulterando, teve nascido no Rio de Janeiro o filho João Leite da Silva Escobar, que está casado com d. Anna Gabriel de Menezes Camara e Vasconcellos. Sem geração.

5 — 10. D. Catharina de Oliveira Cotrim, que foi casada com o capitão Marcos Soares de Faria, natural da vila de Barcelos. E teve:

6 — 1. Lopo Soares de Faria.
6 — 2. Mathias Soares de Faria.
6 — 3. Jorge Soares de Faria.
6 — 4. José Soares de Faria.
6 — 5. Diogo Soares de Faria.
6 — 6. D. Leonor Soares, casou com João Nunes das Neves.
6 — 7. D. Maria, casada com José Barbosa da Silva, capitão da ordenança de Ubatuba, em 1768.

5 — 11. D. Antonia Requeixa de Peralta, foi casada com Salvador Nunes, e faleceram em São Paulo. Sem geração.

5 — 12. D. Leonor Corrêa de Abreu, que foi casada na cidade de São Paulo, com José Dias da Silva, natural e cidadão da mesma, onde serviu os cargos da sua republica; irmão direito de Pedro Jacome Vieira, que obteve sentença de *puritate et nobilitate*, em 1694, proferida em São Paulo, pelo bispo d. José de Barros de Alarção; filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Maria da Silva, ambos naturais de São Paulo; e da irmã direita do capitão-mór povoador, e fundador da vila da ilha de Santa Catharina, Francisco Dias Velho, para onde saiu de São Paulo a fundar esta vila, a 18 de Abril de 1662. Neto por parte paterna de Domingos Machado Jacome, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, da dita Ilha Terceira; filha de Ignacio de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, chamada a rica. Em título de Machados, da Ilha Terceira), e de sua primeira mulher d. Catharina de Barros, natural de São Paulo, filha de d. Jorge de Barros Fajardo, natural de Ponte Vedra no reino de Galiza, que faleceu em São Paulo, com testamento em 1615, e de sua mulher, d. Anna Maciel, natural da Vila de Vianna do Minho, donde já veio casada para São Paulo, em companhia de seus irmãos e irmãs com seus pais João Maciel, e Paula Camacho. Da transmigração dêste João Maciel para o Brasil e da qualidade de sua nobreza consta por documentos e certidões genealogicas, no juizo do civel da corte de Lisbôa, em uns autos de justificação de Domingos Antunes Maciel, processados no ano de 1756, no cartorio das habilitações do reino (Cartorio de orfãos da cidade de São Paulo, maço 1.º, de inventarios, letra C, n. 46, o de Catharina de Barros, que faleceu com testamento, a 9 de Setembro de 1667. E maço 2.º, da letra I, inventario de d. Jorge de Barros Fajardo). E pela parte paterna é neto o dito José Dias da Silva de Francisco Dias, que faleceu no

sertão, em 1645; filho de Pedro Dias, que foi leigo jesuita, vindo para São Paulo no princípio da sua fundação; e lhe foi relaxado o voto pelo P. geral S. Ignacio para efeito de poder casar com a filha do cacique Teveriçá, que depois se chamou Martim Affonso de Sousa, e sua filha tomou o nome de Maria da Grã, em obsequio do P. Luiz da Grã, jesuita, que a batisou. Por morte desta, casou segunda vez Pedro Dias com Antonia Gomes da Silva, natural da cidade de Braga, de onde tinha vindo solteira com seus irmãos Simão Alves, Maria Affonso, Francisco Fernandes, e Isabel Gomes, na companhia de seus pais Pedro Gomes, e Maria Affonso, ambos naturais de Braga, e um dos casais, que subiu a serra de Paranapiacaba. E deste segundo matrimonio teve Pedro Dias a Francisco Dias, que faleceu no sertão, no ano de 1645, estando casado com Custodia Gonçalves, que faleceu em São Paulo, com testamento, a 5 de Fevereiro de 1681, a qual foi filha de Helena Gonçalves e de seu primeiro marido N. Penida; e esta Helena Gonçalves casou segunda vez com...., que estava viuvo de sua primeira mulher Antonia Gomes da Silva, a qual tambem estava viuva do seu primeiro marido dito Pedro Dias. (Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra F., n. 17, o de Francisco Dias. E maço 1.º, letra C, n. 34, o de Custodia Gonçalves). Foi este Pedro Dias da governança da terra, servindo repetidas vezes os cargos dela, e de juiz ordinario, como se vê nos livros e cadernos antigos do arquivo da camara de São Paulo, e faleceu, com testamento, a 10 de Novembro de 1590, declarando nele, que primeiro casara com Maria da Grã, filha do cacique Teveriçá, e segunda vez com Antonia Gomes, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso, (Cartorio 1.º de notas de São Paulo, caderno de notas, título Dezembro de 1590, fl. 10).

Do matrimonio de d. Leonor Corrêa de Abreu, e José Dias da Silva nasceram em São Paulo nove filhos:

6 — 1. Estevão Raposo da Silva, que ocupou os cargos da republica como cidadão de São Paulo, e tendo sido casado com sua parenta Joanna Corrêa da Silva, não teve filhos; ela faleceu em Pindamonhangaba, sua patria, e ele em Vila Boa de Goiazes.

6 — 2. Pedro Dias Leite, faleceu solteiro.

6 — 3. Francisco Dias, faleceu solteiro nas minas do Maranhão, capitania de Goiazes.

6 — 4. João Leite da Silva, faleceu no passo do rio Iguatemí no assalto que lhe deu o formidavel corpo do gentio montês, estando ele esperando conduta para passar á vila de Curamatim para dela ir a cidade do Paraguai com uma carregação de ouros lavrados, e peças de diamantes e topasios, em cujo negocio interessava d. Francisco Sanches Franco, castelhano europeu, que residia na dita cidade, e tinha para o ingresso deste contrabando as circunstancias do vínculo da aliança com o secretário daquele governo, que era seu cunhado, e com esta infelicidade se malogrou a negociação, que a ser felizmente introduzida, ficaria por este modo facilitado

o meio de correspondencia entre os moradores de São Paulo e da cidade do Paraguai. Foi João Leite da Silva muito estimado pelas suas excelentes qualidades, e foi cidadão de São Paulo e fiscal da real casa da fundição.

6 — 5. Ignacio Dias Paes. Foi sargento-mor da comarca de Vila Boa de Goiazes, onde foi um dos seus primeiros juizes ordinarios. Faleceu nas minas novas de Tesouras, indo a elas fazer partilhas das terras minerais. Foi casado com d. Joanna de Gusmão, natural da vila de Parnaíba: filha de Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mor regente e superintendente com jurisdição no crime e civel das minas de Goiazes, das quais tinha sido o seu descobridor com concurso de seu genro, o guarda-mor João Leite da Silva, e de sua mulher, d. Joanna de Gusmão; em título de Buenos; e neste de Lemes, cap. 5:º, § 5.º, n.... E teve dez filhos:

7 — 1. José Dias Paes. (*Passou-se de Vila Boa de Goiazes para o Cuiabá, onde vivia até o ano de 1792, e alí tinha casado com d. Anna Theresa de....)

7 — 2. Alexandre de Gusmão da Silva Leite, soldado dragão de Vila Rosa. Passou-se para o Cuiabá, no ano de 1786 ou 87, casado, e situou-se com roça, e tem geração.

7 — 3. Ignacio Dias Paes, soldado dragão de Vila Boa.

7 — 4. Antonio Bueno de Gusmão, soldado dragão da mesma capitania.

7 — 5. Manoel Dias Paes, solteiro.

7 — 6. João Leite da Silva, solteiro.

7 — 7. Francisco Dias Paes, no Cuiabá, donde passou em mesma companhia para o Rio de Janeiro a concluir os seus estudos e ordenar-se; o que com efeito conseguiu, retirou-se presbitero para o Cuiabá, em 1798.

7 — 8. D. Leonor Corrêa de Abreu, existe solteira no Cuiabá em companhia de seu irmão José Dias Paes.

7 — 9. D. Anna de Gusmão, casada com João Gaude Ley, alferes da companhia de soldados aventureiros da Vila Boa, natural da vila de Paratí.

7 — 10. D. Violante Barbosa de Gusmão, casou com Manoel Nunes de Brito Leme, filho do capitão Manoel Nunes Barbosa, natural da vila de Guaratinguetá, republicano de Vila Boa, onde tem servido os cargos da republica e foi dela juiz ordinario da vila do Cuiabá, faleceu ali, no ano de 1794, casado segunda vez com D. Custodia.

6 — 7. D. Teresa Corrêa da Silva Leite, foi casada com seu parente Bento de Barros Fajardo, natural de São Paulo, e na matriz dela a 26 de Agosto de 1702; filho de Ignacio Vieira, e de sua mulher Maria Rebello. E teve quatro filhos naturais de São Paulo:

7 — 1. Ignacio Vieira Barros, existe na vila de Pitangui.

7 — 2. José Manoel Vieira Barros, casou com.... filha de José de Aguirre.

7 — 3. Bento Vieira de Barros Fajardo, solteiro.

7 — 4. D. Anna Teresa de Barros, solteira em Vila Boa

6 — 8. D. Maria Leite da Silva, que existe neste ano de 1766, viuva de José Alvares Fidalgo, natural da vila de Freixo de Espada a Cinta, em cuja matriz foi batizado a 22 de Fevereiro de 1667, filho de João Fernandes Fidalgo e de sua mulher Catharina Alvares, como vimos da certidão de banhos em forma passada pelo reverendo Dr. Francisco Pereira Lima, capelão fidalgo de Sua Magestade, vigario geral, juiz dos casamentos , etc., da camarca da Torre de Moncorvo , a 11 de Novembro de 1733. O dito José Alvares Fidalgo, foi irmão inteiro do padre José de Faria, capelão da colegiada da vila de Freixo, onde justificou e provou o seguinte, de que se lhe passou instrumento de nobilitate, que se acha registrado na camara da cidade de São Paulo, no livro de registro geral pelo escrivão João da Silva Machado no ano de 1764: Que era filho de João Fernandes Fidalgo, pessoa da governança da vila de Freixo por si e seus avós, e de sua mulher Catharina Alvares, ambos naturais da dita vila. Neto por parte paterna de Manoel Rodrigues, pessoa da governança da terra, e de sua mulher Maria Fernandes Fidalgo, ambos de Freixo. E pela materna, neto de Francisco Alvares, natural da vila de Almendra, pessoa de tratamento e nobreza, com fazendas proprias e moradas de casas de sobrado; e de sua mulher Leonor Foão, natural da vila de Freixo. O que tudo consta melhor do instrumento de abonação mencionado, cujos autos foram processados em 1730, pelo escrivão da vila de Freixo, Valentim Pimentel, sendo juiz de fóra o Dr. Diogo Guedes de Siqueira, que proferiu a sua sentença a 9 de Dezembro do ano de 1730, de que se passou instrumento em 12 de Abril de 1734, justificado em Lisboa, por India e Mina, pelo Dr. Gonçalo José da Silveira Preto. Faleceu o dito José Alvares Fidalgo, em Vila Boa de Goiazes, tendo sido cidadão da cidade de São Paulo, em cuja camara tinha servido os cargos dela. E teve, nascidos em São Paulo, nove filhos:

7 — 1. João Leite Alvares Fidalgo, casou na matriz de Vila Bôa de Goiazes, com D. Brites Leonor do Amaral Coutinho, filha do coronel Francisco do Amaral Coutinho e de sua mulher D. Catharina Leonor de Aguiar, de quem fazemos mais larga menção neste mesmo título e § 5.º, nos filhos do n. 2—5 ao n. 3—7. D. Potencia Leite, mulher de Manoel Carvalho de Aguiar.

7 — 2. José Alvares da Silva, que malogrando os estudos que teve de gramatica latina e filosofia, em que tomou o grau de mestre em artes, não quiz seguir o estado de sacerdote, e se conservou solteiro neste ano, de 1766, em Vila Boa de Goiazes, para onde passou.

7 — 3. D. Quiteria Bellisarda da Silva Leite, foi casada na matriz de São Paulo, com Francisco Angelo Xavier de Aguirre, natural e cidadão de São Paulo, onde tomou o grau de mestre em

artes, e depois por letras apostolicas o de doutor em teologia e em direito canonico e civil. Viuvando se ordenou de clerigo, e existe vigario da vila de Paratí este ano de 1766: filho de Fernando de Aguirre do Amaral e de sua mulher Maria de Lima de Siqueira; em título de Aguirres, e em título de Moraes, ou em título de Barbosas Limas. E tem varios filhos varões e filhas já casadas na matriz de Vila de Goiazes.

7 — 4. D. Leonor Jacintha Alvares Fidalgo, faleceu solteira, em 1744.

7 — 5. D. Catharina Alvares Fidalgo, que existe viuva de Bento do Amaral da Silva, cidadão de São Paulo, que foi morto por um facinoroso homisiado a quem ia prender, sendo juiz ordinario da cidade de São Paulo, como temos referido em título de Taques Pompêos, § 3.º, do n. 2—1 a n. 3—5, ao n. 4—2.

7 — 6. D. Maria Violante, casou em Vila Bôa de Goiáz com Fernando José Leal, sargento-mor das ordenanças da cidade de São Paulo, por patente de D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo.

7 — 7. D. Anna de O' da Silva Leite, casou na matriz de Vila Bôa de Goiáz, com Belchior da Silva, natural da vila de Vianna do Minho.

7 — 8. Francisco Xavier Alves, Fidalgo, existe solteiro.

7 — 9. D. Escolastica Maria da Silva Leite, existe em São Paulo, solteira, na companhia de sua mãe, este ano de 1766.

6 — 9. D. Rosa Maria da Silva, casou na matriz de São Paulo, com José Bonifacio de Andrade, natural da vila de Santos, que passando para a Universidade de Coimbra, estudou medicina, e nesta faculdade se formou, foi médico de grande nota, e do presidio da praça de Santos, filho de José Ribeiro de Andrade, coronel das ordenanças das vilas de São Vicente e Santos, e de sua mulher D. Anna da Silva Borges, natural de Santos, irmã direita do padre mestre frei Boaventura, que sendo religioso franciscano, se passou para carmelita, e de frei Manoel da Purificação, tambem carmelita, e outros. Foi o dito Dr. José Bonifacio, irmão direito do reverendo Dr. Thobias Ribeiro de Andrade, que acabou tesoureiro-mór da Sé de São Paulo, no ano de 1747, um dos maiores teologos, que teve o bispado todo, ainda compreendendo as religiões que ha nele. Viuvando, se ordenou de clerigo o dito Dr. José Bonifacio de Andrade, e faleceu na vila de Santos, sua patria, com geral sentimento dos que ficaram experimentando a sua falta, por se ter constituido um médico de grande experiencia e igual sciencia. E teve do seu matrimonio filha unica:

7 — D. Maria, que tendo bexigas em tenros anos, perdeu os olhos a efeitos do veneno desta maligna enfermidade: existe.

4 — 4. D. Lucrecia Leme, (filha de D. Isabel Paes da Silva, do n. 3—7, e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado), casou com José de Godoy, natural de São Paulo, e nas-

ceu a 14 de Abril de 1753, que depois de viuvo se ordenou na cidade da Bahia de presbitero de São Pedro, e ficou morando na mesma Bahia, onde na vila da Cachoeira teve opulentas fazendas de fábricas de tabaco, de que testou um grande cabedal; foi filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Anna Lopes; em título de Godoy, § 3.º. D. Lucrecia Leme faleceu em São Paulo, no ano de 1681, como se vê no cartorio de órfãos desta cidade no maço 1.º de inventarios, letra L, n. 32, o de D. Lucrecia Leme. E teve filha unica nascida em São Paulo:

5 — D. Maria Leme das Neves, casou na matriz de São Paulo, aos 8 de Abril de 1698, com Timotheo Corrêa de Góes, terceiro provedor proprietario, e contador da F. R. da capitania, que serviu por espaço de mais de 40 anos, sendo tambem juiz da alfandega da praça de Santos, e vedor da gente de guerra do presidio dela. Este paulista foi um dos grandes provedores, que teve a real fazenda no Estado do Brasil, porque o zelo, e a inteireza foram virtudes inseparaveis da sua grande capacidade. Soube praticar a retidão com a benignidade, sem jámais admitir alteração do ánimo, nem corruptibilidade á sua assás reconhecida limpeza de mãos, cujos relevantes serviços foram bem aceitos em todo o tempo do seu ministerio pelos superiores ministros da provedoria-mor do Estado do Brasil, seus vice-reis, e pelos conselheiros do conselho ultramarino, a cujo tribunal enviava todos os anos relação da receita e despesa da sua provedoria. Foi bem instruido na gramatica latina, com claro discernimento, e igual esfera para toda a compreensão. A capacidade se lhe adeantou aos anos, de sorte que, antes de completar os 14 de idade, tomou posse do ofício de provedor contador, e juiz da alfandega, que na sua menor idade serviram alguns sujeitos de bom nome, nomeados por sua mãe D. Angela de Siqueira, a quem a magestade do Sr. rei D. Affonso VI concedeu o honroso privilegio, por seu alvará (Conta do registro da provedoria de Santos) datado a....... de 16....... de que durante a menor idade de seu filho Timotheo, herdeiro do ofício de provedor, e contador da F. R., fosse ela D. Angela de Siqueira, quem nomeasse a pessoa, que houvesse de servir o dito ofício, como se vê do mesmo alvará.

Mereceu Timotheo Corrêa de Góes conseguir um geral conceito, de que casara conservando ainda a virtude da continencia, que dantes a não estragara para agora chegar ao talamo sacramental com esta limpeza e pureza de costumes, contra o comum flagelo a que se arrebata pelo ardor dos anos a concupiscencia. Ficou viuvo quando ainda o vigor dos mesmos anos o podiam conduzir ao aceitar um de tantos casamentos que se lhe propuzeram; porém, a sua grande capacidade fez obviar todos os interesses de avultados dotes para não aceitar o jogo de segundas nupcias, que sempre foi errado lance aos que como Timotheo Corrêa tinha tantos filhos para educar sem o dissabor de terem por mãe uma madrasta. Com santa doutrina e perfeitas imagens de honra, e santo temor de Deus,

creou e educou seus filhos de um e outro sexo, que por isto todos eles acreditaram ao depois estes documentos.

Entre algumas ações memoraveis acontecidas na capitania de São Paulo no seculo decimo sexto, em que ainda a capitania se chamava de São Vicente, por ser esta vila a primeira que fundou o donatario dela, Martim Affonso de Sousa, pelos anos de 1531, e era governada por capitães-mores, subordinados ao governador geral da Bahia com plena jurisdição para promoverem todos os oficiais de justiça e fazenda, e postos militares até o de mestre de campo, e ainda o de ouvidor da comarca; foi célebre o rompimento acontecido na vila de Santos poucos dias depois de haver tomado posse Timotheo Corrêa de Góes, e foi o caso.

Estava D. Angela de Siqueira, mãe do provedor Timotheo Corrêa, já casada com Pedro de Almeida, cavaleiro fidalgo da casa real, que tinha ocupado o mesmo cargo de provedor contador, e juiz da alfandega por nomeação da propria mulher, pelo privilegio que a ela tinha para isto concedido o Sr. D. Affonso VI; e dantes tinha sido o sargento-mor pago da fortaleza da Vera Cruz da Itapêma da praça de Santos, de cujo emprego passou a capitão-mór governador da capitania, com soldo: em título de Taques, § 3.º. Foram de São Paulo com grande roda de parentes acompanhar a Timotheo Corrêa, que ia tomar posse na vila de Santos da propriedade do seu ofício de provedor e contador da fazenda real, e juiz da alfandega do porto daquela vila. Este ato teve efeito... E por que estava chegada a festa da pascoa da ressurreição, se recolheram a São Paulo; e o provedor deixou ao seu escrivão, que era .... com comissão para despachar as cargas, que viessem para a casa da alfandega, na forma do regimento da fazenda. Estando já todos em São Paulo, entrou no porto de Santos uma embarcação, vinda da cidade do Rio de Janeiro, e os moveis, que entram para o despacho da alfandega, pagam por marco 480, que se distribuem com igualdade pelo juiz, escrivão e meirinho da dita alfandega. Pertencia a um José Pinheiro, homem casado e morador da vila de Santos. (Este veiu a ser sogro de Manoel Gonçalves de Aguiar, que sendo sargento-mor da comarca com 80$ de ordenado, conseguiu ter jurisdição na infantaria do presidio daquela praça, acabou com patente de tenente general *ad honorem*, e foi pessoa de tratamento, cabedais e respeito, que encapelou os bens da capela de Nossa Senhora das Neves, cuja administração e herança do uso-fruto destes bens, que se compõem de moradas de casas, numerosa escravatura, e fazendas copiosas de gados vacuns, nos campos gerais da Coritiba, deixou a D. Maria Gomes Palheira, mulher do Dr. Gaspar da Rocha Pereira, que tinha sido juiz de fora, órfãos e provedor dos ausentes, da mesma vila de Santos, e acabou intendente da real casa dos quintos de Minas Gerais na comarca do Rio das Mortes (uma caixa, por cuja marca devia pagar os $480 como fica referido). Considerando José Pinheiro, que o novo provedor, e juiz da alfandega era um menino pelos seus poucos anos, e se achava ausente em São Paulo, com

resolução de despotismo tirou a caixa que pelo seu limitado volume podia caber debaixo do braço, e não quiz pagar os $480. Deste procedimento deu o escrivão conta ao provedor Timotheo Corrêa de Góes, e considerada esta ação com as circunstancias que se deviam acautelar para o futuro, por sua mãe D. Angela de Siqueira, que pela sua grande prudencia e capacidade podia ter voto na materia, e tomando a si as providências do caso seu padrasto, o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, mandou o provedor ao escrivão e meirinho, que recolhessem á enxovia da cadeia de Santos ao culpado José Pinheiro. Executou-se a ordem, porém o preso era protegido de seu compadre, Diogo Pinto do Rego, pessoa da maior autoridade daquela vila (nela se achava casado, e estabellecido com grandes cabedais, e aplaudido de igual respeito, não só pela distinta qualidade e nobreza, mas tambem revestido dos merecimentos de ter sido capitão-mór governador da capitania, em cujo posto tinha vindo provido por Sua Magestade, a quem havia servido nas tropas das fronteiras do reino, por patente datada em 2 de Janeiro do ano de 1677, de que fazemos larga menção em título de Guerra), que arrebatado para a proteção não discorreu no atentado, que executava. Foi em pessoa á cadeia, e mandou ao carcereiro dela, que abrisse as portas do carcere, e posesse em liberdade ao preso José Pinheiro, que o mandou para casa.

Este procedimento assás escandaloso pelo despotismo, acendeu os animos não só do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, em atenção ao seu enteado o provedor Timotheo Corrêa, mas aos parentes do mesmo provedor, entre os quais eram os irmãos de seu avô materno os mais poderosos e pontentados, como Fernão Paes de Barros, Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, e outros, que unidos faziam uma grande roda. Entre todos se considerou com séria reflexão o ponto, e se assentou, que o provedor, como de tenros anos, não ficava bem, se esta injúria se suportasse sem a necessaria demonstração de justiça, que merecia a culpa cometida. Determinaram que passada a festa da pascoa, baixasse o provedor a Santos, acompanhado do proprio padrasto, e parentes de autoridade, que lhe sustentassem a jurisdição, e o respeito, e fossem castigados os réos conforme o direito.

Desta determinação teve prontos avisos o capitão-mór Diogo Pinto do Rego, que discorrendo lhe ficava abandonado o respeito e autoridade, tomou a resolução de declarar-se com ánimo constante a sustentar um rompimento, sem lhe embaraçar as circunstancias funestas, que se originavam do seu inconsiderado desacordo. As casas da sua morada, que eram de sobrado com quatro salas de largura, tinham a frente para a rua, que corre do Carmo até o lugar a que chamam Quatro Cantos, e os fundos acabavam no Campo da Misericordia em lugar aberto e raso, que se estende até o sítio das fraldas do Montserrate, onde hoje se vê a fonte do Sororôo, obra do governador Manoel Gomes Barbosa, que serve com suas excelentes, e diureticas aguas para remédio e pasto

de todo os moradores. Nelas se fortificou o capitão-mór Diogo Pinto, fazendo abrir nas paredes da frente, e dos fundos várias troneiras, em que introduziu arcabuzes para disparar quando os paulistas intentassem cercá-lo. Forneceu-se de todo o necessario com agua e mantimentos para sustentar um largo assédio, cuja demora servisse de total remédio para os contrarios levantarem o sítio, e retirarem-se com a injúria de não conseguirem o menor efeito. Sendo recolhido a esta casa forte muita polvora e bala, com fartura de víveres, e sustento de carnes secas, e tudo quanto discorreu poderia carecer sem necessidade de abrir as portas para fornecer-se da praça; chegando os avisos do dia certo em que o provedor, com as armas do seu grande partido, estaria na vila de Santos, se recolheu Diogo Pinto do Rego a sua nova Olivença, com sua filha herdeira, D. Anna Pinto da Silva, com todos os seus apaniguados, mulatos escravos e pretos, de que tinha numero grande, e homens seus agregados, destros na pontaria das escopetas e arcabuzes, e com o réo José Pinheiro seu compadre, causa total desta indiscreta resolução, cuja teima, não como filha do valor, sim como produto da barbaridade, pode vir a acabar em funesta ruina; em muito mais quando o dito capitão-mór cego, e surdo aos écos de tantos amigos, parentes e religiosos, que lhe aconselhavam outro meio decoroso ao seu respeito, para tranquilidade da paz, em que já trabalhavam os interessados dela, se conservava teimoso a não ceder do destinado projeto, ou para vencer com ele sustentando o cêrco, ou para acabar a vida com todos os fortificados, se os contrarios por força darmas e multidão de gente o conseguissem.

Não se ignorava em São Paulo a constante resolução do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, e o fim que pretendia, fortificado em suas casas proprias, só por não sujeitar a prisão do seu companheiro José Pinheiro, a quem tinha posto em liberdade, com injúria da jurisdição do provedor, que o havia mandado prender na cadeia pública daquela praça. Sem embargo da contingencia de vir a ficar bem, ou mal o provedor Timotheo Corrêa, por si, e com o partido de seu padrasto, tios, parentes e amigos poderosos em armas, e copioso número de indios administrados, saiu de São Paulo um troço de mais de 500 homens, com um trem que formava na estrada e caminho de Santos um corpo de mais de mil pessoas. As primeiras eram o provedor Timotheo Corrêa, na companhia de sua mãe D. Angela de Siqueira e seu padrasto o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, com uma guarda de mais de 100 homens armados, Fernão Paes de Barros, com seus irmãos Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, que eram tios do provedor, por serem irmãos inteiros do capitão de infantaria Luiz Pedroso de Barros, de quem era filha D. Angela de Siqueira, mãe de Timotheo Corrêa de Góes; os briosos Pires Almeidas, como sobrinhos direitos do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, e eram eles Francisco de Almeida Lara, João Pires Rodrigues de Almeida, José Pires de Almeida e Salvador Pires de Almeida e Pedro Taques Pires. A este corpo fazia grande número de homens de valor e

resolução os sobrinhos direitos de D. Angela de Siqueira, Luiz Pedroso de Almeida, Antonio Pompeu Taques, José Pompeu de Almeida, Maximiano de Góes e Siqueira, Lourenço Castanho Taques, todos irmãos. Avultava entre tanta gente o socorro das armas, que marchavam á custa do grande Guilherme Pompeu de Almeida, escolhidos soldados da melhor nobreza da vila da Parnaíba, debaixo do comando do capitão-mor Pedro Frazão de Brito, filho do comendador Manoel de Brito Nogueira, cunhado do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, por sua mulher D. Anna de Proença, irmã direita do dito capitão-mor. Todos estes paulistas eram capazes para uma facção digna de crédito, se o valor de cada um deles se houvesse de disputar em batalha contra inimigos da coroa: porém nesta ocasião a mesma vaidade se quiz acreditar nesta ostentação para fazer em ver ao capitão-mor Diogo Pinto do Rêgo, com todos os do seu partido, que Timotheo Corrêa de Góes, ainda que menino nos anos, tinha parentes para lhe sustentarem o respeito pelo carater, que tinha de ministro da Magestade como provedor da sua real fazenda.

Chegou em fim ao porto do Cubatão este grande troço de armas, e embarcaram para a vila de Santos no espaço de tres dias, com tres noites, as pessoas principais dele, seguindo o caminho de terra pela vila de São Vicente, por cuja estrada se recolheram a Santos o mais corpo de soldados e trem. Formaram-se barracas cobertas de palha ao pé do Montserrate, que seguiram a figura de tres linhas, que principiavam a estender-se do lugar e sítio, que hoje é a fonte do Sororôo até a fonte de São Jeronimo, em comprimento de tiro de mosquete. Este acampamento tinha a frente para os fundos da casa forte do capitão-mor Diogo do Rego, com que o animo belico, posto que menos catolico, tinha a sua casa forte disposta com barris de polvora para no caso de se ver rendido antes deste vencimento fazer dar fogo a tudo, arrazarem-se casas, e todos quantos nela estivessem, com estrago geral de todas as vidas. Forte barbaridade! Os moradores da vida Santos, que estavam cientes desta indesculpavel resolução, sentindo o futuro dano alheio e proprio, procuraram pelos religiosos da maior autoridade capacitar ao capitão-mór Diogo Pinto do Rego, com a certeza de já estar o partido do provedor Timotheo Corrêa acampado, que desistisse da sua teima, entregando o réu José Pinheiro e não quizesse arruinar-se a si, a sua casa e familia, e mais parentes do seu sequito. A todas as ponderações catholicas, e filhas da honra, do temor de Deus, e da obediencia de bom vassalo as leis do soberano, se ensurdecia Diogo Pinto do Rego. O provedor, com todos os do seu partido, o capitão-mor Pedro Taques, seu padrasto, D. Angela de Siqueira, sua mãe, tios, parentes e amigos da maior autoridade, tambem não cediam, protestando que o réu José Pinheiro havia de ser conduzido a cadeia, e posto na mesma enxovia de donde o tirara Diogo Pinto, e sem este procedimento era impraticavel qualquer outra providência neste caso.

Eram passados tres dias sem o menor efeito das embaixadas em que andavam os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, de

São Francisco, e da companhia de Jesus, com as pessoas da maior autoridade, e respeito da vila de Santos, de uma para outra parte. Todo o troço, e corpo de soldados se achava postado no campo do Sororôo, na forma referida, porém sem ação de avançada, nem outro algum movimento darmas. Reconheciam o partido desigual pela fortificação em que se achava Diogo Pinto do Rego, e com a casa toda minada de barris de polvora; e nem se animavam a chegar em distância, que as armas dos sitiados empregassem os tiros com pontaria certa, e seguro emprego contra as vidas dos contrarios. Nesta inação ocorreu o remédio a Domingos Dias da Silva, primo irmão por afinidade do provedor Timotheo Corrêa, e irmão direito do preceptor Corrêa, que das cadeiras de Coimbra foi recolhido a casa da suplicação pelos anos de 1709, e acabou conselheiro ultramarino, substituindo o lugar de presidente deste tribunal, depois da morte do conde de São Vicente, Miguel Carlos de Tavora, a 14 de Novembro de 1726; e ambos eram naturais de São Paulo. Domingos Dias da Silva, andando de passeio, entrou no forte, que ainda hoje existe pegado ao colegio dos padres jesuitas, e vendo nele nove peças de artilharia de grosso calibre, cavalgadas em carretas, recolheu-se com a sua premeditada idéa, e dela deu conta a seu tio, o capitão-mor Pedro Taques de Almeida, que aprovando-a, para logo puxou por um corpo de 100 homens indios de serviço, e as costas desta gente, descavalgadas as peças, as fez conduzir e tambem as carretas; e assestando esta artilharia na frente do abarracamento com pontaria para a casa forte, que de antes era segura fortaleza ao partido do Capitão Diogo Pinto. A este se mandou um aviso por ultimo desengano, com a proposta de que, ou entregar o reu José Pinheiro para ser castigado a proporção do atentado cometido, ou dar-se fogo a toda a artilharia, e arrasar-se a casa com ruina de todas as vidas dos sujeitos fortificados nela. Neste lance reconheceu Diogo Pinto a sua inadvertencia, que lamentava com injúria da sua disciplina militar, tendo tanta experiência da guerra adquirida no tempo em que as fronteiras de Portugal tinha, com distinta honra, ocupado o ardor dos anos. Concorria muito para lhe capacitar o ânimo, o zelo dos religiosos interessados a evadir uma total ruina com o estrago de tantas vidas e fazendas. Persuadiu-se como catolico, e rendeu-se como vassalo temente, e obediente a jurisdição dos ministros do rei.

Entregue o reo José Pinheiro foi mandado recolher a enxovia da mesma cadea, da qual tinha sido posto em liberdade pelo arrojo da inconsideração; carregando um grosso grilhão de ferro, que se lhe mandou deitar nos pés. Este castigo só durou o espaço de duas horas, no fim das quais mandou o provedor em liberdade ao preso para que se recolhesse solto para sua casa. O capitão-mor Diogo Pinto protestou toda a boa harmonia, e que a fazia praticar com os creditos da amizade, que o ardor de um lance arrebatado o tinha feito apartar dela, tendo-a estabelecido com o capitão-mor Pedro Taques de Almeida desde o tempo do seu casamento com d. Maria de Brito e Silva, parenta em grau proíbido com d. Angela

de Silqueira, mãi do provedor Timotheo Corrêa. Celebrou-se esta reconciliação com o estrondo dos repiques dos sinos das torres e campanarios da vila de Santos, e na igreja dos reverendos carmellitas se cantou o *Te Deum* em ação de graças; e publicamente na mesma igreja se abraçaram uns e outros com demonstração de não ficarem residuos, que fermentassem o menor incendio de futuro.

Todo este movimento poz em respeito e autoridade a Timotheo Corrêa de Góes, com realce grande dos seus poucos anos. Continuou da administração do ministerio do seu oficio, até que casando em 1698, como fica dito, fez total assento e residencia firme na vila de Santos, onde faleceu com geral sentimento daqueles moradores, e bem merecida saudade de seus irmãos e parentes de São Paulo a..... de..... de 1732. Foi filho de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoyos de Ponte de Lima, freguezia de Santa Eulalia, primeiro provedor e contador da fazenda real, proprietario da capitania de São Paulo por mercê do Sr. rei d. João IV no ano de 1664, em remuneração dos relevantes serviços; e de sua mulher d. Anna Ribeiro, natural de São Paulo (*) Cartorio de Orfãos da vila de Santos, maço de inventario, letra S, o de Sebastião Fernandes Corrêa com testamento; e faleceu nesta vila a 27 de Junho de 1658) Em título de Freitas, § 2.º n. 1—2. E pela parte materna, neto de Luiz Pedroso de Barros e de sua mulher d. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia; em título de Pedrosos Barros, § 5.º no n. 2—6: neto de d. Luiza Leme.

E teve onze filhos nascidos na vila de Santos:

6 — 1. José de Godoy Moreira, herdeiro do oficio de seu pai e avós, e foi quarto provedor e contador da fazenda real, proprietario, juiz da alfandega, auditor e vedor geral do presidio da praça de Santos, e conservador dos contratadores do sal e das baleas, foi familiar do santo oficio, cuja medalha foi a que rompeu o veo a funebre impureza com que a maledicencia inimiga quiz ofuscar a pureza de sangue do padre José de Godoy Moreira com a macula de infecto. Sempre abandonou os casamentos que se lhe propuzeram, e elevado da teima do seu genio acabou solteiro com idade de mais de sessenta anos, vindo por este modo a vagar para a coroa um oficio de tanta autoridade, dependencia que andava na casa deste o ano de 1644 como fica referido.

6 — 2. D. Lucrecia Leme casou com Bento de Oliveira Leitão, da nobre familia deste apelido, que teve origem na capitania de São Paulo em Antonio de Oliveira, cavaleiro fidalgo e primeiro capitão-mor governador locotenente do donatario Martim Affonso de Souza pelos anos de 1538, e de sua mulher d. Genebra Leitão de Vasconcellos, com quem veiu já de Portugal, para um dos nobres povoadores da vida de São Vicente, que foi a primeira que fundou na sua capitania o dito donatario dela Martim Affonso em 1531. Sem geração.

(*) Ha no original uma lacuna causadora da confusão desta filiação. (A. de E. T.).

6 — 3. D. Gertrudes de Araujo Leme faleceu solteira.

6 — 4. D. Francisca de Siqueira e Araujo existe em 1767 solteira, maior de cincoenta anos.

6 — 5. D. Angela Maria de Siqueira e Araujo foi casada com Domingos Fernandes Fortes, na matriz de Santos, natural da Ilha Terceira. E teve dois filhos:

7 — 1. O padre Domingos de Siqueira e Araujo, presbitero de São Pedro.

7 — 2. João Francisco Regis, que, seguindo os estudos de gramatica e filosofia, tomou o grau de mestre em artes, se conserva na capitania de Vila Boa de Goiazes, solteiro.

6 — 6. Francisco Xavier Corrêa, faleceu em São Paulo, solteiro.

6 — 7. D. Leonor de Siqueira e Araujo casou na matriz da vila de Santos com o governador da praça dela João dos Santos Ala, cavaleiro professo da ordem de Santiago, e mestre de campo de um terço do presidio da cidade da Bahia. Não teve filhos.

6 — 8. D. Maria Leme casou na matriz de Santos com José Galvão de Moura e Lacerda, moço fidalgo, capitão de infantaria da praça de Santos, natural da cidade de Lisboa, de onde tinha vindo em posto de ajudante da dita praça: faleceu de parto. E teve filho unico:

7 — 1. José Pedro Galvão, que segue o real serviço.

6 — 9. Ignacio Xavier de Araujo faleceu de bexigas, tendo acabado os estudos de filosofias do curso do padre mestre Nicoláo Tavares, no colegio de São Paulo: malogrou a morte as bem fundadas esperanças em que a todos tinha posto a grande viveza e engenho raro, com um memorião desmarcado de Ignacio Xavier de Araujo.

6 — 10. D. Isabel Caetano de Araujo casou na matriz da vila de Santos com Diogo Pinto do Rego, cavaleiro fidalgo da casa real, mestre de campo dos auxiliares de São Paulo, e proprietario do oficio de escrivão da ouvidoria e correição da comarca da cidade de São Paulo: em título de Guerras. E teve filha unica:

7 — 1. D. Anna Maria Pinto da Silva casou em São Paulo com Antonio Fortes de Bustamante Sá, doutor de capelo e opositor que foi as cadeiras de Coimbra, de quem já temos tratado na descendencia do governador Fernão Dias Paes.

6 — 11. João de Góes e Araujo existe tenente de infantaria do presidio da praça de Santos, casado em 1746 na matriz de São Paulo com sua parenta d. Anna Ribeiro Pedroso Leite, filha de Antonio da Fonseca Paes e de sua mulher d. Maria Pedroso Leite: em título de Mirandas ou na geração de d. Leonor Leme, mulher de Simão Borges Cerqueira, moço da camara del-rei. E teve filhos:

7 — 1. D. Anna Euphrasia.
7 — 2. José Joaquim.
7 — 3. João de Góes.

7 — 4. Francisco Manoel.
7 — 5. D. Maria Joaquina.

4 — 5. D. Sebastiana Paes Leme, (filha de d. Isabel Paes e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado, do n. 3—7) casou com Antonio do Rego de Sá, natural da ilha de São Miguel, em quem temos falado retro no n. 4—2 de d. Potencia Leite, meia irmã desta d. Sebastiana Paes Leme, que faleceu em 1709 sem filhos, indo para a ilha de São Miguel com seu marido.

4 — 6. D. Anna Ferreira Tourinho faleceu solteira em São Paulo com avançada idade, que passou de seculo. Tinha sido tratada para casar com o capitão-mor Jeronymo Tavares de Arruda, irmão direito de Antonio do Rego de Sá, e não teve efeito este contrato, porque d. Anna Ferreira tinha feito eleição do estado de celibato. O grande cabedal, que tinha no cofre dos orfãos da cidade da Bahia, esta senhora como herdeira por seu pai de d. Maria Braz Reis, sua avó, outorgou procuração bastante geral, e especial a seu cunhado Antonio Corrêa de Sá para o receber na Bahia do juizo de orfão: assim se verificou; e como Antonio do Rego Sá embarcou para a ilha de São Miguel logo levou consigo o grande cabedal de sua cunhada d. Anna Ferreira, e nunca jamais ajustou esta conta, que com o tempo e pela distancia se perdeu tudo, e faleceu Antonio do Rego com este encargo se não é que declarando-o em testamento, faltou a satisfação o seu testamenteiro, como atualmente assim acontece aos que deixam as restituições para seus testamenteiros cumprirem.

3 — 7. D. Potencia Leite, (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º) cuja infeliz morte, com todas as circunstancias dela, temos tratado em título de Taques Pompêos, § 1.º Segunda vez casou com Manoel Carvalho de Aguiar, irmão inteiro do capitão de infantaria Francisco Barbosa de Aguiar, cuja nobreza, seus empregos e brazão de suas armas, temos tratado em título de Moraes Antas, § 3.º, na descendencia do n. 2—2 ao n. 3—5 para o n. 4—5. E teve nascidos em São Paulo quatro filhos:

4 — 1. João Carvalho Aguiar.
4 — 2. D. Isabel Barbara da Silva.
4 — 3. Manoel Carvalho de Aguiar.
4 — 4. D. Maria Leite, mulher do capitão-mór Manoel Bueno da Fonseca.

4 — 1. João Carvalho da Silva, cidadão de São Paulo que ocupou os cargos da sua república, foi sargento do terço de auxiliares; teve as estimações que soube conseguir a sua docilidade, e a graduação do seu distinto nascimento. Possuiu os bens da fortuna, sem inveja aos opulentos do seu tempo; porém na variedade que o mesmo tempo costuma produzir, encontrou os efeitos do destino, que no Brasil anda anexo aos homens nobres pela desigualdade dos emprêgos para com o negocio e comercio aumentar-se a fa-

zenda. Estimulado da grandeza do ouro das novas minas do Cuiabá, se dispoz com numerosa escravatura para a extração do mesmo ouro; porém nesta jornada a mais arriscada pelo precipicio das grandes cachoeiras, que ha nos rios desta navegação, voltou-se a roda a que chamamos da fortuna, e emborcando--se-lhe algumas canoas da sua conduta, lamentou antes de chegar ás minas, castigada a resolução que tomara de deixar o estabelecimento da patria para passar a minas ainda não estabelecidas no ano 1721. O golpe foi grande por ser muito avultado o prejuizo. Emfim chegou ao Cuiabá, onde a peste que ateou pelo veneno da inundação daqueles rios, que no tempo das aguas cobrem as suas dilatadas vargens, perdeu quasi todos os escravos, e se impossibilitou para com o serviço deles, lucrosos tesouros que o conduziram a aqueles sertões a custa de tão excessiva despesa, riscos de vida e tolerancia das incomodidades, além da contingencia dos assaltos dos barbaros gentios de diversas nações, a cujas forças tem perecido tantas vidas, quantos até hoje lamentam muitas casas, que se destruiram a violencia destes inimigos. Já neste tempo era viuvo o sargento-mor João Carvalho de Silva, com a felicidade de não ter filhos, que lhe ocupassem a memoria sobre o estado que lhes devia dar com correspondencia a qualidade deles. Casou na matriz de São Paulo a 15 de Abril de 1697 com d. Maria Bueno, irmã inteira de Manoel da Fonseca Bueno, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão-mor governador da capitania de São Paulo: em título de Buenos, na descendencia do § 1.º n. 2—8. Acabou-se a descendencia.

4 — 2. D. Isabel Barbara da Silva, casou com o mestre de campo Domingos da Silva Bueno: em título de Buenos, cap. 1.º do § 4.º n. 3—5, com sua descendencia.

4 — 3. Manoel Carvalho de Aguiar, foi cidadão de São Paulo, onde muitas vezes ocupou os cargos da república, e o de juiz ordinario e orfãos. Faleceu no ano de 1752 na cidade de São Paulo com avançada idade. Foi casado com d. Francisca da Silva Teixeira, que faleceu de bexigas no ano de 1731, natural da vila de Santos, filha do capitão-mor Gaspar Teixeira de Azevedo: em título de Buenos, cap. 1.º § 4.º no n. 3—6. E teve dez filhos naturais de São Paulo:

5 — 1. D. Potencia Leite de Aguiar, casou tres vêses; a primeira, com Raphael Carvalho. Sem geração. A segunda, com Braz Martins de Andrade, de quem teve filha unica, natural da vila de Santos, chamada D........ que casou nas minas de Goiazes. A terceira vez casou na cidade de São Paulo com o sargento-mor Antonio Sarmenha. Sem geração.

5 — 1. D. Maria da Silva Leite, que ainda existe em 1766: casou duas vezes; a primeira com Gaspar de Mattos, na matriz de São Paulo a... de ...... de 17... natural da vila de Aguiar. O dito Gaspar de Mattos foi filho de Sebastião de Mattos, natural do lugar de Parada, freguezia de Santiago de Sotela, e de sua mulher Isabel de Araujo, da freguezia de Nozelo, como consta do assento

do seu casamento na matriz de São Paulo; e muito melhor nos autos de *genere* de seu filho o reverendo Dr. Bento Caetano, de quem abaixo fazemos menção; e dos autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos, ambos na camara espiscopal de São Paulo. Segunda vez casou d. Maria da Silva Leite na matriz da mesma cidade com José da Silva Ferraz, que acabou cavaleiro professo da ordem de Cristo, cidadão de São Paulo, onde ocupou os cargos da república, e foi juiz ordinario duas vezes: era irmão inteiro de Bernardo da Silva Ferraz, professo da ordem de Cristo, que acabou tenente-general da capitania da Vila-Rica, que era casado com uma irmã do exm. e revmo. bispo de Ariopolis, d. João de Rixas, religioso beneditino da provincia do Brasil. E teve:

Do primeiro matrimonio

6 — 1. D. Escolastica Maria de Mattos.
6 — 2. D. Francisca Xavier de Mattos.
6 — 3. Bento Caetano Leite.
6 — 4. Gaspar de Mattos.
6 — 5. D. Maria Caetano da Assumpção e Mattos.
6 — 6. F. e F., que faleceram meninos de tenra idade.

Do segundo matrimonio

6 — 7. Antonio Bernardo da Silva Ferrão.
6 — 8. João José da Silva Ferrão.

6 — 1. D. Escolastica Maria de Macedo casou na matriz de São Paulo a... de ...... de 1730 com Manoel de Macedo, natural de ....

5 — 3. D. Isabel Ribeiro de Aguiar existe em 1766, moradora da vila de Santos, foi casada com Antonio Gonçalves Figueira, natural da mesma praça. Pela carta patente, que teve de capitão de infantaria da ordenança dos moradores do sitio e barra da fortaleza da Bertioga, datada em 5 de maio de 1729, registrada na secretaria do governo, e capitania de São Paulo, no liv. 3.º do registro geral fl. 120v. consta que o dito capitão é das principais familias da dita capitania, e que havia servido a S. Magestade em praça de soldado, e alferes de infantaria do terço, que se formou em São Paulo no ano de 1689, do qual fora mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que por ordem real passara para o sertão e campanha do Rio Grande do distrito de Pernambuco a castigar o barbaro gentio pelas mortes insultos, que executavam contra os moradores daquele vasto sertão, levando doze arcabuzeiros, dos mais destros no manejo das armas de fogo, seus escravos; e com eles acudiu em pessoa em todas as ocasiões que se ofereceram com grande valor, e igual obediencia. Que passando com o seu

terço para o Rio Jaguariba, tendo o mestre de campo noticia, de que o gentio era muito numeroso, de sorte que bastava a multidão para se perder vitoria, pela total desigualdade do campo inimigo; estendeu-se até a capitania do Ceará, que assás gemia oprimida dos mesmos barbaros, querendo a um tempo acudir com limitadas forças, onde era mais evidente o perigo, se viu precisado a dividir-se, e foi bastante esta necessidade para o gentio inimigo das um assalto formidavel contra o nosso campo, em que vitorioso matou soldados e escravos; porém, que com a valorosa resistencia do alferes Antonio Gonçalves Figueira, que naquela ocasião fez do mais destro e destemido cabo, recebera o mesmo gentio um grande estrago. Que fora mandado de socorro á ordem do governador João Amaro Maciel Parente ao Ceará, onde assistiu até retirar-se por ordem do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que fazendo uma entrada ao gentio bravo da campanha do rio em 12 de novembro de 1693, o obrigara a recolher-se depois com grande utilidade daquelas povoações, que em toda esta campanha desde o ano de 1689 até 25 de abril de 1694, em que se retirou o dito mestre de campo Almeida, nela se portara sempre Antonio Gonçalves Figueira com honra, satisfação e valor. Ele foi o primeiro que levantou engenho no Rio de São Francisco do sertão da Bahia, no sitio chamado Brejo Grande. Foi de animo tão forte, que só com nove pessoas conquistou duas nações de barbaros indios no sertão do Rio Pardo, suprindo as poucas forças com astucias e estratagemas, filhas da sua disciplina, em que foi soldado de fama; e tão vigilante, que no decurso de cinco anos de campanha sempre dormiu calçado, para ser o primeiro que se achasse pronto na hora de qualquer rebate. Descobriu a sua custa os dois sertões e ribeiras do Rio Verde e Rio Pardo; este no distrito das Minas Novas do Fanado, e aquele no serro do Frio, que estão povoados com mais de cem fazendas e currais de gados vacuns, bestas cavalares, e alguns engenhos. Na ribeira do Rio Verde, foi senhor da fazenda da Iahiba, Olho dagua e Montes Claros. Abriu caminhos do rio de São Francisco para a Ribeira, afim de que este sertão ficasse povoado com fazendas de gados em distancia de mais de sessenta leguas, tudo a sua custa. Descobertas as Minas Gerais fez transito de mais de quarenta de sertão da Ribeira para as ditas minas do Rio das Velhas; e com este beneficio ficou estabecida a comunicação e comércio com grandes utilidades dos reais na capitania de Gerais. Foi dotado de moraes virtudes, como as da honra, verdade e fidelidade, e limpeza de mãos; e nesta foi tão exato, que já em avançada idade de anos costumava afirmar que se não acordava de dever restituir a alguem, nem ainda um só real. Na sua patria serviu todos os cargos da republica: foi senhor da grande fazenda chamada Curuguatetá, que hoje se conhece com a nomenclatura da Caruára. Ainda se conservam as paredes de uma antiga casa forte, que os primeiros conquistadores daquela costa construiram com pedra e cal, janelas, portas e ninho de tijolo, como canhoneiras e setias para de dentro se defenderem do

barbaro inimigo gentio: a fortaleza desta obra ainda se reconhece no presente tempo, porque criando-se em cima das paredes grandes arvores, não as têm oprimido o peso delas, e existem como padrões que acreditam esta fortificação contra os anos, rigor dos invernos ha mais de dois seculos; e a mesma obra se conservara ileza, se as inundações de um rio, que passa ao pé dela, não excavara os cimentos, que fez deitar abaixo a face, que corresponde ao dito rio. Com liberalidade sem competencia dispendeu avultado cabedal na capela da ordem terceira do Carmo da Vila de Santos, onde jubilou com o caráter de prior dela sucessivamente muitos anos.

Foi o capitão Antonio Gonçalves Figueira, filho de Manoel Affonso Gaya, natural da vila de Santos, e de sua mulher Maria Gonçalves Figueira, natural da vila da Conceição de Itanhaêe, que foi filha de Antonio Gonçalves Figueira e de sua mulher Ignez Lamim, os quais foram sogros de Pedro de Figueiredo, moço da camara del-rei d. João III, como consta no cartorio da provedoria da fazenda no livro de registros de sesmarias, titulo 1609 fl. 7. E camara espiscopal de São Paulo, autos *de genere* de Manoel Affonso Gaya. O dito Manoel Gaya foi capitão dos moradores da vila de Santos. Em tempo que ainda não era praça darmas com presidio de infantaria paga; e assim consta no arquivo da camara dela no livro 1.º de registros fl. 82. Serviu repetidas vezes os cargos da república e o de juiz ordinario. Foi senhor de engenho na sua fazenda do Pirayquiguacû. Em serviços da coroa, fez varias entradas ao sertão de Parnaguá. Teve grande respeito e igual veneração, não só dos moradores da praça, mas tambem dos paulistas da primeira nobreza. Este merecimento fez conseguir pelo seu ardente zelo, que os padres da companhia de Jesus, que tinham sido lançados do colegio de São Paulo em 13 de Julho de 1640. (Este sucesso e expulsão dos jesuitas temos tratado em título de Moraes), não passassem do seu colegio da vila de Santos; cujos religiosos, reconhecendo o beneficio, o gratificaram com uma obrigação por escrito, para que o seu protetor Manoel Affonso Gaya e seus legitimos descendentes tivessem jazigo proprio naquela igreja e sufragios como religiosos; e cedeu a furia dos paulistas as rogativas do capitão Gaya, em cuja contemplação não foram logo embarcados os ditos reverendos, que depois vieram tambem a largar aquele colegio. Este capitão Manoel Affonso Gaya foi irmão inteiro do padre Pedro Nunes de Siqueira, que foi clerigo coadjutor da igreja matriz da vila de Santos, e de d. Catharina de Mendonça, mulher de Francisco Barbosa Soto-Maior, cavaleiro professo da ordem de Cristo, cuja nobreza e pureza de sangue consta nos autos *de genere* de seu filho Antonio Barbosa de Mendonça, na camara episcopal de São Paulo, maço letra A: e foram filhos de outro Manoel Affonso Gaya, em quem teve principio a familia deste apelido na vila de Santos, e de sua mulher Maria Nunes de Siqueira, da nobre e antiga familia dos Siqueiras Mendonças, da mesma vila, da qual são descendentes os Oliveiras Leitões por alianças de casamentos, e da mesma foi a mulher de Luiz Dias Leme, deste título § 5.º n.

2—7: como mostramos e consta tambem no cartorio dos orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra S, o de Salvador Nunes, filho do sobredito Manoel Affonso Gaya e Maria Nunes de Siqueira, a qual foi filha de Pedro Nunes de Siqueira, nobre povoador da vila de Santos.

E teve de seu matrimonio, nesta vila de Santos, nove filhos:

6 — 1. Manoel Angelo Figueira, existe morador em Santos, onde tem servido varias vezes os cargos da república e de juiz de fora, como vereador mais velho: é sargento-mor das ordenanças daquela marinha por carta patente dos governadores da capitania do Rio de Janeiro, que sucederam ao exm. conde de Bobadella governador e capitão general daquela capitania, e da de São Paulo, datada no Rio de Janeiro no ano de 1763. Casou duas vezes: a primeira com sua tia em terceiro grau, d. Isabel Caetana Leite de Azevedo. Sem geração. Em título de Buenos: segunda vez casou com d. Rosa Jacintha da Silva, de quem já tem fruto.

6 — 2. D. Francisca Angela Xavier da Silva foi casada com o ajudante Isidoro José, natural de Lisboa. Sem geração.

6 — 3. D. Maria Ignacia da Silva, mulher de Manoel de Andrada de Almada, natural da vila de Chaves, alferes de infantaria da praça de Santos, em cujo posto continua o real serviço, destacado nas fronteiras do Rio Pardo e Rio Grande de S. Pedro do Sul, neste ano de 1766. Com geração.

6 — 4. Miguel Gonçalves de Siqueira.

6 — 5. D. Domingas, faleceu solteira.

6 — 7. D. Rita, faleceu solteira.

6 — 8. José Antonio Gonçalves Figueira continua o real serviço no presidio da praça de Santos, em praça de sargento do numero neste ano de 1766. Solteiro.

6 — 9. D. Cordula Maria de Jesus casou duas vezes: primeira com Luiz Ribeiro de Mendonça, de quem se extinguiu a geração: segunda vez casou com Salvador Gomes Ferreira, capitão das ordenanças da praça de Santos, e tem já filhos.

5 — 4. D. Catharina Magdalena Leonor de Aguiar, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n. 4—3), casou na matriz de São Paulo a 6 de Março de 1728 com o coronel Francisco do Amaral Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro, cuja nobre qualidade é bem conhecida: faleceu em Vila Boa de Goíazes no ano de 17......, e nas ditas minas ficou até hoje sua mulher e filhos, por conta do grande estabelecimento em que se achava de lavras minerais, e numerosa escravatura. Foi filho de Diogo Bravo de Menezes e de sua mulher d. Brites de Azevedo Coutinho. Neto pela parte paterna de Bartholomeu Figueira da Silva; em título de Figueiras de Braga (irmão o dito Bartholomeu do doutor Diogo Bravo, que foi ouvidor de Bragança, e corregedor da comarca da Guarda; e irmão tambem do doutor Gaspar da Fonseca de Sousa, que foi ouvidor de Braga, provedor da Torre de Moncorvo e de Lamego; e irmão tambem de Simão Freire de Souza , que foi servir a India;

e de Francisco Figueira abade de S. Cristina, tudo em título de Figueiras de Braga) ; e de sua mulher d. Ursula do Amaral, natural da cidade do Rio de Janeiro; e bisneto de Geraldo Figueira da Silva, fidalgo da casa real, (irmão de Francisco de Figueira, provedor da comarca da Guarda, e de João da Guarda Figueira, e de Fernão Figueira. Ter-neto de dom Diogo Figueira, que foi deão da sé de Braga pela renuncia, que nele fez seu primo d. Carlos; quarto-neto de Fernão Figueira (irmão de Isabel Figueira, mulher de Heitor de Barros de Bracamonte, e de Diogo Figueira, comendador da ordem de Cristo, e secretário do duque de Bragança d. Jaime), e de sua mulher Leonor Tomirronquilha, que era sobrinha do protonotario dom João da Guarda. Quinto neto de Lopo Figueira, natural da cidade de Toledo, que com sua mulher se passou a Portugal em 1486, e assentou casa em Braga: el-rei d. João II o houve por natural de Portugal, por carta passada em Santarém a 6 de Junho de 1486; e a sua mulher Isabel Dias Lamaya, natural da cidade de Toledo, filha de Affonso Dias Lamaya, mordomo-mor de d. João Manoel, que foi filho do infante d. Manoel, e neto del-rei d. Fernando VI, o qual foi pai del-rei d. Affonso o sabio. Tem o seu solar na vila de Lamayo; como tudo se vê melhor em título de Figueira de Braga: e vem a ser o dito coronel Francisco do Amaral Coutinho, sexto neto deste Affonso Dias Lamayo. mordomo-mór de d. João Manoel acima referido. Por sua bis-avó d. Anna Bravo Coutinho, ter-neto de Simão Freire de Sousa, que foi capitão em Braga em tempo del-rei d. Sebastião, e ficou cativo na infeliz batalha de Alcaçarquibir em 4 de Agosto de 1578 com 80 fidalgos, que curtiram o mesmo destino; e de sua mulher d. Antonia de Fonseca, que foi legitimada, a qual era filha ilegitima de Antonio da Fonseca Coutinho, arcediago de Fonte-Arcada, filho de dom Francisco da Fonseca: o dito capitão Simão Freire de Sousa, foi filho de Gregorio da Costa Sousa, que era filho de João Pereira de Andrade: tudo se vê melhor em título de Figueiras de Braga.

E teve o coronel Francisco do Amaral Coutinho duas filhas:

6 — 1. D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar.
6 — 2. D. Anna Joaquina do Amaral Coutinho.

6 — 1. D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar, casou em Vila Boa de Goíazes, com João Leite Alvares Fidalgo, natural de S. Paulo, que naquela vila tem servido os cargos da república, e o juiz ordinario, tesoureiro da real fazenda, em quem falamos neste § 5.º na descendencia do n. 2—5 ao n. 3—7, e dele ao n. 4—3 ao n. 5—12, nos netos de d. Leonor Corrêa de Abreu.

6 — 2. D. Anna Maria Joaquina de Jesus Menezes Coutinho, casou na Vila Boa dos Goíazes, com o doutor Antonio Mendes d'Almeida, estando servindo de intendente do ouro da real casa da fundição, e provedor da fazenda real d'aquela capitania, para cujo emprego veio provido, tendo acabado o lugar de ouvidor da

vila do Crato; é natural da freguezia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, professo na ordem de Cristo, filho de Ventura Rodrigues Velho, natural da cidade do Porto da freguezia de S. Nicoláo, e de sua mulher Cecilia Mendes de Almeida, natural de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Manoel de Mesquita, natural de S. Pedro Velho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, natural da freguezia de Santiago de Morquim, termo da vila de Barcelos; e pela parte materna, é neto de Manoel Mendes de Almeida, natural de Figueiró dos Vinhos, que foi capitão-mor das ordenanças da cidade de S. Paulo, feito por d. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general de S. Paulo no ano de 1740; e de sua mulher Maria Gomes de Sá, natural da freguezia da Acuthia, termo de S. Paulo, (como se vê na camara episcopal de S. Paulo, autos *de genere* de Antonio Rodrigues de Almeida, sentenciados de *puritate* em 1752), que foi filha de Manoel Gomes de Sá; em título de Lopes Silvas, cap. 3.º.

5 — 5. D. Anna Joaquina de Aguiar Silva, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n. 4—3), existe moradora em Vila Bôa de Goíazes; casou tres vezes: a primeira com João Ferreira dos Santos, natural e cidadão de S. Paulo, na matriz da mesma cidade. Sem geração. Segunda vez, na mesma matriz com Antonio Xavier Garrido. Sem geração. Terceira vez na matriz de Vila Boa com Manoel de Araujo Vianna. Sem geração.

5 — 6. D. Escolastica Magdalena de Aguiar, casou na matriz de S. Paulo com o doutor dom Manoel Garcez e Gralha, natural da cidade do Rio de Janeiro; sem geração: e se conserva no estado de viuva em Vila Boa de Goíazes, onde faleceu seu marido dom Manoel Garcez, e ela tambem ali faleceu.

5 — 7. D. Gertrudes Maria de Aguiar e Silva, casou em Vila Bôa de Goíazes com Manoel da Silva, natural da cidade do Rio de Janeiro, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, filho de.........

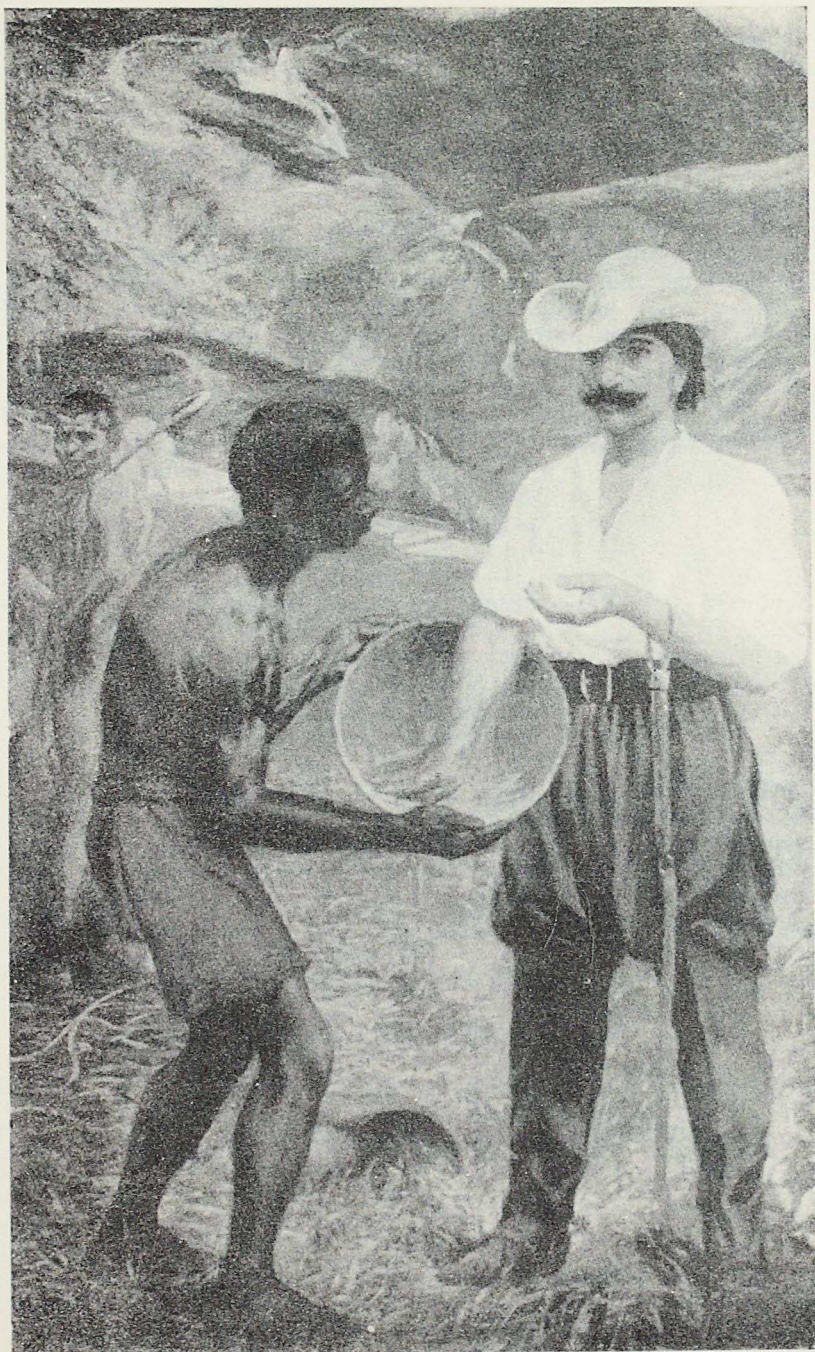
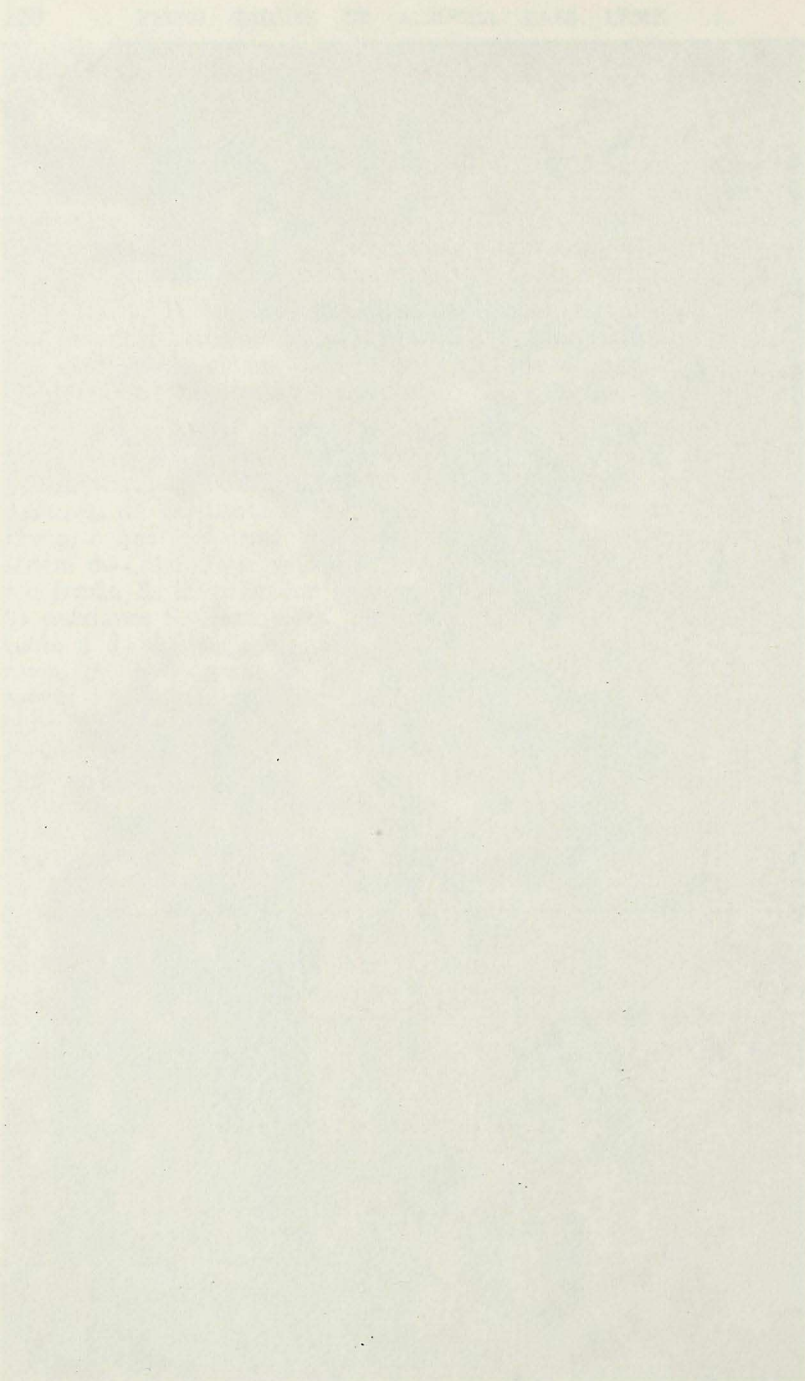
5 — 8. Bento Carvalho de Aguiar, faleceu de bexigas em 1731, malogrando-se na flor dos anos as grandes esperanças, que havia dado pela docilidade do genio, e excelente gramatico latino: era o mimo dos seus naturais e extranhos, porque de todos tinha adquirido um aplauso afectuoso, que para isso convidavam as prendas de que era adornado. Teve gentil presença, com perfeita simetria de corpo, que no mesmo aspeto lhe inculcava uma alma nobre. Dos escolasticos do seu tempo nenhum o igualou, quanto mais exceder. A sua morte foi geralmente sentida, porque a estimação que havia conseguido era sem exceção de pessoa.

5 — 9. João Leite da Silva e Aguiar, faleceu de bexigas, malogrando-se com a morte os estudos, em que já se achava adiantado, não só com perfeição da lingua latina, mas consumado filosofo, em cuja faculdade se não graduou de mestre em artes, porque a morte lhe atalhou estes e outros maiores empregos, que se esperavam da sua grande aplicação e religioso procedimento,

sem pagar tributo ao ocio da mocidade, sendo aliás bem figurado, que não desmerecia os aplausos de gentil.

5 — 10. Gaspar Teixeira de Azevedo, faleceu de bexigas, cujo mal em todos os tempos foi sempre venenoso para os filhos de Manoel Carvalho de Aguiar, e d. Francisca da Silva Teixeira, em quem principiou o dano no ano de 1731, como fica referido; e do mesmo contagio acabaram tres filhos, e tem acabado varios netos de um e outro sexo, como iremos vendo no decurso desta genealogia.

4 — 4. D. Maria Leite (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, e d. Potencia Leite do n. 3—7); casou com Manoel Bueno da Fonseca, natural da cidade de S. Paulo, professo da ordem de Cristo, sem geração; em título de Buenos.

3 — 8. D. Veronica Dias Leite (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º n. 2—5: do cap. 5), casou com Manoel Ferraz de Araujo, natural da cidade do Porto da nobre fàmilia dos Ferrazes Araujos, da capitania de S. Paulo, que são vindos da cidade do Porto, o qual foi irmão de João de Araujo Cabral, professo na ordem de Cristo, que veio a S. Paulo pelos anos de 1656, em que seu irmão R. P. prégador geral fr. Jeronymo do Rosario, monge do patriarca S. Bento; era presidente do mosteiro de S. Paulo, e subiu a d. abade do mesmo mosteiro, saíndo eleito no trienio do revm. d. abade geral fr. Vicente Rangel no ano de 1659, como consta na secretaria da congregação do mosteiro de Tibãis, no tom. 3.º dos livros, que chamam Bezerros. Estes tres irmãos foram filhos de Lourenço de Araujo Ferraz e de sua mulher Brites Ribeiro da freguezia do Paço de Sousa. Netos por parte paterna de Jeronymo Ferraz, nobre cidadão da cidade do Porto, que foi filho de Domingos Ferraz; e pela parte materna netos de Bento Ribeiro e de sua mulher Maria Moreira, e bisnetos de Manoel Fernandes Ribeiro, nobre cidadão do Porto. No livro velho dos assentos de noviciado de Tibãis do ano de 1630 a fl. 11 consta, que a 24 de Julho de 1636, pelas 7 horas da tarde, sendo geral o revm. padre fr. Manoel de Santa Cruz, tomára o habito fr. Jeronymo do Rosario. Tudo isto assim referido, veio por Memoria, que nos remeteu de Tibãis o padre secretário daquela congregação. E pelos exames, que mandamos fazer na cidade do Porto consta que Lourenço de Araujo Ferraz, foi ali vereador em 1690 com Miguel Pereira de Mello, com Miguel Alvo Brandão, Gonçalo Pinto Monteiro, e José Pinto Pereira, sendo escrivão do senado Manoel Pereira Guedes, Jeronymo Ferraz (pai de Lourenço de Araujo Ferraz); foi provedor da casa da Misericordia da cidade do Porto no ano de 1583, Manoel Fernandes Ribeiro (bis-avô de fr. Jeronymo do Rosario, e seus irmãos já referidos); foi vereador do senado do Porto em 1563, e 1565. Emfim da nobre familia dos Ferrazes Araujos, e Ribeiros, consta dos *Nobiliarios,* e de quem faz uma difusa menção, deduzindo a origem desta familia, o padre Antonio Carvalho, na sua obra, título *Corografia Portugueza,* em um dos seus tres tomos.

Ciclo do ouro, por Rodolfo Amoedo — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

Em S. Paulo, como fica referido, casou Manoel Ferraz de Araujo com d. Veronica Dias Leite. E teve tres filhos:

4 — 1. Pedro Dias Leite.
4 — 2. Antonio Ferraz de Araujo.
4 — 3. Jeronymo Ferraz de Araujo.

4 — 1. Pedro Dias Leite casou duas vezes: a primeira com Isabel de Campos; em título de Campos, cap. 11, com sua descendencia: segunda vez casou com Antonia de Arruda; em título de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, § com sua descendencia.

4 — 2. Antonio Ferraz de Araujo, casou com Maria Pires Bueno, natural da vila de Parnaíba, irmã direita de Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguéra, capitão-mor conquistador e descobridor das novas minas da Vila Boa de Goíazes. Em título de Buenos, cap. 2.º, § 2.º, n. 3—7. E teve nove filhos, naturais da vila de Parnaíba:

5 — 1. Maria Pires de Araujo.
5 — 2. José Ferraz.
5 — 3. Isabel Cardoso Leite.
5 — 4. Manoel Ferraz de Araujo.
5 — 5. Veronica Dias Leite.
5 — 6. João de Araujo Ferraz.
5 — 7. Antonio Ferraz de Araujo.
5 — 8. Maria Leite de Araujo.
5 — 9. Domingos Leme da Silva.

3 — 9. D. Sebastiana Leite da Silva, (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º deste cap. 5.º) foi casada com Bento Pires Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra B, n. 20, inventario de Bento Pires Ribeiro) filho do capitão Salvador Pires, e de sua mulher a matrona d. Ignez Monteiro: em título de Alvarengas, § 2.º. Em título de Pires, § 5.º. Faleceu Sebastiana Leite da Silva em 1680.

E teve sete filhos nacionais de S. Paulo:

4 — 1. Francisco Pires Ribeiro.
4 — 2. Bento Pires.
4 — 3. Paschoal Leite da Silva.
4 — 4. D. Ignez Monteiro da Silva.
4 — 5. D. Maria Leite, casou em Itú. Vide casamentos n. 386.
4 — 6. Salvador Pires.
4 — 7. José Pires.

4 — 1. Francisco Pires Ribeiro, tendo ocupado os cargos da república como cidadão de São Paulo, fez varias entradas ao sertão a conquistar indios barbaros, e reduzi-los ao gremio da igreja.

Adquiriu ciencia militar contra a guerra dos gentios. Foi muito celebre o ardil com que conseguiu uma grande redução, com credito da sua disciplina, utilidade propria e aumento da fé. Tendo posto em cerco uma populosa aldeia de gentios, fez vir ao cacique daquela nação (com antecedencia havia disposto em varias vasilhas a agua ardente de canna, da qual ainda os gentios não tinham conhecimento algum) a sua presença, e como prático no idioma, lhe fez um eficaz arrazoado com rogativa amorosa, para que aceitasse a sua amizade, e se recolhesse com os seus vassalos, ao gremio da igreja, capacitando-o, que isto queria praticar a sua benevolencia por efeito, pois tinha poder para o conquistar não só a sua nação, como a todos os mais daquele sertão, abrazando-lhe os campos, matos e rios com fogo, que dominava, e para que o cacique inteiramente se capacitasse deste fingido poder, pediu uma luz, e introduzindo-a nas tinas de agua ardente, que o gentio estava vendo, ardeu o espirito deste licor como costuma, fazendo as labaredas tão horrorosa vista ao simples cacique, que capacitado do poder de Francisco Pires Ribeiro, ficou como extatico e confuso, pedindo que contra ele e sua nação não empregasse as iras, porque se recolhia á sua povoação, e vinha com todos os seus vassalos procurar a sua amizade, para seguir a transmigração que lhe propunha. Assim se verificou prontamente, vencendo com este engano uma redução de muito credito e conveniencia. Recolheu-se desta conquista sem desembainhar a espada, fazendo aplaudido o seu nome entre os mais antigos sertanistas. Com esta redução aumentou muito o seu estabelecimento, e se fez potentado com a administração, que ficou tendo em seu serviço desta gente.

Empenhado o governador Fernando Dias Paes Leme para a entrada do sertão das Esmeraldas, um dos parentes, que o acompanhou com grande troço foi Francisco Pires Ribeiro, como sobrinho muito amante de seu tio dito governador, cujo sucesso temos referido neste cap. 5.º, § 5.º. Casou com d. Maria de Arruda: em título de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, § 3.º. Com sua descendencia.

4 — 2. Bento Pires Ribeiro, (filho de d. Sebastiana Leite, do n. 3—9). Supomos que não casou, porque lhe não descobrimos certeza dêste estado.

4 — 3. Paschoal Leite da Silva. Faleceu solteiro.

4 — 4. D. Ignez Monteiro da Silva, (filha de d. Sebastiana Leite, do n. 3—9) casou com José de Campos Bicudo, natural e cidadão de São Paulo. Em título de Campos, cap. 5.º, com sua decendencia.

4 — 5. D. Maria Leite Ribeiro, faleceu em Itú, onde casou a 14 de Junho de 1689 com João de Siqueira, natural de Itú, filho de Paulo de Anhaya, e de sua mulher Mecia Nunes de Siqueira.

4 — 6. Salvador Pires. Faleceu solteiro.

4 — 7. José Pires, faleceu solteiro em 1683, e foram herdeiros do seu cabedal os irmãos que se acharam vivos, como consta

do inventario dos bens, no cartorio de órfãos de São Paulo, maço 2.º, da letra I, título, inventario de Isabel Collaça.

2 — 6. D. Luiza Leme, (filha de d. Lucrecia Leme, e Fernando Dias Paes, do cap. 5.º, § 5.º), foi casada com Pedro Vaz de Barros. Em título de Pedrosos Barros, com sua descendencia.

2 — 7. Luiz Dias Leme, (filho de d. Lucrecia Leme, e de Fernando Dias Paes, do cap. 5.º), fez assento e estabelecimento nas vilas de Santos e de São Vicente. Nestas repúblicas foi este paulista de tanta autoridade e respeito, que nem antes, nem depois dele se conheceu outro, que o excedesse. Foi muito venerado geralmente de todos pelas suas grandes virtudes de magnanimidade, prudencia, retidão, afabilidade e caridade. Teve sempre o peso da governança, com o primeiro voto em todas as assembléias da vila capital de São Vicente. Pela sua grande autoridade teve a honra de ser eleito para ser ele que aclamasse ao sr. rei d. João IV, estando naquele tempo a capitania fortificada de castelhanos de respeito, que fulminavam corpo tumultuoso que não chegou a vencer o seu depravado intento de quererem conservar a capitania de São Vicente e São Paulo com a voz de Castella. Esta materia temos referido quando tratamos de Amador Bueno, em título de Rendons, cap. 1.º; cuja lealdade foi mais estimada então em Portugal, do que é hoje aplaudida em a cidade de São Paulo, porque o segredo do tempo fez consumir aquela ação digna de se perpetuar com um padrão que sempre lhe acusasse a heroicidade; mas até para este descuido concorreu muito o destino oculto de ser paulista Amador Bueno. A estimação, que conciliou o respeito de Luiz Dias Leme não se conservou só entre os moradores de São Paulo, São Vicente e Santos; porque passou a cidade capital do Estado do Brasil, de cujo governador geral e primeiro vice-rei d. Jorge Mascarenhas, marquês de Montalvão, teve carta, em que com expressões muito honrosas lhe dava conta da feliz aclamação do sr. rei d. João IV, dizendo-lhe que a ele, como pessoa de maior autoridade e fidalguia, pertencia fazer na vila capital de São Vicente esta aclamação; assim o executou com aquele alvoroço, que se devia esperar do jubileu da ventura dos portugueses, vendo-se livres do cativeiro, que tinham sofrido 60 anos no poder dos reis de Castella. Foi Luiz Dias Leme, capitão da vila de São Vicente por carta patente datada em 27 de Dezembro de 1655, registrada nos livros do arquivo da Camara da mesma vila, título 1659. Ele aperfeiçoou como segundo fundador da capela de Santa Anna, que havia principiado Alonço Pellaes ao tempo, que fez mudança para o sitio da Bertioga, termo da vila de Santos, cuja fervorosa devoção deixou por herança a seus filhos e netos. Nesta capela fez em todo o tempo da sua vida festejar a gloriosa Santa, e depois do seu falecimento continuou com a mesma grandeza sua mulher d. Catharina Pellaes, que falecendo deixou (em o codicilo que fez) ordenado aos filhos, que não se acabassem as festas da gloriosa Santa Anna na sua propria capela; e herdaram eles e mais descendentes tanto esta

devoção, que o neto Francisco Tavares Cabral, de quem fazemos abaixo menção, erigiu outra capela a Santa Anna, que ainda hoje existe, aplaudindo-se nela esta Santa alternadamente, pelo cordeal afeto da matrona d. Anna de Siqueira e Mendonça, que ainda existe na vila de Santos. Nela faleceu Luiz Dias Leme a 16 de Julho de 1659. (Livro 1.º de obitos da matriz de Santos, título 1659 fl. ..., Cartorio de órfãos da vila de S. Vicente, maço de inventarios, o de Luiz Dias Leme com testamento). Neste ano estava mandando fabricar em Santos um navio, que se não acabou, porque a morte atalhou o curso desta construção; avaliou-se o tal navio no estado em que se achava por 400$. Foi sepultado na igreja dos terceiros de S. Francisco como irmão professo nela tendo jazigo proprio na igreja dos religiosos franciscanos. Foi casado com d. Catharina Pellaes, natural de S. Vicente, filha de Alonço Pellaes, cavalheiro castelhano, e de sua mulher d. Luzia de Siqueira e Mendonça, natural de S. Vicente, da nobre familia de seus apelidos, pelos primeiros povoadores da vila de Santos, onde ainda hoje se conservam os da familia dos Siqueiras e Mendonças, que se tem derramado por muitas partes da capitania de São Paulo. Foi o cavalheiro Alonço Pellaes sujeito de grande autoridade e estimação na vila de São Vicente, onde teve o seu primeiro estabelecimento, e foi desta capitania ouvidor, de que tomou posse na Camara capital delas aos... de........ do ano de 16.... Ele foi o primeiro fundador da capela de Santa Anna no termo da vila de São Vicente, com a gloria de ser esta capela a primeira que no Brasil se erigiu para culto e veneração desta prodigiosa Santa. Dizem que movidos marido e mulher da lição de um livro, em que acharam, que quem festejasse a gloriosa Santa Anna não teria detrimento no credito, nem falencia nos bens da fortuna; de tal sorte cresceu a devoção nestes primeiros fundadores, que ficando como por herança a seus herdeiros, veiu com o tempo a erigir-se segunda capela a mesma Santa. Casando d. Anna de Siqueira e Mendonça, neta de Alonço Paes com o capitão-mor governador Cypriano Tavares, erigiu nova capela no lugar da Vargea. Enquanto existiu a primeira, era Santa Anna festejada anualmente duas vezes; em dia do Apostolo Santiago na capela de cima por d. Catharina Pellaes, viuva de Luiz Dias Leme, que a sua grande devoção lhe facilitava um tal regozijo, que a nobre matrona obrava ações pueris em aplauso de Santa Anna. No testamento com que faleceu, e codicilo feito poucas horas antes do seu transito diz assim: "Peço a meu filho, filhas e genros, que sustentem a igreja de Santa Anna, e lhe façam sua festa no seu dia, como até agora se fez; e isto lhes peço muito encarecidamente, e que sejam seus devotos". (Cartorio da vila de São Vicente, testamento e codicilo de d. Catharina Pellaes). Faleceu Catharina Pellaes em São Vicente com testamento a 16 de Julho de 1667. A outra festa era no dia proprio da Santa na segunda capela da ereção do capitão-mor governador Cypriano Tavares, marido de d. Anna de Siqueira e Mendonça. Correndo o tempo, já depois da morte dos fundadores,

foi esta segunda capela da Vargea, acrecentada por Francisco Cypriano Tavares Cabral, filho do dito capitão-mor governador Cypriano Tavares; no estado em que até hoje existe sustentada, e paramentada pela administradora a matrona d. Anna de Siqueira de Mendonça, cuja devoção lhe vem por herança de seus nobres ascendentes, primeiros fundadores da capela de Santa Anna em todo o Brasil, como fica referido. Chegou a tanto merecimento a decencia e culto desta capela, e depois de aumentada por Francisco Tavares Cabral, que os ilmos. bispos d. Francisco de São Jeronimo e d. frei Antonio de Guadalupe, lhe concederam o privilegio de nela se enterrarem os escravos dos administradores, casarem e serem nela batizados. Este indulto acabou com o primeiro exm. e rev. bispo que teve a cidade de São Paulo d. Bernardo Rodrigues Nogueira, que se serviu anexar esta capela á igreja matriz da vila de São Vicente. A festa porém da gloriosa Santa Anna se tem executado sem a minima falta anualmente pela administradora, protetora d. Anna de Siqueira e Mendonça.

Do matrimonio de Luiz Dias Leme e de d. Catharina Pellaes, nasceram como consta dos testamentos e inventarios do marido e da mulher os filhos, que são os seguintes:

3 — 1. D. Anna de Siqueira e Mendonça.
3 — 2. José Dias Paes.
3 — 3. D. Maria Leme.
3 — 4. D. Isabel Paes.
3 — 5. D. Catharina de Siqueira (30).
3 — 6. Affonso Pellaes, faleceu solteiro, existindo ainda no ano de 1657.

Outros filhos houveram que voaram para o céu em tenros anos conforme o testamento de Catharina Pellaes, que só declarou os filhos que eram vivos.

3 — 1. D. Anna de Siqueira e Mendonça, filha de Luiz Dias Leme, do § 7.º, casou com Cypriano Tavares, natural de Pernambuco, onde tendo seguido o real serviço até a restauração da sua patria, veiu para Santos, e foi em capitão-mor governador da capitania de São Vicente, e São Paulo, por despacho de 31 de Dezembro de 1661. Fez pleito e homenagem nas mãos de Salvador Corrêa de Sá Benavides, governador do Rio de Janeiro no 1.º de Janeiro do ano de 1662. Tomou posse na Camara capital de São Vicente a 29 de Janeiro do mesmo ano, o que tudo consta no arquivo da Camara da cidade de São Paulo, liv. de registros n. 8.º, titulo 1662 a fl. 7 e fl. 39 e seg. Este capitão-mor e governador Cypriano Tavares foi filho de Balthazar Rodrigues Mendes, natural de Belem da cidade de Lisboa, e de sua mulher Isabel Cabral, que casou em a cidade de Olinda, para onde veiu na companhia de seu pai Manoel Tavares Cabral, natural da ilha de São Miguel, e de

(30) Cartorio da vila de São Vicente, inventário de Luiz Dias Leme, e inventário de Catharina Pellaes.

sua mulher N. de Paiva, natural da mesma ilha, da nobre familia do seu apelido, que teve origem em o seu descobridor, e primeiro donatario Gonçalo Velho Cabral, comendador do castelo de Amurol, como temos já tratado neste cap. 5.º, § 5.º, onde copiamos o brazão de armas dos Cabraes, Velhos, Mellos, e Travaços. Do matrimonio desta Isabel Cabral nasceram em Olinda, não só o filho Cypriano Tavares, mas tambem Valentim Tavares, que foi governador do Rio Grande, ou Paraíba do Norte. Viuvando Isabel Cabral, do seu primeiro marido Balthazar Rodrigues Mendes, casou segunda vez em Olinda com João Rodrigues, e foram pais do reverendo Gonçalo Cabral, que foi vigario de Itamaracá. Tambem Manoel Tavares Cabral (pai de Isabel Cabral) que veiu viuvo de São Miguel, para Pernambuco, casou com uma filha de Nuno Dias Thovar, de quem teve unica filha d. Catharina, que deixou nobre geração em Pernambuco.

Em Santos se estabeleceu, e ficou ali melhor o capitão-mor governador Cypriano Tavares. Em todo o tempo da sua vida gozou um respeito igual ao seu caracter; esta veneração foi tão nobremente adquirida, que não só por seus merecimentos, mas tambem pela grande roda de parentes, pela sua aliança que tinha em São Paulo, foi o seu nome sempre aplaudido. Faleceu d. Anna de Siqueira em Santos a 5 de Outubro de 1695. (Obitos, fl. 37) e já seu marido era falecido.

E teve nacionais da vila de Santos cinco filhos, que foram:

4 — 1. D. Antonia Tavares Cabral.
4 — 2. Estevão Tavares.
4 — 3. José Tavares de Siqueira.
4 — 4. Miguel Tavares.
4 — 5. Francisco Tavares Cabral.

4 — 1. D. Antonia Tavares Cabral, não quiz casar; e acabou com 95 anos de idade, para lograr a felicidade de palma e capela, com que se adornou o seu cadaver; nasceu a 8 de Abril em que Deus a recebeu na sua igreja, e foram seus padrinhos Alonço Pellaes, seu tio, e Catharina da Silva de Mendonça, e ministro do Sacramento o padre Antonio de Amorim, jesuita do colegio de Santos.

4 — 2. Estevão Tavares da Silva, foi sacerdote do habito de São Pedro, e neste estado tomou a roupeta de jesuita, e estando feito superior da aldeia de São José, termo da vila de — acaraí da comarca de São Paulo, faleceu na mesma aldeia, onde jaz sepultado. Tinha sido habilitado de *genere* pela camara episcopal do Rio de Janeiro no ano de 1684. (Camara episcopal de São Paulo, autos *de genere* letra E, n. 2, os de Estevão Tavares da Silva).

4 — 3. José Tavares de Siqueira, batizou-se em Santos a 20 de Novembro de 1659 pelo padre Manoel Nunes, jesuita, foram seus padrinhos Jeronymo Dias Vareiro, e sua mulher Isabel Paes; tendo ocupado cargos da república da praça de Santos, foi capitão

da fortaleza da Itapema da mesma praça com 40$000 de soldo, até passar a sargento-mor da comarca com 80$000 de soldo, com cujo posto acabou a vida, por patente de el-rei d. Pedro, registrada na vedoria da praça de Santos. Fez estabelecimento no sitio de Santa Anna, de cuja capela, e suas festas anuais temos feito menção. Descobertas as Minas Gerais, com nome de Cataguazes, por serem assim chamados os barbaros indios habitadores deste sertão; convidado da grandeza do ouro destas Minas, passou a elas, e faleceu na jornada. Trasladados os ossos para a praça de Santos, foram sepultados na igreja da ordem terceira de São Francisco, e os irmãos dela souberam não esquecer-se das funerais demonstrações praticadas com os que são ministros da ordem terceira na forma de suas atas. Foi a sua morte geralmente sentida pelo merecimento que tinha adquirido da comum estimação dos povos, e igualmente dos grandes. Casou em a matriz da praça de Santos a 16 de Junho de 1691, com d. Isabel Maria da Cruz, natural da vila de Vianna do Minho, irmã direita do revmo. padre mestre frei João Baptista da Cruz, monge beneditino, qualificador do santo oficio, que foi d. bade provincial do mosteiro da cidade da Bahia no trienio de 1720, e d. abade do mosteiro da Bahia no trienio de 1731; varão que se fez recomendavel com grandes merecimentos, e igual nome na sua religião, em seculo, por ser adornado de letras e virtudes. Faleceu no mosteiro da praça de Santos, que elegeu para no silencio dele exercitar a vida contemplativa a 5 de Maio de 1740. Foram filhos de Domingos de Araujo, natural da vila de Ponte de Lima, familiar do santo oficio, e sargento-mor da capitania de São Vicente (irmão inteiro de Gaspar Gonçalves de Araujo, que foi provedor da fazenda real da mesma capitania, e marido de d. Margarida Corrêa: em título de Freitas. Tambem foi irmão inteiro da mãi de Estevão Luiz, que instituiu um morgado em Ponte de Lima, como tratamos em título de Bayoens, e de sua mulher d. Felippa da Cruz, que foi filha de Domingos Coelho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, ambos naturais da vila de Monção.

Do matrimonio do sargento-mor José Tavares nasceram na praça de Santos cinco filhos:

5 — 1. D. Anna de Siqueira e Mendonça.
5 — 2. D. Maria Isabel da Cruz.
5 — 3. D. Catharina Baptista de Jesus.
5 — 4. João Tavares.
5 — 5. D. Josepha Maria da Cruz.

5 — 1. D. Anna de Siqueira e Mendonça, batizada em Santos aos 22 de Abril de 1692, fl. 85, do livro, ainda existente neste ano de 1767, casou na vila de Santos a 6 de Julho de 1712, com Domingos Teixeira de Azevedo, natural da mesma vila, filho do capitão-mor Gaspar Teixeira de Azevedo, e de d. Maria da Silva: em título de Buenos, cap. 1.º, § 5.º, n. 3—6 e seg. Foi superin-

tendente das minas dos Cataguazes e provedor da real casa da fundiçao da vila de Paranaguá, e coronel das ordenanças da praça de Santos e vila de São Vicente. Em título de Buenos, cap. 1.º, § 5.º, a n. 3—6, seguindo ao n. 4—5. E teve seis filhos, nacionais da vila de Santos (a):

6 — 1. D. Isabel Maria da Cruz.
6 — 2. Gaspar Teixeira de Azevedo.
6 — 3. Jose Tavares de Siqueira.
6 — 4. João Baptista de Azevedo.
6 — 5. Miguel Teixeira de Azevedo.
6 — 6. D. Anna Maria de Siqueira.

6 — 1. D. Isabel Maria da Cruz, existe religiosa professa no convento de Nossa Senhora da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro, uma das 12 primeiras fundadoras do dito convento, onde entrou no ano de 1750, sendo abadessa a religiosa fundadora vinda da cidade da Bahia, que existindo prelada até se recolher ao seu convento no ano de 1761, saiu eleita em abadessa d. Isabel Maria da Cruz, que, sendo a segunda prelada na ordem do numero, foi a primeira na ordem da profissao. As suas grandes prendas lhe adquiriram a pluridade dos votos para ficar com o peso daquela clausura. Foi esta eleição geralmente aplaudida por toda a cidade pelo grande conceito que tinha adquirido a religiosa vida da madre d. Isabel Maria da Cruz. Não faltaram a obsequia-la os primeiros grandes do governo eclesiastico e secular, o exmo. e revmo. bispo d. frei Antonio do Desterro, o ilmo. e exmo. conde de Bobadella Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, São Paulo, e de Minas Gerais. Desempenhou a expetação em que havia posto a todos as grandes virtudes morais da madre d. Isabel Maria da Cruz. Dotada de afabilidade, prudencia e humildade conseguiu lentamente uma total reforma na sua clausura, lançando dela tudo quanto era superfluo e indecente nos moveis, com que as religiosas adornavam as cellas em muitas das quais haviam cadeiras de damasco, cortinados e pannos de bofete da mesma seda. Fez lançar tambem para fora o excesso de creados mulatos com que se serviam as religiosas com tanta superfluidade, como indecencia. Emfim suspendamos a pena em formar o carater desta religiosa e prelada, porque as linhas do sangue nos embaraçam os periodos, por não ficarmos sujeitos a emulação dos que nos quizerem constituir afastados da pureza, e singeleza com que escrevemos a nossa História-Genealogica. Faleceu a madre abadessa no seu mosteiro da Ajuda, aos 13 de Outubro de 1767.

6 — 2. Gaspar Teixeira de Azevedo, tendo-se aplicado com desvelo (igual aos estimulos da honra com que o adornou a natureza por tantos costados de nobre sangue) a lingua latina, entrou monge beneditino, recebendo do mosteiro da Bahia a ilustre cogula do

(*) Faleceu em Santos, em 1774 ou 1775.

seu Santo Patriarca em 15 de Agosto de 1732, e fez profissão com o nome de frei Gaspar da Madre de Deus. Continuou os estudos da filosofia, teologia, em que fez tão grande progresso, que se constituiu digno para lhe darem a cadeira de mestre do mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, onde duas vezes leu filosofia, com glória de ter sido o primeiro, que na sua provincia ditou filosofia moderna. No mesmo mosteiro se doutorou, tomando a borla de doutor. No ano de 1752 saíu eleito d. abade do mosteiro da cidade de São Paulo, que renunciou. No ano de 1763, saíu eleito d. abade do mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, que acabou o trienio com grande satisfação dos seus suditos, e com igual aplauso de todos os grandes eclesiasticos e seculares da mesma cidade. Deste emprêgo de d. abade saíu eleito em provincial do Estado, e provincia da Bahia no ano de 1767, em que se espera da sua grande literatura, inteireza e religiosa observancia, grandes créditos, e utilidade da provincia.

6 — 3. José Tavares de Siqueira, familiar do santo oficio, foi destinado para herdeiro da casa de seus pais; e tendo-se dado muito ao cuidado de aumentar os bens patrimoniais dela, assim nas grossas fazendas dos campos gerais da Curitiba, como nas que fez estabelecer no sitio da Bocaina do caminho do Rio de Janeiro, com excelentes pastos para neles engordarem as boiadas que descem para o talho desta cidade, faleceu solteiro em 1758 a 6 de Dezembro nas suas fazendas dos Campos Gerais; jaz sepultado na capela de Santa Bárbara de Pitanguí, termo da vila de Curitiba, que fora da administração dos padres jesuitas do colegio de Parnaguá.

6 — 4. João Batista de Azevedo, seguiu os estudos, e nos pateos do colegio de São Paulo, tomou o grau de mestre em artes. Ordenou-se de clérigo secular, e passou a ser vigário da igreja, e da vara da vila de São Francisco do Sul, onde faleceu em 3 de Junho de 1754 com a mesma ocupação: jaz sepultado na igreja matriz, da qual era atualmente pároco.

6 — 5. Miguel Teixeira de Azevedo, entrou monge beneditino, e professou no mosteiro de São Bento da cidade da Bahia, e ficou chamando-se fr. Miguel Arcanjo da Anunciação. Foi presidente do mosteiro da vila de Santos, e comissario de todos os mosteiros da capitania de São Paulo.

6 — 6. D. Ana Maria de Siqueira, que na profissão de religiosa do convento da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro tomou o nome de D. Maria do Sacramento: nele viveu com exemplar vida, e tendo sido uma das doze primeiras fundadoras, tambem foi a primeira que para o céu deu este convento, falecendo a madre D. Maria do Sacramento a 12 de Agosto de 1760.

5 — 2. D. Maria Isabel da Cruz, batizada a 4 de Abril de 1693, fl. 87 do livro velho, (filha do sargento-mór José Tavares de Siqueira, do n. 4—3) professou no convento de S. Ana de Viana do Minho, onde existe

5 — 3. D. Catarina Batista de Jesús, batizada a 13 de Novembro de 1695, fl. 96 (filha do sargento-mor José Tavares, do n. 4—3) : existe professa no mosteiro de S. Ana de Viana do Minho.

5 — 4. João Tavares, faleceu solteiro na idade de 15 ou 16 anos, tendo nascido a 1.º de Janeiro de 1697, fl. 98 do livro velho.

5 — 5. D. Josefa Maria da Cruz, batizada aos 26 de Agosto de 1699, livro...., fl. 110 (filha última do sargento-mor José Tavares de Siqueira, do n. 4—3) casou na capela de S. Ana com licença do R. doutor José Rodrigues França, pároco da praça de Santos aos 25 de Setembro de 1724 com Antonio de Brito Ferreira, fidalgo da casa real, natural da vila de Vianna do Moinho, irmão direito do mestre de campo João da Costa Ferreira de Brito governador que foi da praça de Santos, e de Thomaz da Costa Ferreira, de quem temos tratado neste cap. 5.º, § 5.º, na descendencia de Estevão Raposo Bocarro, no n. 5—2; filhos de André da Costa, fidalgo da casa real, cavaleiro professo da ordem de Cristo, e morgado de Alcami, em Viana, de sua mulher D. Ana Maria Ferreira, netos de João da Costa Ferreira, fidalgo da casa real. E teve nascidos na vila de Santos três filhos:

6 — 1. D. Isabel, que faleceu de 11 para 12 anos.

6 — 2. André da Costa, que foi servir a el-rei a Mossambique, e não sabemos si é vivo ou não. Si este único ramo acabou no estado de solteiro, em que passou para Mossambique, ficou extinta a descendencia do sargento-mor José Tavares de Siqueira.

6 — 3. José da Costa de Brito, tomou o hábito de carmelita calçado na provincia do Rio de Janeiro, existe.

4 — 4. Miguel Tavares, (filho do capitão-mor Cipriano Tavares, do n. 3—1) ; faleceu solteiro de idade de 16 anos pouco mais ou menos.

4 — 5. Francisco Tavares Cabral, (último filho do capitão-mór e governador Cipriano Tavares, do n. 3—1) ; faleceu sendo protetor da capela de S. Ana, depois da morte de seu irmão o sargento-mor José Tavares de Siqueira. No seu tempo foi a gloriosa S. Ana aplaudida com grandeza, não só no culto da igreja, mas tambem nos festejos de comedias e banquetes, que se executavam com toda a abundancia de iguarias; a que eram convidados os da primeira nobreza das vilas de Santos e São Vicente. Casou Francisco Tavares Cabral duas vezes, como fazemos menção abaixo. Tendo decaido da opulencia em que se achava, passou com muita parte da sua familia para as minas dos Goiazes, já com avançada idade, atraído das amorosas rogativas de sua filha d. Francisca Xavier Tavares, que se achava nela com grande estabelecimento de lavras minerais e numerosa escravatura, e nesta jornada faleceu. Foi casado primeira vez com d. Isabel da Silva, natural da praça de Santos, irmã direita de Domingos Teixeira de Azevedo, e filho do capitão-mor Gaspar Teixeira de Azevedo, de quem temos retro tratado. Casou segunda vez com d. Ignez Corrêa de Castro, na-

tural da vila de Santos, filha de d. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa, natural da vila de Vianna do Minho; em título de Buenos, cap. 1.º, § 5.º, a n. 3—7.

E teve do 1.º matrimonio oito filhos:

5 — 1. Francisco Tavares Cabral.
5 — 2. Bento Tavares Cabral.
5 — 3. D. Maria da Silva Tavares.
5 — 4. D. Francisca Xavier Tavares.
5 — 5. D. Anna Maria Tavares.
5 — 6. D. Marianna Tavares.
5 — 7. D. Antonia Tavares.
5 — 8. D. Escolastica Maria Tavares.

Do segundo matrimonio teve cinco filhos:

5 — 9. D. Isabel Corrêa da Silva.
5 —10. D. Josepha Maria Tavares.
5 —11. D. Maria da Silva Tavares.
5 —12. D. Escolastica Maria Tavares.
5 —13. D. Theresa Maria Tavares.

5 — 1. Francisco Tavares Cabral, é religioso do patriarca São Francisco da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro. Já depois de professo, fugindo das virtudes, e apertos da clausura, passou a viver apostata pelos sertões do Rio de São Francisco. Deles se passou para a comarca de Vila Boa de Goiaz, a tempo que já suas irmãs se achavam nestas minas, que fazendo assento no arraial de Nossa Senhora do Pilar, sitio da Papuaâ, a ele veio frei Francisco. Ali o prendeu o sargento-mor Antonio Ribeiro Leal, sendo juiz ordinario, como amante da justiça e de retidão, pelos estimulos de varias queixas, que muitos ofendidos articulavam contra o apostata, que remetido em ferros ao seu prelado, foi castigado conforme as leis indispensaveis de tão santo instituto. Com o decurso dos anos se consumou a pena do castigo, e foi posto em liberdade fora dos carceres em que se tinha conservado, quando já o culpado réu a não poude gozar com socego de espirito, porque refletindo nos erros da vida passada caíu na infelicidade de ficar leso do discurso e vive como pateta possuido de um temor panico, que lhe tem introduzido a maior humildade que se pode considerar: com tudo segue os atos de religião, sem liberdade para saír á rua acompanhando a qualquer outro religioso. Altos são os juizos de Deus!

5 — 2. Bento Tavares Cabral, seguiu os estudos de gramatica latina com destino do estado sacerdotal, porém abandonando este acerto, passou para as minas de Goiazes na conduta da casa toda de seus pais: vive solteiro, fazendo companhia ás suas irmãs em as ditas minas no arraial do Pilar.

5 — 3. D. Maria da Silva Tavares, casou na praça de Santos com o juiz de fóra dela o dr. Mathias da Silva e Freitas, natural da cidade de Olinda de Pernambuco: foi ouvidor e corregedor da comarca de São Paulo, por ausencia do proprietario, conforme as reais determinações: foi ouvidor da cidade de São Luiz do Maranhão, em cujo lugar esteve muitos anos, e dele saíu tão pobre, que não teve com que poder na corte de Lisboa tratar-se e seguir o seu despacho. Recolheu-se á companhia de sua mulher na vila de Santos, e por melhorar de fortuna passou ás minas de Goiazes, e fez estabelecimento no arraial do Pilar, onde existe já com avançados anos. E teve unico filho, natural de Santos, que é Mathias da Silva e Freitas, que solteiro vive na companhia de seus pais.

5 — 4. D. Francisca Xavier Tavares, casou na praça de Santos com Francisco Xavier Pissarro, natural da vila de Chaves, professo da ordem de Cristo, estando em patente régia de capitão-mór da vila de Coritiba. Foi irmão inteiro do r. d. José Nogueira Ferraz, protonotario apostolico, e vigario colado da igreja de São José do Rio das Mortes, da capitania de Vila Rica de Minas Gerais; e do padre João Mourão, da companhia de Jesus, que tendo passado missionario á China, acabou martir no dia 24 de Agosto de 1726; e de d. Francisca da Conceição, que com opinião da santidade acabou religiosa no convento de Chaves, no ano de 1718. Passando o capitão-mór Francisco Xavier Pissarro, para as minas de Vila Bôa de Goiazes no principio de sua grandeza, se estabeleceu com lavras minerais, e numerosa escravatura no sitio chamado do Ferreiro, e até que extintas as terras, ou já enfraquecidas de pinta rica, passou para as minas de Pilar, onde fez estabelecimento de lavras minerais, das quais os seus escravos extraíram muita grandeza douro. D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general daquella capitania, que ainda então era sujeita á de São Paulo, creando as tropas de infantaria e cavalaria auxiliar, passou patente de coronel a Francisco Xavier Pissarro, e nela se tem conservado. Depois da morte de sua mulher d. Francisca Xavier Tavares no ano de 1752, se ausentou para a cidade do Rio de Janeiro, onde existe, e ali é cidadão da república dela, gozando os privilegios, que são os mesmos concedidos aos cidadãos da cidade do Porto. É filho de Bartholomeu Nogueira Ferraz, e de sua mulher d. Margarida Cardoso Pissarro, da vila Chaves. Neto pela parte paterna de Balthazar Alves Pimenta, natural de Torqueda, comarca de Vila Real, e de sua mulher Helena Rodrigues Ferraz, da vila de Chaves, por quem é bisneto de Domingos Nogueira, e de Catharina Rodrigues, ambos da vila de Chaves. E pela parte materna é neto de João Cardoso Pissarro, fidalgo da casa real, que foi comissario geral da cavalaria em Traz-os-Montes, e governador das ilhas de Cabo Verde, que em d. Antonia Gomes, natural da vila de Chaves, teve a filha d. Margarida Cardoso Pissarro, e Paulo Cardoso Pissarro, que foi tenente-coronel da cavalaria em Cabo Verde; a João Cardoso Pissarro, que tambem serviu nas mesmas ilhas em posto de sargento-mor, e foi legitimado, e a Antonio

Cardoso Pissarro, capitão de infantaria, e sargento-mor da praça de Chaves no ano de 1719, e fidalgo da casa real, como escreve em título de Pissarro José Freire Montarroio Mascarenhas, a quem agora seguimos inteiramente para adiantarmos a ascendencia do coronel Francisco Xavier Pissarro. Este por seu avô materno dito João Cardoso Pissarro, é bisneto de Paulo Cardoso de Vargas, que foi cavaleiro professo da ordem de Cristo, e governador da Ilha Terceira, e de sua mulher d. Margarida Diniz. Ter-neto de d. Brites de Vargas Pissarro, que sucedeu nos bens e serviços de seu pai; casada com o capitão Antonio Cardoso Machado, natural da cidade de Angra da Ilha Terceira, e pessoa de muita nobreza, de quem o capitão-mor da mesma cidade Manoel do Canto e Castro, fidalgo da casa real, e mui conhecido naquela ilha, declara, e jura ser parente, em uma certidão, que passou a seu filho d. Diogo Pissarro no ano de 1610.

Quarto neto de d. Diogo Pissarro de Vargas, que estudou algum tempo na universidade de Salamanca; porém sendo mais inclinado ás armas, do que ás letras, cometeu alguns crimes, e fez algumas travessuras, que o precisaram a deixar os estudos, e retirar-se para a cidade de Truxilhos, donde era natural. Seu pai irritado pela repetição de tantas extravagancias, o não quiz ver mais, e lhe mandou dar 500 ducados por Affonso Pissarro de Torres, seu parente, com a condição de que não voltasse a Truxilhos; o que ele fez, e passou a servir no sitio da Galleta contra os turcos, quando eles tomaram aquela praça no ano de 1574. Depois passou a Portugal; serviu e viveu na Ilha Terceira na cidade de Angra, onde Manoel Corte Real, senhor de parte daquela ilha, e parente muito chegado do marquez de Castello Rodrigo, e seus filhos, o tratavam por fidalgo, passeavam com ele, e se assentavam juntos na igreja ao sermão. Em Lisboa tratavam por parente muito chegado d. Diogo de Sotto Maior, bisavô de Lourenço de Sottomaior, e seu filho d. Diniz de Almeida. Casou d. Diogo Pissarro de Vargas em Lisboa com d. Joanna Rodrigues, que dizem ser de castelhanos, natural de Robleda, e prima segunda de frei Christovão de Espinhoza, sacerdote do habito de São Pedro, freire da Ordem de São Bento de Aviz, capelão de el-rei, e administrador do hospital de São Filippe e São Thiago de Lisboa, que vivia ainda no ano de 1615, em que foi testemunha na inquirição de d. Diogo Pissarro, que era neto de sua prima, e declarou ser de idade de 60 anos.

Por seu quarto avô dito d. Diogo de Pissarro de Vargas, é quinto neto de d. Fernando Pissarro, que foi um fidalgo muito conhecido na cidade de Truxilhos. Sexto neto de d. Diogo Fernandes Pissarro, que foi progenitor das casas dos marquezes de las Charcas, conforme escreve Garcilaço de la Vega, e casou com d. Brites de Vargas, da familia deste apelido, notoriamente nobre na provincia da Extremadura. Setimo neto de d. Sancho Martins de Anhasso Pissarro, que viveu na cidade de Truxilhos com estimação

de nobreza pela sua antiguidade, e pelas muitas casas e morgados, que ha nela, e na vila de Caceres, que todos descendem do mesmo tronco, como escreve Karo — *Nobiliarco,* parte 2.ª, livro 10, cap. 45.

Diz o mesmo genealogico Mantarroio no título que escreveu de Pissarro, que esta familia é uma das mais ilustres da Extremadura, e mui conhecida pela sua antiguidade e nobreza na cidade de Truxilhos, onde possue varios morgados, por haverem tido repartição nela seus antepassados, como seus conquistadores, e já estes eram descendentes de outros, e dos que conquistaram Toledo, onde tambem haviam sido herdados. Gonçalo Pissarro estando proximo ao suplicio, que padeceu em Indias de Espanha (Nós lemos nos *Elementos de história,* do abade de Vallemont, tomo 1.º, pag. 496 até 497, que Gonçalo Pissarro fora o agressor tirano da morte de um filho do Almagro, que tanto havia concorrido para a conquista do Perú na companhia de Francisco Pissarro, e Fernando Pissarro, irmãos do dito agressor Gonçalo Pissarro no ano de 1525, em que o tal Francisco Pissarro cruel e perfidamente mandou enforcar a Atabalida rei do Perú; e por este homicidio e outros muitos insultos, mandou Carlos V ao jurisconsulto Pedro Gasca, o qual fez enforcar a Gonçalo Pissarro no ano de 1546), vendo que se não tinha atenção a sua nobreza, disse ao presidente: Que desde o tempo que os godos entraram em Espanha eram os Pissarros, cavaleiros e fidalgos de solar conhecido: como escreve Garcilaço.

Tem esta familia produzido ilustres varões em armas. Bastavam só para ilustral-a os grandes herois d. Francisco Pissarro, progenitor dos marquezes de las Charcas; e Fernão Cortez Pissarro, que é dos duques de Terra Nova; o primeiro conquistador do reino do Perú, e o segundo da Nova Espanha, que é o imperio do Mexico, filhos de Martim Cortez de Monroy, e de sua mulher d. Catharina Pissarro Altamirano, da vila de Medelhim na Extremadura, como traz Solis, liv. 1.º, cap. 8.º, pag. 31. Foram os antigos Pissarros, alcaides-mores de varias cidades: foram revestidos da dignidade de cavaleiros de varias ordens militares de Espanha. O apelido desta familia teve origem na fortaleza e constancia incontestavel do seu primeiro ascendente, a quem deram o cognome, ou epiteto de Pissarro. Karo diz alegando Gracia Rei, e outros autores, que dois cavaleiros desta linhagem se acharam na restauração de Espanha com el-rei d. Pellayo, mostrando no valor com que obravam os grandes espiritos, que infundira nos seus corações o generoso sangue de seus avós. Em sua memoria ajuntaram sem dúvida ao seu escudo, duas piçarras.

São as primitivas armas dos Pissarros, em campo de prata, um pinheiro verde com pinhas douradas, e dois ursos da sua cor natural em pé arrimados á arvore comendo, ou arrancando o fruto; e ao pé do escudo de cada parte dela; uma piçarra parda, sobre os quais estão subidos os ursos. Assim se acham esculpidos em varias partes da cidade de Truxilho nas casas antigas dos ascendentes do marquez de las Charcas d. Francisco Pissarro, cujos descendentes os trazem acrescentadas na forma seguinte: "Por mercê,

que o famoso imperador Carlos V fez o dito marquez em memoria das heroicas ações que obrou na conquista da Nova Espanha, a saber: O escudo partido em mantel; a parte do lado direito partida em faixa; no quartel superior, em campo douro, uma aguia negra coroada, estendida e armada entre duas colunas com esta letra *Plus ultra.* No quartel inferior, em campo negro, uma cidade de prata sobre ondas do mar, e toda esta parte orlada com oito camelos de prata em campo verde; a parte esquerda do escudo formada em mantel, se divide em tres quarteis; no primeiro em campo negro, uma cidade fundada em um ilheu tudo de prata, e a torre mais alta coroada com uma coroa imperial douro; no segundo, um leão douro; e no terceiro, que forma o vão do mantel, um leão corôado, cujas cores Alonço Lopes de Karo não refere. Ao pé do escudo, em campo vermelho, Atabalida rei do Perú coroado, e preso; e por orla em campo azul, uma cadeia douro com sete cabeças de indios. Toda a fabrica deste escudo se acha orlada com uma cadeia douro, em campo azul e nelas pregados oito grifos tambem douro, cada um com uma bandeira de duas pontas na garra direita. Este escudo foi aprovado em Valhadolid pelo imperador Carlos V em 22 de Dezembro de 1537, e contrasignado por João Vasques de Molina, seu secretário.

D. Francisca Xavier Tavares, do n. 5—4, teve filha unica d. Eufrazia Maria Xavier Pissarro, que na matriz do arraial das minas do Pilar casou com o licenciado Francisco Gomes Tissão, natural da vila de Ponte de Lima, pelos anos de 1753.

5 — 5. D. Anna Maria Tavares, faleceu nas minas do Pilar em 1752, para onde se tinha passado na companhia de seus irmãos; ia no estado de viuva de seu marido Fernando Pereira de Castro, natural de Vianna do Minho, onde a qualidade de sua nobreza é bem conhecida. Casou na matriz da vila de Santos, sendo ajudante de infantaria daquele presidio. Sem geração. Foi irmão inteiro do coronel Faustino Pereira da Silva, bem conhecido em Minas Gerais pelas suas virtudes morais, e grande casa que ali teve, e de quem temos feito menção na descendencia de Pedro Leme, do cap. 1.º, deste título no § 2.º.

5 — 6. D. Marianna Tavares, casou com Mathias Cardoso, senhor de varias fazendas de gados vacuns no sertão do Rio de São Francisco. Sem geração.

5 — 7. D. Antonia Tavares, casou com Antonio Alves Galvão, que ainda existe morador no seu engenho de assucar no termo das minas de Meia-Ponte.

5 — 8. D. Escolastica Maria Tavares, casou em Vila Bôa de Goiazes com Antonio Luiz Lisboa, que então ocupava o peso do importante oficio de fiscal da real casa da intendencia do ouro da capitação, como intendente dela o dr. Sebastião Mendes de Carvalho, que pelos seus merecimentos foi escolhido, e despachado para a creação desta casa, quando no ano de 1737, foi estabelecida pelo mesmo metodo, com que lhe deu a norma em Minas Gerais, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença, que da corte tinha

sido mandado para este efeito pelo sr. rei d. João V, o magnanimo, que lhe soube conhecer a alta compreensão e esfera grande, de que foi adornado este recomendavel vassalo. Antonio Luiz Lisboa, foi igualmente lembrado para o oficio de fiscal, pela inteligencia, e ciencia aritmetica, em que era bem instruido, e com o desembaraço, atividade, e zelo para o diario exercicio, de mover a pena escrevendo nos livros da matricula dos escravos, e senso do negocio mercantil. Nesta casa foi conservado até se extinguir o metodo da real capitação, e laborar o das casas de fundição, e passar para intendente da fundição das minas de São Felix com o mesmo ordenado, que percebiam os membros régios. Neste mesmo emprêgo acabou a vida em São Felix no ano de 1763. E teve nascido em Vila Boa de Goiazes dois filhos machos e uma femea; porque falecendo de parto sua mulher d. Escolastica Maria Tavares em dita Vila Boa deixou estes frutos. O dito Antonio Luiz Lisboa passou a segundas nupcias com d. Maria Joanna Leite de Andrade, com tratamento neste título, no cap. 5.º, § 5.º, n. 3—5, e seguinte.

FILHOS DO SEGUNDO MATRIMONIO DE FRANCISCO TAVARES CABRAL

5 — 9. D. Isabel Corrêa da Silva, foi casada com Antonio Pereira do Lago, um dos mais opulentos mineiros, por chegar a escravatura da sua fábrica de minerar quasi a duzentos pretos da costa da Mina: ocupou sempre honrosos postos, assim da república, como da justiça e milicia. Foi muitas vezes juiz ordinario, provedor dos defuntos e ausentes, guarda-mor da repartição das terras, e aguas minerais, sargento-mor do regimento das ordenanças, e o primeiro intendente comissario da real companhia das minas do Pilar, e das de Nossa Senhora da Conceição de Crixás, que creou e estabeleceu o grande zelo e atividade do conde d'Arcos, primeiro governador, e capitão-general positivo da capitania de Goiazes, onde chegou em Novembro do ano de 1749, passando de Pernambuco, onde estava tambem por governador e capitão-general daquela capitania Antonio Pereira do Lago, foi convidado para a creação dessa nova intendencia pelo mesmo conde, cujas excelentes virtudes, limpeza de mãos, afabilidade e prudencia, o fizeram adorado de todos os subditos, vencendo com estes dotes da natureza, todos os empenhos em que entendeu fazia serviço ao rei, e aumentava a capitania; e por isso aceitou o onus de intendente sem ordenado algum, passando a sua liberalidade, e amor de honrado vassalo a dar as suas casas para servirem de intendencia, privando-se do socego e tranquilidade do retiro de sua fazenda, distante do arraial meia legua, onde antes se achava, vindo somente ao dito arraial aos domingos e dias santos. Para expedição deste grande trabalho se lhe deu para seu adjunto, com o carater de fiscal, escrivão, e tesoureiro da real intendencia a Pedro Taques de Almeida Paes Leme, autor destas memorias, que no mesmo ano de 1750 se achava

morador em Vila Boa, onde convidado pelo conde general não duvidou fazer aceitação deste laborioso emprego, para cujo exercício se transmigrou com mulher e filhos, e os seus escravos para o arraial do Pilar, transitando por sertões despovoados mais de 50 leguas á custa da propria fazenda, sem a menor ajuda de custo do real, com provisão tambem da provedoria dos defuntos e ausentes dos dois arraiais Pilar e Crixás, que ajudado do amor que mereceu a todos aqueles moradores, conseguiu, que no primeiro ano da sua capitação tivesse el-rei 19.892 oitavos d'ouro, quando nos preteritos desde o de 1737, em que se estabeleceu a capitação de Goiazes, nunca os arraiais de Pilar e Crixás produziram mais de 7.500 oitavos cobrando o real quinto os juizes ordinarios com seus tabeliães. Nos livros que se acham no arquivo da provedoria da fazenda real de Vila Boa, que tiveram uso durante a capitação, consta melhor esta verdade, e fortuna da nossa feliz ocupação.

Faleceu d. Isabel Corrêa da Silva sem geração.

5 — 10. D. Josepha Maria Tavares, que nasceu de um parto com a irmã d. Isabel, vive casada em Pilar com Antonio dos Santos Silva, sobrinho direito do dr. Mathias da Silva e Freitas, natural tambem de Pernambuco, que tem servido os cargos da república, e de provedor dos defuntos e ausentes daquelas minas, ha muitos anos, desde o de 1752, em que entrou nesta ocupação.

5 — 11. D. Maria da Silva Tavares, existe solteira neste ano de 1767 em minas de Pilar.

5 — 12. Escholastica Maria Tavares casou na matriz do Pilar com José Pereira do Lago, capitão de infantaria da ordenança das ditas minas, e da sua república, onde tem servido de juiz ordinario: é sobrinho direito do sargento-mor Antonio Pereira do Lago.

5 — 13. D. Thereza Maria Tavares casou na matriz das minas do Pilar com José dos Santos Silva, irmão direito de Antonio dos Santos Silva, do número retro 5—10: está estabelecido com lavras minerais e numerosa escravatura: é da governança da república daquelas minas, onde tem servido de juiz ordinario: é sargento-mór das ordenanças por patente do conde de São Miguel, sendo governador e capitão-general da capitania de Goiazes.

3 — 2. José Dias Paes, faleceu sem testamento em São Paulo a 13 de Junho de 1691 (Cart. 2.º de Not. de São Paulo, inventario de José Dias Paes), e foi filho de Luiz Dias Leme, do § 7.º retro. Casou a primeira vez com a filha de Maria Betineque, sem geração; consta do testamento supra: e casou segunda vez na cidade de São Paulo com d. Catharina Ribeiro de Moraes, filha de Vitto Antonio de Castro-Novo, e de sua mulher d. Sebastiana Ribeiro de Moraes; em título de Moraes, cap. 3.º, § 2.º, n. 3—5. Com sua descendencia; foram dois filhos. O padre José Dias Paes, que tendo tomado a roupeta foi expulso da companhia, e acabou clerigo de São Pedro em sua patria São Paulo. O padre Manoel Pedroso, que acabou religioso da companhia, e professo do quarto voto, e um grande barrete nas cadeiras de filosofia e teologia.

3 — 3. D. Maria Leme de Mendonça (filha de Luiz Dias Leme, dêste § 6.º), casou em vida de seus pais com Francisco Machado de Aguiar, natural da Ilha Terceira e pelos seus serviços de almoxarife proprietario da fazenda real da vila de Santos, faleceu pelos anos de 16... E teve tres filhos:

4 — 1. N. que faleceu de tenros anos.
4 — 2. D. Anna de Aguiar, faleceu solteira.
4 — 3. Catharina de Aguiar, casou com Felippe de Almada, natural da Ilha .... E teve só um filho que foi João de Aguiar Machado, e faleceu solteiro.

3 — 4. D. Isabel Paes casou em vida de seus pais com Jorge da Costa Ferreira, natural de Pernambuco. Sem geração.

3 — 5. D. Catharina de Siqueira de Mendonça, ficou solteira quando faleceu sua mãi d. Catharina Pellaes de Mendonça em 1667. Casou depois com Raphael Carvalho, natural da cidade de Lisboa, que fez estabelecimento no termo da vila de São Vicente. E teve filha unica d. Margarida Carvalho da Silva, que sendo pedida por Manoel Vieira Collaço, nobre cidadão republicano da vila de São Vicente, se lhe não concedeu sem mais demerito, que não ser do agrado, por então, dos pais darem estado de casada a sua filha d. Margarida. Porém, o Collaço, fazendo desta repulsa o maior desprezo de sua pessoa, pretendeu com o estrondo das armas despicar-se da imaginada injuria, que lhe formava na idéia a propria desconfiança. Foi o seu desafogo uma insolencia. Formou dos seus parentes um corpo de armas, e sem mais conselho, que o necio ardor de animo desesperado, marchou no silêncio da noite, e poz em cerca a casa de Raphael Carvalho, que sem presumir, nem ter noticia deste atentado, se achava entregue, no seu natural descanço ao sono. Os escravos da fazenda que não eram poucos deram aviso ao senhor, que saíu a receber ao corpo da rebelião com as armas, que tinha em cabide, como moveis indispensaveis naquele tempo a qualquer varão de nobreza e respeito. Disparadas as armas de um e outro partido, pereceram algumas pessoas até o número de nove, a tempo que já d. Catharina e sua filha d. Margarida estavam postas a salvamento na casa do capitão-mor Cypriano Tavares, que não ficava muito distante. Prontamente acudiu este com socorro de gente armada, a livrar a vida do cunhado Raphael Carvalho; mas quando chegou já o Collaça estava em retirada, tendo havido as nove mortes executadas ao furor do primeiro rompimento. Foi seguido, porém, inutilmente, porque além de ser a noite não muito clara, era a vereda por trilho fora da estrada.

Manoel Vieira Collaço tinha neste tempo as rédeas do governo ordinario da vila de São Vicente, e ficou com tal paixão dalma, que caíu em demencia, tendo lucidos intervalos. Brotou a sua dor na ruina, que experimentou o grande cartorio do arquivo da camara daquela vila, porque deu ao fogo os livros e papeis antigos,

que como monumentos para a posteridade ali se conservavam como vila capital, e a vila que teve o Brasil, fundada pelo sr. donatario Martim Affonso de Sousa. Entre aqueles (hoje bem necessarios) excelentes moveis, reduzidos a cinzas, só lamentamos o livro grande chamado *Tombo,* porque nele se achava escrito com pureza da verdade, o dia, mês, e ano da fundação daquela vila, a chegada do seu primeiro fundador dito donatario Martim Affonso de Sousa, com as forças, que trouxera do reino para a conquista dos barbaros indios habitantes dos sertões do sul, o número dos navios, em que com ele tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo-se menção dos merecimentos e qualidades de cada um deles, e dos sujeitos que vinham já casados, e sem familias, atraídos do reino de Portugal pelo convite do donatario Sousa, que tinha conseguido esta transmigração com o real agrado do sr. rei d. João III, de cujos creados, com o foro de cavaleiros fidalgos, vieram muitos sujeitos, que propagaram familias nobres em São Vicente derramados por São Paulo, depois que houve de serra a primeira vila chamada de Santo André da Borda do Campo, ereta em 8 de Setembro de 1553, por Antonio de Oliveira, loco-tenente do dito Martim Affonso, cavalheiro fidalgo da casa real, que tinha passado ao Brasil com sua mulher d. Genebra Leitão, e por Braz Cubas, cavaleiro fidalgo, que da cidade do Porto tinha passado com o mesmo donatario no estado de viuvo, trazendo um filho Pedro Cubas, e sua irmã d. Catharina Cubas, que casou com...... Ferreira, e então era o dito Braz Cubas provedor da fazenda real, e alcaide-mor da capitania de São Vicente na vila de Santos, que fundou o dito Braz Cubas. Foram os primeiros camaristas da nova vila de Santo André, juiz ordinario João Pires, o gago, vereador Paulo de Proença, procurador do conselho Alvaro Martins e tabelião escrivão da camara Gaspar Nogueira...... Esta vila se transmigrou para o sitio de Piratininga com a vocação de São Paulo do campo de Piratininga, porque no mesmo ano de 1553, a 24 de Janeiro, celebrou-se a primeira missa, que, por ser o da conversão de São Paulo, ficou dando nome á vila que em o dito sítio se fundou em 1553, hoje cidade episcopal de São Paulo, porque em o ano de 1558 finalizou o caderno das vereações da vila de Santo André.

Esta d. Margarida de Carvalho da Silva casou com Domingos da Silva Monteiro, que acabou sem geração a vida no Rio Grande da navegação do Cuiabá, estando provedor dos reais direitos em 1723, em título de Buenos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3—7.

3 — 6. Alonço Pellaes (filho último de Luiz Dias Leme, do § 7.º) faleceu solteiro, e existia em Santos pelos anos de 1657, quando serviu de padrinho a sua sobrinha d. Antonia Tavares Cabral, na pia batismal da matriz da vila de Santos.

GODOYS

Esta nobre familia principiou na capitania de São Paulo em Balthazar de Godoy, cavalheiro castelhano, que por tal sempre foi estimado; e assim consta nos autos de *genere* de seu neto Joaquim de Godoy, processados em 1679 (Camara episcopal de São Paulo, *genere*, letra I, maço 1.º, n. 13). Passou-se ao Brasil no tempo que os reis de Castela eram tambem de Portugal. Em São Paulo casou este cavalheiro com d. Paula Moreira, filha de Jorge Moreira (Segundo cart. de notas de São Paulo, inventario de Antonio Couceiro, fl. 28 v.) natural do Rio Tinto do Porto, que foi capitão-mor e governador e ouvidor da capitania de São Vicente e São Paulo, e de sua mulher Isabel Velha, natural da cidade do Porto (Cart. primeiro de tabelião de São Paulo, nota do ano de 1613, n. 36, pags. 18 e 33. — Nota do ano de 1616, pag. 16. — Nota de 1593, n. 10, pag. 15. — Nota de 1608, pag. 10), a qual Isabel Velha era irmã dos padres Gabriel, e Jorge Rodrigues, clerigos de São Pedro; de Francisco Rodrigues Velho, marido de Brizida Machado, em São Vicente; de Antonio Rodrigues, marido de Joanna de Castilho; de Garcia Rodrigues Velho, marido de Catharina Dias; de Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, viuva; em título de Garcias Velhos: e todos estes irmãos vieram da cidade do Porto, onde eram moradores, para a vila de São Vicente em 1540, na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha (Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de reg. de Sesmarias, título 15, pag. 11 v.). Do matrimonio de Balthazar de Godoy e d. Paula Moreira (Cartorio segundo de notas de São Paulo, inventario de Antonio Alves, pag. 28) nasceram em São Paulo, seis filhos:

Cap. 1.º Belchior de Godoy.
Cap. 2.º Balthazar de Godoy.
Cap. 3.º Gaspar de Godoy Moreira.
Cap. 4.º João de Godoy Moreira.
Cap. 5.º Maria de Godoy.
Cap. 6.º Sebastião Gil de Godoy.

CAPÍTULO I

1 — 1. Belchior de Godoy casou na matriz de São Paulo, a 28 de Abril de 1629, com Catharina de Mendonça, filha de Francisco de Mendonça, e de sua mulher Maria Diniz: em título de

Mendonças, cap. 2.º. Faleceu Belchior de Godoy em São Paulo, com testamento, em 1649. (Cart. de orfãos de São Paulo, maço 4.º de inventarios, letra B, n. 42). E teve dez filhos:

§ 1.º Maria Diniz de Mendonça.
§ 2.º Francisco de Godoy Moreira.
§ 3.º Antonio de Godoy Moreira.
§ 4.º Belchior de Godoy.
§ 5.º Paula Moreira.
§ 6.º Domingos.
§ 7.º Isabel.
§ 8.º Balthazar de Godoy Mendonça.
§ 9.º Beatriz, faleceu solteira.
§ 10. Lucrecia, faleceu solteira.

§ 1.

2 — 1. Maria Diniz de Mendonça casou com Antonio Pedroso de Lima, natural de São Paulo, que faleceu em 1651 (Orfãos de São Paulo, Inv., letr. A, maço 4.º, n. 33, filho de João Pedroso de Moraes e Maria de Lima; em título de Moraes, cap. 3.º, § 1.º, n. 32: sem geração.

§ 2.º

2 — 2. Francisco de Godoy Moreira casou com Thomazia Rodrigues, natural de São Paulo, filha de João Pires e Mecia Rodrigues; em título de Pires, cap. 6.º, § 7.º, com geração. Foi capitão da Atibaia e Nazareth até 1703, em que se mudou para Taubaté, onde faleceu com 91 anos de idade.

§ 3.º

2 — 3. Antonio de Godoy Moreira faleceu com testamento a 25 de Novembro de 1724 (Cart. da ouvidoria de São Paulo, testamentos, letr. A). Foi casado tres vezes: primeira, com Joanna de Medeiros..., de quem teve quatro filhos; segunda, com d. Mecia Rodrigues, natural de São Paulo, filha de João Pires Rodrigues, e d. Branca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 9.º, n. 3—1: com sua descendencia; terceira, com Lucrecia Veigas, de quem teve tres filhos.

Primeiro matrimonio

3 — 1. Mathias de Godoy, que já era falecido em vida de seu pai.

3 — 2. Antonio de Godoy e Medeiros.

3 — 3. Balthazar de Godoy, falecido em vida de seu pai.

3 — 4. Catharina do Prado, falecida em vida de seu pai, e tinha sido casada com Francisco Vaz Moniz, natural de São Paulo, filho de Pedro Vaz Moniz, natural do lugar do Lavradio (filho de Francisco Vaz Moniz, e de sua mulher Leonor Pereira), que faleceu em São Paulo com testamento, a 23 de Maio de 1669, e de sua mulher Joanna Simoens, viuva de João Rodrigues Lopes (Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventario, letr. P).

Terceiro matrimonio (* o do segundo está em título de Taques, cap. 3.º, § 9.º)

3 — 5. Vicente Veigas.

3 — 6. Belchior de Godoy.

3 — 7. Maria Veigas, mulher de José de Siqueira Vaz.

§ 4.º

2 — 4. Belchior de Godoy, casou com Maria Ribeiro, natural de São Paulo (* o A., na lista dos paragrafos retro tendo posto ali este casamento de Belchior de Godoy, riscou e pôz assim, — casou com Francisca Cordeiro a 18 de Novembro de 1688, em Jundiahy —; em título de Cordeiros, cap. 1.º, § 5.º, n. 3—6: mas aqui acha-se o que o mesmo que vai copiado), filha de Salvador de Miranda, que faleceu em São Paulo a 22 de Dezembro de 1668 (Orfãos de São Paulo, inventarios, letra I, n. 46), e de sua mulher Antonia Ribeiro (viuva de Gaspar Vaz Guedes), a qual faleceu em São Paulo com testamento a 14 de Maio de 1681 (Cart. de orfãos de São Paulo, maço 1.º, letra A, n. 3), e era irmã dita Maria Ribeira de Antonio de Almeida de Miranda, que casou com Catharina Dias e de Miguel de Miranda: em título de Prados, cap. 7.º, § 7.º, n. 3—3. (Belchior de Godoy faleceu em São Paulo, e teve cinco filhos (orfãos de São Paulo, inventarios, letra B, n. 34).

3 — 1. Gaspar de Godoy que na matriz de São Paulo a 18 de Julho de 1696 casou com Anna Maria Pedroso, filha de Christovão da Cunha e de d. Maria de Barros de Moraes. Em título de Cunhas, cap. 1.º, § 1.º, n. 3—7. Com geração que foram:

4 — 1. Belchior Pedroso de Moraes.

4 — 2. Gaspar de Godoy da Cunha.

4 — 3. João de Godoy da Cunha.

4 — 4. Christovão de Godoy Moreira.

4 — 5. José de Moraes.

4 — 6. D. Anna Pedroso de Moraes, casada com o coronel Fernando da Silva.

4 — 7. Anna Maria de Moraes.

3 — 2. Maria de Godoy, mulher de Antonio Pires da Silva.

3 — 3. Anna Maria de Godoy, faleceu em Nazareth a 24 de Janeiro de 1731, e foi casada com Miguel Fragoso de Mattos, de quem teve dois filhos:

4 — 1. João Fragoso.

4 — 2. Ignez Corrêa, mulher de Antonio Rodrigues da Cunha (Resid. de São Paulo, testamento, n. 30, letra A).

3 — 4. Antonia Ribeiro.

3 — 5. Domingos Moreira.

§ 5.º

2 — 5. Paula Moreira, casou com Braz Cubas, que faleceu em 1678 (Orfão de São Paulo, inventarios, B, n. 36). E teve tres filhos:

4 — 1. Isabel.

4 — 2. Mathias.

4 — 3. Lucrecia.

§§ 6.º e 7.º

2 — 6. Domingos.

2 — 7. Isabel.

§ 8.º

2 — 8. Balthazar de Godoy Mendonça, casou com Marianna Bueno do Amaral, que faleceu em São Paulo com testamento, a 20 de outubro de 1683, filha de Antonio Bueno, e de Maria do Amaral de Sampaio (Cart. de orfãos de São Paulo, maço 1.º, letra M, n. 7). Em título de Buenos, cap. 1.º, § 3.º, n. 3—3. E teve dois filhos:

3 — 1. Antonio.

3 — 2. Francisca.

§§ 9.º e 10.º

2 — 9. Beatriz, faleceu solteira.
2 —10. Lucrecia, faleceu solteira.

CAPÍTULO II

4 — 2. Balthazar de Godoy, casou na matriz de São Paulo a 24 de Novembro de 1630, com Antonia Preta, filha do capitão Manoel Preto, e Agueda Rodrigues: em título de Pretos, cap. 1.º, § 1.º. Faleceu Antonia Preta em São Paulo com testamento a 9 de Junho de 1632 (Orfãos, maço 2.º de Inv., letr. A), segunda vez casou dito Balthazar de Godoy com Maria Jorge, natural de São Paulo, filha de Francisco Jorge, natural da Granja (filho de Jorge Pires, e de sua mulher Violanta Cabral, que foi irmã de fr. Anselmo de Jesus, que estando D. abade geral dos bentos, faleceu no mosteiro de Santo Tirço), que faleceu em São Paulo com testamento a 8 de Novembro de 1647 (Cart. do primeiro tabelião de São Paulo, maço de Inv. antigos, o de Francisco Jorge), e de sua mulher Isabel Rodrigues, que faleceu em São Paulo com testamento ao 1.º de Novembro de 1662, e tinha sido viuva de Lourenço Gomes Ruxaque, e filha de Francisco Martins Bonilha, o castelhano, e de sua mulher Antonia Gonçalves, tambem castelhana, e ambos vieram a Santos na armada do general Diogo Flores de Bardez, que era seu cunhado, e ela Antonia Gonçalves, era natural da cidade de Sevilha, e seu marido; em título de Bonilhas, cap. 3.º (Cart. de orfãos, maço 2.º de Inv., letr. I). Balthazar de Godoy, faleceu na vila de Mogí das Cruzes, com testamento a 11 de novembro de 1679 (Orfãos de Mogí, maço 1.º de Inv., letr. G). E do primeiro matrimonio teve uma filha, e do segundo teve treze filhos, todos naturais de São Paulo.

Primeiro matrimonio

§ 1.º Antonia Preta.

Segundo matrimonio

§ 2.º Fernando.
§ 3.º Antonio.
§ 4.º Balthazar Velho.
§ 5.º Manoel Velho de Godoy.
§ 6.º Placido.
§ 7.º Jorge Moreira Garcia.
§ 8.º Francisco Jorge.

§ 9.º Thomaz Moreira Velho.
§ 10.º João de Godoy Moreira.
§ 11.º Leonor Jorge.
§ 12.º Maria Jorge.
§ 13.º Paula Moreira.
§ 14.º Isabel Rodrigues.

§ 1.º

2 — 1. Antonia Preta, casou duas vezes: primeira com Nuno Bicudo de Mendonça; em título de Bicudos: segunda vez casou com Isidoro Pinto da Silva, na matriz de São Paulo (filho de Jacomo Pinto, e de sua mulher Catharina da Silva), que faleceu em 1707 (Cart. de orfãos de Parn., letr. I, n. 435) e tinha sido casado com Innocencia da Costa, da freguezia de Santo Amaro, na matriz de São Paulo a 20 de Maio de 1644, de quem teve quatro filhos. Nuno Bicudo de Mendonça, faleceu em São Paulo, em 1649 (Orfãos de São Paulo. letr. N, n. 1). E deste matrimonio teve Antonio Preta, nascidos em São Paulo, dois filhos; e do segundo matrimonio com Isidoro Pinto, teve oito filhos: e por todos dez filhos.

Primeiro matrimonio

3 — 1. Balthazar de Godoy Bicudo. Foi capitão da vila de Parnaíba, e de grande respeito e veneração: ali faleceu com testamento a 8 de Novembro de 1718 (Orfãos de Parn., Inv., letr. B, n. 19), casou com Ignez Dias de Alvarenga, que faleceu na Parnaíba com testamento, a 19 de Agosto de 1733, natural da mesma vila, filha de Pedro de Alvarenga, e de sua mulher Benta Dias de Proença, a qual foi filha do capitão Balthazar Fernandes: em título de Fernandes Povoadores, cap. 1.º, § 4.º (Cart. de orfãos de Parn., Inv., letr I, n. 576. B, n. 506). Esta Ignez Dias de Alvarenga, colocou no mosteiro de São Bento da vila de Parnaíba uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, para cujo patrimonio deu 400$ em dinheiro (com todos os paramentos necessarios para o altar), para se porem a juros, e fazer-se anualmente a festa da Senhora, e deu mais 200$ ao mosteiro e um escravo por nome Adão para tratar do asseio do dito altar, sendo presidente do dito mosteiro o padre fr. Antonio da Luz, o que tudo melhor consta do testamento da doadora. E teve:

4 — 1. Pedro Corrêa de Godoy, foi para as minas de Cuiabá, onde existe em 1733.

4 — 2. Fr. Francisco Preto de Santa Maria, carmelita calçado: teve 200$ a juros para seus alimentos em vida.

4 — 3. Isabel de Proença Varella, casou em Itú a 4 de Fevereiro de 1698 com Antonio João Ordonho, natural da ilha de São

Sebastião, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Isabel Sobral: E são pais de Antonio João Ordonho, e José Corrêa Ordonho.

4 — 4. Joanna de Godoy Bicudo, mulher de João Gomes de Escobar.

4 — 5. Benta Dias de Proença, mulher de Bernardo de Campos: Em título de Campos, cap. 6.º, com toda a sua descendencia.

4 — 6. Balthazar de Godoy, faleceu solteiro.

3 — 2. Nuno Bicudo, faleceu solteiro em Parnaíba.

Segundo matrimonio

3 — 3. O padre Isidoro Pinto de Godoy, clerigo de São Pedro, foi vigario colado da matriz da vila de Parnaíba por carta de colação do senhor rei d. Pedro II, datada a 5 de Outubro de 1691, tendo sido provido na dita igreja pelo exmo. bispo d. José de Barros e Alarcão em 2 de Outubro de 1690; como tudo consta no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro 7.º, n. 4, título 1686, pag. 50 v. E livro 8.º, n. 5, título 1693, pag. 2.

3 — 4. José Velho Moreira, casou com Turibia de Almeida Naves, filha de João de Almeida Naves e de sua mulher Maria da Silva. Em título de Almeida Naves. Faleceu José Velho Naves na Parnaíba, com testamento a 26 de Dezembro de 1728, e sua mulher faleceu na mesma vila com testamento, a 20 de Janeiro de 1734 (Cartorio de orf. de Parnaíba, Inventario, letra S, n. 557. Letra T, n. 580). E teve quatro filhos naturais de Parnaíba:

4 — 1. Isidoro Pinto Velho de Godoy, morador em 1769 em Mogí-mirim, e casado com d. Anna Bueno da Silva, natural das Minas Gerais, filha do capitão-mor Pedro Frazão de Brito, e de ....: em título de Taques.

E teve nascidos em Mogí-guassú onze filhos:

5 — 1. Pedro Frazão de Brito.
5 — 2. Francisco Xavier Ignacio.
5 — 3. João de Godoy Moreira.
5 — 4. José Velho Moreira.
5 — 5. Joaquim de Godoy Moreira.
5 — 6. Alexandre de Godoy Moreira.
5 — 7. D. Maria de Godoy.
5 — 8. D. Mecia Bueno da Silva.
5 — 9. D. Isabel Bueno da Silva.
5 — 10. D. Anna Bueno da Silva.
5 — 11. D. Barbara Bueno da Silva.

4 — 2. Antonio de Almeida Velho, existe em Mogí-mirim casado com Maria de Araujo: em título de ....

E teve oito filhos, nascidos em Mogí-guassú:

5 — 1. Ignacio de Almeida.
5 — 2. José de Almeida.
5 — 3. Salvador de Almeida.
5 — 4. João de Almeida.
5 — 5. Bento de Almeida Naves.
5 — 6. Antonio de Almeida.
5 — 7. Joaquim de Almeida.
5 — 8. Maria de Araujo.

4 — 3. Maria Velha, casada com Francisco de S. Payo, passou de Parnaíba para Cuiabá.

4 — 4. Antonia Preta, casada com Marcos da Silva, moradores de Itú, com filha unica chamada Maria.

3 — 5. Angelo Preto, faleceu nas Minas Gerais, onde era morador.

3 — 6. Francisco Preto de Godoy, faleceu nas Minas Gerais, onde era morador. Casou em Itú a 30 de Março de 1704 com Maria de S. Payo, filha de André de S. Payo, e de sua mulher d. Anna de Quadros, em título de Arrudas, n. ...... cap. ......

3 — 7. Anna Maria de Godoy, natural de Parnaíba, faleceu com testamento a 25 de Maio de 1739, solteira. (Rez. ecles. de São Paulo, testamentos A, maço 1.º, n. 35).

3 — 8. Maria José, faleceu solteira na Parnaíba.

3 — 9. Isabel Velha de Godoy, casou com Antonio Corrêa, ela faleceu com testamento em 1699. (Resid. de São Paulo da ouvidoria, testamento de Isabel Velha de Godoy). E teve tres filhas: Isidora Pereira, Maria de Godoy e Benta Dias.

3 — 10. João de Godoy, casou com Luzia Leme, que faleceu na Parnaíba a 21 de Dezembro de 1699 (filha de Aleixo Leme de Alvarenga, e de sua mulher Anna de Proença). Ouvidora de São Paulo, testamento de Luzia Leme. E teve cinco filhos:

4 — 1. Aleixo Leme.
4 — 2. João de Godoy Pinto, faleceu na Parnaíba com testamento a 25 de Fevereiro de 1743, casado com Catharina Leite. (Orf. de São Paulo, inventarios, letra F, n. 646).

4 — 3. João de Godoy.
4 — 4. ...., casada com Sebastião Francisco.
4 — 5. N........

§ 2.º

2 — 2. Fr. Fernando, religioso franciscano da provincia da Conceição do Rio de Janeiro, foi batizado na matriz de São Paulo a de Fevereiro de 1641.

§§ 3.º e 4.º

2 — 3. Antonio, batizado a 24 de Maio de 1643, e faleceu logo.

2 — 4. Balthazar Velho de Godoy, foi batizado em 1644.

§ 5.º

2 — 5. Manoel Velho de Godoy, foi batizado no 1.º de Setembro de 1646. Foi casado com Estefania de Quadros, filha de Balthazar de Quadros: em título de Quadros, cap. 3.º, § 8.º, e em título de Lemes, cap. 2.º, § 6.º. Manoel Velho faleceu com testamento em 1671, a 26 de Dezembro, na Parnaíba. (Orf., letra B, n. 227).

§§ 6.º, 7.º e 8.º

2 — 6. Fr. Placido, religioso, beneditino na provincia do Brasil.

2 — 7. O padre Jorge Moreira de Godoy, clerigo, foi vigario da vila de Mogí das Cruzes.

2 — 8. Francisco Jorge, casou.

§ 9.º

2 — 9. Thomé Moreira Velho, fez assento na vila Mogí das Cruzes, onde sempre teve as redeas do governo politico da república, gozando uma igual veneração e respeito, não só daqueles moradores, mas tambem de todos os ministros e generais, que passavam por aquela vila. Foi sargento-mor do terço dos auxiliares do mestre de campo Domingos da Silva Bueno, pelo general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com o qual posto marcha em 16 de Setembro de 1711 para a vila de Santos, sendo governador ali Manoel Gomes Barbosa, que se achava ameaçada dos franceses. Faleceu na vila de Mogí com testamento a 26 de Outubro de 1728, e foi casado com Nataria Gomes, natural da vila de Santos, que faleceu com testamento a 31 de Outubro de 1719. (Cartorio de orf. de Mogí, maço 1.º de inventarios, letra N, n. 3, letra T, n. 4), filha de João Gomes Villas Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, natural de Santos, legítima descendente de Gonçalo Pires Pancas, que na vila de Santos foi progenitor tambem por dita Maria Jacome dos PP. Sebastião Alves, Claudio Gomes, e Paschoal Gomes, jesuitas, todos irmãos, e de fr. Paschoal de Encarnação, franciscano, filhos de Antonio Alves e de sua mulher Maria Gomes, a qual era irmã direita de Nataria Gomes, mulher de Thomé Velho Moreira. (A. 312).

E teve nascidos em Mogí dez filhos:

3 — 1. João de Godoy Moreira, casou em São Paulo, a 28 de Agosto de 1695, com Urbana Pereira, filha de Francisco Pereira do Faro, e de Anna Maria de Oliveira.

3 — 2. Francisco de Godoy, casou com Adriana Barreto: em título de Moraes, cap. 2.º, § 3.º, n. 3—3, 4—5.

3 — 3. Florentino de Godoy casou.

3 — 4. Antonio Moreira Villas Boas, casou com Maria de Jesus: em título de Pires, cap. 5.º, § 8.º, n. 3—2.

3 — 5. Balthazar de Godoy Moreira, casou com Anna Pinheiro: em título de Pires, cap. 5.º, § 8.º, n. 3—2.

3 — 6. Maria Jacome, casou, em Mogí, com Antonio Portes de El-Rey. Casamentos de Mogí, n. 41.

3 — 7. Maria Moreira, mulher de Placido Cordeiro de Vasconcellos.

3 — 8. Domingas Moreira, mulher de Verissimo Cordeiro, D. 19, Mogí.

3 — 9. Thomé Moreira Velho foi sargento-mor, casado com Maria Gomes. E teve, entre outros filhos:

4 — 1. Thomé Moreira, que faleceu em São Paulo, em Setembro de 1731, e foi casado com Branca das Neves, irmã do padre João Martins Bonilha: em título de Moraes, cap. 2.º, § 6.º, n. 3—3 e seguintes, a qual tinha fallecido em Agosto do mesmo ano de 1731, (Orf. de São Paulo, letra T, n. 1.º). Teve dez filhos:

5 — 1. D. Isabel Barbosa, mulher de Estanisláo de Toledo Piza.
5 — 2. Branca das Neves.
5 — 3. Angela.
5 — 4. Maria.
5 — 5. Rosa.
5 — 6. Miguel de Godoy Moreira.
5 — 7. Lourenço.
5 — 8. Francisco de Godoy.
5 — 9. Thomé Moreira.
5 — 10. João.

3 — 10. Veronica, muda, faleceu solteira.

§§ 10 e 11

2 — 10. João de Godoy Moreira. Faleceu solteiro.

2 — 11. Leonor Jorge, casou com Sebastião da Fonseca Pinto, de qualificada nobreza, natural da vila de Figueira, junto da fóz do Rio Mondego, filho de Manoel Martins, e de sua mulher Maria da Fonseca. Faleceu, com testamento, em Mogí, a 28 de Outubro de 1719. (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço dos testa-

mentos do resíduo, o de Sebastião da Fonseca Pinto). E teve sete filhos:

3 — 1. Fernando de Godoy Moreira.

3 — 1. Sebastião da Fonseca Pinto.

3 — 3. Manoel da Fonseca, casou com Marianna de Freitas: em título de Camargos, cap. 7.º, § 1.º, n. 3—1.

3 — 4. Marcos da Fonseca Pinto, casou com Victoria Gomes, natural da vila de Santos, pais do P. M. Fr. Sebastião, carmelita — M. n. 85.

3 — 5. Martinho da Fonseca.

3 — 6. Anna de Godoy Moreira, casou em Mogí, a 3 de Setembro de 1679, com Domingos Freire de Figueiredo (Casamentos de Mogí, n. 19), natural de Ponte de Lima, filho de Gonçalo Freire, e de Domingos de Figueiredo. (Mogí, D. 18. — São Paulo, 135).

3 — 7. Isabel da Fonseca, mulher de João Portes d'El-Rey, e teve duas filhas:

4 — 1. Anna, casou com Antonio Fernandes.
4 — 2. Isabel, casou com João Fernandes.

2 — 12. Maria Jorge, casou com Antonio Leite Ferreira, natural de ...

3 — 1. Luzia Moreira, natural de Parnaíba, faleceu em Mogí, a 7 de Maio de 1739; foi casada com Antonio de Siqueira Caldeira, que faleceu com testamento no 1.º de Junho de 1726, natural de São Paulo, filho de Antonio de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Anna de Goes. E teve seis filhos (Mogí A 24 — L 25):

4 — 1. Amaro Leite.
4 — 2. Apparicio Leite.
4 — 3. João Leite.
4 — 4. Domingos Leite.
4 — 5. José Leite.
4 — 6. Manoel Moreira.
4 — 7. Maria Moreira.

§ 13

2 — 13. Paula Moreira, foi casada com Luiz Mendes de Vasconcellos, que faleceu em Mogí, em Julho de 1716. (Cartorio de orfãos, maço 1.º, de inventarios, letra L, n. 4.º). Com testamento que se acha na ouvidoria de São Paulo, e por elle consta mandar se sepultar em jazigo proprio, que tinha na capela-mor da igreja dos religiosos do convento do Carmo da vila de Mogí, por escritura celebrada em 1683. Foi natural do Porto, filho mais velho de Diogo de Araujo Ferraz, cidadão do Porto, e de sua mulher Marianna

Freire de Vasconcellos; moradores em casas proprias, na rua chã, senhores da quinta de Palhares na freguezia de Santa Maria de Penha Longa, conselho de Bemviver, pelo Douro acima; e falecendo sua mãi Marianna Freire, em 1676, se repartiu a fazenda com o testador Luiz Mendes e seu irmão, o dr João de Araujo Ferraz, e dois irmãos mais. E teve onze filhos:

3 — 1. João de Araujo Ferraz, casou com Mauricia da Silva.

3 — 2. Diogo de Araujo, morador em Jacarehy, onde faleceu. Com geração.

3 — 3. Balthazar de Godoy Moreira, morador na Conceição, onde faleceu. Com geração.

3 — 4. Luzia Moreira.

3 — 5. Maria Jorge.

3 — 6. Anna do Monte Carmelo.

3 — 7. Isabel, faleceu solteira em Mogí.

3 — 8. Josepha de Araujo, casou com Thomé Pimenta de Abreu, natural de Mogí, filho de ....

E teve, nascidos em Mogí:

4 — 1. Thomé Pimenta de Abreu, sargento-mor das ordenanças de Mogí, por patente do general d. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, em 1767, casado com .... em título de Quadros Cunhas Gagos.

4 — 2. N...., mulher de Manoel Rodrigues da Cunha, capitão-mór da vila de Mogí.

4 — 3. Escolastica de Godoy de Araujo, foi casada com Manoel Carvalho Pinto, natural da Granja de Biocas, freguezia de São Tomé de Covelas, bispado de Lamego, filho de Manoel de Magalhães Pinto, e de sua mulher Thereza de Seixas de Carvalho, natural da mesma Granja de Biocas. Neto pela parte paterna de Belchior de Magalhães Pinto, assistente na sua quinta do Bairal freguezia de Antiade, natural de Couvellos, conselho de São Marinho de Mouros; (filho de Belchior Pinto, senhor da quinta do Bairal, conselho de Aregos, e de sua mulher Maria Leitão de Magalhães da quinta de Bairal), e de sua mulher Maria Pinto de Seixas, filha unica; pela qual é bisneto de Paula Machado Pinto, (filho de Gaspar Pinto Machado, senhor da quinta do Bairal e de sua mulher Agueda Cardoso Botelho, moradora da sua quinta do Bairal) e de sua mulher Maria de Seixas Pinto; filha de Antonio Pinto de Seixas, natural da vila do Paço, e de sua mulher Joanna de Almeida, natural da Vila Real. (* Esta narração é de uma arvore formada pelo A, á qual remete para se ver, pois só tinha posto o nome de Manoel Carvalho Pinto). E teve:

5 — ". Bartholomeu de Carvalho Pinto.

4 — 4. N...., mulher de Verissimo João de Carvalho.

3 — 9. Barbara Sanhuda, faleceu com testamento, a 11 de Abril de 1722, (Ouvidoria de São Paulo, testamento de Barbara Sanhuda).

3 — 10. Marianna Freire de Vasconcellos, casou com Jorge da Costa Pinna, natural de Setubal. (Mogy, I, 52), caz., n. 30.

3 — 11. Luiz, faleceu menino.

§ 14.º último

2 — 14. Isabel Rodrigues, casou em São Paulo com Lucas de Camargo natural e cidadão de São Paulo. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 6.º. Com geração.

CAPÍTULO III

1 — 3. Gaspar de Godoy Moreira, natural e cidadão de São Paulo, e capitão em 1647, faleceu ali, com testamento, a 30 de Abril de 1658 (Cart. de orfãos, maço 1.º, de inventarios, letra G.), e foi casado duas vezes: primeira na matriz de São Paulo, a 30 de Abril de 1634, com Anna de Alvarenga, que faleceu com testamento a 18 de Abril de 1698 (Orfãos, maço 3.º, de inventarios, letra A.), filha de Pedro da Silva, e de sua mulher Anna de Alvarenga: em título de Alvarenga, capítulo 6.º § 1.º; segunda vez casou com Anna Lopes Moreira, natural de São Paulo, onde faleceu, com testamento, a 7 de Janeiro de 1679 (Orfãos, maço 1.º, letra A.), filha de Gaspar Gonçalves Ordonho, natural de Itanhaen, e de sua mulher Anna Moreira, natural de São Paulo, que faleceu a 9 de Março de 1692, e foram pais do padre Cosme Gonçalves Moreira, clerigo de São Pedro. Neta pela parte paterna de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes, ambos naturaes de Itanhaen, e ele foi filho do fundador e povoador desta vila João Rodrigues Castelhanos em 1549; e ela foi filha tambem do povoador e fundador da mesma vila Christovão Gonçalves; como tudo se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros de sesmarias, título 1.º, pag. 144. E livro 1562, pag. 151, na sesmaria concedida em Itanhaen a João Rodrigues Castelhanos, para fundar e povoar a vila em Itanhaen. E pela parte materna foi neta de alferes João, natural de Portugal que veiu ao Brasil em praça de alferes da companhia do capitão Diogo Gonçalves Laço, que a São Paulo chegou (vindo da Bahia, mandado por d. Francisco de Sousa, setimo governador do Estado e descobrimento de ouro, e prata), em 1598, e o dito alferes estava já casado com Maria Moreira em 1599, como temos mostrado em título de Moreiras, n. 1, cap. 4.º, § 1.º, com a sua descendência, e ascendia de sua mulher Maria Moreira. E teve dez filhos:

Do primeiro matrimonio

§ 1.º Gaspar de Godoy Moreira.
§ 2.º Ignacio Moreira de Godoy.
§ 3.º Balthazar de Godoy Moreira.
§ 4.º Anna Ribeiro de Alvarenga.
§ 5.º Paula Moreira.

Do segundo matrimonio

§ 6.º Gaspar Gonçalves Moreira.
§ 7.º Jorge Moreira de Godoy.
§ 8.º José de Godoy.
§ 9.º O padre Joaquim de Godoy Moreira.
§ 10. Anna Moreira.

§ 1.º

2 — 1. Gaspar de Godoy Moreira, o *Tavaymana* de alcunha, que quer dizer cara frangida, foi cidadão de São Paulo e da vila de Parnaíba, e pessoa de muita autoridade, faleceu, com testamento, a 13 de Outubro de 1693 (Cart. de orfãos de Parnaíba, maço de Inv., letra G., n. 369), casou duas vezes: primeira com Custodia Moreira, irmã direita do padre Cosme Gonçalves Moreira, de quem já tratamos neste mesmo capítulo terceiro, natural de São Paulo. E teve oito filhos: segunda vez com Maria Barbosa, natural de São Paulo, filha de Francisco Barbosa Rebelo, natural de Vianna, que faleceu em São Paulo, com testamento a 31 de Julho de 1685 (Orfão de São Paulo, Inv., maço 2.º, letra F. n. 37). e de sua mulher Catharina Moniz, natural da vila de São Vicente, neta por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro, e de sua mulher Catharina Barbosa: e pela materna, neta de Pedro de Sousa Moniz, e de sua mulher Catharina Vieira, como consta do testamento de Francisco Barbosa Rebello, já citado. Este casou segunda vez com Francisca da Silva, filha de Gonçalo Lopes, e de Catharina da Silva, em São Paulo, de quem teve cinco filhos. E do segundo matrimonio teve cinco filhos: e por todos treze filhos.

Primeiro matrimonio

3 — 1. Fr. Gaspar do Espirito Santo, carmelita calçado, ocupou o lugar de prior de alguns conventos, e está sepultado na cidade de São Paulo.

3 — 1. Fr. José Moreira de Godoy, foi carmelita calçado com grande veneração na sua provincia, e ocupou o lugar de prior em alguns conventos. Passou a Minas Gerais, de onde se recolheu com cabedal, que soube empregar nos ricos ornamentos de tela branca de ouro, que ainda hoje existem no convento de São Paulo, onde jaz sepultado.

3 — 3 João de Godoy Moreira, faleceu na Parnaíba, solteiro (Cart. de orfãos, inv. Ietr. I., n. 393).

3 — 4. D. Maria Gomes Moreira, casou com o capitão de Infantaria Bartholomeu Paes de Abreu; sem geração. E o dito capitão casou segunda vez com d. Leonor de Siqueira, filha do capitão-mór governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida.

3 — 5. Balthazar de Godoy Moreira, faleceu solteiro na Parnaíba. Inv. I., n. 393.

3 — 6. D. Anna Moreira de Godoy, batizada em São Paulo, a 12 de Março de 1661, casou com o coronel Pedro de Moraes Raposo, natural de São Paulo, morador de São João d'El-Rey, onde faleceu. Em título de Moraes, cap. 3.º, com geração.

3 — 7. Antonio de Godoy, faleceu solteiro: orfãos de Parn. letr. I., n. 393.

3 — 8. Catharina de Godoy Moreira, casou com Manoel Monteiro Chassim, natural de São Paulo: em título de Chassins, cap. 4.º, com geração.

Segundo matrimonio

3 — 9. Isabel da Silva.

3 — 10. Francisco Barbosa, faleceu solteiro, nas minas de Garapiranga, em 1722, sendo vigario o padre Guilherme da Silva Nogueira, que lhe fez o ofício de corpo presente.

3 — 11. Pedro da Silva.

3 — 12. Januario de Godoy Moreira, casou em Parnaíba, com d. Thereza Leite da Silva, filha do guarda-mor João Leite da Silva Ortiz, descobridor das minas de Goíazes: em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 5—3, com geração.

3 — 13. Maria da Silva.

§§ 2.º e 3.º

2 — 2. Ignacio Moreira de Godoy.

2 — 3. Balthazar de Godoy Moreira, e depois Fr. Balthazar do Monte Carmello, carmelita calçado, e vigario de São João da Atibaia tendo sido antes coadjutor da matriz de São Paulo.

§ 4.º

2 — 4. Anna Ribeiro de Alvarenga, casou com Bernardino de Chaves Cabral, (foi senhor da fazenda no caminho dos Pinheiros, que passou a ser de Margarida de Oliveira), natural e cidadão de São Paulo, onde faleceu, com testamento, que existe no cartorio eclesiastico; foi irmão de Isabel da Costa, mulher de Tristão de Oliveira, de Beatriz Diniz, mulher de Alberto Lobo, e de outros; e todos foram filhos de Manoel da Costa do Pino, que faleceu na Parnaíba, em 1653, e de Antonio de Chaves, que faleceu a 23 de Dezembro de 1639, filha de Domingos Dias, o moço, e de Clara Diniz. (Parnaíba, A 7, M 5.) Clara Diniz foi filha do almoxarife Christovão Diniz, e Maria Camacho. Domingos Dias, o moço, foi filho de Domingos Dias (testamentos de São Paulo, letra D.) e teve, naturais de São Paulo, oito filhos:

3 — 1. Bernardo de Chaves Cabral, casou com d. Maria Garcia, natural de Parnaíba, irmã do guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite, professo da ordem de Christo: em título de Lemes, cap. 5.º, §..., na descendencia do governador Fernão Dias Paes Leme. Antes de casar teve uma filha, havida em mulher solteira de qualidade, da familia dos Cerqueiras Tavares, e se chamou Joanna de Godoy Moreira, que se creou em casa de sua tia, a beata Anna do Espirito Santo, e casando com João Mendes, (irmão do padre Paschoal Mendes, e de Felippe Mendes, e de José de Passos) teve dois filhos: Bernardo Mendes da Silva, que existe casado com Antonia Luiza: em título de Pachecos Jorges, cap. 3.º, § 7.º, e Maria Mendes, mulher de Francisco Gomes, que já faleceu.

3 — 2. João de Godoy Moreira, casou com d. Barbara Paes de Queiroz, irmã do sobredito guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite. Em título de Lemes, cap. 5.º na descendencia do governador Fernão Dias Paes, e ali com oito filhos.

3 — 3. Isabel Rodrigues Cabral, casou na matriz de São Paulo, a 16 de Fevereiro de 1697, com Francisco de Barros, em título de Freitas, cop. 5.º, § 1.º, n. 3—1.

3 — 4. Paula Moreira, faleceu solteira.

3 — 5. Anna do Espirito Santo, faleceu, beata carmelita, em São Paulo, senhora das casas, que ao presente são de José da Costa.

3 — 6. Ignacio Moreira de Alvarenga, morador no sítio dos Pinheiros, de São Paulo, casado com Anna Barreto de Almeida: em título de Alvarengas, cap. 5.º, § 1.º, n. 3—16, 4—1, 5—1.

3 — 7. Joanna de Godoy, casou em São Paulo, a 19 de Abril de 1700, com Luiz de Barros Freire, filho de Luiz de Barros Freire: em título de Freitas, cap. 5.º, § 1.º, n. 3—2. Com geração.

3 — 8. Antonia de Godoy, faleceu solteira em São Paulo.

2 — 5. Paula Moreira, batizada a 12 de outubro de 1647, casada com Luiz Rodrigues Cavallinho. Sem geração.

2 — 6. Gaspar Gonçalves Moreira, foi paulista de uma grande veneração e igual respeito por suas virtudes morais, o tratamento que teve, como potentado e abundande de cabedais, que os soube dispender com utilidade do bem público e particular de muitas casas pobres, que socorria. Fez o seu estabelecimento no sítio de Araçariguama na sua fazenda de culturas. Casou com d. Custodia Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme, de quem não teve filhos: em título de Lemes, cap. 5.º, §... Faleceu com testamento, a 30 de Maio de 1727, e deixou em dinheiro vários legados ás irmandades de Parnaíba, e o remanescente a uma filha de seu sobrinho direito, o sargento-mor José Moreira da Silva, de quem fazemos menção adiante. A sua fazenda de cultura ficou ao mosteiro de São Bento de Parnaíba, por morte de d. Custodia Paes.

§ 7.º

2 — 7. Jorge Moreira de Godoy, batizado a 30 de Março de 1657. Foi de grande respeito e veneração, que sempre teve as redeas do governo da república assim da patria, como da vila de Parnaíba: acabou com patente de coronel do regimento das ordenanças de São Paulo e vilas da sua jurisdição. Faleceu com testamento em 1725, tendo sido casado com d. Isabel Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme, em título de Lemes, cap. 5.º, §..., a qual havia já falecido a 30 de Novembro de 1716. (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventarios, letra I, n. 502). E teve, nascidos em Parnaíba, quatro filhos:

3 — 1. Pedro Dias Paes.

3 — 2. José Moreira da Silva, que do posto de sargento-mór passou a coronel do regimento das mesmas ordenanças de que era major. Teve um grande respeito na patria e fora dela, e correndo os anos, se passou de casa mudada para as Minas Gerais, e fez assento em Garapiranga, onde faleceu, e ali tem geração das filhas, que levou de Parnaíba.

3 — 3. D. Anna da Silva, casou primeira vez com Francisco Carvalho Soares, capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro, e ela faleceu na vila de Parnaíba. (Cartorio de orfãos, inventarios, letra A, n. 552.) E teve tres filhos do primeiro matrimonio. Casou segunda vez com João de Godoy e Almeida, seu parente, de quem só teve uma filha; era filho do capitão Antonio de Godoy Moreira, e de sua mulher, d. Anna de Lima, irmã do R. dr. Guilherme Pompêo: em título de Taques, cap. 2.º, § 3.º, n. 3—3. E teve de ambos os matrimonios quatro filhos.

1.º *matrimonio*

4 — 1. Francisco de Carvalho Soares.
4 — 2. Jorge Moreira de Godoy.
4 — 3. D. Isabel Paes, mulher de Lourenço Corrêa de Lemos.

2.º *matrimonio*

4 — 4. D. Rita de Godoy, mulher de João de Mattos Raposo.
3 — 4. D. Maria Garcia, não sabemos que estado teve.

§ 8.º

2 — 8. José de Godoy Moreira nasceu a 4 de Abril de 1653, seguiu os estudos de gramatica latina, porque seus pais o destinavam para clerigo. Casou-se com d. Lucrecia Leme, que faleceu em São Paulo, em 1681, (Cartorio de orfãos, inventarios, maço 1.º, letra L., n. 32), filha de Simão Ferreira Delgado natural da Bahia, e capitão de infantaria daquele presidio, professo da ordem de Cristo, e de sua mulher d. Isabel Paes da Silva, irmã do governador Fernão Dias Paes, em título de Lemes, cap. 5.º, §... E teve filha unica, d. Maria Leme das Neves, que, na matriz de São Paulo, em 8 de Abril de 1698, casou com Timotheo Corrêa de Goes, provedor proprietario da fazenda real e contador dela, vedor da gente de guerra da praça de Santos e juiz da alfandega: em título de Lemes, cap. 5.º, §... Com sua descendencia. José de Godoy Moreira, depois de viuvo, ordenou-se de presbitero de São Pedro, na cidade da Bahia, e, achando nela uma aceitação de aplauso e estimação, fez nela assento, e fundou uma opulenta fazenda na vila de Cachoeira, de cujos reditos tirou grande cabedal, que herdou sua filha d. Maria Leme das Neves.

§§ 9.º e 10

2 — 9. Joaquim de Godoy, ordenou-se de presbitero de São Pedro. (Camara episcopal de São Paulo, *generes*, letra I).
2 — 10. Anna Moreira, batizada em 1 de Novembro de 1654, foi casada com Simão de Vasconcelos da Silva, alferes de infantaria da praça de Santos, que faleceu de um tiro, em 1675, em São Paulo; sem geração. Cartorio do 1.º tabelião, maço de inventarios, letra I.

CAPÍTULO IV

1 — 2. João de Godoy Moreira, foi um cidadão que, em São Paulo, sua patria, teve sempre o primeiro voto no politico e civil governo da republica como pessoa de grande autoridade, respeito e veneração. Viveu abundantissimo em cabedais, e com uma fazenda de culturas, onde as vinhas lhe davam o vinho com muita fartura. Faleceu com testamento, a 20 de Março de 1665. (Cartorio de orfãos, maço 1.º de inventarios, letra I, n. 5). Foi casado com Eufemia da Costa Motta, natural da vila de São Vicente,

como temos por mais seguro, irmã direita do capitão-mór e governador de Itanhaen (sendo capitania) Vasco da Motta, pelos anos de 1639, e do R. Antonio Raposo, que passou a Roma, a absolver-se da irregularidade pela morte que fez a um seu freguez, sendo paroco colado da igreja da vila de São Vicente, da qual havia tomado posse a 9 de Julho de 1611; e tendo feito distintos serviços ao sr. rei d. Pedro II, sendo principe regente (o mandou da corte de Lisboa ao Maranhão, a encontrar-se com a tropa dos paulistas, que comandava Sebastião Paes de Barros, que de São Paulo tinha penetrado o sertão até o rio Tocantins, pelos anos de 1674, que se acha registrada na secretaría do conselho ultramarino, no livro título Registro das cartas do Rio de Janeiro, 1673, pag. 5), lhe fez mercê da abadia de Santa Maria Magdalena de Chavians, no Minho, que tinha vagado por morte do abade Francisco de Lira de Castro, por alvará de apresentação, datado em 19 de Julho de 1681, que se acha registrado no livro de apresentações da casa de Bragança, á fl. 46 do livro da Chancel., título 1652, pag. 417, o qual alvará se acha nos autos de *genere* do padre Lobo Rodrigues Velho, na Camara Episcopal, letra L. E, renunciando depois esta abadia, se recolheu a chorar pecados na religião dos carmelitas descalços, em Portugal, onde acabou com grande opinião. Esta Eufemia da Costa foi filha de Athanasio da Motta, que levou em dote de casamento os oficios de escrivão da fazenda real e alfandega da vila de Santos, de que era proprietario seu sogro, e de sua mulher, Luzia Machado, natural da vila de Santos. Neta pela parte paterna de Vasco Pires da Motta, natural de Portugal, (filho do dr. Aniceto Vaz da Motta, e de sua mulher d. Felippa de Sá), e de sua mulher Filippa Gomes da Costa, natural da vila de São Vicente, e por ela bisneta de Estevão da Costa, natural de Barcellos, senhor da quinta da Costa, e de sua mulher d. Isabel Lopes de Sousa, filha não legitima do fidalgo Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de S. Vicente, com cem leguas de Costa. E pela parte materna, neta de Simão Machado, um dos primeiros e nobres povoadores da vila de São Vicente, vindo com o fidalgo Martim Affonso de Sousa, em 1531; e el-rei d. João III lhe fez mercê de propriedade para seu filho ou filha dos oficios de escrivão da fazenda real e alfandega com ordenado, e de sua mulher Maria da Costa, natural de São Vicente, e por ela bisneta de Martim da Costa, natural da vila Barcelos, e de sua mulher Maria Colaço, natural de São Vicente, e por ela ter-neta de Pedro Colaço, natural da vila de Vianna do Minho, que foi capitão-mor e governador da capitania de São Vicente, pelos anos de 1561, até 1565, e de sua mulher Brisida Machado, que foi natural de São Vicente, e filha de Ruy Dias, que veio em 1531, com o sobredito fidalgo Martim Affonso, e de sua mulher Cecilia Rodrigues. Toda esta ascendencia aqui referida de Eufemia da Costa Motta consta dos autos de *genere* na camara episcopal de São Paulo, letra A, os de Antonio de Godoy Moreira, e letra P., os de Pedro de Godoy Moreira, e letra A., os de Angelo de Siqueira. Faleceu em São Paulo dita Eufemia da

Costa Motta, com testamento, a 27 de Fevereiro de 1678. (Cartorio de orfãos, maço 1.º de inventarios, letra E, n. 5). E teve nascidos em São Paulo, doze filhos:

§ 1.º Jorge Moreira.
§ 2.º Fr. Balthasar do Rosario, carmelita.
§ 3.º Antonio de Godoy Moreira.
§ 4.º O padre Pedro de Godoy, clerigo.
§ 5.º Balthazar de Godoy.
§ 6.º O padre João de Godoy Moreira, clerigo.
§ 7.º O padre Francisco de Godoy, clerigo.
§ 8.º Fernando de Godoy.
§ 9.º Maria Colaça.
§ 10. D. Isabel de Godoy.
§ 11. Gaspar de Godoy Colaço, tenente de general.
§ 12. Sebastiana de Godoy.

§ 1.º

2 — 1. Jorge Moreira, cidadão de São Paulo e um dos seus respeitados republicanos. Faleceu, com testamento, em 2 de Agosto de 1711 (Ouvidor de São Paulo, resid., testamento de Jorge Moreira), e foi casado com Isabel Garcez de Siqueira, natural de São Paulo, irmã direita do licenciado, o padre Matheus Nunes de Siqueira, protonotario apostolico, vigario da vara de São Paulo e visitador do bispado pelos anos de 1677, fundador da capela do Senhor Bom Jesus, sita na sé da cidade de São Paulo; e se destruiu a dita capela com a construção da nova igreja por diversa simetria, em que estava a antiga, e por isso ficou a sagrada imagem colocada em um altar, e é o primeiro á entrada do tempo, da parte da epistola: filha de Aleixo Jorge, natural da Arrifana de Sousa e de sua mulher Maria de Siqueira Nunes, natural de São Paulo. Faleceu dita Isabel Garcez com testamento ao 1.º de Dezembro de 1712, (Cartorio de orfãos, maço 4.º de inventarios, letr. I. E resid. de São Paulo, o testamento de Isabel Garcez). E teve, naturais de São Paulo, sete filhos:

3 — 1. João de Godoy, faleceu solteiro, com testamento em São Paulo a 12 de Março de 1716, como consta no cartorio dos orf., maço 4.º de inventarios, letra I, n. 12.

3 — 2. Aleixo Jorge Moreira, faleceu solteiro em muito avançada idade em 7 de Dezembro de 1720. (1.º cartorio de notas de São Paulo, maço de inventarios, letra I).

3 — 3. Jorge Moreira Garcez, casou duas vezes, primeira com Anna de Lima: em título de Barbosas Limas: segunda com Anna das Neves, filha de Lourenço Corrêa de Moraes, e de sua mulher Maria Freire. Em título de Moraes. E teve:

Primeiro matrimonio

4 — 1. Angelo de Godoy.

Segundo matrimonio

4 — 2. Ignacio.
4 — 3. Maria.

3 — 4. Pedro de Godoy Moreira, faleceu solteiro, estuporado em avançada idade, em 1724.

3 — 5. Maria de Godoy de Siqueira, faleceu em São Paulo com testamento a 30 de Junho de 1690, casada com Manoel Garcia Bernardes. (Orf. de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letr. M, n. 18). E teve:

4 — ". Jorge Garcia de Siqueira, que casou em Nazareth.

3 — 6. Isabel Garcez Moreira, faleceu em São Paulo com testamento a 20 de maio de 1702, e casou duas vezes; primeira com Antonio de Miranda, o qual faleceu em São Paulo em 1697. (Cartorio de orf. de São Paulo, maço 4.º, de inventario, letr. I. E maço 1.º, letr. A, n. 47). Segunda vez com Marcelino Ribeiro Cardoso, que faleceu no Atibaia a 7 de janeiro de 1724, natural de São Paulo, filho de Francisco Pinheiro Gordi, e de sua mulher Maria Vaz Cardoso. (Orf. de São Paulo, maço 3.º, letr. M, n. 37). E teve:

Primeiro matrimonio

4 — 1. Maria de Miranda de Godoy, mulher de Manoel da Costa de Oliveira. Com geração.

4 — 2. Isabel Garcez de Godoy, casou com Gaspar Ribeiro Salvago, natural de São Paulo. Com geração.

4 — 3. João de Miranda de Godoy, casou com Catharina Ribeiro, irmã de Gaspar Ribeiro Salvago acima. Com geração.

Segundo matrimonio

4 — 4. Francisco Pinheiro Garcez, casou em São João do Atibaia.

3 — 7. Anna Moreira de Godoy, casou na matriz de São Paulo a 11 de abril de 1695, com Christovão da Cunha Rodrigues, natural de São Paulo, filho de Manoel Rodrigues Lopes, (irmão de João Rodrigues, e de Sebastião Rodrigues, marido de Anna Gordilho; e de Maria de.... mulher de Rodrigues Lopes, cap. 1.º,

§ unico), e de sua mulher Domingas da Cunha, natural de São Paulo, que faleceu com testamento a 18 de junho de 1716, que era irmã de Catharina de Onhatte, mulher de Antonio Lopes de Medeiros; em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3—12. E ahi mesmo os tres filhos, que foram:

4 — 1. Gregorio Garcez da Cunha, casado com dona Branca de Toledo, filha do capitão-mor d. Simão de Toledo: em título de Toledos, cap. 2.º, §..... Ele faleceu no arraial do Pilar de Goiazes.

4 — 2. João de Godoy Moreira, casou com Antonia Furtado Pinheiro, filha de João Pinheiro do Prado, e de sua mulher Juliana Maciel. João de Godoy, faleceu com testamento em São Paulo, no 1.º de Janeiro de 1734 (Orfãos, maço 5.º, letr. I). E teve cinco filhos:

5 — 1. Anna Maria.
5 — 2. Catharina.
5 — 3. Christovão.
5 — 4. João.
5 — 5. Angelo.

4 — 3. Aleixo Garcez da Cunha, que existe em 1769, casado com Catharina Pedroso, natural de São Paulo, filha do capitão João Vaz dos Reis, e de sua mulher Anna Maria da Cunha: ela em título de Prados, cap. 6.º, § 2.º, ns. 3—10, 2—3, 5—7. E teve tres filhos, naturaes de São Paulo. (*Eu copío estes tres numeros, e os dos filhos do título de Cunhas).

5 — 1. João de Godoy dos Reis, que faleceu no arraial de Meia Ponte, da comarca de Vila-Boa de Goiazes. Foi casado com Maria Franca da Cunha, filha do tenente-coronel Antonio da Cunha de Abreu, e de sua mulher Maria Franca: em título de Cunhas Abreu; e em título de Pires, cap. 6.º, § ......

5 — 2. Christovão Garcez, que depois de presbitero secular é conhecido pelo padre Christovão Cezar Constantino, administrador proprietario da instituição da capela do Senhor Bom Jesus, sítio de Taiassupeva, termo da vila de Mogy das Cruzes; e se ordenou em Buenos-Aires.

5 — 3. O padre Timotheo Garcez, foi para a Italia com os mais jesuitas, em cuja sociedade se achava. (*Existe em São Paulo, em 1795, em casa do seu sobrinho).

§§ 2.º e 3.º

2 — 2. Fr. Balthazar do Rosario, carmelita calçado, foi á côrte de Lisbôa tomar ordens por não haver bispo no Estado do Brasil.

2 — 3. Antonio de Godoy Moreira, casou duas vezes: a primeira com Sebastiana Leite, filha de Bento Pires Ribeiro, e de sua mulher Maria Forquim: em título de Forquim, § 8.º. Neta de Bento Pires Ribeiro, e de d. Sebastiana Leite: em título de Pires,

cap. 5.º, § 7.º, ou em Lemes, cap. 5.º. E teve quatro filhos. Casou segunda vez com d. Anna de Lima, irmã inteira do rev. dr. Guilherme Pompêo de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 2.º, § 3.º. Com toda a sua descendia deste segundo matrimonio. E do primeiro matrimonio teve quatro filhos.

3 — 1. Antonio Leite.
3 — 2. José Leite.
3 — 3. Eufemia da Costa, casou tres vezes: primeira, com José Peres; segunda, com Francisco de Almeida; terceira, com João de Almeida.

3 — 4. N., faleceu menino.

§ 4.º

2 — 4. O padre Pedro de Godoy, clerigo, foi ordenar-se á corte por mandado de seus pais, que como abastados não reparavam na grossa despesa que fizeram com os quatro filhos, que foram tomar ordens em Lisboa. Foi vigario da matriz de São Paulo por provisão de 4 de Outubro de 1682, do bispo d. José de Barros e Alarcão.

§ 5.º

2 — 5. Balthazar de Godoy, baptizado a 11 de Abril de 1648, foi paulista, que se fez recomendavel pelas suas morais virtudes, que se fizeram dignas de geral aplauso nas Minas Gerais, que as governou quanto a repartição das terras, como guarda-mor, que foi delas no principio do seu descobrimento, e provedor dos reais quintos. Casou no Rio de Janeiro com d. Violante Barbosa de Gusmão, irmã inteira do padre Alexandre de Gusmão, que foi reitor do colegio da vila de Santos, e jaz sepultado no de São Paulo; filha de Gonçalo Ribeiro Barbosa, natural de Viana, professo da ordem de Christo, proprietario do ofício de escrivão da ouvidoria e correição do Rio de Janeiro e São Paulo, onde se achou com o dr. ouvidor geral Pedro de Mustre Portugal, no ano de 1660: em título de Camargos, cap. 2.º, no auto de união entre Fernão Dias Paes, Henrique da Cunha Gago e José Ortiz de Camargo; e de sua mulher d. Urbana de Gusmão, natural da freguezia de São Julião, da cidade de Lisboa; irmã inteira do venerando padre Alexandre de Gusmão, fundador do seminario de Belém, na Bahia, em cujo colegio faleceu com grande opinião de santidade a 14 de Março de 1724, com 95 anos de idade, e 78 de companhia. E teve nascidos em São Paulo:

3 — 1. D. Francisca de Godoy Gusmão, que faleceu em 1761, em Juquirí, viuva de João de Macedo, em título de Arrudas, n. 1, cap. 6.º Com sua descendencia.

3 — 2. D. Joanna de Gusmão, casou com Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mor regente das minas dos Goíazes, e seu primeiro descobridor. Em título de Lemes, cap..... § .... Com geração.

§§ 6.º, 7.º e 8.º

2 — 6, O padre João de Godoy Moreira, tendo-se ordenado em Lisboa, ali faleceu de bexigas antes de voltar para a patria com seus irmãos.

2 — 7. O padre Francisco de Godoy, ordenou-se em Lisboa com seus irmãos.

2 — 8. Fernando de Godoy, supomos, que faleceu solteiro.

§ 9.º

2 — 9. Maria Colaço, faleceu com testamento na Parnaíba em 1690; casou duas vezes: primeira com Antonio Delgado da Silva, que faleceu em São Paulo com testamento, a 22 de Setembro de 1664, (Orf. de São Paulo, maço 5.º, de inventarios, letra A. E cartorio 1.º, de notas de São Paulo inventario de Antonio Delgado da Silva), natural de Setubal, filho de Bartholomeu Delgado, e de Maria Vieira de Girão, sua mulher, herdeira da capela do Alcochete, cujos rendimentos vencidos deixou o testador á sua mãe por falecer sem herdeiros. Casou segunda vez com Antonio Garcia da Silva. (Cartorio de notas de Parnaíba, livro n. 34 fl. 68, o testamento de Maria Colaço). Sem geração.

§§ 10 e 11

2 — 10. Isabel de Godoy, batizada a 23 de Junho de 1652, casou com Diogo de Lara, irmão inteiro do capitão-mor governador Pedro Taques de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 5.º. Com geração.

2 — 11. Gaspar de Godoy Colaço, foi tenente-general por patente do sr. rei d. Pedro II, estando principe regente, quando entrou para a conquista do sertão de Vaccaria, que fica além do Camapuã até a serra do rio do Paraguai. Foi este paulista tão benemerito, que, fazendo-se muito distinto no real serviço, mereceu uma honrosa carta firmada pelo sr. rei d. Pedro datada em 20 de outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro título das cartas do Rio de Janeiro, ano 1673, fl. 5e seg. Faleceu na Parnaíba com testamento a 9 de Dezembro de 1713, (Orf. de Parnaíba, inventarios da letra G, número...), natural de São Paulo, filho de Francisco Ribeiro de Moraes, e de sua mulher Anna Lopes, que era viuva de Gaspar de Godoy Mo-

reira, de quem tratamos aqui no cap. § 3.º. Em título de Moraes, cap. 3.º, § 2.º n. 3—5 ao n. 4—6. Com a descendencia do tenente-general cujos serviços estão registrados em Parnaíba. Com geração.

§ 12, último

2 — 12. Sebastiana de Godoy, casou em vida de seus pais com Antonio Cardoso, como consta dos testamentos dos ditos seus pais. Supomos que faleceu sem geração.

CAPÍTULO V

1 — 5. Maria de Godoy, foi casada com o capitão João Fernandes Saavedra, natural de São Paulo, (irmão de Constantino de Saavedra, que faleceu em São Paulo em 1662, casado com Catharina de Candêa, de quem teve oito filhos; que compõem o título de Saavedra, que temos escrito); foi pessoa de tanta autoridade e bom conceito, que havendo grandes dúvidas entre o povoador de Parnaíba, e fundador desta vila, André Fernandes, e os indios da aldêa Maruíri sobre terras do patrimonio da dita aldea, mandou o governador geral do Estado do Brasil d. Hyeronimo de Ataide, conde de Atouguia, por provisão sua datada da Baía a 23 de junho de 1656, que o capitão João Fernandes Saavedra fosse juíz da causa, pelas grandes informações que tinha da sua qualidade e merecimentos. (Camara de São Paulo, livro de registros, título 1658, pag. 34). Faleceu na Parnaíba, com testamento a 13 de Fevereiro de 1677 (Orf. maço de inventarios, letra I, n. 266). E teve nascidos em São Paulo sete filhos:

§ 1.º Balthazar de Godoy Saavedra.
§ 2.º João de Saavedra.
§ 3.º Luiz de Saavedra.
§ 4.º Maria de Saavedra.
§ 5.º Isabel de Saavedra.
§ 6.º Paula Moreira.
§ 7.º Catharina de Saavedra.

§ 1.º

2 — 1. Balthazar de Godoy Saavedra, casou na matriz de São Paulo a 21 de Maio de 1643, com Isabel Paes, filha de Pedro Paes, e de sua mulher Anna de Brito.

§§ 2.º e 3.º

2 — 2. João de Saavedra, confirmado o testamento de seu pai, sabemos, que casou, e foi muito contra a vontade do pai, porém não declara quem fora mulher de seu filho João Saavedra.

2 — 3. Luiz de Saavedra.

§ 4.º

2 — 4. Maria de Saavedra, casou na matriz de São Paulo a 9 de Janeiro de 1637 com Antonio Preto, filho de Sebastião Preto, e de sua mulher Maria Gonçalves. Em titulo de Pretos, cap..... §.... E teve:

3 — 1. Juliana Antunes, que faleceu em São Paulo, com testamento, a 17 de Março de 1682, casada com Manoel da Fonseca Osorio, o qual faleceu em 1681, (Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra I, n. 33). E teve cinco filhos:

4 — 1. Maria da Fonseca, mulher de Mathias Rodrigues Silva.

4 — 2. Catharina da Fonseca Osorio, casou com Aleixo do Amaral, filho, em titulo de Saavedra, cap. 4.º, § 1.º. Com geração.

4 — 3. Isabel Antunes.

4 — 4. Antonio da Fonseca Osorio, morador em a vila de Mogí.

4 — 5. Manoel da Fonseca Osorio.

§ 5.º

2 — 5. Isabel de Saavedra, casou na matriz de São Paulo, a 7 de Julho de 1640, com André Mendes Ribeiro (filho de Braz Mendes e de sua mulher Catharina Ribeiro). Faleceu em São Paulo André Mendes, com testamento a 2 de Novembro de 1642 (Orphãos, maço 2.º de inventarios, letra A). E teve cinco filhos:

3 — 1. Victoria.

3 — 2. Maria.

3 — 3. Catharina.

3 — 4. Veronica.

3 — 5. Sebastião.

§ 6.º

2 — 6. Paula Moreira casou na matriz de São Paulo a 23 de Agosto de 1639, com João Ribeiro de Proença, natural de São Paulo, filho de Francisco de Proença e de sua mulher d. Isabel Ribeiro. Este Francisco de Proença, teve o foro de cavalheiro fidalgo da casa real, como se vê no segundo cartorio de notas de São Paulo, nos autos de inventario de Francisco de Proença. Foi filho de Antonio de Proença, moço da camara do infante d. Luiz, duque da Guarda, e de sua mulher d. Maria Castanho, que foi filha de Antonio Rodrigues de Almeida, cavalheiro fidalgo: em título de Almeidas Castanhos. Isabel Ribeiro, foi filha de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Duarte. Em título de Almeidas Castanhos, cap. 2.º, § 1.º, n. 3—1. Faleceu dito João Ribeiro de

Proença, em São Paulo, com testamento, a 18 de Agosto de 1670 (Orphãos, inventarios, maço 1.°, letra I, n. 20). Isabel Ribeiro faleceu a 5 de Maio de 1627 (Cartorio de orphãos de São Paulo, maço 2.° de inventarios, letra I, n. 36). E teve nascidos em São Paulo, dez filhos:

3 — 1. Isabel Ribeiro, casou com João Dias Diniz.

3 — 2. Anna Ribeiro, casou com Hilario Domingues, natural de São Paulo, irmão inteiro de frei João de Christo, carmelita, de Ignez Ribeiro, que foi mãi do veneravel padre Belchior de Pontes, jesuita, e outros; filhos de Pedro Domingues e de sua mulher Maria Mendes, a qual faleceu com testamento (Orfãos, inventarios, letra M, maço 2.°, n. 29, o de Maria Mendes). Neto por parte paterna de Pedro Domingues, irmão de Diogo Domingues de Faria, de Braz Domingues, de André Mendes Vidigal e outros; e de sua mulher Maria Mendes, natural de São Paulo, onde faleceu com testamento a 30 de Maio de 1680 (Cartorio de orfãos de São Paulo, inventarios, letra M, maço 2.°, n. 28). Bisneto de Amaro Domingues (filho de Pedro Domingues e de sua mulher Clara Fernandes), que faleceu com testamento a 13 de Fevereiro de 1638, e de sua mulher Catharina Ribeiro, que faleceu com testamento em São Paulo (inventarios, letra C, maço 1.°, n. 417). E teve:

4 — 1. João Domingues Moreira, casou com d. Anna de Barros. Em título de Freitas, cap. 5.°, § 1.°, n. 3—6. Com toda a sua descendencia.

4 — 2. Isabel Domingues, faleceu em São Paulo com testamento a 4 de Outubro de 1697, e foi casada com Domingos Gonçalves, de quem teve filha unica, Anna. (Cartorio de São Paulo, maço 2.°, letra I, n. 21).

3 — 3. Sebastiana Ribeiro, casou com Gonçalo da Motta.
3 — 4. Joanna Ribeiro.
3 — 5. Mario Ribeiro.
3 — 6. Catharina Ribeiro, mulher de Manoel Pacheco de Albuquerque, irmão do padre Francisco de Albuquerque.
3 — 7. Francisco de Proença, casou com...
3 — 8. João Ribeiro de Proença.
3 — 9. Manoel Ribeiro de Proença.
3 —10. Martinho.

§ 7.°

2 — 7. Catharina de Saavedra (filha ultima do capítulo 5).

CAPÍTULO VI ULTIMO

1 — 6. Sebastião Gil de Godoy (ultimo filho do tronco), casou na matriz de São Paulo a 4 de Fevereiro de 1636, com d. Isabel da Silva, filha de Pedro da Silva e de sua segunda mulher d. Anna de Alvarenga. Em título de Alvarengas, cap. 6.°, § 2.°.

Faleceu d. Isabel da Silva em a vila de Parnaíba com testamento a 28 de Abril de 1705, e foi sepultada no mosteiro de São Bento, no jazigo de seu marido (Ouvidor de São Paulo; resid. o testamento de d. Isabel da Silva. E cartorio de orphãos de Parnaíba, inventarios, letra I, n. 427). Faleceu Sebastião Gil de Godoy na Parnaíba, com testamento a 26 de Maio de 1682 (Cartorio de Parnaíba, orphãos, letra S, n. 314). Nesta vila faz assento Sebastião Gil, e dela foi capitão e uma das primeiras pessoas do governo daquela república. E teve nascidos em São Paulo doze filhos:

§§ 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

2 — 1. O padre Pedro de Godoy da Silva, presbytero secular.
2 — 2. Sebastião Gil de Godoy, faleceu menino.
2 — 3. Alberto, idem.
2 — 4. Joaquim de Godoy, faleceu solteiro.
2 — 5. O capitão Balthazar de Godoy da Silva.

§ 6.º

2 — 6. Jorge Moreira Velho, batizado a 20 de Maio de 1652, faleceu na Parnaíba com testamento a 20 de Abril de 1705, natural de Parnaíba, casado com Luzia de Abreu (Orphãos, inventarios, letra I, n. 428. E ouvidor testamentos, o de Jorge Moreira Velho). E teve doze filhos:

3 — 1. Manoel.
3 — 2. Sebastião de Godoy Moreira, casou.
3 — 3. Amaro.
3 — 4. Raymundo.
3 — 5. José.
3 — 6. Francisco.
3 — 7. Ursulo.
3 — 8. Alberto.
3 — 9. Ignacio.
3 — 10. Antonio.
3 — 11. Maria.
3 — 12. Joanna.

§§ 7.º, 8.º e 9.º

2 — 7. O capitão Sebastião de Godoy da Silva.

2 — 8. Paula Moreira, batizada em São Paulo a 24 de Março de 1641. Casou em vida de seu pai, com Miguel Garcia; depois segunda vez com João de Siqueira, como consta do inventario dos bens de seu pai, o capitão Sebastião Gil.

2 — 9. Anna Moreira de Alvarenga, batizou-se em São Paulo a 26 de Março de 1648. Casou com Manoel de Siqueira, faleceu ela na Parnaíba com testamento a 28 de Janeiro de 1689 (Orphãos, inventarios, letra A, n. 334). E teve:

3 — 1. Luzia de Siqueira, mulher de Antonio Pedroso de Alvarenga.

3 — 2. Manoel de Siqueira Cortez.

3 — 3. Sebastião de Siqueira Cortez.

3 — 4. Hyeronimo Dias.

3 — 5. João de Siqueira Cortez.

3 — 6. Isabel de Siqueira Cortez.

3 — 7. Maria de Siqueira.

3 — 8. Anna de Siqueira.

§§ 10, 11 e 12

2 — 10. Maria de Godoy, casou em vida de seu pai com Gregorio Antunes.

2 — 11. Isabel da Silva, batizada em São Paulo a 27 de Agosto de 1645, foi casada com Sebastião Gonçalves de Aguiar; ela faleceu na Parnaíba com testamento a 5 de Agosto de 1695. E teve tres filhos, dous varões e uma femea, que não declara seus nomes no testamento (Ouvidor, de São Paulo, testamento de Isabel da Silva).

2 — 12. João de Godoy da Silva.

BICUDOS, CARNEIROS, MENDONÇAS

Os Bicudos da capitania de São Paulo trazem a sua origem da ilha de São Miguel. Dela vieram para São Paulo, no principio da sua povoação dous irmãos, que foram Antonio Bicudo e Vicente Bicudo, como se vê de um requerimento que estes dous irmãos fizeram á camara de São Paulo, pedindo ambos 300 braças de terra em quadra, partindo pelo rio Carapicuíba, em 9 de Outubro de 1610; e neste requerimento declaram que havia muitos anos que tinham vindo para esta terra, onde sempre ajudaram, com suas pessoas e armas, ao bem público, achando-se nas guerras que contra os portugueses da vila atualmente moviam os barbaros indios gentios que infestavam a terra, e que eram casados e tinham filhos (Archivo da camara de São Paulo, caderno de registros, Maio de 1607, fl. 44 v.).

A cada um destes dous irmãos veremos nos numeros seguintes:

Antonio Bicudo .... N. 1
Vicente Bicudo .... N. 2

N. 1

Antonio Bicudo Carneiro, foi da governança da terra, porque nela serviu sempre os cargos da república. Foi ouvidor da comarca e capitania pelos anos de 1585, em que mandou levantar pelourinho na vila de São Paulo em Janeiro do dito ano de 1585 (Archivo da camara de São Paulo, caderno 1585 á fl. 31 v.). Foi casado com Isabel Rodrigues, como se mostra do requerimento que fez aos oficiais da camara de São Paulo, pedindo chãos para fazer casas com seu quintal no ano de 1598; e neste requerimento declarou que tinha dous filhos e quatro filhas (Archivo da camara de São Paulo, caderno de 1598, fl. 16), e que era seu genro Miguel de Siqueira. Tambem se prova que fora casado com Isabel Rodrigues pelo testamento com que em 4 de Dezembro de 1650 faleceu seu filho Antonio Bicudo, de quem fazemos menção no cap. I, porque nele declarou que era filho de Antonio Bicudo, natural da ilha de São Miguel, e de sua mulher Isabel Rodrigues, natural da vila de São Paulo. Não descobrimos o ano em que faleceram Antonio Bicudo e sua mulher Isabel Rodrigues. Deste matrimonio nasceram em São Paulo seis filhos:

Antonio Bicudo .... Cap. I
Domingos Nunes Bicudo .... Cap. II
Maria Bicudo .... Cap. III
Marta de Mendonça .... Cap. IV
Hyeronima de Mendonça .... Cap. V
Guiomar Bicudo .... Cap. VI

CAPíTULO I

1 — 1. Antonio Bicudo, fez o seu estabelecimento na mesma fazenda de Carapicuíba, que fora de seus pais. Fez varias entradas ao sertão, e reduzindo muitos indios gentios, depois de instruidos nos sagrados dogmas, se fizeram catolicos, e com eles se serviu, com o caracter de administrados, para todo o genero de serviço, assim no trabalho da cultura, como na extração de ouro de faisqueiras em diversas partes da serra de Jaraguá e ribeirão de Santa-Fé. Faleceu com testamento aos 4 de Dezembro de 1650, declarando nele os nomes e as naturalidades de seus pais, e a mulher com quem fora casado (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventarios, n. 93, o de Antonio Bicudo, com testamento). Foi casado com Maria de Brito, filha de Diogo Pires e de sua mulher Isabel de Brito; o qual Diogo Pires foi filho de Salvador Pires e de sua mulher N... em título de Pires, n. 2.º. E Isabel de Brito faleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (Cartorio segundo de notas de São Paulo, maço antigo de inventarios, o de Isabel de Brito). E teve treze filhos:

2 — 1. Margarida Bicudo de Brito ... § 1.º
2 — 2. Isabel Bicudo de Brito .... § 2.º
2 — 3. Maria Bicudo de Brito .... § 3.º
2 — 4. João Bicudo de Brito .... § 4.º
2 — 5. Antonio Bicudo de Brito ...... § 5.º
2 — 6. Francisco Bicudo .... § 6.º
2 — 7. Domingos Bicudo de Brito .... § 7.º
2 — 8. Marianna Bicudo .... § 8.º
2 — 9. Hyeronima de Mendonça Furtado .... § 9.º

2 —10. Fernando Bicudo de Brito .... § 10.º
2 —11. Margarida de Brito .... § 11.º
2 —12. Manoel Pires de Brito .... § 12.º
2 —13. Francisco de Brito .... § 13.º

(* O autor emendou muito estes nomes, assim como todo o título, que ficou custoso de perceber).

§ 1.º

2 — 1. Margarida Bicudo de Brito casou com Braz Esteves Leme, filho de Pedro Leme e de sua mulher Helena do Prado. Em título de Lemes, cap. I, § 2.º. E teve:

3 — 1. Maria Leme Bicudo.
3 — 2. Antonio Bicudo Leme.
3 — 3. Braz Esteves Leme.
3 — 4. Helena do Prado da Silva.
3 — 5. Helena da Silva.
3 — 6. Margarida Bicudo.

3 — 1. Maria Leme Bicudo, casou com Gomes Freire de Oliveira, que faleceu com testamento aos 2 de Agosto de 1650, com geração (Cartorio de órfãos de Parnaíba, inventarios, letra G, n. 13, o de Gomes Freire de Oliveira). E teve 4—1.

3 — 2. Antonio Bicudo Leme, natural e cidadão de São Paulo, que fez o seu estabelecimento nas vilas de Taubaté e de Pindamonhangaba, onde se fez recomendavel pelas suas ações e cabedal, que adquiriu da grandeza das Minas-Gerais dos primeiros anos do seu descobrimento. Foi pessoa de um geral respeito e igual estimação. Praticou virtudes morais, com amor da justiça e da retidão, nos empregos que teve com os cargos da república. Foi devotissimo do santo exercicio da via-sacra, que praticava todos os dias do ano, quando se achava na vila de Pindamonhangaba, onde fez levantar as cruzes para este pio exercicio, que tambem o executava quando residia na sua fazenda fora da vila. Teve caracter de varão santo, e foi conhecido, e ainda hoje existe pelo cognome de Via-Sacra. Faleceu na dita vila de Pindamonhangaba com testamento em 6 de Junho de 1716, e ordenou no dito testamento que o seu cadaver fosse sepultado ao pé das tres cruzes da via-sacra, dentro dos muros da igreja de Nossa Senhora do Bom-Sucesso de Pindamonhangaba, de cuja vila foi Antonio Bicudo Leme, com seu irmão, genros, filhos e parentes, o fundador, porque aos seus requerimentos atendeu el-rei D. João V para permitir a creação desta vila, contra a oposição eficaz e vigorosa que faziam os moradores da vila de Taubaté, que jámais quizeram consentir que aquela povoação se erigisse em vila.

Foi casado tres vezes: a primeira com D. Francisca Romeiro Velho Cabral, que faleceu em Guaratinguetá em 1674, a 27 de Agosto (Cartorio de Guaratinguetá, inventarios, letra F, n. 5), a qual era irmã inteira de Manoel da Costa Cabral, filhos de Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de São Miguel, legitimo descendente da ilustrissima casa dos senhores de Belmonte, de donde era legitimo neto Fr. Gonçalo Velho Cabral, comendador do castelo do Almourol, senhor das vilas das Pias, Becelga e Cardiga, descobridor das ilhas de Santa Maria e de São Miguel, e seu primeiro donatario

e povoador das ditas ilhas, como escreve o Dr. Gaspar Fructuoso, a quem seguiu o padre Antonio Cordeiro no seu livro folio *Historia Insulana,* impresso em Lisboa em 1777. E tambem José Soares da Silva, academico da Academia Real da Historia Portugueza, nas *Memorias del-rei D. João I,* 1.º tomo, n. 521, pag. 455. E melhor que estes autores o brazão de armas passado em Lisboa em 23 de Janeiro de 1709 a Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria, registrado na camara de São Paulo no livro 5.º de registro geral, á fl. 65, em 26 de Outubro de 1762, do qual era tio o dito Manoel da Costa Cabral, e primo direito do Exmo. bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Hyeronimo, cuja nobilissima ascendencia consta do mesmo brazão de armas já citado. Este Manoel da Costa Cabral casou com Francisca Cardoso, natural de Mogí, filha de Gaspar Vaz Guedes e de sua mulher Francisca Cardoso, que foi filha de Braz Cardoso, natural de Mesão-Frio, fundador e padroeiro da matriz da vila de Mogí de Sant'Ana das Cruzes da comarca de São Paulo. Em título de Vaz Guedes, § 1.º.

Segunda vez casou Antonio Bicudo Leme com Luiza Machado (que faleceu em Pindamonhangaba com testamento a 20 de Junho de 1707, existente no cartorio da ouvidoria de São Paulo), natural de São Paulo, filha de Domingos Machado Jacome, natural da ilha Terceira e de sua mulher D. Catharina de Barros, neta pela parte paterna de Pedro Jacome Vieira, natural da ilha Terceira, (filho de Sebastião Vieira, e sua mulher Joanna Jacome, em título de Vieiras da ilha Terceira), e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, filha de Gonçalo de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, a rica; em título de Machados Toledos da ilha Terceira. E pela parte materna de D. Jorge de Barros Fajardo, natural de Pontevedra do reino de Galiza, que faleceu em São Paulo no ano de 1615, e de sua mulher D. Anna Maciel, natural da vila de Viana do Minho. Em título de Alvares Sousas, da capitania de São Paulo. Terceira vez casou com Anna Cabral da Silva, sem geração. E do seu primeiro matrimonio teve oito filhos, que constam do inventario de sua mãi no cartorio de Guaratinguetá, letra F, n. 5.º, os quais oito filhos vão descritos em título de Cabraes, cap. 1.º, § 2.º, e são os seguintes:

1.º *matrimonio* (1)

4 — 1. Margarida Bicudo Romeiro.
4 — 2. Maria Bicudo Cabral.
4 — 3. D. Francisca Romeiro Velho Cabral.
4 — 4. D. Helena do Prado Cabral.
4 — 5. Isabel Bicudo de Brito.
4 — 6. Fr. Serafino de S. Rosa, antes chamado Braz Esteves.
4 — 7. Antonio Bicudo de Brito.
4 — 8. Manoel da Costa Leme.

(1) **Em título de Cabraes com suas descendências.**

2.º *matrimonio*

4 — 9. Domingos Machado, que foi jesuita.

4 — 10. Pedro Machado, e depois Fr. Pedro de Jesus beneditino, o qual tem a sua inquirição de *genere* no mosteiro de São Paulo tirada a 17 de Abril de 1692, onde consta dos avós paternos e maternos.

4 — 11. José de Barros Bicudo, com geração. Em título de Taques, cap. 3.º, § 1.º, n. 3—8.

3 — 3. Braz Esteves Leme, foi natural de São Paulo, e morador em Pindamonhangaba, sendo ainda termo da vila de Taubaté. Foi um dos paulistas, que se fez potentado em cabedais e tratamento. Gosou respeito e igual estimação. Foi alcaide-mór por el-rei D. Pedro II, e faleceu em a vila de Pindamonhangaba com testamento a 27 de Abril de 1702. (Cart. dos Rezid. da ouvidoria de São Paulo, maço dos testamentos, letra B, o do alcaide-mór Braz Esteves Leme). Foi morador nas suas terras de Iguamiranga, que havia comprado por escritura a Maria Leme D. viuva do capitão João do Prado Martins. Casou duas vezes: a primeira com D. Maria Raposo Barbosa Rego, natural de São Paulo, filha de Diogo Barbosa Rego, faleceu em Guaratinguetá a 23 de Agosto de 1661 (Inventario, letra D. n. 1.º), e de sua mulher Branca Raposo. Em título de Raposos Góes, cap. 9.º. E segunda vez casou com D. Maria da Luz Corrêa.

E do seu primeiro matrimonio teve nove filhos, cinco varões e quatro femeas, porém não constam do testamento os nomes destes filhos; e só descobrimos de alguns, que foram:

4 — 1. Diogo Barbosa Rego.

4 — 2. Braz Esteves Leme. Casou com Maria Velho.

4 — 3. Martinho Leme. Casou com Guiomar Antunes.

4 — 4. Pedro de Brito. Casou com Maria da Veiga.

4 — 5. José da Silva.

4 — 6. D. Margarida Bicudo, sogra do capitão Pedro da Motta Paes, a quem deu em dote 200 braças de terra por escritura de 16 de Junho de 1707 na nota do tabelião de Taubaté, Manoel de Andrade Caldas.

4 — 7. D. N.

4 — 8. D. N.

4 — 9. D. N.

Do segundo matrimonio teve cinco filhos:

4 — 10. Salvador Corrêa Leme, casou com Maria de Faria Ribeiro, natural de Pindamonhangaba, filha de Francisco Jorge Paes, natural da Ilha Grande, e de sua mulher .... de Faria, muito parente do mestre de campo Sebastião Ferreira Albernaz.

4 — 11. Francisco Corrêa Leme, casou com Mariana Bicudo Leite.

4 — 12. D. Maria de Brito, casou com Domingos da Silva Ferreira.

4 — 13. D. Francisca Leme, casou com Domingos de Amores, em título de Mayas.

3 — 4. Helena do Prado da Silva, faleceu em Guaratinguetá com testamento a 17 de Julho de 1733. Foi casada com Estevão Raposo Barbosa, filho de Diogo Barbosa Rego, e de sua mulher Branca Raposo, natural de São Paulo (2). Em título de Raposos Goés, cap. 9.º. Teve 11 filhos, mas quando faleceu só eram vivos dois, que foram:

4 — 1. Antonio Raposo Barbosa.
4 — 2. Branca Raposo.

3 — 5. Helena da Silva, casou com Manoel da Cruz, natural de Aveiro (filho de João Ribeiro da Silva e de sua mulher Isabel da Cruz); faleceu em Taubaté em 1722. No seu testamento declara que primeiro casara em Lisboa, sem geração. Na Bahia segunda vez, sem geração. Terceira vez em Taubaté com Helena da Silva. E quarta vez, na mesma vila, com Margarida da Veiga (Orfãos de Taubaté, inventarios, letra M, n. 35). E teve dois filhos:

4 — 1. Braz.
4 — 2. Isabel.

3 — 6. Margarida Bicudo, que teve terras em Iguamiranga ef oi casada com........, de cujo matrimonio foi genro o capitão Pedro da Motta Paes, que era morador em Taubaté em 1707. (O autor enganou-se neste lugar ou no n. 4—6 da pagina anterior, onde se acha o mesmo aqui. Naquele lugar vê-se ser a escrita acrescentada depois, e a daqui parece ser um primeiro apontamento em letra muito miuda. Eu puz na lista o n. 3—6 á fl. 2, por ver aqui descrito debaixo do mesmo numero o nome de Margarida Bicudo, pois o autor foi seguindo os numeros com suas sucessões, mas eu os puz na dita pagina segunda, para maior clareza, como o mesmo autor fez em outras ocasiões).

§ 2.º

2 —2. Isabel Bicudo de Brito, casou na matriz de São Paulo aos 30 de Julho de 1634, com Sebastião Fernandes Camacho, filho de Sebastião Fernandes Camacho e de sua mulher Maria Affonso (Orfãos de Guaratinguetá, inventarios, letra I, n. 8.º). Ela faleceu em Guaratinguetá a 22 de Novembro de 1667. E teve quatro filhos:

3 — 1. Sebastião Fernandes Camacho.
3 — 2. Manoel Fernandes Camacho.
3 — 3. Antonio Bicudo Camacho.
3 — 4. Maria de Brito Bicudo.

(2) Orfãos de Guaratinguetá, letra E, n. 4.

§ 3.º

2 — 3. Maria Bicudo de Brito, casou com Antonio Pedroso de Alvarenga, morador na Parnaíba: em título de Alvarengas, cap. III, § 5.º. E teve dois filhos:

3 — 1. Paschoal Pedroso.
3 — 2. Antonio Pedroso.

Em título de Cerqueiras, cap. VIII, § 3.º, com geração.

§ 4.º

2 — 4. João Bicudo de Brito, casou na matriz de São Paulo a 11 de Outubro de 1632, com Anna Ribeiro, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme; em título de Alvarengas, cap. III, § 1.º, e em título de Lemes, cap. III, § 1.º, com a sua descendencia.

§ 5.º

2 — 5. Antonio Bicudo de Brito, casou na matriz de São Paulo a 19 de Abril de 1635, primeira vez com Maria Leme de Alvarenga, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme; em título de Alvarengas, cap. III, § 8.º, com sua descendencia (Itú, inventarios, A, n. 2, de Antonio Bicudo de Brito, em 1662). Segunda vez casou com Vicencia da Costa, da Parnaíba. E teve filho unico:
3 — 5. Joaquim Bicudo, casado em Itú.

§ 6.º

2 — 6. Francisco Bicudo, casou com Thomazia Ribeiro, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme. Em título de Alvarenga, cap. III, § 9.º, com sua descendencia.

§ 7.º

2 — 7. Domingos Bicudo de Brito, casou com Francisca Leme de Alvarenga, filha de Francisco de Alvarenga e de Luzia Leme. Em título de Alvarengas, cap. III, § 2.º. E teve:
3 — 6. Antonio Bicudo de Alvarenga, natural da vila da Parnaíba, e faleceu na de Guaratinguetá, com testamento, a 9 de Outubro de 1725. (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço dos testamentos do residuo, o de Antonio Bicudo de Alvarenga), e foi

casado duas vezes, ambas sem geração. Da primeira vez com Ignez de Andrade Souto-Maior; da segunda com Margarida da Cunha Rodrigues. Sem geração.

§ 8.º

2 — 8. Marianna Bicudo, casou com Henrique Tavares, como consta no inventario de Margarida de Brito, irmã da dita Marianna Bicudo.

§ 9.º

2 — 9. Hyeronima Bicudo de Mendonça, casou com o capitão Raphael de Sousa.

§ 10.

2 — 10. Fernando Bicudo de Brito, morador de Guaratinguetá, onde faleceu a 3 de Maio de 1688, e foi casado com Luzia Leme de Alvarenga, com geração. (Cartorio de Guaratinguetá, letra F, n. 4.º). E teve um filho: Roque Bicudo Leme.

§ 11.

2 — 11. Margarida de Brito, faleceu solteira em São Paulo, cujos bens herdaram os irmãos. (Orfãos de São Paulo, inventarios, maço 4.º, letra M, n. 150).

§ 12

2 — 12. Manoel Pires de Brito.

§ 13.

2 — 13. Francisco de Brito.

CAPÍTULO II

1 — 2. Domingos Nunes Bicudo (filho de Antonio Bicudo e Isabel Rodrigues, n. 1.º), faleceu em 1637 e foi casado com Paula Gonçalves, filha de Manoel Rodrigues. (Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 1.º, letra D, inventario de Domingos Bicudo). E teve, naturais de São Paulo, seis filhos:

2 — 1. Maria de Mendonça .... § 1.º
2 — 2. Vicente Bicudo .... § 2.º
2 — 3. Sebastião Bicudo .... § 3.º
2 — 4. Gaspar .... § 4.º
2 — 5. Isabel .... § 5.º
2 — 6. Hyeronima .... § 6.º

§ 1.º

2 — 1. Maria de Mendonça, foi casada na matriz de São Paulo ao 1.º de Outubro de 1635, com Diogo Fernandes, filho de Manoel Fernandes e de sua mulher Catharina Gomes.

§ 2.º

2 — 2. Vicente Bicudo.

§ 3.º

2 — 3. Sebastião Bicudo, casou na matriz de São Paulo com Maria Leme, filha de Domingos Leme: em título de Lemes, cap. II, § 7.º, e de sua mulher Maria da Costa, filha de João da Costa Mirrinhão: em título de Carvoeiros, cap. III, § 8.º. E teve seis filhos:

3 — 1. Domingos Leme.

3 — 2. Manoel de Chaves.

3 — 3. Ignez da Silva Leme, casou com Onofre Jorge: vide título de Jorges Velhos.

3 — 4. Marianna Leme, casou primeira vez com Jacques Rolim, segunda vez com Manoel Fernandes.

3 — 5. Maria Leme, casou com Sebastião Bicudo *filho de Manoel de Siqueira e Mecia Bicudo em título de Bicudo, cap. II,* § 1.º. (* Aqui ha engano, e ha de ser: neste título n. 2.º, cap. VIII, § 1.º; mas neste § 1.º poz o autor a Sebastião Bicudo, casado com outra mulher, como se verá adiante em o dito n. 2.º, cap III, e é certo que o mesmo autor acrescentou depois o que vai acima sublinhado). Foram de morada para Coritiba, e são os pais dos irmãos chamados Guarinos, como foi Manoel da Cunha Leme, descobridor daquelas minas, que tomaram a alcunha do seu descobridor e foi guarda-mor delas em 1734.

3 — 6. Maria da Costa, casou com Alberto Nunes de Bulhões. Vide vila de Mogí.

§§ 4.º, 5.º e 6.º

2 — 4. Gaspar.
2 — 5. Isabel.
2 — 6. Hyeronima.

CAPíTULO III

1 — 3. Maria Bicudo (filha do n. 1.º), faleceu com testamento a 16 de Janeiro de 1659. (Orfãos da Parnaíba, n. 212, inventario de Maria Bicudo). Foi casada com o capitão Manoel Pires: em título de Pires n. 1.º, o qual faleceu em São Paulo, onde foi capitão que governou e regeu os seus moradores, como pessoa de muita autoridade e respeito, e teve um estabelecimento de muitos administrados, que, sendo gentios barbaros, foram conquistados no sertão, e reduzidos ao gremio da igreja pelo sagrado batismo. Praticou virtudes morais, com os quais soube lucrar excelente nome, e mereceu que Deus lhe abençoasse a sua geração, que toda tem sido de admiraveis produções; e conseguiu casamentos de autoridade e respeito com sujeitos de bom nome. Este casal teve jazigo proprio na igreja do Carmo de São Paulo, como se vê do testamento de seu neto Salvador Bicudo de Mendonça, filho de outro Salvador Bicudo de Mendonça, § 4.º. Do seu feliz matrimonio teve em São Paulo nove filhos:

2 — 1. Estevão Rodrigues .... § 1.º
2 — 2. Gonçalo Pires Bicudo .... § 2.º
2 — 3. Nuno Bicudo de Mendonça .... § 3.º
2 — 4. Salvador Bicudo de Mendonça .. § 4.º
2 — 5. Isabel Bicudo de Mendonça .... § 5.º
2 — 6. D. Anna Bicudo de Mendonça .. § 6.º
2 — 7. Margarida Bicudo .... § 7.º
2 — 8. D. Beatriz Furtado de Mendonça § 8.º
2 — 9. Maria Bicudo .... § 9.º

§ 1.º

2 — 1. Estevão Rodrigues, foi religioso da companhia de Jesus na provincia do Brasil; faleceu no colegio da Bahia, tão adornado de letras, como de virtudes, acreditando não só a patria, mas a mesma provincia.

§ 2.º

2 — 2. Gonçalo Pires Bicudo, casou na matriz de São Paulo a 12 de Junho de 1634 com Juliana Antunes Cortez, filha de Innocencio Fernandes Preto e de sua mulher Catharina Cortez.

§ 3.º

2 — 3. Nuno Bicudo de Mendonça, conforme o inventario de sua mãi Maria Bicudo, casou com Maria de Sousa, filha de Antonio de Sousa, que faleceu a 20 de Junho de 1652, e de sua mulher Isabel

de Oliveira. E neta pela parte paterna de Gonçalo de Sousa e de sua mulher Maria Vaz Couto, moradores do conselho de Lousada, freguezia de Santiago de Senandelo, junto a São Miguel, e eram quatro irmãos, que ali tiveram todos boa herança (Cartorio de orfãos da Parnaíba, inventario n. 52, o de Antonio de Sousa Couto). E teve:

3 — 1. Maria Bicudo, que faleceu a 19 de Maio de 1719, casada duas vezes (Orfãos da Parnaíba, inventario n. 493, o de Maria Bicudo).

§ 4.º

3 — 1. Salvador Bicudo de Mendonça, faleceu com testamento a 15 de Junho de 1672, e foi casado com D. Maria de Moraes, filha ultima de Pedro de Moraes Madureira, e de sua mulher e sobrinha D. Anna Pedroso de Moraes: em título de Moraes, § 1.º, n. 2—5 (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventario n. 15, o de Salvador Bicudo). E teve filho unico:

3 — 1. Salvador Bicudo de Mendonça, que, casando com D. Anna de Quevedo Rendon, não teve filhos. Faleceu em São Paulo, com testamento, a 15 de Junho de 1697, e se mandou sepultar no jazigo de seus avós na igreja do Carmo de São Paulo (Cartorio do segundo tabelião de São Paulo, maço de inventarios antigos, o de Salvador Bicudo de Mendonça, com testamento).

§ 5.º

2 — 5. Isabel Bicudo, casou na matriz de São Paulo a 19 de Fevereiro de 1635, com Bartholomeu de Quadros, natural de São Paulo e filho de Bernardino de Quadros, natural de Sevilha, e de sua mulher Cecilia Ribeiro: em título de Quadros, cap. III, com a geração de dita Isabel Bicudo.

§ 6.º

2 — 6. D. Anna Bicudo de Mendonça, casou na matriz de São Paulo a 23 de Outubro de 1693 com Christovão de Aguiar Girão, pessoa muito principal, filho de Christovão de Aguiar Girão, cavalheiro castelhano, e de sua mulher D. Luzia Netto, a qual faleceu com testamento aos 17 de Novembro de 1667 (Orfãos da vila de Mogí, maço de inventarios, letra L, o de D. Luzia Netto). Foi neto pela parte materna de Alvaro Netto, natural da freguezia de São Martinho, termo da vila de Vianna, que faleceu em 1636, e de sua mulher Mecia da Penna, natural da vila de Santos, que faleceu em São Paulo, com testamento, em 1635, em cuja igreja do colegio dos jesuitas foram sepultados em honroso jazigo, porque eram irmãos bemfeitores da companhia, como se vê dos seus tes-

tamentos no cartorio de orfãos de São Paulo, maço quarto de inventarios, letra M, o de Mecia da Penna, e nos mesmos autos o de Alvaro Netto.

§ 7.º

2 — 7. Margarida Bicudo, casou na matriz de São Paulo, aos 9 de Agosto de 1643, com Filippe de Campos, natural de Lisboa: em título de Campos, com sua descendencia.

§ 8.º

2 — 8. D. Beatriz Furtado de Mendonça, faleceu em 1632 (Cartorio de orfãos de São Paulo, letra B, maço 1.º). Casou com Antonio Raposo Tavares, natural de São Paulo Miguel de Beja, em Alemtejo, de donde veiu na companhia de seu pai Fernão Vieira Tavares, que saiu despachado em capitão-mor governador da capitania de São Vicente e São Paulo, no trienio que acabou em 1622, sucedendo-lhe no lugar o capitão-mor governador João de Moura Fogaça. O dito Antonio Raposo Tavares, ocupando os honrosos cargos da república, acabou em mestre de campo pago do terço, que se formou em São Paulo para a restauração de Pernambuco do poder dos holandezes em 1640, com o carater de governador desta recruta. Em título de Raposos Tavares, da capitania de São Paulo, § 1.º. E teve dois filhos:

3 — 1. Fernando Raposo Tavares.

3 — 2. D. Maria Raposo.

3 — 1. Fernando Raposo Tavares, que casou na ilha de Cabo-Verde com D. Catharina de Sousa, como consta do testamento com que faleceu na dita ilha em casa do capitão Miguel Rodrigues Bittencourt, e foi sepultado no jazigo do capitão Cyprião Alves de Almada, que era bisavô de D. Catharina de Sousa, aos 13 de Novembro de 1658, em geração, como consta do dito testamento, que, remetido a São Paulo por ser sua herdeira a avó Maria Bicudo, porque os pais já eram falecidos, se acha no cartorio de orfãos de Parnaíba, inventario n. 212.

3 — 2. D. Maria Raposo (filha do mestre de campo Antonio Raposo Tavares, § 8.º), casou com Carlos de Moraes Navarro, que faleceu em 1672 (Orfãos de Parnaíba, n. 234, o de Carlos de Moraes Navarro). E teve do seu matrimonio tres filhos e tres filhas, e, como neste inventario foram tantas as dívidas deste casal, que os filhos ficaram sem herança, houve o indesculpavel descuido de se não declarar os nomes dos ditos herdeiros; comtudo, sabemos que entre os ditos seis filhos foi o mais velho natural de São Paulo.

Estátua de Antônio Raposo Tavares, por Luís Brizzolara — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

4 — 1. Pedro de Moraes Raposo, assás bem conhecido pela alta qualidade de seu sangue e grande estabelecimento que teve nas minas do Rio das Mortes, vila de São João de El-Rei, de cujas ordenanças foi coronel, e acabou ha poucos anos neste mesmo posto. Foi neto por parte paterna de Pedro de Moraes Madureira e de sua mulher e sobrinha D. Anna Pedroso de Moraes: em título de Moraes, § 1.º, n. 2—5. O dito coronel Pedro de Moraes Raposo foi casado com D. Anna Moreira, irmã direita de Fr. Jorge Moreira de Godoy e de Fr. Gaspar de Godoy, ambos carmelitas calçados da provincia do Rio de Janeiro, e foram religiosos de autoridade pelos cargos que ocuparam na sua religião. Em título de Godoys, § 3.º, n. 2—1. E teve filhos naturais da vila de São João de El-Rei:

5 — 1. D.... que casou com Manoel da Costa Gouvêa, que acabou ha poucos anos, sendo capitão-mór de São João de El-Rei, e foi irmão inteiro de D. Valerio da Costa Gouvêa, arcebispo de Lacedemonia. E deixou filhos, entre os quais é:

6 — 1. José Joaquim da Costa Gouvêa, guarda-mor das terras e aguas minerais, que casou com D. Rosa Felicia de Vallois, em título de Freitas, cap. V, § 1.º, numero 7—5.

5 — 2. Antonio de Moraes Raposo, faleceu solteiro no Rio das Mortes.

§ 9.º

2 — 9. Maria Bicudo, casou com Diogo da Costa Tavares, irmão inteiro do mestre de campo Antonio Raposo Tavares do § 8.º retro. Serviu os honrosos cargos da república de São Paulo, e, como pessoa de grande autoridade, foi lembrado por D. Jorge Mascarenhas, conde de Castelo-Novo, marquez de Montalvão, vice-rei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil, para lhe mandar passar a patente de capitão de infantaria do teor seguinte:

"D. Jorge Mascarenhas, etc. Porquanto convem ao serviço de Sua Magestade que da infantaria, terço que mando levantar nas capitanias de São Vicente e São Paulo, e nas mais do sul, pelo governador Antonio Raposo Tavares, se formem companhias e se provem nelas pessoas de valor, satisfação, suficiente e boas partes, tendo considerações a que estas e outras muitas concorrem em vós Diogo da Costa Tavares: hei por bem, pelo que tendes servido a Sua Magestade nas ocasiões em que vos tendes achado, tive por bem de vos eleger e nomear, como em virtude da presente o faço, por capitão de uma companhia de peças de infantaria hespanhola da gente que levantardes nas ditas capitanias, para que como tal o sejais, useis e exerçais, com todas as outras graças, franquezas e liberdades que vos tocam por razão do dito cargo: ordeno e mando a todos os oficiais e soldados vos obedeçam, e guardem as ordens que vós derdes por escrito ou palavra, como minhas proprias; e ao governador Antonio Raposo Tavares ordeno

vos meta de posse do dito cargo, com o qual havereis os quarenta escudos de soldo ao mez, que vos tocam e haveis de gozar desde o dia da dita data todo o tempo que servirdes á dita capitania, para cujo efeito vos mandei passar a presente, de que tomará relação o escrivão da fazenda nos livros do seu cargo. Dada nesta cidade da Bahia sob meu sinal e selo de minhas armas, referendado do infrasi do meu secretário, aos 19 de Novembro do ano de 1640. — *O marquez de Montalvão* etc." (Arquivo da camara de São Paulo, livro de registros n. 4.º, 1658, fl. 16v.). (* Contínua o autor a narrar como foi o embarque em Santos e na Bahia, e o sucesso da expedição até a volta por terra de Pernambuco, o que deixo de copiar por já estar narrado este fato em título de Rendons, n. 2.º, e em título de Barros, cap. I). Recolhido a São Paulo o capitão Diogo da Costa Tavares, ainda gozou do descanso e abundancias de sua casa, estabelecida no sitio do rio Acutia, que ao presente é freguezia, onde faleceu em 1659 (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventario n. 150, o do capitão Diogo da Costa Tavares). E teve oito filhos:

3 — 1. Maria Bicudo Tavares.
3 — 2. Fernão Vieira Tavares.
3 — 3. Anna Bicudo Tavares.
3 — 4. Isabel da Costa Tavares.
3 — 5. Diogo da Costa Tavares.
3 — 6. Antonio Vieira Tavares.
3 — 7. Catharina Bicudo Tavares.
3 — 8. Maria de Mendonça Tavares.

3 — 1. Maria Bicudo Tavares, casou com Diogo de Sousa Lima, que faleceu em 1681 (Orfãos da Parnaíba, inventarios, n. 303, o de Diogo de Sousa). E teve tres filhos:

4 — 1. Maria.
4 — 2. Francisca.
4 — 3. Anna.

3 — 2. Fernão Vieira Tavares, casou com Maria Rodrigues. E teve:

4 — 1. Antonio Vieira Tavares, que faleceu em Itú, com testamento, ao 1.º de Junho de 1710, foi casado com Maria Soares, filha de Francisco Affonso Vidal e de sua mulher Maria Soares. Sem geração.

3 — 3. Anna Bicudo Tavares, casou com Manoel da Cunha, que faleceu em 1679 (Orfãos de Parnaíba, inventario n. 272). E teve dois filhos:

4 — 1. Maria da Cunha.
4 — 2. Manoel da Cunha.

3 — 4. Isabel da Costa Tavares, casou com Simão Borges Cerqueira, natural e cidadão de São Paulo, filho de Francisco

Barreto e de sua mulher D. Maria Borges Cerqueira. Em título de Borges Cerqueiras, § 6.º. E teve sete filhos:

4 — 1. Luzia Leme, casou na matriz de São Paulo, a 17 de Setembro de 1695, com Francisco Ribeiro, filho de Antonio Ribeiro Rôxo e de sua mulher Isabel Dias.

4 — 2. Leonor Leme Borges Cerqueira, casou com Antonio de Barros Freire, filho de Luiz de Barros Freire. Em título de Freitas, cap. V, paragrafo unico, n. 3—8. Com a descendencia de Leonor Leme Borges.

3 — 3. Catharina Borges Cerqueira, faleceu em 1727. Foi casada duas vezes. Primeira com Antonio Pereira Themudo, e segunda vez com Manoel Monteiro, natural de São Vicente, que foi morador na quinta, chamada da Samambaia, junto á do capitão Bartholomeu Paes de Abreu, pelos anos de 1734. E do primeiro matrimonio teve duas filhas: 5—1. Maria Borges, que foi de morada para Itú com seu marido Sebastião Ribeiro de Almeida, e 5—2. Anna Borges, que casou com José Valente. E do segundo matrimonio teve somente a Guilherme Borges Monteiro, que casou indignamente e se lhe extinguiu a geração.

4 — 4. Maria Leme, casou duas vezes: a primeira com José Nogueira, irmão de Aleixo do Amaral. E segunda vez na Matriz de São Paulo, a 24 de Agosto de 1700, com Antonio de Freitas de Oliveira, filho do capitão Pedro de Oliveira e de sua mulher Maria Rodrigues, naturais de Jundiahy. Em título de Cordeiros, cap. I, § 2.º, n. 3—2. E do seu primeiro matrimonio teve quatro filhos:

5 — 1. Luiz Nogueira.
5 — 2. Simão de Godoy Nogueira.
5 — 3. José Nogueira.
5 — 4. Domingos Leme, casou.
4 — 5. Theresa Borges, e foi de morada para Jundiahy.

4 — 6. Ignacio Borges, que matou a seu cunhado José Nogueira, do n. 4—4, supra, e depois foi morto por um filho bastardo dêste.

4 — 7. Fernão Borges Cerqueira, casou em Itú, onde foi morador e lá faleceu.

3 — 5. Diogo da Costa Tavares (filho do capitão Diogo da Costa Tavares, pág. 25), batizou-se na matriz de São Paulo, a 29 de Março de 1643. Foi morador na vila de Itú, onde faleceu, com testamento, a 3 de Fevereiro de 1722 (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço de residuos, testamentos de Diogo Tavares). Foi casado duas vezes: a primeira com Anna Rodrigues Cabral de quem sómente (vide o casamento nos inventarios de Itú, n. 222) lhe ficou um filho, chamado Diogo. Segunda vez casou aos 4 de Novembro de 1699 (vide nos mesmos inventarios, n. 220) com Maria Leite, de quem teve, naturais da vila de Itú, oito filhos:

4 — 1. André.
4 — 2. Luiz.
4 — 3. Cypriano.
4 — 4. Manoel.
4 — 5. Domingos.
4 — 6. Lucrecia.
4 — 7. Catharina.
4 — 8. Joanna.

3 — 6. Antonio Vieira Tavares. Casou primeira vez com Maria Leite. Sem geração. Casou segunda vez com Josepha de Almeida, natural da freguezia de Irajá, termo da cidade do Rio de Janeiro, filha de Manoel Antunes de Carvalho e de sua mulher Anna de Almeida, que foram moradores da praça de Santos, e tiveram fazenda de grande estabelecimento na paragem chamada Mondúba. Em título de Proenças. Antonio Vieira Tavares foi instituidor da capela de Nossa Senhora do Monserrate da vila de Itú, onde faleceu, e foi sepultado na capela-mor da igreja dos religiosos franciscanos da vila de Itú (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço de residuos, o testamento de Antonio Vieira Tavares. E camara episcopal de São Paulo, autos de *genere* do padre José de Almeida Paes). E teve do segundo matrimonio:

4 — 1. Fr. Antonio do Monte Carmello, chamado por antonomasia o *Baroco*: é religioso que merece todo o bom conceito pelas suas virtudes: existe conventual na vila de Itú neste ano de 1767.

4 — 2. Braz Carvalho Paes, casou na vila de Santos com Maria Pedroso Leme, de cujo matrimonio é filho o padre José de Almeida Paes, que foi para o Cuiabá, onde existe em 1767.

4 — 3. Fr. Manoel Antunes, religioso leigo do Carmo, que no seculo era Manoel Antunes de Carvalho e tinha sido capitão de uma das companhias da ordenança de Itú.

4 — 4. Francisco Xavier Paes, mestre em artes, em filosofia pelo colegio da companhia de São Paulo, e existe solteiro.

4 — 5. Maria Ribeiro, casou com Salvador Vieira de Brito, natural da vila de Itú, de cujas ordenanças foi sargento-mor, e filho de,..

E teve filha unica:

5 — . D. Maria Ribeiro, que casou na Sé, de São Paulo, em 1762, com Antonio de Toledo Lara, natural e cidadão da mesma cidade, filho do sargento-mor Simão de Toledo Piza Castelhanos: em título de Taques Pompeus, § 3.º, n. 2—10, e faleceu dito Antonio de Toledo, em 1769. Sem geração.

3 — 7. Catharina Bicudo Tavares, cujo estado não descobrimos.

3 — 8. Maria de Mendonça Tavares. Casou duas vezes: a primeira com Domingos Gonçalves Malio, a segunda com Pedro Martins Pereira. Sem geração. Teve do primeiro matrimonio dois filhos, como consta do testamento com que faleceu ela a 23

de Maio de 1681, no cartorio de orfãos de Parnaíba, inventario n. 304, o de Maria Tavares.

4 — 1. João Gonçalves.
4 — 2. Paschoa.

CAPÍTULO IV

1 — 4. Martha de Mendonça, casou com Domingos Gonçalves, um dos principais povoadores da vila de São Paulo, que da ilha da Madeira, sua patria, veiu já casado com sua primeira mulher Isabel de Góes (que veiu com seus paes Domingos de Góes, e Catharina de Mendonça), por morte da qual passou a segundas nupcias em São Paulo, com Mecia Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues, e de sua mulher Isabel Velho, cujo casal veiu do Minho ou cidade do Porto com filhos para a vila de São Vicente, no principio da sua povoação pelos anos de 1536; e se passaram depois para a vila de São Paulo, onde esta familia foi a primeira nobreza da dita vila pelos casamentos nobres, que tiveram as filhas, a que tão bem conduzia o respeito do padre Garcia Rodrigues Velho, que era filho deste casal, e foi vigario da vila de São Paulo. Por morte desta Mecia Rodrigues casou Domingos Gonçalves terceira vez com Martha de Mendonça. Domingos Gonçalves faleceu em São Paulo, com testamento, a 30 de Abril de 1627. (Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 2.º, de inventarios, letra D, o de Domingos Gonçalves). E teve sete filhos:

2 — 1. Isabel Bicudo de Mendonça .... § 1.º
2 — 2. Hyeronima de Mendonça ...... § 2.º
2 — 3. Antonio Gonçalves de Mendonça § 3.º
2 — 4. Vicente Bicudo .... § 4.º
2 — 5. Manoel Gonçalves .... § 5.º
2 — 6. Maria Bicudo .... § 6.º
2 — 7. Sebastião Gonçalves .... § 7.º

§ 1.º

2 — 1. Manoel Bicudo de Mendonça, casou na matriz de São Paulo, aos 15 de Maio de 1636, com Antonio Jorge Pereira, natural de Lisboa, da freguezia de São Julião, filho de João Fernandes, e de sua mulher Maria Jorge.

§ 2.º

2 — 2. Hyeronima de Mendonça, casou na matriz de São Paulo, a 26 de Janeiro de 1633, com Braz Dias Mendes, filho de Braz Mendes, e de sua mulher Catharina Ribeiro.

§ 3.º

2 — 3. Antonio Gonçalves de Mendonça, casou na matriz de São Paulo, aos 31 de Janeiro de 1644, com Catharina Domingues, filha de Pedro Domingues, e de sua mulher Maria Mendes.

§ 4.º

2 — 4. Vicente Bicudo.

§ 5.º

2 — 5. Manoel Gonçalves.

§ 6.º

2 — 6. Maria Bicudo, que pelo inventario dos bens de seu pai Domingos Gonçalves, consta que casou com João Pereira em Jundiahy; faleceu já viuva, a 28 de Março de 1675, sepultada na mesma cova em que fora seu marido. (Orfãos de Jundiahy, livro 1.º).

§ 7.º

2 — 7. Sebastião Gonçalves, faleceu em Taubaté, a 24 de Maio de 1688, com testamento, em que declarou seus paes, e que era natural de São Paulo. (Cartorio de Orfãos de Taubaté, inventarios, letra S, n. 16, o de Sebastião Gonçalves). Casou com Helena de Torres, de quem teve filhos bastantes, que os não expressou no testamento e muito apenas encontramos com a filha:

3 — 1. Sebastiana de Torres, faleceu em Taubaté, com testamento, a 29 de Fevereiro de 1681, e foi casada com Gabriel de Góes. E teve cinco filhos:

4 — 1. Paschoal.
4 — 2. Isabel.
4 — 3. Joanna.
4 — 4. Catharina.
4 — 5. Sebastiana de Torres, casou com Manoel de Figueiredo, e foram paes de:

5 — 1. Catharina de Torres, que faleceu em Taubaté, a 21 de Agosto de 1725, casada com Domingos de Oliveira. (Inventarios de Taubaté, letra C, n. 15). Natural de Jundiahy, filho de Oliveira e Maria das Neves Gil; e faleceu com testamento, em Taubaté, a 24 de Setembro de 1732. (Cartorio de Orfãos de Taubaté, letra D, inventario de Domingos de Oliveira). E tiveram:

6 — 1. Roberto de Macedo, casado com Martha de Miranda.
6 — 2. Archangelo de Oliveira.
6 — 3. Gabriel, faleceu solteiro.
6 — 4. Antonio de Oliveira.

CAPÍTULO V

1 — 5. Hyeronima de Mendonça, casou com Matheus Netto (filho de Alvaro Netto, natural da freguezia de Santa Maria, termo da vila de Vianna do Minho, e de sua mulher Mecia da Penna, natural da vila de Santos, que era irmã de Matheus Luiz). Este casal fez testamento de mão comum. Alvaro Netto faleceu em São Paulo, em 1636, e foi enterrado na igreja dos padres jesuitas, como irmão que era da companhia de Jesus. Faleceu Mecia da Penna com testamento em 1635, e foi tambem sepultada na mesma igreja. (Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 4.º, de inventarios, letra M, o de Mecia da Penna, e nos mesmos autos o de seu marido Alvaro Netto). E tiveram em São Paulo cinco filhos:

2 — 1. Alvaro Netto Bicudo .... § 1.º
2 — 2. Antonio Bicudo Furtado ...... § 2.º
2 — 3. Luzia de Mendonça .... § 3.º
2 — 4. Sebastião Bicudo .... § 4.º
2 — 5. Maria de Mendonça Bicudo .... § 5.º

§ 1.º

2 — 1. Alvaro Netto Bicudo, presbitero secular, e vigario colado da igreja matriz da vila de Parnaíba, onde faleceu com testamento, a 29 de Janeiro de 1653.

§ 2.º

2 — 2. Antonio Bicudo Furtado, casou na matriz de São Paulo, a 10 de Agosto de 1542, com Maria Ribeiro, filha de Januario de Ribeiro, e de sua mulher .... Faleceu Antonio Bicudo, com testamento, a 4 de Setembro de 1651. (Cartorio de Orfãos de Parnaíba, n. 5.º, o de Antonio Bicudo Furtado). E teve tres filhos:

3 — 1. N.
3 — 2. Antonio.
3 — 3. Maria Bicudo de Mendonça. E teve quatro. — Isabel de Proença de Abreu, que foi mãi de cinco. — Balthazar de Godoy Moreira, que casou com sua prima, Francisca de Almeida, no § 3.º, seg., n. 3—12 a n. 4—4.

§ 3.º

2 — 3. Luzia de Mendonça, casou na matriz de São Paulo, a 22 de Janeiro de 1635, com João Gonçalves de Aguiar, natural da cidade do Rio de Janeiro, filho de Vicente Gonçalves e de sua mulher N. Faleceu João Gonçalves em Parnaíba em posto de capitão da ordenança, com testamento, a 10 de Novembro de 1668. (Orfãos de Parnaíba, inventario n. 210, o capitão João Gonçalves de Aguiar). E teve quatorze filhos:

3 — 1. Vicente Gonçalves de Aguiar, casou com D. Catharina de Almeida: em título de Laras, cap. 7.º, § 6.º, com a sua descendencia.

3 — 2. Antonio de Aguiar.

3 — 3. João Gonçalves.

3 — 4. Sebastião Gonçalves de Aguiar, casou com Isabel da Silva de Godoy, que faleceu em 1695. (Orfãos de Parnaíba, inventarios, n. 380, o de Isabel da Silva). Em título de Godoy. E teve tres filhos:

4 — 1. José de Aguiar da Silva.

4 — 2. Francisco de Godoy.

4 — 3. Sebastião Gonçalves.

3 — 5. Alvaro Netto.

3 — 6. Salvador Gonçalves de Aguiar, casou com Marianna Fernandes Bicudo, filha unica de Domingos Fernandes da Costa (irmã do capitão Thomé Fernandes da Costa), e de sua mulher Isabel Bicudo, como consta do testamento com que a 29 de Julho de 1694 faleceu o dito Domingos Fernandes, o qual era filho de Thomé Fernandes da Costa e de sua mulher Acensa de Pinna. (Cartorio de Parnaíba, inventario n. 368, o de Domingos Fernandes da Costa).

3 — 7. Manoel Gonçalves de Aguiar, casou com Maria Pedroso: em título de Taques, cap. 5.º, § 4.º, com sua descendencia.

3 — 8. Fr. Francisco do Rosario, da ordem de São Francisco.

3 — 9. Hyronima de Mendonça, casou com Luiz Nobre Pereira, como consta do inventario de seu pai, o capitão João Gonçalves de Aguiar; e supomos, que casou ela segunda vez com João da Rocha Marinho; e faleceu em 1673, como consta no cartorio de orfãos da Parnaíba, inventário n. 237, o Hyeronima de Mendonça. E teve seis filhos:

4 — 1. Isabel Bicudo.

4 — 2. Maria Bicudo do Rosario.

4 — 3. Luzia Bicudo.

4 — 4. Catharina Bicudo.

4 — 5. Sebastiana Bicudo.

4 — 6. Antonio Rodrigues Bicudo.

3 — 10. Anna Fernandes, que, conforme o inventário de seu pae, casou com Antonio da Silva de Faria.

3 — 11. Maria de Aguiar, casou com Joaquim de Lara e Moraes. Em título de Laras, cap. VII, § 2.º. Com a sua descendencia.

3 — 12. Isabel de Aguiar e Mendonça, faleceu com testamento, a 9 de Setembro de 1685, e foi casada com José Fogaça de Almeida, que faleceu com testamento, a 22 de Setembro de 1693, natural de Lisboa, filho de Luiz de Almeida Fogaça e de Angela dos Santos. (Cartorio de Parnaíba, n. 376, inventário de José de Almeida Fogaça, o qual segunda vez casou com Ignez Dias do Rego, filha de Bento do Rego Barregão, e casou terceira vez com Marianna de Moraes, filha do capitão Manoel de Moraes, cap. II, §... (o falecimento de Isabel de Aguiar consta do seu inventário no cartorio de Parnaíba, n. 285). E teve quatro filhas:

4 — 1. Maria Fogaça.

4 — 2. Anna.

4 — 3. Hyeronima.

4 — 4. Luzia de Mendonça, casou com Sebastião Sutil. E teve:

5 — 1. Francisca de Almeida, casou com seu parente Balthazar de Godoy Moreira. (Cartorio da vara eclesiastica da vila de Santos, autos de dispensa de Balthazar de Godoy Moreira com Francisca de Almeida).

3 — 13. Luiza de Mendonça, casou com Timotheo Leme.

3 — 14. Esmeria da Silva.

§ 4.º

2 — 4. Sebastião Bicudo, casou na matriz de São Paulo, a 21 de Janeiro de 1635, com Margarida da Costa, natural de São Paulo, filha de João da Costa Lima, o *Mirrinhão* de alcunha, e de sua mulher Ignez Camacho: em título de Carvoeiros, cap. III, § 13. O dito Sebastião Bicudo faleceu em São Paulo, com testamento em 1643, que está no cartorio do primeiro tabelião, maço de inventarios antigos. Sem geração.

§ 5.º

2 — 5. Maria de Mendonça Bicudo, faleceu em São Paulo, em 1630, e foi casada com Custodio Nunes Pinto. Sem geração.

CAPíTULO VI

1 — 6. Guiomar Bicudo, casou com Antonio Luiz Grou. E teve, nascidos em São Paulo:

2 — 1. Catharina Bicudo .... § 1.º
2 — 2. Hyeronima de Mendonça ...... § 2.º
2 — 3. Sebastiana Bicudo .... § 3.º
2 — 4. Miguel Nunes Bicudo .... § 4.º
2 — 5. Luzia Bicudo .... § 5.º

§ 1.º

2 — 1. Catharina Bicudo, casou na matriz de São Paulo, a 2 de Outubro de 1637, com Gaspar Vaz Madeira (filho de Pedro Madeira e de sua mulher Violante Cardoso) (3), que foi para o sertão do gentio *Iratens,* na tropa de Antonio Raposo Tavares, e ficou dito Pedro Vaz Madeira no Grão-Pará, de donde não tinha vindo mais até o ano de 1686, nem se tinha notícia dele. Sua mulher Catharina Bicudo faleceu, com testamento, em Taubaté, a 6 de Outubro do dito ano de 1686, declarando no testamento a sua naturalidade e de quem era filha. E teve:

3 — 1. Pedro Madeira.

3 — 2. Sebastião Bicudo.

3 — 3. Gaspar Vaz.

3 — 4. Maria Bicudo, que faleceu em Taubaté, sua patria, a 27 de Fevereiro de 1705, casada com João Portes del-Rei (Taubaté, orfãos, letra C, n. 22), o qual faleceu na mesma vila (Idem, cartorio, letra I, inventario, n. 39) a 12 de Junho de 1707. E tiveram dois filhos: 5—1. Thomé e 5—2. Margarida Bicudo, que faleceu em Taubaté, casada com Miguel Pinheiro, e são paes do padre José Pinheiro, coadjutor da vila de Mogí, em 1767.

3 — 4. Isabel Bicudo, mulher de Antonio Alvarenga.

§ 2.º

2 — 3. Hyeronima de Mendonça, casou duas vezes na matriz de São Paulo, a primeira a 8 de Abril de 1630, com Pedro Alves de Oliveira (filho de Balthazar Rodrigues e de sua mulher Maria Alvares), a segunda a 21 de Janeiro de 1636, com João Paes Ferreira, natural da cidade do Porto, freguezia de São Nicoláu, filho de Manoel Ferreira Paes e de sua mulher, Antonia de Castro.

§ 3.º

2 — 3. Sebastiana Bicudo, casou na matriz de São Paulo a 19 de Outubro de 1642, com Jorge Madeira, filho de Pedro Madeira, e de sua primeira mulher Violante Cardoso: em título de Dias Teveriçás, cap. 2.º, § 1.º, n. 3—5.

(3) Em título de Dias Teveriçás, cap. II, § 1.º, n. 3 — 4.

§ 4.º

2 — 4. Miguel Nunes Bicudo, casou na matriz de São Paulo, a 23 de Maio de 1638, com Brites Gomes, filha de Gaspar Gomes e de sua mulher Isabel Nunes.

§ 5.º

2 — 5. Luzia Bicudo, casou na matriz de São Paulo, a 5 de Agosto de 1634, com Romão Freire, que era viuvo, e foram de morada para a vila de Jundiahy, onde faleceu dita Luzia Bicudo, a 8 de Novembro de 1696. (Livro de obitos, título 1646, o assento do de Luzia Bicudo).

N. 2

DE

Vicente Bicudo

Vicente Bicudo, natural da Ilha de São Miguel, irmão de Antonio Bicudo, do n. 1. Casou em São Paulo, com Anna Luiz (irmã de Hilaria Luiz, mulher de Belchior Carneiro, de Matheus Luiz, e de Antonio Luiz, que todos viviam em 1609. Notas do primeiro tabelião de São Paulo, n. 27, ano 1609, na procuração de Hilaria Luiz D., viuva de Belchior Carneiro), de quem teve filhos; e achando-se ela viuva de Vicente Bicudo, casou segunda vez com Hyeronimo Brito, o qual faleceu na Parnaíba, com testamento, a 14 de Dezembro de 164, sem geração: e dita Anna Luiz já havia falecido com testamento, a 15 de Janeiro do mesmo ano. E teve naturais de São Paulo oito filhos:

Antonio Bicudo	Cap. I	Sem geração
Francisco Bicudo Furtado ...	Cap. II	
Vicente Annes Bicudo	Cap. III	
Domingos Nunes Bicudo	Cap. IV	Sem geração
Mecia Bicudo	Cap. V	
Maria Bicudo	Cap. VI	
Antonio Carneiro	Cap. VII	
Mecia Bicudo	Cap. VIII	

CAPÍTULO I

1 — 1. Antonio Bicudo, casou na matriz de São Paulo, a 3 de Julho de 1629, com Anna Pires, filha de Salvador Pires e de Mecia Fernandes: em título de Pires, cap. 5.º, § 1.º. Sem geração.

CAPÍTULO II

1 — 2. Francisco Bicudo Furtado, foi morador da vila de Parnaíba, onde ficou possuindo a mesma fazenda de Hyeronimo de Brito, seu padrasto, o qual ordenou no seu testamento com que faleceu, a 14 de Dezembro de 1644 (Cartorio de Parnaíba, inventario n. 24, o de Hieronimo de Brito) o seguinte — Hei por bem e por meu gosto e vontade de boa benevolencia substituir, e constituir por meus herdeiros universais em toda a fazenda que se achar ser minha, e por alguma via ou maneira me pertencer, a meus filhos Francisco Bicudo Furtado, Vicente Annes Bicudo, e Domingos Nunes Bicudo, que suposto são meus enteados, por serem filhos da dita minha mulher Anna Luiz, por mim não foram enteados, se não filhos, e sempre me tiveram muito respeito e me amaram como pae, e me serviram como filhos, e me ajudaram a grangear a fazenda, que lhes deixo, e é bem que eles gozem, pois a ganharam, ajudando-me em tudo a grangeá-la; assim lhes deixo toda, a carga serrada, com condição que serão obrigados a sustentar as imagens, que tenho nesta vila, Nossa Senhora da Conceição, e São Hyeronimo, fazendo-lhes nos seus dias com a solenidade que puderem (* a sua festa) para mais serviço de Deus e louvor de seus santos. Casou com Magdalena de Pinha, filha de Braz de Pinha, como consta do testamento com que este faleceu em São Paulo, em 1630; e de sua mulher Isabel Lopes, como consta do testamento com que faleceu João de Pinha, irmão de Magdalena de Pinha, a 12 de Junho de 1645. (Cartorio de Parnaíba, inventário n. 37, o de João de Pinha). O dito Francisco Bicudo faleceu em 1651. (Cartorio de Parnaíba, inventário n. 50, o de Francisco Bicudo Furtado). E teve só dois filhos naturais de Parnaíba:

2 — 1. Hyeronimo de Brito .... § 1.º
2 — 2. Anna Bicudo Furtado .... § 2.º

§ 1.º

2 — 1. Hyeronimo Bicudo Cortez, que antes se chamou Hyeronimo de Brito, casou com Victoria Ribeiro, e faleceu em 1678 (como consta no cartorio da Parnaíba, inventário n. 270, o de Hyeronimo Bicudo). Sem geração.

§ 2.º

2 — 2. Anna Bicudo Furtado...

CAPÍTULO III

1 — 3. Vicente Annes Bicudo, casou com.........., filha de Alberto Lobo.

CAPÍTULO IV

1 — 4. Domingos Nunes Bicudo (filho do n. 2.º), casou com Anna da Costa, filha do capitão Christovão Diniz, e de sua mulher Isabel da Costa, a qual foi filha do capitão povoador Domingos Fernandes, e de sua mulher Anna da Costa (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventário n. 41, o de Christovão Diniz, e n. 74, o de Domingos Nunes Bicudo, que faleceu com testamento, a 16 de Julho de 1650). Sem geração. Em título de Fernandes Povoadores, cap. 4.º, § 1.º, n. 3—6.

CAPÍTULO V

1 — 3. Mecia Bicudo, casou com Francisco de Proença, que teve o foro de cavaleiro, natural de São Paulo (filho de Antonio de Proença, natural da vila de Belmonte, moço da camara do infante D. Luiz: em título de Proenças, cap. 1.º do segundo matrimonio). D. Mecia faleceu em São Paulo com testamento a 23 de Dezembro de 1631. (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço 3.º, letra M, inventario de d. Mecia Bicudo). E teve natural de São Paulo:

PARAGRAFO UNICO

2 — : D. Anna de Proença, que faleceu em 1644, como se vê do cartorio de orfãos de São Paulo, maço 3.º, letra A, inventario de d. Anna de Proença, que foi casada com Salvador Pires, natural e cidadão de São Paulo, filho do capitão Salvador Pires e de sua mulher Mecia Fernandes. Em título de Pires, cap. V, § 9.º. E teve quatro filhos que faleceram meninos: d. Ignez, d. Anna, Salvador, d. Mecia.

CAPÍTULO VI

1 — 6. Maria Bicudo, casou na matriz de São Paulo a 14 de Fevereiro de 1635 com João Mendes Giraldo ou Giraldes, filho de João Fernandes Giraldo, natural da ilha da Madeira, e de sua

primeira mulher Hilaria Rodrigues (Cartorio de orfãos de Parnaíba n. 32, inventario de João Fernandes o Velho, ano de 1639). Neto de Manoel Fernandes Giraldo e de sua mulher Joanna Fernandes, da ilha da Madeira, como consta do testamento supra referido.

CAPÍTULO VII

1 — 7. Antonio Dias Carneiro, faleceu em São Paulo em 1639, como consta do inventario dos seus bens, feito no dito ano no juizo de orfãos de São Paulo, maço 3.º, letra A, inventario de Antonio Dias Carneiro, casado com Felicia de Pinha, a qual depois foi mulher de Lourenço Cubas Justiniano, como consta do dito inventario e referido, e foi filha de Braz de Pinha e de Isabel Lopes, os mesmos de que já falámos neste n. 2.º, cap. II. E teve unica filha:

PARAGRAFO UNICO

2 — " Isabel...

CAPÍTULO VIII

1 — 8. Mecia Bicudo de Mendonça (filha última de Vicente Bicudo, n. 2.º), casou com Manoel de Siqueira, natural da vila de Santos, irmão de Antonio de Siqueira e de Luzia de Siqueira de Mendonça, a qual foi mulher de Manoel Corrêa de Lemos, que faleceu em São Paulo em 1693, como se vê do cartorio de orfãos de São Paulo, maço 4.º de inventarios, letra M, n. 40, onde tambem se vê que Manoel de Siqueira, marido de Mecia Bicudo, faleceu em São Paulo em 1614, declarando no seu testamento a sua naturalidade. E teve oito filhos:

2 — 1. Sebastião Bicudo de Siqueira .... § 1.º
2 — 2. Antonio .... § 2.º
2 — 3. Manoel de Siqueira .... § 3.º

Parece que casou com Mecia Nunes: filha de Pedro Nunes: em título de Nunes Siqueiras de Góes.

2 — 4. Francisco Bicudo de Siqueira, § 4.º. Casou com Maria Ribeiro, filha de João Maciel e Maria Ribeiro, em título de Bayão, cap. V, § 3.º, n. 3—9.

2 — 5. Vicente, que faleceu menino .... § 5.º
2 — 6. João .... § 6.º
2 — 7. Salvador .... § 7.º
2 — 8. Custodio .... § 8.º

2 — 1. Sebastião Bicudo de Siqueira, casou na matriz de São Paulo a 23 de Janeiro de 1639 com Isabel Ribeiro (filha de João Maciel e de sua mulher Maria Ribeiro, a qual foi mãe de- tevão Ribeiro Bayão Parente: em título de Bayão Ribeiro Parente, cap. V, § 3.º, n. 3-8), governador do exercito que se formou em São Paulo para destruição dos reinos dos barbaros indios do sertão da Bahia, cuja expedição temos escrito em título de Camargos, cap. VIII, onde se pode ler. E teve: (*)

(*) No original falta inteiramente a filiação a que o autor se refere, notando-se algumas folhas em branco naturalmente destinadas a futuras pesquizas que não puderam ser feitas. (*Nota da redação*).

PEDROSOS, BARROS, VAZES

POR PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

Pedro Vaz de Barros e seu irmão Antonio Pedroso de Barros vieram ao Brasil. Foram estes irmãos, pessoas de qualificada nobreza, e vieram providos Antonio Pedroso em capitão-mor governador da capitania de São Vicente e São Paulo, e o irmão Pedro Vaz de Barros em ouvidor da mesma capitania, com clausula que, falecendo Antonio Pedroso fosse capitão-mor governador e tambem ouvidor o irmão Pedro Vaz, e, falecendo este, fosse Antonio Pedroso o capitão-mor governador e tambem ouvidor. Tudo o referido se vê melhor da carta patente passada em Lisboa aos 21 de Novembro de 1605, pela qual tomou posse Antonio Pedroso na camara de São Vicente aos 26 de Dezembro de 1607, que se acha registrada no arquivo da camara de São Paulo no caderno, título 1606 á fl. 22 v. e fl. 24.

Porém Pedro Vaz de Barros já tinha vindo a São Paulo muito antes daquelas épocas, pois consta que era capitão-mor governador da dita capitania pelos anos de 1602 (Cartorio da provedoria da fazenda real, livro de registros das sesmarias n. 2.º, tít. 1602 até 1617, pag. 184 v.). Tambem do arquivo da camara de São Paulo, no caderno de vereanças, tít. 1601, á fl. 49, se verifica esta verdade, e se vê que, para se tomar um assento em camara sobre a vinda de quatro soldados hespanhoes da Vila-Rica do Espirito-Santo da provincia do Paraguai, foi neste ato presidente Pedro Vaz de Barros, como capitão-mor governador que governava São Paulo. Além de que no dito arquivo da mesma camara, no caderno de registros, capa de couro de veado, n. 1.º, título 1623, nele, á fl. 18, consta que Pedro Vaz de Barros tinha sido capitão-mor governador da capitania de São Vicente, e que pela sua grande autoridade e merecimento de sua pessoa fora encarregado de governar a gente da vila de São Paulo e seu termo no ano de 1624.

No cartorio do tabelião da vila de São Vicente se acham uns autos de justificação de *nobilitate probanda,* título — o capitão Valentim de Barros, ano 1643, e escrivão deles, o tabelião Antonio Madeira Salvadores. E tambem os autos de justificação do capitão Fernão Paes de Barros, ano de 1678, escrivão deles o mesmo tabelião Salvadores. Destes dois autos consta que Pedro Vaz de Barros viera á capitania de São Vicente em serviços da coroa, e que, voltando ao reino, tornara para a mesma capitania, provido em capitão-mor governador dela. Que seu irmão Antonio Pedroso

viera á vila de São Vicente, onde chegara com o testamento de homem nobre, trazendo criados brancos que o serviam, e casara na dita vila com uma filha de Hyeronimo Leitão, que tinha sido capitão-mor governador da dita capitania de São Vicente, em cuja vila ficara sendo morador dito Antonio Pedroso de Barros. Deste matrimonio ha descendencia na vila de São Vicente, conhecida nos Pedrosos Barros dela.

Estes dois irmãos Antonio Pedroso e Pedro Vaz de Barros (pelos autos de justificação referidos no cartorio de São Vicente) eram naturais do reino do Algarve, donde passaram a ser moradores de Lisboa. Nesta corte tiveram um primo direito, que foi o licenciado Antonio de Barros, presbitero secular e capelão que foi de el-rei. Este padre Antonio de Barros teve duas irmãs: d. Helena de Mendonça e d. Maria de Mendonça, que foram casadas com pessoas cavalheiras: elas fundaram na vila de Almada o convento de Nossa Senhora da Piedade, onde se recolheram ditas fundadoras, que tambem foram irmãs de Hyeronimo Lobo e de Antonio Lobo, que, seguindo o real serviço na milicia, foram ambos despachados para a India. Destes mesmos foi tambem irmão Frei José de Jesus Maria, religioso da Cartuxa, o que tudo consta dos referidos autos, dos quais se deu instrumento a Fernão Paes de Barros, que temos em nosso poder e o mandamos registrar na camara de São Paulo, ano de 1762.

O capitão-mor governador Pedro Vaz de Barros faleceu com testamento em 1644. Foi casado com d. Luzia Leme (em título de Dias Paes, § 6.º, e em título de Lemos, cap. V, § 6.º), que faleceu com testamento aos 22 de Novembro de 1655, como se vê dos autos de inventario do cartorio Luzia Leme, e nele a de Pedro Vaz de Barros. E teve oito filhos naturais de São Paulo:

Valentim de Barros	Cap. I
Antonio Pedroso de Barros	Cap. II
Luiz Pedroso de Barros..................	Cap. III
Pedro Vaz de Barros	Cap. IV
Fernão Paes de Barros	Cap. V
Sebastião Paes de Barros	Cap. VI
Hyeronimo Pedroso, que faleceu solteiro	Cap. VII
D. Lucrecia Pedroso de Barros	Cap. VIII

1 — 1. Valentim de Barros, saiu de São Paulo a socorrer Pernambuco, possuido dos inimigos holandezes no ano de 1639 em posto de alferes de infantaria pago da companhia do mestre de campo Antonio Raposo Tavares. Tinha pedido este socorro a São Paulo o conde da Torre no sobredito ano, mandando levantar companhias de infantaria de oitenta homens com soldo os capitães de quarenta escudos por mês, cuja recruta foi encarregada ao fidalgo d. Francisco Rendon de Quevedo, que se achava casado, e morador em São Paulo. Tudo consta da camara de São Paulo, liv. de registros, título 1636, á fl. 96, 99 v. e 101. E liv...., n. 4,

Posse da Amazonia, por Fernandes Machado — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

ano 1658, á fl. 16 v. E caderno de registros, título 1640, á fl. 18, tudo do dito arquivo. E depois se encarregou a mesma recruta a Antonio Raposo Tavares, com o carater de governador com todo pleno poder para formar as companhias, como se vê da sua mesma carta patente de governador (vide em título de Raposo Tavares). Chegando Valentim de Barros á cidade da Bahia, nela se embarcou na armada com o conde de Castello-Novo, e marquês de Montalvão, dom Jorge Mascarenhas, contra os holandezes. E porque estes já se tinham apoderado do centro da cidade de Pernambuco e seus contornos, voltou por terra com as armas em atual exercicio contra o inimigo até se recolher á cidade da Bahia na companhia do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, (* o A. conta este sucesso muito por extenso, e com alguma pequena diferença no título de Rendons, n. 2). Servindo com distinção de valoroso soldado o alferes Valentim de Barros, com sua pessoa e os seus indios, que levou de São Paulo: e na Bahia o marquês vice-rei o melhorou de patente, passando-lhe a de capitão de infantaria. Tudo o referido se vê melhor no seu instrumento de que temos feito menção, cujos autos originais se processaram na vila de São Vicente em 1643, como fica referido. Casou o capitão Valentim de Barros na cidade de Bahia com d. Catharina de Góes e Siqueira, natural da mesma cidade (irmã inteira de João Góes de Araujo, que foi ouvidor do civel da relação daquela cidade pelos anos de 1666, e de quem se serviu el-rei dom Affonso VI encarregando-lhe varias negociações, entre as quais foi a fabrica de fragatas de alto bordo no Estado do Brasil por carta firmada do seu real pulso de 16 de Dezembro de 1666, o que o mesmo senhor mandou participar aos oficiais da camara de São Paulo para comunicarem com o dito desembargador as materias dos interesses da capitania de São Paulo, o que melhor se vê no lugar á margem citado). Esta d. Catharina foi filha de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher d. Angela de Siqueira, ambos naturais da cidade da Bahia. Neta por parte paterna de Gaspar de Araujo, natural da vila de Ponte de Lima, e de sua mulher d. Catharina de Góes, natural de Lisboa. E pela materna neta de Sebastião Pedroso Barbosa, natural da vila de Vianna do Minho, e de sua mulher d. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia. Tudo se vê das inquirições de *puritate et nobilitate probanda* do desembargador João de Góes de Araujo, para ler no paço, em Lisboa. Jorge de Araujo Góes, pai de d. Catharina e do desembargador João de Góes, foi irmão inteiro de Simão de Araujo de Góes, que serviu na Bahia por espaço de quarenta anos em que fez na guerra varios serviços especialmente no ano de 1624. Foi pai de Ignacio de Araujo de Góes, que faleceu na guerra em 1638, defendendo a Bahia; de Antonio de Araujo de Góes, que foi alferes de infantaria na mesma cidade desde 1633 até 1641, e de Francisco de Góes de Araujo que teve mercê do

habito de Cristo com 40$ de pensão em comenda, cujo padrão se acha registrado na Bahia. São as mercês de 10 de Março e 6 de Abril do dito ano, e do padrão delas consta todo o referido.

Falecendo em São Paulo o capitão-mor governador Pedro Vaz de Barros pelos anos de 1644, como fica referido, se resolveu o capitão Valentim de Barros largar a Bahia e vir morar em São Paulo, sua patria, trazendo consigo sua mulher d. Catharina, á qual tambem acompanhou a irmã d. Leonor de Siqueira, de quem faremos menção no cap. III deste título, e o irmão André de Góes de Siqueira, que veiu depois provido em provedor e contador da fazenda real da capitania de São Vicente e São Paulo, por provisão de d. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos e vice-rei do Estado, passada na Bahia, aos 30 de Março de 1666, que se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, no livro 4.º registros, á fl. 42.

Faleceu o capitão Valentim de Barros, em São Paulo, com testamento, aos 18 de Janeiro de 1651 (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço de inventarios, letra V, o de Valentim de Barros). E teve dois filhos, que foram:

Fernando, de nove anos, quando faleceu o pai.

João, de seis anos no dito tempo.

A viuva d. Catharina passou a segundas nupcias em 1654, com o fidalgo d. João Matheus Rendon, que tambem se achava viuvo de sua primeira mulher d. Maria Bueno de Ribeira, e se ausentaram de São Paulo a viver na comarca do Rio de Janeiro, e fizeram assento na Ilha Grande, onde já residiam pelos anos de 1656, o que tudo se vê no inventario acima citado. Na companhia da mãi foram os dois filhos de d. Catharina para o Rio de Janeiro, e ignoramos se faleceram solteiro ou o estado que tiveram.

CAPíTULO II

1 — 2. Antonio Pedroso de Barros, que igualmente cavalheiro pelo nascimento e ações, como potentado pela grandeza de seiscentos indios, que possuiu para cultura das suas fazendas, foi casado na matriz de São Paulo, aos 3 de Outubro de 1639, com d. Maria Pires de Medeiros (filha de Salvador Pires e de sua mulher, a matrona d. Ignez Monteiro). Em título de Alvarengas, § 2.º. Faleceu em 1.º de Maio de 1651 (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço 1.º, letra A, inventario de Antonio Pedroso de Barros). E teve do seu matrimonio quatro filhos, naturais de São Paulo:

2 — 1. Pedro Vaz de Barros .... § 1.º
2 — 2. Antonio Pedroso de Barros .... § 2.º
2 — 3. D. Ignez Pedroso de Barros .... § 3.º
2 — 4. D. Luiza Leme de Barros .... § 4.º

§ 1.º

2 — 1. Pedro Vaz de Barros, cuja grandeza de cabedais e tratamento de sua casa foi igual a de seu pai e avós. Foi morador no sítio de que faz menção o padre-mestre Manoel da Fonseca, na *Vida do padre Belchior de Pontes,* cap. XXII, pág. 126 *usq* pág. 131. A sua fazenda do Cutaúna era como uma vila, pelo grande número de casarias, e bem arruadas, que nela havia, com uma capela, onde se oficiavam os sacramentos por se compôr aquela fazenda de mais de seiscentas almas. Soube antes de morrer lucrar a bemaventurança, como se pode ver no já citado livro *Vida do padre Pontes.* Faleceu com testamento, aos 22 de Março de 1695. Foi casado com d. Maria Leite de Mesquita. Em título de Mesquitas, e nele toda a sua descendencia (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra P, o de Pedro Vaz de Barros).

2 — 2. Antonio Pedroso de Barros, que no batismo teve o nome de Salvador. Faleceu com testamento, aos 24 de Outubro de 1677. Foi casado com d. Maria Leite de Proença, filha de Pedro Dias Leite e de d. Anna de Proença. Em título de Taques, § 3.º, n. 2—8 (Cartorio de orfãos da vila de Parnaíba, n. 238, inventario de Antonio Pedroso Barros). E teve filha unica:

3 — 1. Maria Pires da Silva, que casou com Nuno de Campos, em título de Campos, cap. VII, e ahi a sua descendencia.

§ 3.º

2 — 3. D. Ignez Pedroso de Barros, faleceu solteira a tempo que seus pais a tinham contratado para casar com Estanisláo de Campos, excelente estudante de gramatica latina, o qual, vendo morta sua futura esposa, tomou a roupeta da companhia, onde foi o maior barrete da provincia.

§ 4.º

2 — 4. D. Luiza Leme de Barros, foi casada com Manoel de Campos Bicudo, que faleceu em São Paulo, com testamento, aos 16 de Maio de 1722 (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço 7.º, de inventario, letra M, o de Manoel de Campos). Foi este abastado de cabedais, e tão gordo, que até o seu tempo não teve parelha com outrem na corpulencia. E teve cinco filhos: em título de Campos, cap. III.

CAPÍTULO III

1 — 3. Luiz Pedroso de Barros, que, não devendo rejeitar as ocasiões do real serviço, foi um dos cavalheiros de São Paulo, que (com os muitos indios que possuia em grande número) passou

de socorro para a Bahia, e daquela cidade para a de Pernambuco, feito já capitão de infantaria, em cujo posto saíu de São Paulo na mesma ocasião da recruta que se formou por ordem do conde da Torre, como já dissemos no cap. I, tratando de seu irmão Valentim de Barros. Casou na cidade da Bahia, com dona Leonor de Siqueira, que era irmã inteira de d. Catharina, como fica referido no dito capítulo. Passou da Bahia para São Paulo, sua patria trazendo sua mulher. E, não contente com os anos que consumiu na guerra, em serviço da real coroa, ainda passou ás Indias de Hespanha, ao sertão do reino do Perú, chamado dos Serranos, onde faleceu, em 1662, como se vê do inventario feito dos seus bens em dito ano, no juizo de orfãos da vila de Parnaíba, n. 170. Sua mulher, d. Leonor de Siqueira, sobreviveu muitos anos, e foi a que concorreu com muita parte do seu cabedal para se fazer de pedra e cal a torre da igreja do colegio dos jesuitas de São Paulo, em tempo do reitor o padre Antonio Rodrigues, varão de acreditada virtude. Para aplicar esta obra, com sua presença ia muitas vezes d. Leonor estimular aos mestres e oficiais, que com efeito, em sua vida teve o gosto de a ver completamente acabada, e é uma das obras (até como primeiro desta natureza) mais excelentes que há na cidade de São Paulo, pela sua eminencia e construção. Na mesma cidade faleceu d. Leonor de Siqueira, com testamento, a 9 de Dezembro de 1703 (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço dos residuos, letra L, o testamento de d. Leonor de Siqueira). E teve do seu matrimonio só duas filhas, que foram:

2 — 1. D. Maria de Araujo .... § 1.º
2 — 2. D. Angela de Siqueira .... § 2.º

2 — 1. D. Maria de Araujo, foi batizada na matriz de São Paulo, aos 20 de Agosto de 1645. Foi casada com Lourenço Castanho Taques. Em título de Taques, § 3.º, n. 2—1, e ha ahi sua descendencia.

§ 2.º

2 — 2. D. Angela de Siqueira, que na matriz de São Paulo recebeu o sagrado batismo, em 1.º de Julho de 1648, casou duas vezes: a primeira com Sebastião Fernandes Corrêa, segundo provedor e contador proprietario da fazenda real da capitania de São Paulo. Em título de Freitas, cap..... E teve unico filho:

3 — 1. Timotheo Corrêa de Góes, terceiro provedor e contador proprietario da fazenda real da capitania de São Paulo, em título de Godoy. Com sua descendencia.

Segunda vez casou d. Angela de Siqueira com Pedro Taques de Almeida, cavaleiro fidalgo da casa real, capitão-mor governador. Em título de Taques, cap. III, § 3.º, vol. 90, n. 2—3. Com sua descendencia.

CAPÍTULO IV

1 — 4. Pedro Vaz de Barros, fundador e padroeiro da capela de São Roque, termo da vila de Parnaíba, que, depois, foi ereta em freguezia. Nesta sua capela teve Pedro Vaz de Barros a sua maior assistencia. Foi a sua casa e fazenda uma povoação tal, que bem podia ser vila, e ainda hoje as casas, que foram da sua residencia, servem de padrão que lhe acusam a maior magnificencia, como obra daquele tempo. Teve muito grande tratamento, correspondente aos grossos cabedais que possuia, entre cujos moveis teve uma copa de prata de muitas arrobas. A sua casa era diariamente frequentada de grande concurso de hospedes, parentes, amigos e estranhos, que todos concorriam gostosos a fazer-lhe uma obsequiosa assistencia. Todos eram agazalhados com grandeza daquela mesa, na qual, com muita profusão, havia pão e vinho da propria lavoura, e as iguarias eram vitelas, carneiros e porcos, além das caças terrestres e volateis, das quais os seus caçadores atualmente conduziam com fartura, e por isso de tudo havia com abundancia, e com tanta prevenção, que, a qualquer hora da tarde que chegavam novos hospedes, estava a mesa pronta, como se para este fora conservada. Foi cognominado Grande, chamando-se-lhe assim pelo idioma brasílico: Pedro Vaz *Guassú,* que quer dizer grande. Teve honrosissimas cartas de el-rei d. Affonso VI e de el-rei d. Pedro II, sendo principe regente, para se descobrirem e examinarem as minas de ouro, prata e cobre, no têrmo da vila de Sorocaba, insinuadas a el-rei pelo capitão-mor Luiz Lopes de Carvalho, a quem acompanharam o alcaide-mor Hyacinto Moreira Cabral e seu irmão, o coronel Paschoal Moreira Cabral, mandando sua magestade, por carta de 2 de Maio de 1682, expedida ao governador do Rio de Janeiro, que esta diligência se encarregasse a Fr. Pedro de Sousa, o qual havia de ser auxiliado de Pedro Vaz de Barros, a quem o mesmo senhor escreveu para este efeito em 2 de Maio de 1682. Tudo o referido consta na secretaría do conselho ultramarino, no livro das cartas do Rio de Janeiro, que principia em 28 de Março de 1673, á fl. 30 e seguintes.

O seu nome foi respeitado em todo o Brasil com veneração. Governando a cidade da Bahia Alexandre de Sousa Freire, escreveu este a Pedro Vaz de Barros, em 15 de Novembro de 1669, expondo-lhe os danos e hostilidades que experimentavam os moradores do reconcavo da Bahia dos barbaros indios, que, em repetidos assaltos, iam acabando aos ditos moradores, pedindo-lhe quizesse ir de socorro para conquistar os reinos dos ditos barbaros, e fazer nisto particular serviço a sua magestade, e resgatar a Bahia da infecção destes indios. Teve efeito este socorro no mês de Maio de 1671, em que, na vila de Santos, se embarcou a recruta desta gente, que, chegando a salvamento á Bahia, penetraram o sertão, onde conseguiram tão feliz vitória contra os barbaros, que o governador geral se antecipou a dar conta dela em 1673, aos oficiais da

Camara de São Paulo, para que aplaudissem a gloria dos seus naturais, que inteiramente tinham destruido os principais reinos e aldeas, que havia muitos anos infeccionavam aquele Estado. Foi tão grande esta vitória, que a relação do mesmo Estado e a Camara daquela cidade escreveram tambem á de São Paulo, agradecendo todo este particular serviço. Destruidos os inimigos, morreram dos prisioneiros acima de oitocentos homens, no mesmo sertão, de uma quasi peste, e só chegaram à cidade mil e quinhentos, os quais foram repartidos pelos soldados e cabos de guerra, da qual foi encarregado, com o carater de governador, Estevão Ribeiro Bayão Parente, na forma do assento que antes desta guerra se havia tomado em relação sobre o cativeiro destes inimigos, com presidencia do governador geral do mesmo Estado, depois de ouvidos os teologos que, na materia, deram o seu voto. (* Tal era a moral e o direito das gentes daquele tempo! Mas, sem o interesse do serviço dos indios, não teriam feito os paulistas tão dilatadas e pasmosas jornadas pelo sertão, que ocasionaram os descobrimentos que hoje estão povoados). Tudo o referido se vê melhor no arquivo da Camara de São Paulo, no livro de registros das cartas, n. 4.º, título 1674, desde fl. 64 até fl. 96 v. (* Em meu poder existe um documento, pelo qual consta que este capitão Pedro Vaz de Barros tinha mais de mil e duzentos indios e indias, além da sua familia, na sua fazenda de São Roque, que hoje é freguezia).

Não casou Pedro Vaz de Barros, mas teve varios filhos bastardos, havidos em diversas mulheres, que por todos foram nove, que são os seguintes: Braz Leme de Barros; Joanna, que casou com João da Silva Ferreira, e Maria, todos havidos em Justina, mulher *mameluca* (em São Paulo, assim chamam as que são netas de india de quatro costados com homem branco); Isabel, havida em Catharina; Lourença, havida em Theresa; Margarida, havida em Rufina; Marianna, havida em Maria; Paschoa e Leonor, ambas havidas em Barbara, como tudo consta do inventario do capitão Pedro Vaz de Barros, que faleceu com testamento, a 30 de Agosto de 1676 (Cartorio de orfãos da vila de Parnaíba, inventarios, n. 396, o do capitão Pedro Vaz de Barros).

Ao sobredito filho bastardo Braz Leme de Barros fez herdeiro do seu grande cabedal, quando o casou com Ignacia Paes, que era filha mulata de seu irmão Fernão Paes de Barros, do cap. V, adiante, e lhe deixou a administração da capela de São Roque, com pensão de cinco missas cada ano pela sua alma, com substituição aos filhos do mesmo Braz Leme, e na falta destes a algum genro mais idoneo. O dito Braz Leme teve um filho de sua mulher Ignacia Paes, que foi Pedro Vaz de Barros, chamado o coxo, que casou com Catharina do Prado e ficou sendo o administrador da capela de São Roque. Sem geração.

1 — 5. Fernão Paes de Barros tambem foi um dos cavalheiros do maior respeito e tratamento. Para credito do grande ardor, que sempre conservou, zeloso do serviço da real coroa, basta só a honrosissima carta que lhe escreveu o principe d. Pedro, firmada

pelo seu real pulso em 12 de Novembro de 1678, cuja copia é a seguinte:

"Fernão Paes de Barros. — Eu o principe vos envio saudar. O governador d. Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio do meu serviço, que, pondo-se em efeito, redundará em aumento de meus vassalos, principalmente dos que vivem nessa repartição do sul. E porque estou inteirado do zelo com que vos haveis em varios particulares de meu serviço, espero que neste ajudeis a d. Manoel Lobo com a vossa pessoa, escravos e mais o que a vossa possibilidade der lugar, para que se consiga o que se pretende, e me ficará em lembrança para vos fazer mercê. Escrita em Lisboa a 12 de Novembro de 1678. — *Principe* — Para Fernão Paes de Barros".

A natureza dos seus serviços consta dos autos de justificação, que fez deles em São Paulo aos 13 de Agosto de 1685, sendo escrivão o tabelião Roque Mendes da Silva e juiz ordinario Diogo Barbosa Rego. Destes autos consta que Fernão Paes de Barros assistira sempre com sua pessoa, fazenda, criados escravos, e acudira a todos os rebates da praça de Santos, em tempos que os holandezes infestavam a costa. Vindo a São Paulo o dr. Damião de Aguiar, corregedor da capitania, a prender a Manoel Coelho da Gama, regulo facinoroso, como com efeito o prendeu, intentaram os sequazes do mesmo regulo tirá-lo em caminho, matando ao dito corregedor, e para evitar este risco foi Fernão Paes de Barros acompanhar até á vila de Santos o dito dr. desembargador, escoltando-o á sua custa com um grosso corpo de armas, que para isso formou. Achando-se em São Paulo o corregedor Sebastião Cardoso de São Payo, acompanhou-o tres leguas a pé para se destruir uma casa forte, guarnecida de criminosos reos em culpa capital, para cuja ação levou Fernão Paes de Barros muitos dos seus parentes, criados e escravos. Escrevendo-lhe o principe d. Pedro em 27 de Setembro de 1664 que desse ajuda e favor ao governador Agostinho Barbalho Bezerra, que vinha enviado para o descobrimento das minas das esmeraldas, deu-lhe Fernão Paes de Barros da sua fazenda mil varas de pano de algodão, armas e mantimentos para a jornada que fazia dito Barbalho, com sessenta arrobas de carne de porco, que tudo consta, assim, da certidão que no conteúdo se lhe passou em 9 de Agosto de 1666. Quando chegou a São Paulo o tenente-general Jorge Soares de Macedo, e apresentou em camara, aos 30 de Novembro de 1678, as reais ordens que trazia para a diligencia, a que vinha de ir a Montevidéo a descobrimento de minas de prata, por se achar a real fazenda da provincia de Santos sem dinheiro algum; comunicando Jorge Soares esta materia com Fernão Paes de Barros, este entregou aos oficiais da camara de São Paulo 300$ em moeda corrente, oferecendo tambem toda a prata da sua copa para que se vendesse, fundisse ou empenhasse, de sorte que por falta de dinheiro não perecesse o real serviço na diligencia para que vinha destinado dito Jorge Soares.

Desta ação se lavrou termo na camara de São Paulo, que existe no livro de vereanças, título 1675, á fl. 63 v. E á fl. 69 consta mais que o mesmo Fernão Paes dera tres homens do gentio da terra, bons sertanistas, para acompanharem dito Soares na jornada, para a qual fez grande despesa, sem fruto algum, a qual consta do dito livro, de fl. 62 até fl. 75 (* O autor faz aqui a enumeração das pessoas e generos que levou o dito Jorge, que embarcou em Santos em Janeiro de 1679). No sobredito livro, á fl. 82 consta mais que Fernão Paes andava no real serviço gastando a maior parte da sua fazenda.

Quando se estabeleceu a paz de Holanda em cinco milhões, e o casamento da infanta de Portugal D. Catharina em dois milhões, pediu el-rei D. Pedro aos seus vassalos um donativo para pagamento dos sete milhões (vide *America Portugueza*), e Fernão Paes de Barros se distinguiu entre os mais paulistas, dando para o dito chapim em moeda corrente 600$. Vindo a São Paulo o fidalgo D. Manoel Lobo em 1679, pelo qual o mesmo principe D. Pedro escreveu a Fernão Paes de Barros a carta de que já acima fizemos menção, o hospedou todo o tempo que D. Manoel Lobo esteve em São Paulo, com tanta grandeza, como se vê da carta que ele escreveu da Nova Colonia, com data de 25 de Fevereiro d 1680, que se acha registrada no arquivo da camara de São Paulo, livro de registros, título 1675, á fl. 74 v. E como o mesmo D. Manoel Lobo ia fundar a sobredita colonia do Sacramento lhe deu Fernão Paes de Barros, para ajuda dos gastos, 100$000 em dinheiro e tres cavalos dos melhores que tinha na sua cavalhariça.

Querendo passar da vila de Santos para São Paulo D. Rodrigo de Castello-Branco, superintendente-geral dos descobrimentos das minas do ouro e prata, lhe faltavam, para conduzir a fabrica de Sua Alteza, os indios das aldêas do real padroado, e a tudo supriu Fernão Paes de Barros, mandando para o Cubatão á sua custa o troço de gente que bastou de trinta leguas fazer numa feitoria de Tabatinga para a condução do dito D. Rodrigo e fabrica que trazia, pertencente á fazenda real, á cuja provedoria poupou Fernão Paes o melhor de 100$, como consta das certidões dos seus serviços. Querendo que se descobrissem minas de prata ou de ouro, em que tanto se interessava o real erario, mandou á sua custa e com grande despesa (distante de São Paulo mais de trinta leguas) fazer uma feitoria de Tabatinga para assim conseguir-se o desejado fim do pretendido descobrimento.

Nisto se empregava Fernão Paes de Barros, em cuja casa e fazenda do sitio de Araçariguama fundou a capela de Santo Antonio, ornando o altar da capela-mor da igreja de excelente talha, toda dourada, cuja administração e padroado se conserva ainda hoje na familia de João Martins Claro, que foi seu genro pelo casamento de sua filha mulata Ignacia Paes, viuva de Braz Leme de Barros, em quem falámos no cap. IV precedente. Foi casado na cidade do Rio de Janeiro com d. Maria de Mendonça, que,

conduzida para esta cidade de São Paulo, teve o tratamento que merecia, como esposa de tão nobre cavalheiro, e fazendo-se conduzir em cadeira de telhadilho, a primeira que até aquele tempo apareceu em São Paulo. Não teve fruto algum do seu matrimonio, porque tendo justificada causa para o divorcio ou repudio, por haver bastante prova contra a pureza de sangue desta senhora, ficou ela gozando sempre as estimações e tratamento de legitima mulher de Fernão Paes de Barros; mas este se apartou totalmente de fazer com ela vida marital. E assim faleceu sem deixar filhos; e sobrevivendo muitos anos seu marido veiu este a acabar a vida aos 30 de Março de 1709, com testamento, no qual resplandecem as obras pias do seu fidalgo animo.

No estado de solteiro teve Fernão Paes de Barros de uma crioula de Pernambuco uma filha, que foi Ignacia Paes, que, dispensada no impedimento de segundo grao de consanguinidade, casou com seu primo direito Braz Leme de Barros, de quem falamos no capítulo retro; e, falecendo este poucos anos depois de casado, deixou a sua mulher por herdeira universal, e juntado-se este grande cabedal ao que possuia Fernão Paes de Barros, conseguiu este o grande casamento (que facilitou o interesse) com João Martins Claro, sargento-mor que havia sido das ordenanças em Miranda do Douro, sua patria, que passou a São Paulo acompanhando em real serviço ao governador D. Manoel Lobo, acima mencionado, e observando a grandeza com dito governador Lobo fora hospedado em casa de Fernão Paes todo o tempo, que foram muitos meses que se demorou em São Paulo, se deixou vencer do avultado dote para casar, como casou, com Ignacia Paes, de cujo matrimonio houveram filhas, que todos casaram muito bem, de que hoje ha ramos, que, com honroso procedimento, têm conciliado estimações de toda a nobreza. Ainda existe em 1762 D. Luzia Leme, mulher de Christovão Monteiro de Carvalho, natural de Freixo de Espada á Cinta, e não duvidou o Exmo. Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e de São Paulo servir de padrinho na pia do primeiro filho, que em vida de Fernão Paes de Barros nasceu da dita D. Luzia Leme, o qual, em memoria de tão ilustre padrinho, tomou o nome de Arthur.

CAPÍTULO VI

1 — 6. Sebastião Paes de Barros. Achou-se em qualidade de cabo em Tocantins, e el-rei lhe escreveu a seguinte carta... (*)

Achou-se tambem no Maranhão com o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Foi casado com D. Catharina Tavares, filha de Francisco de Miranda de sua mulher D. Isabel Paes, que são Cerqueiras. Dona Catharina Tavares faleceu em 1671, e seu marido Sebastião Paes de Barros faleceu com testa-

(*) Falta no manuscrito. (*Nota da redação*).

mento aos 22 de Março de 1674. Tiveram varios filhos, dos quais eram vivos para herdeiros da fazenda cinco (Cartorio de orfãos da vila de Parnaíba, n. 243, inventario do capitão Sebastião Paes de Barros. E n. 219, inventario de Catharina Tavares).

2 — 1. D. Maria Pedroso .... § 1.º
2 — 2. Antonio Pedroso Leme, faleceu solteiro .. § 2.º
2 — 3. D. Lucrecia Pedroso .... § 3.º
2 — 4. D. Leonor Leme .... § 4.º
2 — 5. D. Luzia Leme .... § 5.º

§ 1.º

2 — 1. D. Maria Pedroso de Barros, casou com capitão João Coelho da Fonseca, natural da vila de Santos, e faleceu na de São Vicente a 15 de Dezembro de 1686, filho de Constantino Coelho Leite, natural da vila de Pinhel, e de sua mulher Maria da Fonseca, natural de São Vicente. Este Constantino Coelho Leite serviu nas guerras de Pernambuco até a sua restauração contra os holandezes, em posto de alferes. Foi despachado em capitão da fortaleza da Barra Grande de Santos, que serviu alguns anos, e, dando baixa, se passou para a vila de São Vicente, onde deixou nobre e dilatada familia. Do matrimonio de D. Maria Pedroso com o capitão João Coelho houveram cinco filhos, naturais de São Vicente:

3 — 1. Catharina Paes de Miranda, foi casada com Antonio de Castro Vieira, natural de Lisboa; foi moradora da vila de Itú, tendo sido antes da de São Vicente, onde teve fazenda de cultura, com 330 braças de terra, no sitio chamado Piticuára. Faleceu na vila de Itú a 20 de Fevereiro de 1721 como consta do seu testamento no residuo da ouvidoria de São Paulo, maço letra A. E teve nove filhos:

4 — 1. Antonio de Castro Vieira.
4 — 2. João Coelho.
4 — 3. Francisco Martins.
4 — 4. Manoel de Castro.
4 — 5. José.
4 — 6. Sebastião.
4 — 7. Maria Pedroso de Góes, mulher de Pedro da Silva Ferreira.
4 — 8. Catharina Paes de Miranda.
4 — 9. Marianna de Castro.

(Vide Antonio Affonso, de alcunha o Padre Eterno: casou com uma destas filhas. Outra casou com o sargento-mor Bento José, que são os pais de José Caetano, chamado o Tatuira, que foi para Coimbra).

3 — 2. Lucrecia Coelho da Fonseca (filha de Maria Pedroso, § 1.º). Casou com José de Araujo Guimarães, natural da freguezia de São Sebastião da vila de Guimarães, filho de Antonio Alves e de sua mulher Catharina de Araujo, faleceu na vila de São Vicente em 1758, sendo capitão da ordenança da dita vila onde sempre ocupou os postos da república, e foi pessoa de estimação e respeito. E teve oito filhos, naturais da dita vila de São Vicente:

4 — 1. Sebastião Alves de Araujo, que casou na vila da Conceição de Itanhaem. Sem geração.

4 — 2. João Coelho da Fonseca, casou nas minas do Cuiabá com...., filha de Isabel de Campos e Pedro Corrêa de Godoy, em título de Campos, cap. VII, § 6.º, n. 3—3.

4 — 3. Prudente Coelho de Araujo.

4 — 4. Josepha Maria da Conceição.

4 — 5. Antonia Tavares de Araujo, casou com Placido Lopes. Sem geração.

4 — 6. Alexandre Coelho de Araujo, casado na vila de São Vicente com Theresa de Jesus Rangel, natural da mesma vila, filha de José Pereira Botelho, natural da vila de Alcoentre, e de sua mulher Maria Rangel, natural da vila de Santos, filha de João Pinto Rangel, natural da capitania do Espirito Santo, e de sua mulher Catharina Pantoja da Rocha. E teve dois filhos:

5 — 1. José da Annunciação Coelho, habilitando de *genere*.

5 — 2. Maria Flora da Conceição, solteira em 1767.

4 — 7. Carlos Pedroso de Araujo, casou na vila de Parnaíba com Paschoa Leite Forquim, filha de Bernardino dos Santos Forquim e de sua mulher Maria do O' Lara, em título de Taques, cap. III, § 8.º, n. 3—2.

4 — 8. Catharina de Araujo, casou em São Vicente com José da Fonseca Calaça, seu primo em terceiro gráo, em cujo impedimento foram dispensados, filho de Manoel da Fonseca Calaça e de sua mulher Helena Dias, natural de São Paulo, filha de Garcia Rodrigues Betink e de sua mulher Joanna Corrêa; em título de Betink.

3 — 3. Sebastiana Pedroso (filha de Maria Pedroso do § 1.º). Casou em São Vicente com Antonio de Faria Vilas-Boas, natural de Lisboa. Sem geração. Porém, estando ausente seu marido dito Villas-Boas, adulterou com cunhado Ignacio da Costa de Siqueira, alferes de infantaria da praça de Santos da companhia de seu pai o capitão de infantaria Luiz da Costa de Siqueira, de quem fazemos abaixo menção no n. 3—4. Deste incesto teve Sebastiana Pedroso tres filhas, que foram expostas em diversas casas, e foram:

4 — 1. Rita Maria de Araujo, exposta em casa do capitão Martinho de Oliveira Leitão e de sua mulher dona Apolonia de Araujo. Foi criada com estimações e amor de verdadeira filha, até que a dotaram e a fizeram herdeira de muita parte dos seus

bens. Casou na matriz da vila de Santos em 1737 com Domingos Moreira, natural da freguezia de São Thiago da Carreira, no bispado do Porto, filho de Miguel Moreira e de sua mulher Anna Maria, ambos da mesma freguezia. Tem servido na república da camara de Santos repetidas vezes. E teve cinco filhos, naturais de Santos:

5 — 1. Fr. José Braz de Sant'Anna, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro.

5 — 2. Maria Francisca.

5 — 3. Anna Leonisa.

5 — 4. Antonio Francisco Moreira, que foi para Coimbra em 1767.

5 — 5. Rita Silveira.

4 — 2. Anastacia Francisca (filha de Sebastiana Pedroso, n. 3—3), foi exposta na vila de Santos em casa de João Francisco Espinheiro, que a criou com amor de verdadeira filha, e a casou com Bartholomeu Bueno Cacunda, que dizem fora filho de um José Tavares de Ledesma e de sua mulher Maria Bueno, meia irmã por parte de pai do Rev. D. abade do mosteiro de São Paulo Fr. Bartholomeu da Conceição, filho de Bartholomeu Bueno, o qual, sendo solteiro, teve de uma mulher branca a esta filha Maria Bueno. E teve seis filhos, naturais de São Paulo:

5 — 1. Bernardino José Bueno, foi morto de um tiro que lhe deu um *carijó* em 1758.

5 — 2. Maria Theresa.

5 — 3. Isabel.

5 — 4. Anna.

5 — 5. Bartholomeu Bueno.

5 — 6. José.

4 — 3. Maria Leme de Siqueira (terceira filha de Sebastiana Pedroso n. 3—3), existe solteira em Santos em 1770.

3 — 4. D. Maria de Miranda Tavares, casou em São Vicente com Ignacio da Costa de Siqueira, natural da vila de Setubal, alferes de infantaria da praça de Santos da companhia de seu pai Luiz da Costa de Siqueira, capitão de infantaria da mesma praça e primeiro comandante da fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, em tempo do governador Jorge Soares de Macedo e de sua mulher D. Luiza da Cruz, ambos naturais da vila de Setubal. E teve quatro filhos, naturais da vila de São Vicente:

4 — 1. Luiz da Costa de Siqueira.

4 — 2. Ignacio da Costa de Siqueira, soldado da praça de Santos.

4 — 3. Francisco de Miranda Tavares.

4 — 4. Maria de Miranda Tavares, mulher de José Luiz Favacho, natural de Itanhaem.

3 — 5. Leonor Pedroso (filha do § 1.º). Casou com Balthazar Ribeiro Garcia, natural de São Paulo, filho de Antonio Ribeiro e de Isabel Garcia. E teve dois filhos:

4 — 1. Antonio Ribeiro, faleceu solteiro.

4 — 2. Maria Ribeiro, moradora em Itanhaem.

§ 2.º

2 — 2. Antonio Pedroso Leme, faleceu solteiro.

§ 3.º

2 — 3. D. Lucrecia Pedroso, foi casada com Miguel Soares, e fizeram doação de todos os bens ao Hospicio dos religiosos carmelitas da vila de Itú. Sem geração.

§4.º

2 — 4. D. Leonor Leme, casou tres vezes: primeira com Diogo Bueno, segunda com Francisca da Fonseca Falcão, terceira com Miguel Garcia, todas sem geração.

§ 5.º

2 — 5. D. Luzia Leme, foi casada com.... Leitão da Fonseca. Sem geração.

ČAPÍTULO VII

1 — 7. Hyeronimo Pedroso, faleceu solteiro.

CAPÍTULO VIII, Último

1 — 8. D. Lucrecia Pedroso de Barros, foi casada com Antonio de Pimentel, sujeito de conhecida nobreza, pela qual teve em São Paulo e na Bahia grandes estimações. Era natural de Portugal, mas ignoramos a sua patria. Depois de viuvo passou Antonio de Almeida para a cidade da Bahia, onde casou segunda vez e deixou filhos, dos quais houve descendencia, que existe ali bem conhecida pela sua qualidade, e na Sé catedral daquele arcebispado se acharam memorias dos muitos conegos que nela tem ocupado as suas cadeiras. Passou depois o mesmo Antonio de Almeida para o reino de Angola, onde faleceu em 1653. Sua primeira mulher d. Lucrecia Pedroso havia falecido em São Paulo

em 1648, como consta do cartorio de orfãos de São Paulo, maço de inventarios, letra U, no de Valentim de Barros, em que por apenso se acham os autos de inventario de Antonio Pimentel, que do seu primeiro matrimonio teve em São Paulo filha única.

PARAGRAFO UNICO

2 — 1. D. Maria de Almeida Pimentel, que na matriz de São Paulo foi batizada aos 4 de Outubro de 1648. Esta senhora casou com o capitão-mor Thomé de Lara e Almeida, morador em Sorocaba, onde ambos faleceram. Em título de Taques, cap. III, § 4.º, e aí toda a sua descendencia.

PRIMEIRA ADENDA Á FAMILIA RENDON

Á paginas 147 do tomo 34, parte segunda, deve-se acrescentar o seguinte:

3 — 1. Pedro Taques de Almeida, que sendo opositor muitos anos na universidade de Coimbra, nela soube estabelecer um perpetuo louvor pelo merecimento da literatura, com que se fez estimado entre os opositores de seu tempo. Nas ostentações de 1735 obteve honrosissimas informações dos vogais; porém, podendo mais que o merecimento proprio a respeito, ficou preterido, assim como outros muitos benemeritos opositores que se seguiram depois dele, sendo Taques o mais antigo entre todos. (* O autor se estende muito nos seus elogios e nas circunstancias que houverem, a substancia do mais é o seguinte: veiu o dr. Taques á Lisboa; falou ao primeiro ministro de Estado, o cardeal da Motta, que o recebeu benignamente e lhe deu esperanças. Sendo, porém, despachado outro para a cadeira que lhe pertencia, por patrocinio de fr. Gaspar Moscoso, representou esta injustiça ao cardeal que, instruido da magua da queixa que lhe assistia, assegurou-lhe que sua magestade lhe conferiria a mercê de beca para a Bahia; que a aceitasse, beijando a mão a sua magestade pela mercê. Porém Pedro Taques, que já se achava com avançados anos, refletindo bem nesta materia, achou que era melhor o asílo de uma religião. Assim destinou o céu, porque, no mesmo dia em que s. ex. lhe havia segurado a mercê de beca, recebeu pelo correio uma honrosissima carta do rev. d. abade geral de Tibaens, em que lhe oferecia a ilustre cogula do patriarca São Bento. Abraçou este acaso o dr. Taques, e, por não faltar á politica foi se despedir de s. ex., que, com aparencia de sentimento, lhe quiz voltar a resolução. Imediatamente partiu para Tibaens, onde recebeu o hábito, e depois de professo, e ordenado logo de presbitero, foi mandado residir no mosteiro de São Bento da Saude da corte de Lisboa. Nela passou alguns anos, como sacrificio de sua obediencia, porque a sua austera e bem religiosa vida se não acomodou com o estrondo da grandeza daqueles claustros. Pediu e conseguiu o rev. dr. Pedro Taques, digo dr. fr. Pedro da Conceição, a mudança para Tibaens, onde se lhe conferiu o pesado ministerio de pedagogo de noviços. No tempo de opositor em Coimbra foi admitido para familiar da santa inquisição de Lisboa, na qual obteve sentença para se lhe passar a carta pelos anos de 1725 ou 26. Já neste tempo estava religioso bento e se duvidou naquele tribunal passar-se carta de familiar a quem

já estava clausurado, e devia ser esta a de comissario ou a de qualificador.)

3 — 2. D. Francisco Taques Rendon, que aproveitando os estudos de gramatica latina e filosofia em São Paulo, no mesmo tempo de seu irmão Pedro Taques de Almeida, poz em desprezo o progresso das letras por querer fazer fiel companhia a seu pai d. Francisco Matheus Rendon, que então assistia nas Minas-Gerais. Recolhido para São Paulo, sua patria, desfrutou nela as estimações que lhe conciliavam as qualidades, não só do sangue, mas tambem as de prendas, entre as quais merecia os aplausos na arte de andar a cavalo, além da bela figura que tinha. Foi destro no tirar das lanças e igualmente nas escaramuças, para cujo exercicio o convidou a naturalidade do genio, por força do qual nunca reparou em preço para deixar de possuir bons e excelentes cavalos. Trajou sempre com luzimento e acompanhado de criados escravos, mulatos claros. Nunca admitiu prática de casamento, que, considerando com mais reflexão nos perigos da alma no estado de solteiro, o venceram as rogativas de sua mãi, que foi de uma vida escrupulosa e penitente. Casou, com acerto da eleição, com sua prima d. Maria de Almeida Lara, que naquele tempo era uma das senhoras que na freguezia da Penha de Araçariguama merecia os aplausos de mais formosa, e dotada de grandes virtudes, a que fazia, para merecimento de pretendida, concurso grande o dote que seus pais lhe destinavam. Venceu-se d. Francisco, e, conseguida a dispensação do parentesco, casou com sua prima dita d. Maria de Almeida Lara. Sem geração.

3 — 3. D. Maria de Araujo da Ascenção, que elegendo o estado de celibato, faleceu de bexigas, com avançada idade, no ano de 1762.

SEGUNDA ADENDA Á FAMILIA PAES LEME

Á pagina 7 do tomo 35, parte primeira, deve-se acrescentar o seguinte:

N. 4

D. Catharina Leme e João Rodrigues Paes, contador-mor. E teve:

D. Maria Paes, mulher de d. Antonio de Almeida, contador-mór. E teve, entre outros filhos:

3. — D. Diogo de Almeida, capitão de Dio, casou com d. Leonor Coutinho, filha de d. Filippe Lobo, trinchante, e de d. Joanna, filha de d. Luiz Coutinho. E teve:

4. — D. Maria Coutinho, mulher de Ruy Lourenço de Tavora, vice-rei da India, filho de Lourenço Pires de Tavora, camareiro-mor do infante d. Duarte (filho de Christovão de Tavora, mordomo-mor da infanta d. Guiomar Coutinho e de d. Francisca, filha de Fernão de Sousa Camello, senhor de Rolaz) e de d. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, eleito vice-rei da India, e de d. Joanna da Cunha, filha de d. Jayme Ferrer, governador de Valença. E teve:

5. — Alvaro Pires de Tavora, casou com d. Maria de Lima, filha de d. Lourenço de Brito, visconde de Vila-Nova, e de sua mulher d. Luiza de Tavora. Neta paterna de Luiz de Brito, sexto visconde de Vila-Nova (bisneta de Luiz de Brito Nogueira, senhor dos morgados de Santo Estevão de Boia e de São Lourenço de Lisboa, e d. Antonia de Castro, filha do regedor João da Silva). A viscondessa d. Leonor de Lima, filha de d. Francisco de Lima, quinto visconde, e d. Brites, filha de d. Pedro de Alcaçova, conde da Idanha. E pela materna neta de dona Luiza de Tavora, filha de Luiz de Alcaçova Carneiro, comendador da Idanha (bisneta de d. Pedro de Alcaçova, conde da Idanha, e d. Catharina, filha de d. Diogo de Sousa, alcaide-mor de Thomaz), d. Antonia de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, etc., e d. Catharina de Tavora, etc. E teve:

6. — D. Brites de Lima, casou com Jorge Furtado de Mendonça, filho de Lopo Furtado de Mendonça e de d. Isabel de Moura. Neto paterno de Jorge Furtado de Mendonça (bisneto de Lopo Furtado de Mendonça, filho de Jorge Furtado de Mendonça, camareiro-mor do sr. dom Jorge, e de d. Maria, filha de Nuno de Sousa, vedor da casa da rainha d. Leonor). D. Luiza da Silva,

filha de Jorge Barreto, comendador de Castro-Verde, e d. Joanna da Silva, filha de Fernão de Albuquerque, senhor de Vila-Verde, dito avô. Jorge Furtado de Mendonça, casou com d. Maria Telles, filha de d. Miguel Pereira, o chita (filho de d. Alvaro Pereira e de d. Maria, filha de Francisco Pestana, juiz da balança). D. Margarida de Castilho, filha de João de Castilho e Maria de Quinnilha. Neto pela parte materna de Christovão de Almada (bisneto de Fernão Rodrigues de Almada, provedor da casa da India, que foi filho de Ruy Fernandes de Almada, feitor em Flandres, onde houve em Isabel Caiada) e de d. Isabel de Tavora, filha de d. Luiz de Moura, estribeiro-mor do infante d. Duarte, e de sua segunda mulher d. Brites de Tavora. Dito Christovão de Almada casou com d. Luiza de Mello, senhora de Carvalhaes, filha de André Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes e Verdeminho (filho de Ruy Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes e Verdeminho (filho de Ruy Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes e Verdeminho. D. Anna da Cunha). D. Filippa de Mello, filha de Ruy de Mello, comendador de Ribas, e de sua segunda mulher d. Filippa Prestrelo. E teve:

7. — Lopo Furtado de Mendonça, conde de Rio-Grande, que casou com Maria Francisca. D. Antonia de Sá, filha de Francisco Barreto, governador-geral do Brasil e governador de Pernambuco no tempo da restauração desta cidade, e de d. Maria Francisca de Sá, sua primeira mulher, filha de Francisco de Sá, conde de Pennaguião, camareiro-mor de el-rei d. João IV, e de d. Brites de Lima, sua segunda mulher, filha de d. Luiz Lobo da Silveira (filho de d. Rodrigo Lobo e de d. Maria de Noronha, filha herdeira de Fernão da Silveira, senhor de Sartedos, e de d. Guiomar de Noronha). D. Joanna de Lima, filha de d. Diogo de Lima (filho de d. Antonio de Lima e d. Maria Boncanegra). D. Maria Coutinho, filha de Martim Affonso de Sousa, senhor de Gouvêa, e d. Joanna de Tovar.

O mesmo Alvaro Pires de Tavora do mesmo n. 5 retro e d. Maria de Lima tiveram mais uma filha, que foi:

6. — D. Joanna de Lima, mulher de Alexandre de Sousa Freire, do conselho de guerra, governador de Mazagão e geral do Estado do Brasil. E teve:

7. — D. Maria de Lima, mulher de seu tio Bernardim de Tavora.

Alexandre de Sousa Freire foi filho de Luiz Freire de Sousa e d. Maria de Aiala, sua primeira mulher. Neto paterno de Alexandre de Sousa Freire e de d. Maria de Aragão, filha de Luiz Carneiro, senhor da ilha do Principe, e d. Mecia, filha de Garcia de Sousa Chichorro. Dona Leonor de Athayde, filha de d. Rodrigues Manoel, senhor de Atalia, e d. Maria, filha de Nuno Fernandes de Athayde. Bisneto de João Freire (filho de Gomes Freire, senhor de Sousa, e d. Joanna, filha de João de Sousa, o Romanizio). Pela parte materna neto de Christovão de Mello, porteiro-

mór, e de d. Helena de Calatant, filha de João de Calatant (filho de João de Calatant e d. Alonsa Soares, camareira da rainha d. Maria), d. Maria de Azevedo. Bisneto de João de Mello, porteiro-mor (filho de Christovão de Mello, alcaide-mor de Serpa, d. Francisco da Cunha, filha de Alvaro Tello Barreto). D. Ignez de Castro, filha de d. Fernando de Castro e d. Maria de Aiala, filha de d. Pedro de Castro conde de Monsanto.

De Ruy Lourenço de Tavora e d. Maria Coutinho, n. 4 retro. Teve mais:

5. — D. Leonor Coutinho, mulher de d. Francisco da Gama, conde da Vidigueira. Filho de d. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, almirante da India, e de d. Maria de Athayde. Neto paterno de d. Francisca da Gama, conde da Vidigueira (filho de d. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, e d. Catharina, filha de Alvaro de Athayde, alcaide-mór de Alvor). D. Guiomar de Vilhena, filha de d. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, e d. Brites de Vilhena, filha de Ruy Telles de Menezes, senhor de Unhão, mordomo-mór da rainha d. Maria, e pela parte materna neto de d. Antonio de Athayde, conde de Castanheira (filho de d. Alvaro de Athayde, senhor de Castanheira, e d. Violante de Tavora, filha de Pedro de Sousa de Seabra). D. Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, senhor do Regadouro. D. Joanna da Silva, filha de d. Affonso de Vasconcellos, conde de Penela. E teve:

6. — D. Theresa de Alencastre, mulher de d. Jorge Manoel, filho de d. Hyeronimo Manoel, o Bacalhau, e de d. Maria de Mendonça. Neto paterno de d. Jorge Manoel (filho de d. Nuno Manoel e d. Leonor de Milão, filha de d. Jayme de Milão, conde de Albaida, e dito d. Nuno Manoel foi filho de fr. João Sobrinho, bispo de Ceuta). D. Leonor de Brito, filha de Gaspar de Brito (filho de Jorge de Brito, copeiro-mor de el-rei d. Manoel, e dona Violante, filha de Martim Vaz Pacheco). D. Branca Freire, filha de Luiz de Antas, alcaide-mor do Landroal, e d. Leonor, filha de Nuno Fernandes Freire. E pela materna neto de Manoel Telles Barreto, governador do Brasil, comendador de Aveiro (filho de Henrique Moniz Barreto, filho de Affonso Telles Barreto e Grimaneza Pereira, filha de Henrique Moniz, alcaide-mor de Silves). D. Maria de Mendonça, filha de João de Mendonça Cação e d. Filippa de Mello, filha de Vasco Fernandes de S. Payo, senhor de Vila-flôr. Dito Manoel Telles Barreto foi casado com d. Joanna da Silva, filha de Pedro Barreto, comendador de Almada (filho de Jorge Barreto de Castro, comendador de Almada, e d. Joanna da Silva, filha de Fernão de Albuquerque, senhor de Vila-Verde). D. Paula de Brito, filho de Nuno Martins da Mina, comendador de Panoias. D. Violante, filha de Estevão de Brito, alcaide-mor de Beia.

4. — Ruy Lourenço de Tavora e d. Maria Coutinho teve mais a

5. — Alvaro Pires de Tavora, casou com d. Maria de Lima, filha de d. Lourenço de Lima, visconde (filho de Luiz de Brito Nogueira e d. Joanna de Lima), e dona Luiza de Tavora, filha de Luiz de Alcaçova e d. Antonia de Tavora. E teve:

6. — D. Luiza de Tavora, casou com Luiz Francisco de Oliveira, morgado de Oliveira, filho de Martim Affonso de Oliveira e Miranda e d. Helena de Alencastre. Neto paterno de Joana Mendes de Oliveira e Miranda (filho de Martim Affonso de Oliveira e Miranda e d. Maria de Athayde). D. Brites de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Tavora e d. Filippa de Vilhena. E pela materna neto de d. João da Silveira (filho de d. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, e d. Maria de Menezes). D. Maria de Alencastre, filha de d. Luiz de Alencastre, comendador-mor de Aviz e de d. Margarida de Granada. E teve:

7. — D. Ignez, mulher de João de Saldanha e Sousa, mestre de campo, governador de Setubal, filho de Fernão de Saldanha, governador da ilha da Madeira, e de d. Ignacia de Noronha. Neto paterno de João de Saldanha, capitão-mor das naus da India, e de d. Maria de Noronha. Bisneto de Antonio de Saldanha (filho de Diogo de Saldanha e d. Maria de Bobadilha) e de d. Joanna de Mendonça, filha de Ayres de Sousa e d. Violante de Mendonça. Por sua avó bisneto de Fernão Telles, senhor de Unhão (filho de Manoel Telles, senhor de Unhão, e dona Margarida de Vilhena). D. Maria de Castro, filha de Jeronymo de Noronha e de Isabel de Castro. E pela parte materna neto de d. Manoel de Sousa e d. Leonor Zuzarte, bisneto de d. Antonio de Sousa (filho de d. Martinho de Sousa e d. Isabel Pereira) e d. Leonor de Noronha, filha de d. Fernando de Noronha e d. Margarida Corrêa. Bisneto de Christovão Zuzarte (filho de João Zuzarte e dona Leonor Pacheco) e d. Joanna de Castro, filha de Manoel Velho e d. Filippa de Castro. E teve:

8. — Antonio Luiz de Saldanha e Oliveira, casou com sua prima direita, filha de d. Diogo de Menezes.

3. — D. Diogo de Almeida e d. Leonor Coutinho.

4. — D. Maria Coutinho, mulher de Ruy Lourenço de Tavora, governador do Algarve e vice-rei da India, filho de Lourenço Pires de Tavora (filho de Christovão de Tavora e d. Francisca de Sousa). D. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, vice-rei da India, e d. Joanna da Cunha. E teve:

5. — Alvaro Pires de Tavora, casou com d. Maria de Lima, filha de d. Lourenço de Lima, visconde, presidente do desembargo do paço, e de d. Luiza de Tavora, neta de Luiz de Brito Nogueira, visconde (filho de Luiz de Brito Nogueira e d. Antonia de Castro). D. Ignez de Lima, filha de d. Francisco de Lima, visconde, e da viscondessa d. Brites. E pela materna neta de Luiz de Alcaçova Carneiro (filho de Pedro de Alcaçova Carneiro, conde da Idanha, e d. Catharina de Sousa). D. Antonia de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora e d. Catharina de Tavora. E teve:

6. — D. Catharina de Lima, mulher de d. Antonio da Silveira e Albuquerque, filho de d. Jeronymo da Silveira e d. Brites de Albuquerque. Neto de d. Alvaro da Silveira e d. Brites Mexia, filha de Jeronymo Mexia (filho de Affonso Mexia, vedor da fazenda da India, e d. Brites de Almada). D. Francisca Thibáo, filha de Francisco Thibáo e D. Leonor Malarote. Neto de Jorge de Albuquerque, do conselho ultramarino em 1616, e de d. Isabel de Sousa. Bisneto de Fernão de Albuquerque, governador da India (filho de Estevão de Brito, comendador da ordem de Christo, e d. Guiomar da Silva). D. Maria de Miranda, filha de Marcos Fernandes de Vargas e d. Ignez de Miranda. Por d. Isabel de Sousa bisneto de Pedro Lopes de Sousa, capitão de Malaca e de Ceylão de Diogo Lopes de Sousa e d. Isabel de Sousa). D. Brites de Athayde, filha de d. Diogo de Athayde, capitão de Gôa e Basaim, e d. Paula Pereira Antunes. Bisneto de d. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, guarda-mor de el-rei dom Sebastião (filho de d. Luiz da Silveira, primeiro conde da Sortelha, guarda-mor de el-rei d. João III, e d. Brites de Noronha). D. Maria de Menezes, filha de João Rodrigues de Sá, alcaide-mor do Porto, d. Camilla de Noronha. E teve:

7. — D. Alvaro da Silveira, casou com filha de dom Diogo de Menezes.

7. — D. Maria de Tavora, mulher de Christovão de Sousa Coutinho, senhor de Baião.

COSTAS CABRAIS

A nobre família dos Costas Cabrais procede da Ilha de São Miguel e Santa Maria, e São Romeiros e Arrudas Costas. O progenitor na capitania de São Paulo foi Manuel da Costa Cabral, natural da ilha de Santa Maria, e parente do Exmo. Revmo. Bispo D. Francisco de S. Hierônimo, que tambem era Cabral Velho Melo, Romeiro, e Andrade. Da nobilíssima família dos Cabrais e Costas Arrudas, trata o reverendo Dr. Gaspar Frutuoso, no seu "Nobiliário", manuscrito, livro 3.º, cap. 3.º; e muito melhor, o padre Cordeiro no livro "História Insulana", impresso em Lisboa em 1717. Vide o que relatamos em título de Bicudos, cap. 1.º § 1.º n. 3-2. Veio para S. Paulo Manuel da Costa Cabral, e casou na vila de Mojí-das-Cruzes com Francisca Cardoso, filha de Gaspar Vaz Guedes, e de sua mulher Francisca Cardoso: neta de Antônio Vaz Guedes, natural de Mesão-Frio, e de sua mulher Margarida Correia, moradores, que foram, na capitania do Espírito-Santo, onde faleceram. Em título de Vaz Guedes, que temos escrito. E pela parte materna, neta de Braz Cardoso, natural de Mesão-Frio, fundador da vila de Mojí-das-Cruzes, onde era morador dito Cabral em 1618, em que lhe concederam de sesmaria terras na serra do Tapití, defronte da dita vila. (Cart. da Provedoria da Faz. R. reg. de Sesm. n. 3.º 1618, pág. 3).

Depois de povoada a vila de Taibaté (*sic*) (foi aclamada em vila em 26 de dezembro de 1645) pelo seu primeiro fundador e conquistador o capitão-mor Jaques Felix, que de São Paulo passou a penetrar este sertão pelos anos de 1636, conquistando os índios da nação *Puris* e *Jeromimis*, que o habitavam (desinfestadas aquelas para as povoarem saiu muito nobreza de São Paulo já pelos anos de 1639) se passou a ser morador desta vila dito Manuel da Costa Cabral com sua mulher Francisca Cardoso. Alí teve respeito e veneração igual aos merecimentos de sua qualidade, que foi bem conhecida como estimada: e sempre teve as rédeas do governo civil desta república, que se difundiu pelos seus descendentes sem quebra de respeito e veneração. Faleceu em Taibaté Manuel da Costa Cabral em 3 de abril de 1659, estando já casado segunda vez com Maria Vaz de quem teve um filho chamado Belchior. Sem geração. E sua primeira mulher Francisca Cardoso tinha falecido a 26 de novembro de 1654 (Cart. de Orph. de Taib. Inv. letr. F. n. 3, o de Francisca Cardoso e letr. M. n. 80, o de Manuel da Costa Cabral). E teve oito filhos, como consta dos testamentos que se acham nos autos dos inventarios referidos; e

ignoramos a naturalidade destes filhos, que alguns nasceram em Mojí, e outros em S. Paulo, onde tinham sido moradores antes de se passarem para a vila de Taibaté. (* O A. diz depois como acréscimo que esses oito filhos nasceram em S. Paulo.)

Manuel da Costa Cabral	Cap. 1.º
Maria Cardoso	Cap. 2.º
Domingos Velho Cabral	Cap. 3.º
João de Arruda	Cap. 4.º
Francisco Romeiro Velho Cabral	Cap. 5.º
Gaspar Velho Cabral	Cap. 6.º
Lourenço Velho Cabral	Cap. 7.º
Ana Cabral	Cap. 8.º

CAPÍTULO I

Manuel da Costa Cabral, nasceu em S. Paulo e foi verdadeiro imitador de seu nobre pai, desempenhando em tudo o nome e apelidos, que tomou. Foi da república de Taibaté um grande cidadão, sem ser natural dela. Viveu abundantemente e potentado, sem perder as morais virtudes, de que soube ornar o carater de pai da pátria. Casou com Ana Ribeiro de Alvarenga, natural de S. Paulo, filha de Francisco Bicudo de Brito, e de sua mulher Tomásia de Alvarenga, ambos de S. Paulo. Em título de Alvarengas, cap. 3.º § 9. Ana Ribeira faleceu em Taibaté a 30 de junho de 1716. E seu marido Manuel da Costa faleceu a 8 de abril de 1709 (Orph. de Taib. Inv. letra M. e letr. A. n. 28: e Resid. da ouv. de S. Paulo maço de testamentos, n. 29, o de Manuel da Costa Cabral.) E teve sete filhos:

Sebastião de Arruda Cabral	§ 1.º
Francisco de Arruda	§ 2.º
Vitório de Arruda	§ 3.º
João de Arruda	§ 4.º
Francisco de Arruda	§ 5.º
Ana Maria Cabral	§ 6.º
José de Arruda	§ 7.º

§ 1.º

2 — 1. Sebastião de Arruda Cabral, faleceu em Taibaté a 18 de março de 1703, natural da mesma vila, casado com Ana Moreira (Orph. de Taib. inv. letra S. n. 17). E teve quatro filhos. (* O A. pos junto ao nome deste Sebastião de Arruda supra, que teve

filho único 3—1: Francisco de Arruda casado primeira vez com Leonor do Prado. Sem geração, segunda vez com Joanna Nardi de Arzão. Em título de Arzão, cap. 1.º § 2.º n. 3—6: Mas como tambem poz diferente sucessão, isto é quatro filhos, seguí esta última declaração por ser feita no lugar competente, como aquí vai. Estes §§ foram riscados, e emendados várias vezes). Os quatro filhos foram

3 — 1. Francisco.
3 — 2. Manuel.
3 — 3. José.
3 — 4. Salvador.

§§ 2.º e 3.º

2 — 2. Francisco de Arruda.

2 — 3. Vitório de Arruda Cabral, casou com Ana Cabral, como consta do inventário de seu pai Manuel da Costa Cabral, supracitado.

§ 4.º

2 — 4. João de Arruda Cabral, faleceu em Taibaté de onde era natural, a 15 de junho de 1726, casado com Andresa de Castilhos. Em título de Moreira de Castilhos. (Orph. de Taibaté, inventários, letr. J. n. 50). E teve onze filhos:

3 — 1. Mécia.
3 — 2. Manuel.
3 — 3. Ana.
3 — 4. Maria.
3 — 5. Francisco.
3 — 6. João.
3 — 7. Arnaldo.
3 — 8. Rosa.
3 — 9. Escolástica.
3 — 10. Maria.
3 — 11. Antônio.

§ 5.º

2 — 5. Francisca de Arruda Cabral, casou com o capitão Pedro Leme do Prado. E teve de que descobrimos documentos, os filhos seguintes:

3 — 1. Ana Ribeira Leme.
3 — 2. Tomásia Ribeira.
3 — 3. Manuel da Costa Cabral.
3 — 4. Beatriz Barbosa.
3 — 5. João de Arruda Leme.
3 — 6. Francisco Barreto.
3 — 7. Manuel da Costa Cabral.

3 — 1. Ana Ribeira Leme, casou na matriz de Taibaté a 30 de agosto de 1699 com Manuel Rodrigues Moreira, filho de Manuel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicudo.

3 — 2. Tomásia Ribeira casou na matriz de Taibaté a 30 de setembro de 1713 com Manuel Nunes, filho de Gabriel Nunes e de sua mulher Isabel Pedroso, todos naturais de Taibaté. E teve a filha 4—1: Francisca de Arruda Cabral, que na mesma vila casou a 21 de maio de 1729 com Carlos Pais da Fonseca, filho de Manuel Pais da Fonseca e de sua mulher Joana do Prado de Siqueira.

3 — 3. Manuel da Costa Cabral, casou na matriz de Taibaté a 20 de junho de 1716 com Eugênia Pedroso, filha de Pantaleão Pedroso de Toledo e de sua mulher Antônia da Rosa. Em título de Toledos, cap. 3.º § 6.º. A dita Eugênia Pedroso faleceu em Taibaté, onde se lhe fez inventário dos seus bens a 20 de setembro de 1727. (Orph. de Taibaté, inv. letra E. n. 5.º, o de Eugênia Pedroso). E teve

4 — 1. Ana.
4 — 2. Antônia.
4 — 3. Josefa.
4 — 4. Úrsula.

3 — 4. Beatriz Barbosa, casou na matriz de Taibaté a 6 de fevereiro de 1718 com Manuel Nunes Gusmão, natural da vila de Paratí, filho de Mateus Nunes da Costa e de sua mulher D. Ana Zoria.

3 — 5. João de Arruda Leme, casou na matriz de Taibaté a 8 de setembro de 1728 com Ana Moreira, filha de Manuel de Castilhos, e de sua mulher Helena Rodrigues.

3 — 6. Francisco Barreto, casou na matriz de Taibaté a 8 de janeiro de 1730 com Rosa Maria, filha de Miguel Garcia da Cunha e de sua mulher Maria de Gusmão.

3 — 7. Manuel da Costa Cabral, casou na matriz de Taibaté a 28 de julho de 1727 com Suzana de Gusmão, filha de Manuel de Figueiredo e de sua mulher Catarina de Freitas.

§ 6.º

2 — 6. Ana Maria Cabral, foi casada com Diogo Barbosa Rego, natural de S. Paulo, filho de Diogo Barbosa Rego, que faleceu em Guaratinguetá a 23 de agosto de 1661, e de sua mulher Branca Raposo, ambos de S. Paulo. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 1). Em título de Raposos Bocarros, cap. ... Em Taibaté faleceu Diogo Barbosa Rego, marido de Ana Maria Cabral, a 13 de novembro de 1747. (Orph. de Taibaté, inv. letra D. n. 17). E teve sete filhos:

3 — 1. Cláudio Barbosa, casou na matriz de Taibaté a 14 de maio de 1725 com Ana Maria Pedroso, filha de Gaspar Correia e de sua mulher Ana Pedroso de Morais.

3 — 2. Diogo Barbosa, casou.
3 — 3. Antônio.
3 — 4. Francisco.
3 — 5. Quitéria.
3 — 6. Maria.
3 — 7. José da Silva, casou na matriz de Taibaté a 14 de maio de 1725 com Catarina Pedroso de Morais, filha de Gaspar Correia e de Ana Pedroso de Morais.

§ 7.º último

2 — 7. José de Arruda, faleceu solteiro na Baía, para onde foi em serviço de el-rei com seu tio Gaspar Velho Cabral, com o governador Estevão Ribeiro Baião Parente; cujo pé de exército saiu de S. Paulo em 1671, como temos historiado em título de Camargos, cap. 8.º § ... tratando do capitão-mor João Amaro Maciel Parente.

CAPÍTULO II

Maria Cardoso, casou com o capitão Antônio Vieira da Maia. Em título de Vieiras Maias, com toda a sua descendência.

CAPÍTULO III

Domingos Velho Cabral, faleceu em Guaratinguetá sem testamento; e se lhe fez inventário dos bens em 1662, e foi casado com Ana Leme da Silva. (Cart. de orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 2, o de Domingos Velho Cabral). E teve quatro filhos:

§ 1.º Domingos.

§ 2.º Antônio.

§ 3.º João Cabral da Silva, casou na matriz de Taibaté ao 1.º de fevereiro de 1693 com Maria da Veiga, filha de Antônio Correira da Veiga e de sua mulher Ana de Siqueira.

§ 4.º Maria.

CAPÍTULO IV

João de Arruda Cabral.

CAPÍTULO V

Francisca Romeiro Velho Cabral, natural de São Paulo, casou com Antônio Bicudo, Leme, denominado o Viassacra, irmão do alcaide-mor Braz Esteves Leme, naturais de S. Paulo. Em título de Bicudos, cap. 1.º § 1.º n. 3—2; (* Onde se acha largamente descrito as qualidades deste Antônio Bicudo Leme). E teve oito filhos:

Margarida Bicudo Romeira	§ 1.º
Maria Bicudo Cabral	§ 2.º
D. Francisca Romeira Velho Cabral	§ 3.º
D. Helena do Prado Cabral	§ 4.º
Isabel Bicudo	§ 5.º
Fr. Serafino de Santa Rosa	§ 6.º
Antônio Bicudo de Brito	§ 7.º
Manuel da Costa Leme	§ 8.º

§ 1.º

2 — 1. Margarida Bicudo Romeira, casou com Domingos Gil de Siqueira, natural de S. Paulo, falecido em Taibaté a 6 de julho de 1694, filho de Pedro Gil e de sua mulher Violante de Siqueira, ambos de S. Paulo. (Orph. de Taibaté, inv. letra D. n. 8). Em título de Dias Teveriçás, cap. 3.º § 8.º n. 3—3; faleceu Margarida Bicudo em Taibaté em 1732; sendo já falecido seu marido Domingos Gil. (Orph. de Taibaté, inv. letra M. n. 10). E teve sete filhos naturais de Taibaté:

3 — 1. O padre Antônio Bicudo de Siqueira, clérigo que se habilitou de *genere* em 1707, cujos autos existem na câmara episcopal de S. Paulo, maço 1.º letra A. Foi visitador, vigário da igreja de Taibaté, de Pindamonhangava, de Guaratinguetá e do Caetê em Minas Gerais.

3 — 2. O capitão Inácio Bicudo de Siqueira, casou com Bernarda Rodrigues da Silva, filha de Domingos do Prado da Costa, e de sua mulher Isabel Rodrigues do Prado. Em título de Prados, cap. 6.º.

3 — 3. Francisca Romeira de Siqueira, casou com Manuel Pereira Vilanova.

3 — 4. Violante de Siqueira Leme, natural de Pindamonhangava, faleceu no 1.º de outubro de 1756. (Orph. de Taibaté, inv. letra V. n. 7), e foi casada com Pantaleão Ferreira de Mendonça, natural da vila de Sorocaba, e faleceu em Taibaté a 22 de Setembro de 1761; filho de Julião Ferreira e de sua mulher Maria Bicudo (Orph. de Taibaté, letra P. n. 25). Este Pantaleão Ferreira era viuvo de sua primeira mulher Maria de Abreu, quando casou com Violante de Siqueira Leme. E teve três filhos:

4 — 1. Domingos Ferreira, que foi pai de Escolástica de ....mulher de Lucas de Freitas Fagundes.

4 — 2. Margarida Bicudo, mulher de Tomé Portes d'El-Rei em Taibaté a 18 de junho de 1724, filho de Antônio da Cunha Gago e de sua mulher Marta de Miranda: em título de Portes d'El Rei, cap. ....

4 — 3. Maria da Conceição, mulher do capitão Francisco Vieira de Toledo, viuvo de Ana Fróis Correia, e casou em Taibaté a 5 de fevereiro de 1731 com dita D. Maria da Conceição.

3 — 5. Maria Bicudo de Siqueira, casou com Estevão Mendes de Oliveira.

3 — 6. Margarida Bicudo, casou a 23 de maio de 1721 com Manuel de Magalhães da Fonseca, natural da Freguesia de Ferreira de Tendais do bispado de Lamego, filho de Lourenço Correia Botelho e de sua mulher Mariana da Silva Magalhães. Este dito Manuel de Magalhães era sobrinho direito de João Correia de Magalhães e de Pedro da Fonseca Magalhães, dos quais tratamos no § 2.º infra n. 3—3 e 3—4.

3 — 7. Salvador Bicudo de Siqueira, casou com Teodosia Peres de Gusmão.

§ 2.º

2 — 2. Maria Bicudo Cabral, foi casada com o capitão Sebastião de Siqueira Gil, filho de Pedro Gil e de sua mulher Violante de Siqueira, os mesmos de quem tratamos aquí no n. 3—1. E teve oito filhos naturais de Taibaté:

3 — 1. Salvador de Siqueira Leme, casou com D. Joana de Toledo: com geração. Em título de Toledos, cap. 3.º § 13.

3 — 2. Francisca de Siqueira Gil, faleceu nas minas de Santa Cruz do caminho de Goiazes. Casou com Ana Ribeira.

3 — 3. José de Siqueira. Casou com Maria do Pilar; foram de morada para o caminho de Goiazes.

3 — 4. Maria Bicudo de Siqueira, casou com Manuel da Silva Salgado.

3 — 5. Francisca Romeira, casou com Fernando Munhoz Garcia, filho de Manuel Garcia da Cunha, e de sua mulher Margarida Gago Bicudo. Em título de Munhoz, cap. 1.º § 7.º,

3 — 6. Clara Bicudo de Siqueira, casou com Antônio de Siqueira Garcia, irmão de Fernando Munhoz Garcia.

3 — 7. Maria Bicuda da Conceição, casou com Gaspar Tavares.

3 — 8. Violante de Siqueira, casou com Domingos Fragoso, natural de Pindamonhangava, onde faleceu com testamento a 28 de agosto de 1726 (sendo primeira vez casada com Mario Ramos), filho de Gaspar de Campos Fragoso e de sua mulher Isabel de Freitas (Ouv. de S. Paulo, testamento de Domingos Fragoso). E teve só dois filhos:

4 — 1. Boaventura.
4 — 2. Sebastião.

§ 3.º

2 — 3. D. Francisca Romeira Velho Cabral, casou em 1683 com João Correia Magalhães e Vasconcelos, natural do concelho de Tendais da comarca de Lamengo, da casa e morgado de Sinfaens filho de Lourenço da Silva e de sua mulher Beatriz Correia; das principais famílias de Lamego. Neto pela parte paterna da casa e senhor do morgado de Sinfaens, do qual era senhor Manuel de Vasconcellos Pereira" (* Isto não leva aquela ordem com que costumava escrever o A. por ser acrescentamentos e emendas). E pela materna neto de Pedro Fernandes Ruivo, e de sua mulher Leonor Correia. O referido consta da justificação que fizeram em Tendais pelos anos de 1684 os dois irmãos ditos João Correia de Magalhães e Pedro da Fonseca Magalhães Maldonado; e foi Juiz da Inquisição Francisco de Resende, e escrivão Domingos de Resende Rego, tabelião do judicial e notas do conselho de Tendais. Acha-se este instrumento registrado na câmara de S. Vicente, no livro de registos que principia em 1684, e acaba em 1702 a fl. 31, no qual se mostra a qualificada nobreza destes dois irmãos por seus pais e avós paternos e maternos. E teve seis filhos, naturais de Pindamonhangava:

3 — 1. O Padre Lourenço de Magalhães.

3 — 2. Antônio da Fonseca.

3 — 3. José da Silva Magalhães, casou com D. Escolástica Forquim, no arraial dos Forquins, irmã direita de D. Maria Forquim, que foi mulher do capitão-mor João Amaro Maciel Parente, senhor donatário da vila de Santo Antônio da conquista do rio Peroassú no sertão dos *Maracaz* da cidade da Baía, que ele a vendeu ao coronel Manuel de Aragão, como temos narrado em título de

Camargos, cap. 8.º § 3.º n. 3—9. Foi D. Escolástica Forquim filha do capitão Antônio Forquim da Luz. Em título de Forquins, cap. 1.º § 5.º n. 3 — 8.

3 — 4. Francisco Pereira Correia de Magalhães.

3 — 5. D. Francisca Romeiro da Silva de Magalhães, casou em Pindamonhangava com Bernardo de Campos Bicudo. Em título de Campos, cap. 6.º com sua descendência.

3 — 6. D. Maria da Silva de Magalhães, casou em Pindamonhangava com coronel Faustino Pereira da Silva, que se passou a viver nas Gerais, e se estabeleceu no seu engenho de Jesus Maria José, do Rio das Velhas abaixo, comarca do Sabará, onde faleceu a 20 de janeiro de 1766, natural da vila de Viana do Minho, irmão direito de Fernando Pereira de Castro, que acabou ajudante de infantaria do presídio e praça da vila de Santos, estando casado nela com D. Ana Tavares Cabral: sem geração. Filhos de ....

E teve nascidos nas Gerais:

4 — 1. O Dr. de capelo e desembargador Antônio Pereira da Silva, que faleceu na Índia.

4 — 2. O Dr. Salvador Pereira da Silva, que, tendo acabado de juiz de fora em Penela, antes de se lhe tirar residência do lugar foi despachado para ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, em cuja câmara tomou posse em setembro de 1765 e reside até agora novembro de 1771.

4 — 3. O padre Pedro Pereira da Silva, clérigo de S. Pedro, formado em Coimbra, vigário da Roça Grande.

4 — 4. Fernando Pereira da Silva, capitão da cavalaria auxiliar de Vila Rica. Solteiro.

4 — 5. Felix Pereira da Silva, tenente da companhia da nobreza auxiliar de Vila de Caeté, casou com ...

4 — 6. João Pereira da Silva, solteiro.

4 — 7. Frutuoso Pereira da Silva, faleceu solteiro.

4 — 8. D. Maria Pereira Maldonado, casou no sobredito engenho de seu pai com Francisco Ferreira Velho, natural da Ilha Terceira, que foi alferes pago do presídio da Baía, cidadão de Vila Rica, onde foi juiz ordinário. Existe em 1771 na sua fazenda do mesmo sítio de Jesus Maria José. E teve oito filhos:

5 — 1. D. Vitória Pereira de Magalhães, nasceu em Vila Rica e casou em a freguesia da Roça Grande com Manuel Gomes Pereira Jardim, natural da freguesia de Raposo.

5 — 2. D. Ana Pereira da Silva, nasceu em Vila Rica, solteira, em 1771.

5 — 3. D. Antônia Maria de Jesus. Recolhida no convento de Macaubas.

5 — 4. D. Joana Pereira da Silva, casou na freguesia da Roça Grande com Alexandre Pereira Montes. (1)

5 — 5. Francisco Ferreira, solteiro.

5 — 6. Filipe Ferreira da Silva, solteiro.

(1) Os ns. 5 — 4 a 5 — 8, nascidos na Roça Grande.

5 — 7. Mariano Ferreira da Silva, segue o real serviço em praça de dragão.

5 — 8. Manuel Antônio Ferreira da Silva, segue estudos.

4 — 9. Francisca Pereira Maldonado, casou com Bento Barbosa da Silva, natural do Rio-de-Janeiro.

4 — 10. D. Inácia Pereira da Silva, casou com José Martins de Araujo. E teve oito filhos nascidos em Paracatú:

5 — 1. João Martins de Araujo.
5 — 2. Antônio Martins de Araujo.
5 — 3. Salvador.
5 — 4. José.
5 — 5. D. .... casada com Antônio Machado da Fonseca Velho, sobrinho direito de Francisco Ferreira Velho, acima n. 4-8: excelente gramático.

4 — 11. D. Tomasia .... Solteira.
4 — 12. D. Teresa Maria de Jesus .. Solteira.
4 — 13. D. Mariana .... Solteira.
4 — 14. D. Joana .... Solteira.

§ 4.º

2 — 4. D. Helena do Prado Cabral, casou em Pindamonhangava com Pedro da Fonseca Magalhães, irmão direito de João Correia Magalhães do § 3.º. E teve

3 — 1. Pedro da Fonseca Magalhães, que casou em S. Paulo com D. .... de Serqueira Leite.

3 — 2. D. Francisca Romeira Velho Cabral, casou duas vezes; primeira com Manuel Pereira de Castro e Silva, natural de Viana, irmão do coronel Faustino Pereira da Silva, retro no § 3.º; segunda vez casou com o coronel Hierônimo Pedroso de Barros, natural de S. Paulo: em título de Mesquitas, cap. ... § 11.

§ 5.º

2 — 5. Isabel Bicudo, casou com Domingos de Sousa.

§ 6.º

2 — 6. Frei Serafino de Santa Rosa, franciscano (chamado Braz no século) da província da Conceição-do-Rio-de-Janeiro, o qual foi provincial e visitador geral, e acabou definidor atual da mesma província, e faleceu no convento do Rio, onde o seu grande nome será sempre saudosamente lembrado.

§ 7.º

2 — 7. Antônio Bicudo de Brito, foi sargento-mor nas Minas Gerais, e casou com Mariana de Camargo. Em título de Camargos.

§ 8.º

2 — 8. Manuel da Costa Leme, foi desempenho glorioso de seus nobres ascendentes pelas morais virtudes de que se ornou. Teve um respeito igual aos seus grandes merecimentos, e sempre o primeiro voto nas matérias da república, tanto na vila de Taubaté, como depois na de Pindamonhangava, que ele foi o que, com grandes cabedais, concorreu para esta ereção, e obteve da real clemência do Sr. D. João o 5.º a aprovação, sem embargo de se ter aclamado a dita vila sem ordem sua, e só por ambição do desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor geral e corregedor de S. Paulo, que recebeu bons mil cruzados para aclamar vila o lugar e capela de Pindamonhangava, onde a maior parte da nobreza de Taibaté e S. Paulo se achava estabelecida; sendo naquele tempo o dito Manuel da Costa Leme o mais potentado e venerado de todos. Casou na matriz de S. Paulo a 13 de abril de 1693, com D. Maria Domingues, filha de João Pais Domingues e de sua mulher D. Custodia Dias. Em título de Betim, cap.... E teve dois filhos:

3 — 1. João Pais Domingues, casou em Taibaté a 20 de janeiro de 1725 com Isabel Pedroso, filha do padre Felix Sanches Barreto e de sua mulher (antes de sacerdote) ...... Pedroso, natural de São Paulo: em título de Prados, cap. 1.º, § 8.º n. 3—2 a n. 4—1 e seg.

3 — 2. D. Francisca Romeira Velho, casou com Antônio da Cunha Fortes d'El-Rei, tenente-coronel das ordenanças de Pindamonhangava e Taibaté. Em título de Portes d'El-Rei, cap. ....

CAPÍTULO VI

Gaspar Velho Cabral, sabendo avaliar a honra que têm os vassalos, que sem soldo se empregam no real serviço, foi um dos paulistas, que teve o merecimento de ir à conquista dos bárbaros índios do sertão da Baía no socorro que saiu de S. Paulo em 1671, sendo governador desta leva Estevão Ribeiro Baião Parente, como narramos em título de Camargos, cap. 8.º § 3.º n. 3—9. Na Baía faleceu Gaspar Velho Cabral, solteiro.

CAPÍTULO VII

Lourenço Velho Cabral, natural de Mojí. Parece que casou com Maria dos Reis Freire, natural de Guaratinguetá, de cujo matrimônio foi filho, natural de dito Guaratinguetá:

§ 1.º

José Cabral da Silva, que faleceu solteiro em 1740, em Guaratinguetá. (?)

§ 2.º

Lourenço Velho Cabral, que casou na Atibaia com Mariana de Camargo, filha de Sebastião Preto Cubas e de sua mulher Leonor Domingues de Camargo, naturais de S. Paulo, de cujo matrimônio nasceu na Conceição dos Guarulhos.

3 — 1. O padre João Velho Cabral, que se habilitou de genere em 1729 (Câmara episcopal de São Paulo).

CAPÍTULO VIII

1 — 8. Ana Cabral, casou na matriz de S. Paulo a 11 de novembro de 1638 com Domingos Luiz Leme, filho de Antônio Lourenço e de Mariana de Chaves: em título de Carvoeiros, cap. 1.º § 1.º. Este Domingos Luiz Leme se estabeleceu em Guaratinguetá, de cuja vila foi ele um dos seus fundadores e povoadores. Nesta vila faleceu Domingos Luiz a 19 de abril de 1674 com testamento, estando casado segunda vez com Leocádia de Vasconcelos. E teve do primeiro matrimônio sete filhos. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 4, o de Domingos Luiz Leme).

Ana Cabral.... § 1.º (*)

(*) Não tem mais no título original onde foi acrescentado depois este cap. 8.º.

MESQUITAS

(* Este título foi escrito por outra letra e emendado pela do A. E não deve ser um título separado, mas sim compreender-se no de Barros, pois que, não procriando mais que uma filha Domingos Rodrigues de Mesquita, e casando-se esta com Pedro Vaz de Barros, deve seguir-se a sucessão deste no dito título de Barros: alem de que este de Mesquitas ficou imperfeito, etc.)

O nobre apelido de Mesquita teve origem em Domingos Rodrigues de Mesquita, natural da Torre de Moncorvo, de onde veiu para S. Paulo, filho de Jorge Rodrigues, e de sua mulher Beatriz Fernandes de Mesquita. Casou na matriz de S. Paulo aos 20 de janeiro de 1636, com D. Maria Leite, estando viuva do seu primeiro marido Diniz Cardoso, e foi irmã inteira de Fernando Dias Pais, governador das minas das Esmeraldas. Em título de Lemes, cap. 5.º §. E teve de seu matrimônio uma filha única:

D. Maria Leite de Mesquita.

CAPÍTULO § único

D. Maria Leite de Mesquita, foi casada com Pedro Vaz de Barros, natural de S. Paulo, onde faleceu com testamento a 22 de março de 1695, filho de Antônio Pedroso de Barros e de sua mulher Maria Pires: em título de Barros Pedrosos, cap. 2.º. (Vide este cavalheiro Pedro Vaz de Barros na "Vida do Padre Belchior de Pontes", cap. 22, pág. 126 quem foi). Do matrimônio de D. Maria Leite de Mesquita nasceram em S. Paulo, 16 filhos:

D. Beatriz de Barros .... § 1.º
D. Luzia Leme .... § 2.º
D. Isabel Pais .... § 3.º
D. Lucrécia Leme .... § 4.º
D. Maria Pires .... § 5.º
D. Maria Leite Pedroso .... § 6.º
Domingos Rodrigues .... § 7.º
Antônio Pedroso de Barros .... § 8.º
João Leite de Barros .... § 9.º
Valentim Pedroso de Barros .... § 10.º
Hierônico Pedroso de Barros .... § 11.º
José de Barros .... § 12.º

casou com Ana de Campos: em título Campos, cap. 8.º, § 5.º.

Pedro Vaz de Barros .... § 13.º
casou com Gertrudes de Arruda. Em título
Arrudas, cap. 2.º § 5.º. Com geração.
Francisco .... § 14.º
Manuel Pedroso de Barros .... § 15.º
O padre Eusébio Pedroso de Barros .... § 16.º

§ 1.º

2 — 1. D. Beatriz de Barros, foi casada com Manuel Corrêa Penteado. Em título de Penteados, cap. 4.º, com sua descendência.

§ 2.º

2 — 2. D. Luzia Leme de Barros, foi casada com Pascoal Leite Penteado. Em título de Penteados, cap. 5.º, com sua descendência.

§ 3.º

2 — 3. D. Isabel Pais, que foi casada com João Correia Penteado. Em título de Penteados, cap. 6.º, com sua descendência.

§ 4.º

2 — 4. D. Lucrécia Leme, que foi casada com José Correia Penteado. Em título de Penteados, cap. 7.º.

§ 5.º

2 — 5. D. Maria Pires, que na matriz de S. Paulo aos 26 de janeiro de 1698 foi casada com Rodrigo Bicudo Chassim. Em título de Chassim, cap. 3.º, com sua descendência.

§ 6.º

2 — 6. D. Maria Leite Pedroso, que na matriz de S. Paulo em 2 de março de 1705 casou com Gaspar Correia Leite, filho de Pascoal Leite de Miranda e de sua mulher D. Ana Ribeira. Em título de Mirandas, cap. 3.º, § 3.º.

§ 7.º

2 — 7. Domingos Rodrigues..........

§ 8.º

2 — 8. Antonio Pedroso de Barros, casou com D. Ana Ribeiro Leite. Em título de Taques Pompeos, cap. 3.º § 6.º n. 3—2. Com geração: teve filha única.

3 — 1. D. Potência Leite Sabuvú, que foi casada com o sargento-mor Bento de Toledo Castelhano, irmão inteiro do padre mestre Francisco de Toledo.

§ 9.º

2 — 9. João Leite de Barros, que na matriz de S. Paulo em o 1.º de junho de 1697 casou com Ana Lopes Moreira, filha de Gaspar de Godói Colaço, e de sua mulher Sebastiana Ribeiro de Morais. Em título de Morais, cap. 3.º § 6.º com sua descendência. Em título de Godói, cap. 4.º § 10.

§ 10

2 — 10. Valentim Pedroso de Barros, cujo nome não extinguirá o tempo enquanto durar a vila de Pitanguí das Minas-Gerais, por ter sido ela o teatro, em que este cavalheiro deu acreditadas mostras do seu grande valor; porque, tendo a espada na mão, com ela fez frente a um numeroso tumulto, que formou a paixão ingrata de um cunhado seu, irmão da própria mulher, e para acabarem a vida de Valentim Pedroso lhe dispararam quase ao mesmo tempo vários bacamartes. Este desgraçado fim deixou sem gerações ao dito Valentim Pedroso, que se achava casado com D. Escolástica Forquim, filha de Antonio Forquim da Luz e de sua mulher .... Pedrosa. Em título de Forquim.

§ 11

2 — 11. Hierônimo Pedroso de Barros, que faleceu em São Paulo em 1759. Foi um dos cavalheiros paulistas de maior respeito e opulência de cabedais, que houve nas Minas-Gerais. Com ele teve origem o deságio com Manuel Nunes Viana, princípio do levantamento das Minas no fim do ano de 1708. Nas mesmas Minas teve grandes estimações do conde de Assumar D. Pedro de Almeida, que as governava como governador capitão general que era da cidade de S. Paulo: porque, sendo acometido em seu próprio palácio de residência pelo corpo tumultuoso, que formou o partido do régulo Pascoal da Silva, se achou o dito conde general com Hierônimo Pedroso, alem de outros paulistas da primeira nobreza de S. Paulo para o defender; e depois de castigados os soberbos e

levantados régulos, morto Pascoal da Silva e arrasadas com fogo as grandes casas da sua habitação, ainda ficaram relíquias que fomentavam alguns ocultos sequazes da primeira sedição. E temendo o insulto contra a vida de Hierônimo Pedroso, como tinha o posto de coronel, lhe mandou o conde general dar uma guarda de dois sargentos pagos, que sempre o acompanhavam saindo à rua, fazendo-lhe costas os seus escravos mulatos, que os trazia armados, contra qualquer violento assalto. Faleceu na cidade de São Paulo em 1759. Foi casado duas vezes; a primeira com D. Ana Peres Moreira, irmã de Júlio Cesar, de Inácio Xavier Cesar, e outros; filha de Diogo Gonçalves Moreira e Catarina de Miranda. Segunda vez casou nas Minas-Gerais com D. Francisca Romeiro Velho Cabral (estando viuva e muito rica de seu primeiro marido Manuel Pereira de Castro e Silva, natural de Vianna, irmã do coronel Faustino Pereira da Silva) filha de Pedro da Fonseca Magalhães, e de sua mulher D. Helena do Prado Cabral: em título de Costas Cabrais, cap. 5.º § 4.º. E no § 3.º se vê a qualidade dos ditos dois irmãos Magalhães.

E do 1.º matrimônio teve seis filhos:

3 — 1. D. Gertrudes .... casou com José Manuel.
3 — 2. D. Catarina de Miranda.

PENTEADOS

A nobre família de Penteados teve origem em São Paulo em Francisco Rodrigues Penteado, natural de Pernambuco, para onde veio ser morador seu pai Manuel Correia com casa, saindo de Lisboa, e em Pernambuco se estabeleceu com negócio grande. E tendo este filho Francisco Rodrigues Penteado, e já bem instruido em partes liberais; sendo excelente e com muito mimo na de tanger viola, e destro na arte de música; seu pai o mandou a Lisboa sobre dependência de uma herança que alí tinha: o filho porem, vendo-se em uma corte das mais nobres da Europa e com prendas para conciliar estimações, cuidou só no estrago, que fez do cabedal, que recebeu, consumindo em bom tratamento e amizades. Refletindo depois, que não estava nos termos de dar satisfação da comissão com que passara de Pernambuco a Lisboa, embarcou na frota do Rio-de-Janeiro com Salvador Correia de Sá e Benevides em 1648, o qual tendo de passar a Angola, como passou para a restaurar dos holandeses, o deixou na cidade do Rio muito recomendado pelo interesse de lhe instruir nos instrumentos músicos a suas filhas, e ao filho mais velho Martim Correia com quem estava unido pela igualdade dos anos. Do Rio-de-Janeiro, pela demora em Angola do dito Salvador Correia de Sá, que ficou feito general daquele reino, passou para a vila de Santos Francisco Rodrigues Penteado; e já desta vila subia para São Paulo contratado para casar com uma sobrinha de Fernando Dias Pais, que foi quem o ajustou para este contrato. Em São Paulo casou Francisco Rodrigues Penteado com D. Clara de Miranda, que era filha de Antônio Rodrigues de Miranda, nobre cidadão de S. Paulo, natural de Lamego (irmão direito de Manuel Vieira, cônego da Sé de Lamego, chamado de alcunha o Almôndega, e de Diogo de Madureira, que foi escrivão da relação da cidade do Porto; e todos foram sobrinhos de D. Clara de Miranda, mulher de Diogo Perdigão da Costa. (Em título de Mirandas, como temos escrito), e de sua mulher D. Potência Leite, a qual era irmã inteira de D. Maria Leite, mãe do reverendo Dr. João Leme da Silva, e do governador Fernão Dias Pais Leme, de quem é neto o comendador Pedro Dias Pais Leme (* Expõem todos os títulos deste): e foi filha D. Potência Leite de Pascoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria; em título de Prados, cap. 1.º.

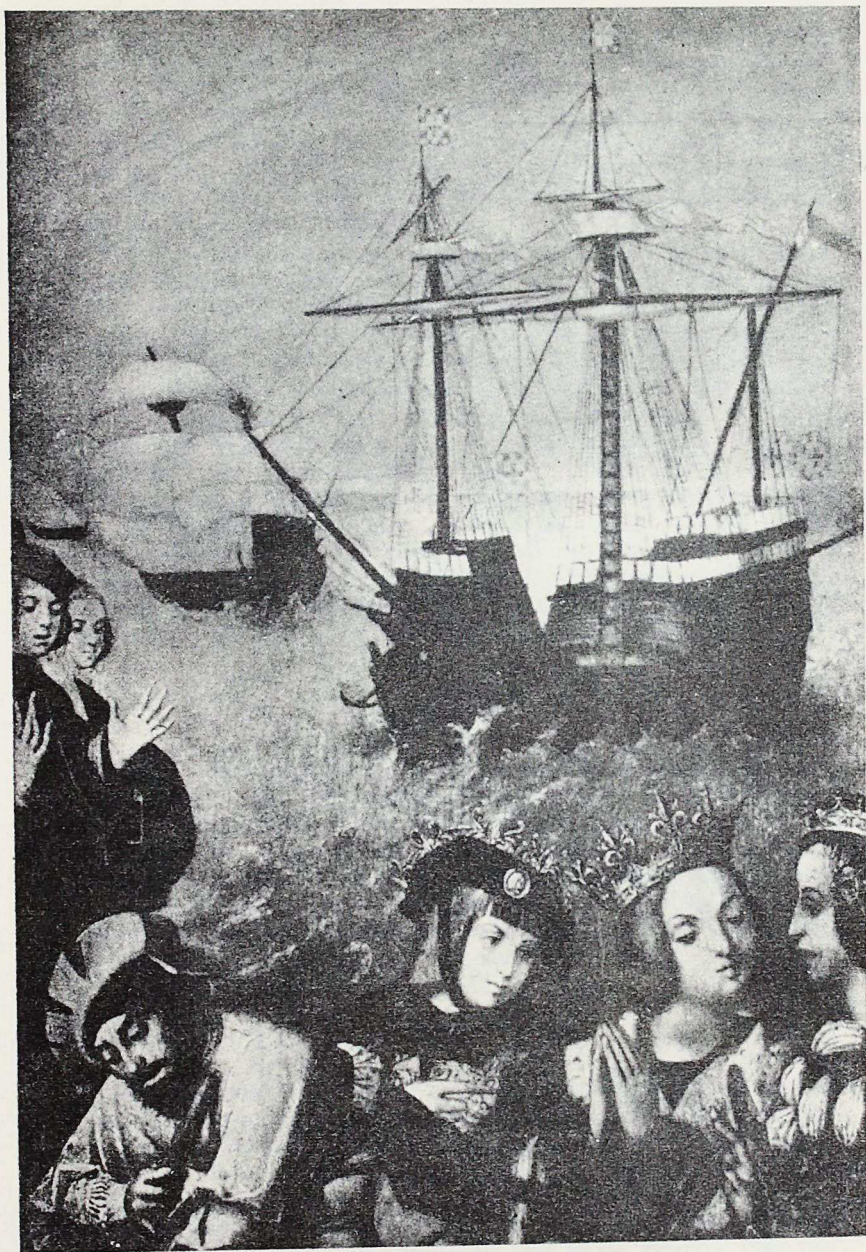
Francisco Rodrigues Penteado com sua mulher D. Clara de Miranda fez o seu estabelecimento em fazenda de cultura no termo da vila de Parnaíba. Faleceu dito Penteado com testamento a 13 de novembro de 1673, e sua mulher D. Clara de Miranda faleceu

com testamento a 5 de julho de 1682 (Cartorio de orph. de Parnaíba, inv. n. 242, o de Francisco Rodrigues Penteado, e n. 310, c de D. Clara de Miranda). E deixou sete filhos naturais de S. Paulo:

Francisco Rodrigues Penteado .... Cap. 1.º
Antônio Rodrigues Penteado .... Cap. 2.º
D. Andreza... faleceu solteira .... Cap. 3.º
Manuel Correia Penteado .... Cap. 4.º
Pascoal Leite Penteado .... Cap. 5.º
João Correia Penteado .... Cap. 6.º
José Correia Penteado .... Cap. 7.º

CAPÍTULO 1.º

1 — 1. Francisco Rodrigues Penteado, nobre e venerando cidadão de S. Paulo, tendo passado às Minas-Gerais nos primeiros anos depois de descobertas e estabelecidas, se recolheu com grosso cabedal de ouro em pó, que o fundiu na real casa dos quintos de São Paulo. Passou-se a ser morador na sua grande fazenda de cultura no sítio de Araçariguama: nela fundou a capela, com grandeza, de Nossa Senhora da Piedade, que, como tutelar daquela fazenda, ficou ela tomando-lhe o nome, com o qual é e será aquele sítio sempre recomendavel. Esta igreja foi ornada de capela-mor e cruzeiro com dois altares colaterais: é toda forrada, e os altares com retábulo de excelente talha (por artífices de profissão vindos do reino) todos dourados. Neles estão colocadas devotíssimas imagens de vulto (* O A. estende-se muito; e porisso eu neste § diminuo aquelas coisas que não são essenciais.) Enquanto durou a vida do fundador havia anualmente festa da mesma Senhora, que durava um oitavário de missas cantadas com três distintas festividades, em que havia sermão, conduzindo-se para elas a música da cidade em distância de onze léguas, e sendo convidadas varias pessoas de autoridade que faziam uma corte daquela opulenta fazenda, na qual em todos os dias reinava a profusão e bom-gosto. Completava-se o oitavário com um aniversário pelas almas do purgatório com ofício de 9 lições, música e canto de orgão, sermão etc. No regresso para a cidade eram conduzidos os hóspedes com a mesma grandeza de tratamento, sendo alem disso brindados com presentes de toucinho e mais pertences de grandes capados, por forma de viático para o caminho.

No presente tempo serve esta memória para maior mágoa, porque depois que faleceu o filho do cônego Lourenço Leite Penteado, que ficou com administração desta capela, e substituindo-lhe o irmão o sargento-mor João Leite Penteado, que logo faleceu, veiu do Cuiabá para a mesma administração o filho, o sargento-mor Francisco Xavier de Sales, que tambem logo faleceu, ficou a dita capela sem protetor zeloso para tratar dela. (* Nos anos de 1785

Nau do século XVI — Reprodução do Painel Central do tríptico de Santa Anita, atribuido a Gregório Lopes — Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

e 1792 em que na ida e volta para o Cuiabá me hospedei naquela fazenda, de que estava de posse D. Inácia Buena de Brito do § 2.º infra, e depois de sua morte a sua filha D. Maria Custódia por ausência do irmão Francisco de Sales (porque o outro já era falecido em Vila Bela, dizia-se missa na mesma capela; e, suposto que as casas de vivenda e hospedarias estavam muito danificadas pelo tempo, contudo respirava ali ainda um ar de grandeza, que acusava a do tempo pretérito.)

Foi Francisco Rodrigues Penteado cheio de morais virtudes: criou-se abundante, viveu abundantíssimo, e soube fazer instruir a todos os filhos nos estudos da gramática, filosofia e teologia nas aulas dos jesuitas de São Paulo à custa de muitas despesas. Foi casado com sua prima direita D. Ana Ribeira, filha de Pascoal Leite de Miranda e de sua mulher D. Ana Ribeira. Em título de Mirandas, cap. 1.º § .º, e em título de Freitas, cap. 2.º § 2.º. Faleceu dito Penteado na sua fazenda da Piedade em 1746 com testamento; (cartório eclesiástico, maço 1.º letra F.) e conduzido o cadaver para a cidade, jaz sepultado na capela da Ordem Terceira do Carmo, da qual tinha sido prior. Sua mulher D. Ana Ribeira sobreviveu muitos anos; e tendo-se passado a viver em S. Paulo em companhia de seu filho o cônego Lourenço Leite, faleceu e jaz sepultada na mesma capela da Ordem Terceira, de que fora priora. E teve quatro filhos naturais de S. Paulo:

§ 1.º

2 — 1. Lourenço Leite Penteado, tomou o capelo de mestre em artes no colégio dos jesuitas de São Paulo: foi criado cônego pelo primeiro bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira em 1746 no mês de dezembro, em que este prelado chegou a S. Paulo, e faleceu o mesmo em novembro de 1758 (* Parece-me haver engano nesta data): foi o cônego Lourenço Leite eleito em cabido em vigário capitular do bispado, que exerceu todo o tempo de Sé vacante com grande aceitação, e faleceu no ano de 1752.

§ 2.º

2 — 2. José Manuel Leite Penteado, tomou o capelo de mestre em artes no colégio dos jesuitas de São Paulo e foi presbítero de S. Pedro. Passou para as minas do Cuiabá, e depois se estabeleceu com numerosa escravatura nas do Mato-Grosso. Gozou sempre de um respeito igual ao seu merecimento, porque foi afavel, cortez, benigno, e muito zeloso dos pobres, e do real serviço, pelo qual não duvidou executar uma ação não só de crédito, mas tambem de igual perigo e grossa despesa.

Achava-se o inimigo castelhano no ano de 1762 ocupando já com mil e duzentas armas de soldados de tropas regladas do Perú

e Buenos Aires, e grande corpo de índios, uma fortaleza constituida com grossa estacada na parte oposta da margem do rio Guaporé abaixo da barra do Rio Baures com artilharia grossa, e por comandante dela D. Alonso Verdugo. Esta fortaleza impedia totalmente o passo e curso das barcas (em Mato-Grosso chamam igarités a uns pequenos botes, que servem para a navegação destes rios, por onde tambem andam botes grandes, vindos nas monções do Pará) que deviam dar o socorro de gente e de mantimentos ao nosso governador e capitão-general D. Antônio Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, que apenas se achava com cem homens. Este fidalgo se achava muito abaixo da fortaleza na barra do rio Mamoré, destituido totalmente de toda a esperança de ser socorrido, por se achar cercado de incultos sertões, cortados de pantanais atoladiços, que ainda não tinham sido penetrados dos sertanistas paulistas. Esta certeza fazia infalivel o triunfo ao castelhano para dali passar a conquistar a Vila Bela (* Eu vou cortando o que é prolixo nesta narração). Constando o aperto em que se achava o dito general, formou o padre José Manuel Leite um corpo de armas dos seus familiares e escravos, e unindo a si alguns parentes, como João Raposo da Fonseca, filho do capitão-mor José de Góis e Morais: em título de Taques Pompeos, cap. 3.º § 3.º n. 3—1 (* É João Raposo da Fonseca Góis capitão-mor da Vila Bela desde o ano de 1788, e existe com grande estabelecimento de lavras e engenho. Pelos serviços que fez nesse ano de 1763 lhe fez o conde mercê em nome de S. Majestade da mercê do hábito de Cristo, que não se tem verificado por não ter tido quem nesta corte lhe cuidasse nisso), Sebastião Pinheiro Raposo, filho natural do brigadeiro Antônio de Almeida Lara; em título de Taques, cap. 3.º § 6.º n. 3—1 a n. 4—2, Bento Dias Botelho, natural da vila de Itú, filho de Pascoal de Arruda Botelho; em título de Arrudas. (* Este Bento Dias faleceu em Mato-Grosso capitão-mor da Vila Bela, casado), e o socorro de 30 homens armados debaixo do comandante deles Domingos Moreira, enviados do Cuiabá em 1763 à sua custa pelo capitão José Pais Falcão; em título de Taques, cap. 3.º § 4.º n. 3—4 a 4—4 (* Este grande socorro do capitão José Pais consta de documentos que se acham em meu poder, pertencentes aos filhos o sargento-mor José Pais Falcão das Neves, e o capitão Salvador Pais Falcão; o primeiro dos quais fez outro semelhante, porem maior serviço no ano de 1766, apresentando-se à sua custa, e sem prêmio nem estipêndio algum com 40 homens armados na fortaleza da Conceição, hoje chamada do Príncipe da Beira, nas margens do Guaporé, distante mais de 200 léguas do Cuiabá, na qual residiu no serviço militar com toda a sua gente pelo espaço de dois anos, três meses e dezessete dias que principiaram em 29 de maio de 1766, e findaram em 15 de setembro de 1768, com grande despesa e perda de jornais e 23 escravos que entravam no número dos 40 soldados; tudo em tempo que governava as capitanias de Mato-Grosso e Cuiabá João Pedro da Câmara, sobrinho direito do conde de Azambuja, a quem sucedeu

no governo. E em contemplação a este grande serviço lhe fez mercê no real nome Luiz Pinto de Sousa Coutinho hoje secretário de Estado dos negócios estrangeiros e da guerra de um hábito de Cristo com 30$000 de tença a 24 de janeiro de 1769, por ter sucedido no governo proximamente, da qual mercê agora neste ano de 1794 estou encarregado de requerer a confirmação); empreendeu e conseguiu o dito padre José Manuel Leite socorrer ao general Moura, para cuja facção de tanto crédito e utilidade, como depois mostrou o sucesso, se animou a navegar o rio Guaporé (* O A. escreve Vaporé) contra a força de artilheria do inimigo, que varejava da fortaleza o impedir o socorro das barcas e canos, e venceu dificuldades imponderaveis aos olhos dos que tinham conhecimento da natureza daqueles impedimentos. Este foi o total socorro, com que se achou o general Moura, e constava só de homens armados, sem mais disciplina, que o ardor de baterem ao desigual poder do inimigo. O padre José Manuel foi o mestre de campo desta importantíssima conduta, que compreendia 40 escravos seus, armados de espingardas, cujos jornais não duvidou perder nem arriscar as suas vidas, quando ele mesmo expunha a sua e de seus parentes, com tanto ardor e despesa. O estado em que se achava o general Moura antes de lhe chegar o inesperado socorro do padre José Manuel e seus parentes, consta da carta que escreveu com data de 3 de outubro de 1763, que damos fielmente copiada, em título de Taques, já referido (* Alí não está copiada esta carta, talvez por esquecimento: acha-se em meu poder a original, assim como a certidão ou apelação que passou o conde de Azambuja, e outras muitas cartas, cujas cópias pela maior parte estão avulsas neste título de Penteados do A.) Dela consta também o § seguinte, que por indicar alguma parte do que fica dito o damos por cópia:

"Muito certo estou no seu afeto, e no cuidado em que haviam de por a Vm. as primeiras notícias que daquí foram: eu lhe agradeço todas as rogativas e deprecações, que fez a este respeito, e bem se vê que o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição e do Senhor S. José (* O capitão José Pais Falcão era um extraordinário devoto de S. José, em cuja honra fundou uma igreja no seu estabelecimento de Cocais e dispendeu grossas somas nas suas festividades até a sua morte em avançada idade), e Santo Antônio é que nos valeu porque o poder do inimigo era muito desproporcionado ao nosso, quando nós nos achávamos apenas com cem armas de fogo, tinham eles algumas mil e duzentas com muitas peças de artlheria, sendo muita parte da gente de dentro do Perú e Buenos Aires. A vista disto parece que só o conservar-nos aquí era grande temeridade: mas Nossa Senhora da Conceição nos deu tal constância, que com estes poucos os perseguimos, e lhes matamos em vários encontros bastante gente, e lhe conquistamos a aldeia de S. Miguel, de onde entre outras muitas coisas, temos tirado 800 cabeças de gado vacum e 80 pouco mais ou menos de gado cavalar, muitos porcos, muitas galinhas; e ainda que a esta-

cada de Itunamás se não levou, fugiram os castelhanos daquele ataque tão aterrados e abatidos, que, quando chegou o tratado das pazes, estiveram por tudo o que nós quisemos."

Nas minas de Mato-Grosso faleceu o padre José Manuel Leite Penteado a 20 de setembro de 1768, deixando um sentimento geral àqueles moradores que o respeitavam como coluna de toda a proteção. Na sua casa tinha hospital para curar aos pobres enfermos das carneiradas chamadas sesões malignas; e liberalmente dispendia todos os anos grosso cabedal no curativo e sustento dos enfermos pobres, que a sua grande caridade amorosamente recolhia; e porisso não deixou ouro em pó, e somente a sua fábrica de minerar. E importaram os seus bens por inventário em 17,400 oitavas de ouro (que naquele tempo valia 1$500 cada oitava) as quais fazem a reais 26:100$000. E ordenou no seu testamento, que três mil cruzados se empregassem em escravos no Rio-de-Janeiro para trabalharem no engenho de açucar, cujos rendimentos seriam para o patrimônio da sua capela de Nossa Senhora do Pilar, que ele havia fundado.

§ 3.º

2 — 3. Francisco Xavier de Sales, tendo tomado o capelo de mestre em artes, como seus irmãos, e sendo excelente estudante, não quis seguir o estado sacerdotal, nem o de casado. Passou para as minas do Cuiabá, onde tendo ocasiões repetidas para adquirir grande cabedal, nenhum lhe chegava a satisfazer o ânimo, que passou a ser pródigo com desperdício. Naquelas minas se fez amado e respeitado geralmente dos naturais e estranhos. Teve sempre o primeiro voto em todas as assembléias da república; e foi sargento-mor do regimento, que alí criou Rodrigo Cesar de Menezes passando a estas minas por ordem régia no ano de 1726, em que estava governador e capitão-general de S. Paulo, de onde saiu deixando em seu lugar governador interino ao paulista o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca; e no trânsito que fez para o porto de Araraitga, foi hospedado na casa da piedade de Francisco Rodrigues Penteado, que o demorou, banqueteando-o três dias com toda a sua comitiva, que era numerosa pelos muitos paulistas e europeus, que por obséquio o iam acompanhando até o dito porto, onde embarcou para o Cuiabá no dia 16 de julho do mesmo ano de 1726. Com a morte do cônego Lourenço Leite saiu de Cuiabá para S. Paulo Francisco Xavier de Sales, para tomar conta da casa e capela de Nossa Senhora da Piedade; porem durou tão pouco tempo, que só serviu a sua vinda para fazer mais sentida a sua morte aos parentes de S. Paulo, e faleceu em 1759 solteiro.

§ 4.º último

2 — 4. João Leite Penteado, foi o mimo dos pais que nunca lhe consentiram saisse da sua companhia. Foi nobre cidadão de S. Paulo e da sua comarca, sargento-mor dos auxiliares do regimento dela (que havia vagado por morte do sargento-mor Manuel Carvalho da Silva e Aguiar), por patente do general Cesar datada em S. Paulo a 25 de junho de 1726 (Arquivo da Câmara de S. Paulo, livro de registro, título 1721, pág. 196). Foi juiz ordinário de S. Paulo no ano de 1755, e faleceu no de 1756, estando casado com D. Inácia Bueno de Brito, natural de Parnaíba, filha do capitão João Bicudo de Brito: em título de Bicudos, n. 1 cap. 1.º § 4.º e seg. E deixou três filhos de tenros anos:

3 — 1. Francisco de Sales de Brito.
3 — 2. José Manuel Leite.
3 — 3. D. Maria Custódia Ribeira Leite.

CAPÍTULO 2.º

1 — 2. Antônio Rodrigues Penteado, estabeleceu-se na vila de Sorocaba, onde teve sempre as rédeas do governo da república; e ali foi casado com D. Maria de Lara; em título de Taques Pompeos, cap. 3.º § 4.º n. 3—5. Com sua descendência.

CAPÍTULO 3.º

1 — 3. D. Andresa Leite, faleceu solteira.

CAPÍTULO 4.º

1 — 4. Manuel Correia Penteado, passou às Minas-Gerais, e recolheu-se abundante, conservando-se sempre na sua grande fazenda do sítio de Araçariguama do termo da vila de Parnaíba, onde ocupou os honrosos cargos da república, gozando de um respeito igual ao merecimento em que soube ser atendido e venerado. Foi casado com D. Beatriz de Barros. Em título de Mesquitas, cap. 1.º. Faleceu Manuel Correia Penteado com testamento a 18 de março de 1745, declarando a sua naturalidade a cidade de S. Paulo, e seus pais. (Cart. de orph. de Parnaíba, inv. n. 652). E teve seis filhos:

§ 1.º

2 — 1. Ana Pires, casou com Antônio Dias da Silva, filha do capitão João Dias da Silva. Em título de Pires, cap. 6.º § 4.º n. 3—4. E tem geração.

§ 2.º

2 — 2. Maria Dias de Barros, foi casada na Penha com Francisco Gonçalves de Oliveira, natural da vila de Viana do Minho, o qual depois casou com a filha de José de Almeida Lara. Faleceu Maria Dias em 1734 (Parnaiba, inv. n. 585). E teve seis filhos:

3 — 1. Francisco Xavier de Oliveira.
3 — 2. José.
3 — 3. Inácio.
3 — 4. Antônio.
3 — 5. Maria Dias Leite, casou primeira vez com Manuel Dias Ferraz, segunda vez com ...... Lara Betimk.

3 — 6. Maria Leite, casada com Inácio Barbosa de Araujo, natural de Parnaiba.

§ 3.º

2 — 3. Maria Leite da Escada, foi casada com André de S. Payo. Em título de Arrudas, n. 3.º cap. 3.º: com sua geração. Faleceu Maria Leite em 1727 (Orph. de Parnaíba, inv. n. 550).

§ 4.º

2 — 4. O padre José de Barros, do hábito de São Pedro, faleceu nas minas de Mato-Grosso, testando um grande cabedal, que o repartiu em legados pios, deixando a cada sobrinho quatro mil cruzados, e por seu testamenteiro para o cumprimento do testamento a Calisto do Rego de S. Paio.

§ 5.º

2 — 5. Fernão Pais de Barros, nobre cidadão da república de Parnaiba, onde faleceu estando casado com D. Angela de Cerqueira Leite, filha de D. Maria de Cerqueira; em título de Moreiras, n. 1.º cap. 4.º § 1.º n. 3—1 a n. 4—3. n. 5—4: com geração em Mirandas, cap. 3.º § 4.º n. 3—3.

§ 6.º

2 — 6. Manuel Correia de Barros, casado com sua parenta Maria de Campos, filha de Manuel Ferraz de Campos. Em título de Campos, cap. 11 § 2.º. Com geração.

CAPÍTULO 5.º

1 — 5. Pascoal Leite Penteado, foi nobre cidadão de São Paulo, e da vila de Parnaiba, casado com D. Luzia Leme de Barros; em título de Mesquitas, cap. 2.º. E teve oito filhos. Faleceu com testamento a 10 de dezembro de 1707. Resíduo da provedoria de S. Paulo, testamento de Pascoal (Leite Penteado, e Orph. de S. Paulo, inv. letra P. maço 1.º n. 57.)

§ 1.º

2 — 1. Pedro Vaz Justiniano, faleceu em Mato-Grosso; e foi casado com Isabel de Arruda, filha de Pedro Dias Leite; em título de Arrudas, n. 1.º cap. 1.º § 8.º. Com geração.

§ 2.º

2 — 2. Francisco Leite Penteado, morador em Cuiabá, solteiro em 1763, em Mato-Grosso.

§ 3.º

2 — 3. Manuel Leite, faleceu solteiro em Mato-Grosso.

§ 4.º

2 — 4. José Correia Penteado, faleceu solteiro em Cuiabá.

§ 5.º

2 — 5. Antônio Leite Penteado, faleceu solteiro na cidade de S. Paulo.

§ 6.º

2 — 6. D. Maria Pires de Barros, existe em 1769 no estado de viuva de seu marido Francisco Barbosa de Lima, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho do sargento-mor pago Francisco Barbosa de Lima e de D. Isabel Gonçalves Moreira sua mulher. Em título de Moreiras, n. 1.º cap. 4.º § 1.º n. 3—1 a n. 4—6. E teve nascidos em S. Paulo cinco filhos:

3 — 1. O reverendo Inácio Xavier Moreira Penteado, pároco recomendavel da freguesia de S. João de Atibaia, hoje vila em

1770, onde tendo sido conservado muitos anos, teve sucessor com a morte do Exmo. bispo D. Frei Antônio da Madre de Deus Gairão; porem, ficando com o governo do bispado em 1769 o reverendo arcedíago Mateus Lourenço de Carvalho, fez logo restituir aquela saudosa igreja, ou povo dela ao reverendo Dr. Inácio Xavier Moreira, que foi recebido dos seus já antigos fregueses com o alvoroço, que lhes ditava o respeito e a veneração. (* Eu o vi com saude em S. Paulo em 1793).

3 — 2. Cosme Gonçalves Moreira, solteiro.

3 — 3. D. Luzia Leme de Barros, casou com Salvador Correia de Lemos, filho do capitão-mor governador Antonio Correia de Lemos. Em título de Quadros, cap. 4.º § 1.º n. 3—6. E teve.

3 — 4. D. Teresa Pires de Barros, solteira.

3 — 5. D. Isabel Gonçalves Moreira, mulher de José de Oliveira Bernardes, natural da vila de Parnaiba, filho do capitão Rafael de Oliveira, senhor da fazenda de Senanduva, natural de Jundiaí, e de Bárbara Garcia sua mulher, natural de Parnaiba.

§ 7.º

2 — 7. D. Maria Leite de Mesquita, solteira em 1763, moradora da freguesia da Acutia. Faleceu avançada em anos a 22 de outubro de 1773, e jaz no Carmo de S. Paulo.

§ 8.º último

2 — 8. D. Clara de Miranda, foi casada com Antônio Correia de Lemos, filho do capitão-mor governador Antônio Correia de Lemos: em título de Quadros, cap. 4.º § 1.º n. 3 — 2. E teve cinco filhos naturais de Parnaiba:

3 — 1. O padre Pascoal Correia Leite, vigário da praça de S. Luiz de Guatemim.

3 — 2. João Correia de Lemos, existe solteiro no Cuiabá.

3 — 3. José Correia de Lemos, solteiro, morador na fazenda de Senanduva em 1770.

3 — 4. Francisco Correia, faleceu solteiro na vila de Parnaiba.

3 — 5. D. Maria Xavier, mulher do capitão José Galvão de França. Em título de Mirandas, cap. 3.º § 3 n. 3—3 a n. 4—1.

CAPÍTULO 6.º

1 — 6. João Correia Penteado, nobre cidadão de S. Paulo, foi casado com D. Isabel Pais de Barros; em título de Mesquitas, cap. 3.º. E teve seis filhos naturais de S. Paulo:

§ 1.º

2 — 1. Pedro, que voou para o céu em tenros anos.

§ 2.º

2 — 2. Francisco Rodrigues Penteado, nobre cidadão, em Betimk cap. 7.º § 2.º n. 3—1; ou em título de Pires, cap. 3.º § 1.º n. 3—1.

3 — 2. Matias de Madureira Calheiros.

3 — 3. Francisco Rodrigues Penteado (* Ordenou-se de presbítero há muitos anos na cidade de Buenos Aires, e tem sido vigário, e existia em São Paulo em 1793).

3 — 4. João Correia Penteado.

3 — 5. Antônio Pires Penteado.

3 — 6. Inácio.

3 — 7. Manuel Joaquim Leite Penteado. (* Depois de ter seguido os estudos em S. Paulo, foi para Mato-Grosso a arrecadar uma herança pertencente a sua avó materna por falecimento de seu filho Gregório de Madureira Calheiros; e existia em 1792 em Vila Bela).

3 — 8. Lourenço.

3 — 9. José.

3 — 10. Bento.

3 — 11. Bernardino.

3 — 12. Joaquim.

3 — 13. Luiz Pedroso de Barros.

§ 3.º

2 — 3. Antônio Rodrigues Penteado, existe em 1769 no estado de viuvo de sua mulher D. Rosa Maria da Luz do Prado, filha do capitão-mor governador Antônio Correia de Lemos; em título de Quadros, cap. 4.º § 1.º n. 3—10. E teve doze filhos:

3 — 1. João Correia de Lemos Penteado.

3 — 2. Francisco Xavier Leite, casou em S. Paulo com D. Isabel ...... filha de Francisco Correia Guedes, e de D. Maria Pinto do Rego, natural de Santos.

3 — 3. Lourenço Penteado, solteiro.

3 — 4. Manuel Rodrigues Penteado, solteiro.

3 — 5. José Rodrigues Penteado, casou em Juquirí com Filipa da Silva, filha de João Bueno da Silva, nobre cidadão.

3 — 6. D. Maria Leite Penteado, casada com Pedro Ferraz Pacheco, natural de Itú, filho do capitão-mor Manuel de Sampaio Pacheco; em título de Arrudas.

3 — 7. D. Isabel Pais, casada com Manuel Rodrigues Fam, natural da Parnaíba, filha de Manuel Rodrigues Fam, natural de Portugal.

3 — 8. D. Bárbara ...... casada com Inácio de Camargo, filha de Tomaz Lopes de Camargo, e de ...... da Costa sua mulher. Em Camargos, cap. 1.º § .... n. 3—

3 — 9. D. Ana .... casada com José de Camargo, filho de Tomaz Lopes de Camargo o mesmo do n. 3—8 acima.

3 — 10. D. Rosa .... casada em Parnaiba com Antônio ..

3 — 11. D. Maria Leite de Mesquita, casou na Parnaiba com Lucas ......

3 — 12. D. Maria ...... casou na Parnaiba com Estevão Franco, natural de S. Paulo.

§ 4.º

2 — 4. Caetano, faleceu menino.

§ 5.º

2 — 5. D. Maria Leite de Barros, faleceu em 1772, viuva de seu marido João Correia de Lemos, filho do capitão-mor governador Antonio Correia de Lemos; em título de Quadros, cap. 4.º § 1.º n. 3—2. E teve:

3 — 1. Antonino Correia de Lemos Leite, capitão-mor da vila de Parnaiba, onde tomou posse no ano de 1761, casado com D. Mariana Pais, irmã do reverendo Inácio Pais de Oliveira. Em título de Lemos, cap. 5.º § ...

3 — 2. Francisco Correia de Lemos, nobre cidadão de São Paulo, que foi juiz ordinário em 1763 e 1767, morador na sua fazenda de Cutauna do rio Carapicuiba, e rio Tiete; está casado com D. Maria Leite da Fonseca, filha do coronel Hierônimo Pedroso de Barros, e de sua mulher D. Francisca Romeira Velho Cabral, natural de Taibaté. Em título de Costas Cabrais, cap. 5.º § 3.º e seg. E teve nascidos em São Paulo doze filhos:

4 — 1. D. Josefa.
4 — 2. D. Maria.
4 — 3. D. Ana.
4 — 4. D. Teresa.
4 — 5. D. Isabel.
4 — 6. D. Escolástica.
4 — 7. D. Tomásia.
4 — 8. D. Gertrudes.
4 — 9. D. Maria.
4 — 10. D. Francisca.
4 — 11. Vicente.
4 — 12. Inácio.

3 — 3. João Correia Lemos, existe solteiro em 1769.

3 — 4. Inácio Correia de Lemos, existe casado com sua prima D. Isabel Pais de Barros, natural de Parnaiba, filha de João da Rocha do Canto, e de Águeda Xavier de Barros do § 6.º abaixo.

3 — 5. Lourenço Correia de Lemos, existe solteiro.

3 — 6. D. Joana Xavier de Barros, foi casada com Gregório Dias Pais, natural das minas de Guarapiranga, filho de Bernardo de Chaves Cabral, e de D. Maria Garcia, irmã direita do guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite, professo da Ordem de Cristo. Em título de Lemos, cap. 5.º § .... E teve uma filha que casou na Parnaiba.

3 — 7. D. Teresa Correia de Lemos, casou com Manuel de Chaves Sabral, irmão direito de Gregório Dias Pais, acima n. 3—6; é morador em Minas-Gerais.

§ 6.º último

2 — 6. D. Águeda Xavier de Barros, casou com João da Rocha do Canto, natural de Parnaiba e seu nobre cidadão, filho de Domingos da Rocha do Canto, e de sua mulher Maria de Lima, natural de Parnaiba, e o dito Rocha Canto, sobrinho de Antônio da Rocha do Canto, o primeiro que procreou na Parnaíba a família dos seus apelidos Rochas Cantos, e era natural da freguesia de S. Bartolomeu de S. Gens, conselho de Monte-Longo da comarca de Guimarães, filho de João Lopes de Oliveira e de sua mulher Maria da Rocha do Canto; e o dito Antônio da Rocha foi irmão dos Rochas Cantos, da vila de Santos. E teve:

3 — 1. D. Isabel Pais de Barros, existe casada com seu primo Inácio Correia de Lemos, filho de D. Maria Leite de Barros do § 5.º deste cap. 6.º.

3 — 2. D. ......, mulher que foi de Braz Rodrigues da Guerra, filho do capitão Francisco Rodrigues da Guerra: em título de Guerras, cap. ...

CAPÍTULO 7.º último

1 — 7. José Correia Penteado, natural da vila de Parnaiba, casou com D. Lucrécia Leme de Barros; em título de Mesquitas, cap. 4.º. Estabeleceu-se no termo da vila de Parnaiba, de cuja república repetidas vezes ocupou os seus honrosos cargos. Faleceu com testamento a 20 de setembro de 1739 (Orph. de Parnaiba, inv. n. 622). E D. Lucrécia Leme faleceu com testamento a 29 de dezembro de 1742 (Parnaiba, inv. n. 644). E teve seis filhos naturais de Parnaiba.

§ 1.º

2 — 1. Pedro Vaz, faleceu solteiro.

§ 2.º

2 — 2. Francisco Rodrigues Penteado, Dr. em artes, casou na Vila Boa de Goiazes, onde existe morador, com D. ......, filha do capitão-mor Bartolomeu Bueno da Silva: em título de Lemes, cap. ...

§ 3.º

2 — 3. Manuel Dias Penteado, faleceu em Mato-Grosso, solteiro.

§ 4.º

2 — 4. D. Ana Ribeira de Barros, foi casada com Manuel Ferraz de Campos; em título de Campos, cap. 11 § 2.º. E teve quatro filhos:

3 — 1. José de Campos, faleceu solteiro.

3 — 2. Teodósio de Campos, faleceu em Mato-Grosso de morféia.

3 — 3. D. Maria de Campos, casou com seu tio Manuel Correia de Barros. Em título de Campos, cap. 11.

3 — 4. D. Isabel de Campos, casou com Manuel de Góis de Andrade, filho de João de Brito de Andrade e de Isabel de Andrade, sua mulher.

§ 5.º

2 — 5. Pascoal Leite Penteado, foi casado com ......, filha de Antônio Soares Pais e de sua primeira mulher. E teve três filhos:

3 — 1. José.

3 — 2. Luiz.

3 — 3. Antônio.

§ 6.º último

2 — 6. José Correia Leme, foi casado com Maria Garcia Borba, filha de Antônio Garcia Borba.

ALVARENGAS MONTEIROS

A nobre família de Alvarengas Monteiros, da capitania de S. Paulo, teve por progenitor a Antônio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, legítimos Alvarengas daquela comarca, filho de Baltasar de Alvarenga e de Mécia Monteiro, fidalgos conhecidos de cota de armas, como abaixo fazemos menção. Este Antônio Rodrigues de Alvarenga foi um dos povoadores nobres da vila de S. Vicente de onde veio já casado para S. Paulo proprietário do ofício de tabelião do judicial e notas, por mercê do donatário e senhor da capitania de S. Vicente Martim Afonso de Sousa, fundador da dita vila pelos anos de 1531 até 1534, em que se recolheu ao reino deixando a vila de S. Vicente nobremente povoada. Alí casou dito Alvarenga com D. Ana Ribeira, natural da cidade do Porto (irmã direita de Cecília Ribeira: em título de Quadros; de Leonor Pedrosa: em título de Morais Antas, cap. 1.º de Pantaleão Pedroso: em título de Morais Antas, cap. 3.º) filha de Estevão Ribeiro Baião Parente de Madureira, da cidade do Porto, de onde veio este casal com filhos e filhas povoar a Vila de S. Vicente, o que temos já mostrado em título de Quadros. Em S. Paulo se estabeleceu Antônio Rodrigues de Alvarenga e como pessoa tão principal, foi da governança da terra com grande estimação e veneração pela qualidade de sua nobreza. Faleceu com testamento a 14 de setembro de 1614; e sua mulher tambem com testamento a 23 de outubro de 1647. (Orph. de S. Paulo maço 2 de Inv. let. A. n. 2, o de Antônio Rodrigues de Alvarenga. Cart. 1.º de Notas de S. Paulo, maço de Inv. antigos, o de Ana Ribeira) e foi sepultada na capela-mor da igreja do Carmo em jazigo próprio, no qual se havia enterrado seu filho o sargento-mor da comarca Antônio Pedroso de Alvarenga.

Entre os descendentes deste Antônio Rodrigues de Alvarenga que nos cláustros de Nossa Senhora do Carmo, S. Bento e S. Francisco se fizeram recomendaveis pelos púlpitos, cadeiras e prelazias, não foi de pequeno nome o padre mestre frei Luiz dos Anjos, carmelita da província do Rio-de-Janeiro, o qual para desabusar alguns incrédulos de S. Paulo, da grande nobreza e pureza de sangue de seu bisavô Antônio Rodrigues de Alvarenga, e para confundir a maledicência daqueles cujo ódio oculto fazia produzir vozes contra o seu nobre sangue, passou a Lisboa, onde pediu o brasão de armas pertencente à sua família. E porque este documento não é da natureza de muitos brasões de armas, passados pelo rei de armas do reino sem muita despesa nem exame, como

sabemos se pratica no presente tempo, em que um vilão ruim, conhecido por tal, vendo-se favorecido dos bens fortuna, se constitue nobre, e fidalgo antigo de cota de armas; e basta só v. g., ter o apelido de Castro para tirar o brasão das armas dos ilustres Castros, damos aquí a cópia dele para verdadeiro conhecimento da nobreza de Antônio Rodrigues de Alvarenga extraído do registo do arquivo da câmara de S. Paulo, livro, título 1675, pág. 97v. E tambem se acha registado na câmara da vila da Ilha Grande Angra dos Reis em agosto de 1702, e na câmara de Pindamonhangaba, e outras. (* A cópia já escreví no título de Chassins, pág. 3.)

Do matrimônio de Antônio Rodrigues de Alvarenga, e de D. Ana Ribeira nasceram em S. Paulo dez filhos:

D. Maria Pedrosa .... Cap. 1.º
Inês Monteiro .... Cap. 2.º
Francisco Alvarenga .... Cap. 3.º
Luiz Monteiro .... Cap. 4.º
Estevão Ribeiro de Alvarenga .... Cap. 5.º
Ana de Alvarenga .... Cap. 6.º
Antônio Pedroso de Alvarenga .... Cap. 7.º
Fr. Bento da Trindade, carmelita .... Cap. 8.º
Tomásia de Alvarenga .... Cap. 9.º
Maria Rodrigues de Alvarenga .... Cap. 10.º

CAPÍTULO 1.º E 2.º

a. 1 — 1. D. Maria Pedroso, foi casada com o capitão Sebastião de Freitas, fidalgo cavalheiro, cuja nobre qualidade, naturalidade, sua passagem para o Brasil no serviço d'el-rei em 1591, em que chegou à Baía. Seus empregos em S. Paulo, seu falecimento e descendência tratamos em títulos de Freitas.

b. 1 — 1. Inês Monteiro, chamada a Matrona pelo merecimento de suas ações, grandeza do tratamento da sua casa, e capela de Santa Inês: foi casada com o capitão Salvador Pires. Em título de Pires, com sua descendência cap. 5.º.

CAPÍTULO 3.º

c. 1 — 3. Francisco de Alvarenga, foi morador da vila de Parnaiba, e capitão da gente dela para a reger e governar, e teve um grande respeito como pessoa tão principal, e das primeiras do governo da república, cujos honrosos cargos ocupou repetidas vezes, tendo de antes sido nobre cidadão de S. Paulo sua pátria. Foi casado com Luzia Leme em S. Paulo, filha de Aleixo Leme, e sua mulher Inês Dias. Em título de Lemes, livro 3.º cap. 1.º. Faleceu com testamento a 10 de agosto de 1675, e sua mulher Luzia Leme com testamento a 16 de outubro de 1653 (Cart. de Orph. de Parnaiba, inv. 250, e n. 83). E teve dez filhos naturais de S. Paulo:

2 — 1. Anna Ribeira .... § 1.º
2 — 2. Francisca Leme .... § 2.º
2 — 3. Luzia Leme de Alvarenga .... § 3.º
2 — 4. Fr. Bento da Trindade .... § 4.º
2 — 5. Antônio Pedroso de Alvarenga .... § 5.º
2 — 6. Aleixo Leme de Alvarenga .... § 6.º
2 — 7. Sebastião Leme Ribeiro .... § 7.º
2 — 8. Maria Leme de Alvarenga .. .. § 8.º
2 — 9. Tomasia Ribeira .... § 9.º
2 — 10. Inêz Dias de Alvarenga .... § 10.º

§ 1.º

2 — 1. Ana Ribeira, casou na matriz de S. Paulo a 11 de outubro de 1632, com João Bicudo de Brito, filho de Antônio Bicudo e de Maria de Brito sua mulher, todos naturais de S. Paulo. Em título de Bicudos, n. 1.º cap. 1.º § 3.º E teve naturais de São Paulo, cinco filhos:

3 — 1. Antônio Bicudo de Brito.
3 — 2. Manuel Bicudo de Brito.
3 — 3. Tomásia de Almeida.
3 — 4. Sebastião Bicudo de Brito.
3 — 5. Maria Bicudo de Brito.

3 — 1. Antônio Bicudo de Brito, casou em Parnaiba a 31 de janeiro de 1667, com D. Maria de Lima filha do capitão-mor Guilherme Pompeu de Almeida: foi capitão da vila de Parnaiba, e uma das pessoas do maior respeito dela, que ocupou sempre os cargos honrosos da sua república: nela faleceu com testamento a 11 de janeiro de 1687, sem geração. Em título de Taques, cap. 2.º § 2.º.

3 — 2. Manuel Bicudo de Brito, natural de Parnaiba, como consta do seu testamento com que faleceu na dita vila a 29 de janeiro de 1718 (Orph. de Parnaiba, inv. n. 501): foi nobre cidadão desta vila: casou duas vezes; primeira com Tomásia de Almeida, que alí faleceu em 1717 (Orph. de Parnaiba, inv. n. 501). E teve onze filhos: segunda vez casou com Maria Cordeiro de Almada, sem geração. Do 1.º matrimonio são os onze filhos os seguintes:

4 — 1. Miguel Bicudo de Brito, casou ....

4 — 2. João Bicudo de Brito, casou com Margarida Bicudo e faleceu em Itú a 19 de dezembro de 1709 (Orph. de Parnaiba. inv. n. 455). E teve dois filhos. Em título de Campos, cap. 11 § 4.º.

5 — 1. Pedro.
5 — 2. José.

4 — 3. José Bicudo de Brito, capitão-mor da vila de Parnaiba. faleceu com testamento a 14 de setembro de 1753; e foi casado com D. Sebastiana da Silva, sem geração. Instituiu herdeiro de sua fazenda a Nossa Senhora do Carmo, colocada na matriz da Parnaiba; alem dos dinheiros que já tinha dado em sua vida para patrimônio da festa anual da Senhora que se executa com salvas, etc.

4 — 4. Antônio Bicudo de Brito, foi casado com Inácia de Almeida a qual faleceu com testamento a 29 de setembro de 1713. (Orph. de Parnaiba, inv. n. 468). E teve quatro filhos:

5 — 1. Maria.
5 — 2. Tomásia.
5 — 3. Ana.
5 — 4. Escolástica.
5 — 5. Luzia Bicudo.

4 — 6. Fernão Bicudo de Brito.

4 — 7. Francisco Bicudo de Brito, faleceu com testamento a 8 de junho de 1709: foi casado com Maria de Almeida. (Orph. de Parnaiba, inv. n. 459). E teve três filhos:

5 — 1. João Bicudo de Brito.
5 — 2. Maria Bicudo.
5 — 3. Ana Ribeira, mulher do capitão Francisco Jorge da Silva.

4 — 8. Anna Ribeira, foi casada com o capitão Francisco Pires de Camargo. Em título de Pires cap. 6.º § 8.º, e melhor em título de Camargos, cap 2.º § 3.º n. 3—3.

4 — 9. Maria Bicudo, casou com o capitão Francisco Preto.

4 — 10. Isabel Bicudó de Brito.

4 — 11. Tomásia de Almeida.

3 — 3. Tomásia de Almeida (filha do § 1.º). Foi casada com Francisco Vieira Velho. Ela faleceu em Parnaiba a 15 de 1726 (orph. de Parnaiba, inv. n. 541). E teve naturais de Parnaiba dois filhos:

4 — 1. José Velho Bicudo.
4 — 2. Isabel.

3 — 4. Sebastião Bicudo de Brito.

3 — 5. Maria Bicudo, foi mulher de Paulo de Proença Abreu, natural da vila de Santos. Em título de Proenças Abreus, da Parnaiba com sua descendência.

§ 2.º

2 — 2. Francisca Leme de Alvarenga; foi casada com Domingos Bicudo de Brito, filho de ...... Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1.º § 7.º, com geração.

§ 3.º

2 — 3. Luzia Leme de Alvarenga, se foi casada, ou faleceu solteira, não descobrimos documento, porem em 1675, em que faleceu seu pai Francisca de Alvarenga estava ainda solteira.

§ 4.º

2 — 4. Frei Bento da Trindade, foi religioso carmelita na província do Rio-de-Janeiro, como consta dos testamentos de seus pais retro indicados.

§ 5.º

2 — 5. Antônio Pedroso de Alvarença, casou com Maria de Brito, filha de Antônio Bicudo de Brito. Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1.º § 3.º. E teve 3—1. D. Isabel de Brito, mulher de João Tavares de Miranda; em título de Cerqueiras, cap. 8.º § 3.º, com geração.

§ 6.º

2 — 6. Aleixo Leme de Alvarenga, natural de Parnaiba, foi casado com Ana de Proença, natural de Parnaiba, onde faleceu ele com testamento a 17 de janeiro de 1675. (Orph. de Parnaiba, inv. n. 513). E teve filha única:

3 — 1. Luiza Leme.

E teve mais dito Aleixo Leme, em Parnaiba cinco filhos bastardos mamelucos, João Leme, João Pedroso, Domingos Leme, Maria Ribeira mulher de Francisco Peres, Paula Leme.

§ 7.º

2 — 7. Sebastião Leme Ribeiro, casou com D. Mariana de Miranda. Em título de Mirandas, cap. 11, com sua descendência.

§ 8.º

2 — 8. Maria Leme de Alvarenga, natural de São Paulo, onde casou a 19 de abril de 1635, com Antônio Bicudo de Brito. Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1.º § 5.º, o qual faleceu em Itú em 1662, e sua mulher já era falecida na Parnaiba com testamento a 14 de janeiro de 1654. (Orph. de Parnaiba, inv. 118, e n. 171). E teve dez filhos que foram:

3 — 1. Antônio, faleceu solteiro.
3 — 2. João, faleceu solteiro.
3 — 3. Bento Bicudo de Alvarenga, foi de morada para Itú, onde casou e faleceu.
3 — 4. Maria de Brito.

3 — 5. Maria Leme de Brito, casou com Gonçalo Simões Chassim. Em título, de Chassins.
3 — 6. Tomásia.
3 — 7. Ana Bicudo.
3 — 8. Maria Bicudo.
3 — 9. Pascoal Bicudo.
3 — 10. Luzia Leme Bicudo, faleceu solteira; deixou testamento a 21 de agosto de 1653. (Parnaiba, inv- n. 53.)

§ 9.º

2 — 9. D. Tomásia Ribeira, (filha do cap. 3.º) foi casada com Francisco Bicudo de Brito. Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1.º § 6.º, o qual faleceu a 12 de março de 1654. (Orph. de Parnaiba, inv. n. .) E teve seis filhos naturais de S. Paulo:

3 — 1. Ana Ribeira, foi casada com Manuel da Costa, nobre cidadão de S. Paulo. Em título de Costas, cap. 1.º com sua descendência.

3 — 2. Francisco Bicudo de Brito, faleceu em Taubaté com testamento a 8 de dezembro de 1693, casado com Isabel Cabral de Quevedo. (Orph. de Taubaté inv. F. n. 7 do maço 1). E teve dois filhos:

4 — 1. Miguel.
4 — 2. Francisco.

3 — 3. Maria Leme Bicudo, mulher de Cornélio da Rocha, que era estrangeiro, e que faleceu em Taubaté, com testamento a 6 de agosto de 1699, filho de Artur Corte Belo e de sua mulher Madalena Masuela. (Orph. de Taubaté, inv. C. n. 18). E teve nove filhos. Em título de Lemes.

4 — 1. Antônio da Rocha Leme, nasceu em Parnaiba a 3 de maio de 1667, casou. Em título de Lemes, cap. 1.º § 7.º n. 3—5.

4 — 2. Francisco da Rocha, casou.
4 — 3. Artur da Rocha, casou na família dos Vieiras Maias, cap. 7.º § 4.º
4 — 4. Cornélio da Rocha, nasceu em Parnaiba a 6 de outubro de 1676.
4 — 5. Manuel da Rocha.

4 — 6. Tomásia Ribeira, casou com Antônio de Góis: ela nasceu em Parnaiba a 22 de novembro de 1665.
4 — 7. Ana da Rocha, casou com Sebastião de Freitas Cardoso. Em título de Toledos cap 3.º § ...
4 — 8. Maria da Rocha.
4 — 9. Isabel da Rocha.

3 — 4. Luzia Leme, faleceu solteira menina.
3 — 5. Francisca, faleceu solteira.
3 — 6. Maria Ribeira, mulher de Manuel Antunes Barbosa, moradores de Taubaté.

§ 10 último

2 — 10. Inês Dias de Alvarenga, (filha do cap. 3) faleceu em Parnaiba, com testamento a 3 de março de 1642, estando casada com Antônio Correia da Silva (que depois casou segunda vez com Andreza Dias, sem geração) natural da cidade de Lisboa, que faleceu em Parnaiba, com testamento a 24 de julho de 1672, filho de Pedro Correia, e de sua mulher Guiomar da Silva. (Parnaiba, inv. n. 32 e n. 228). E teve naturais de Parnaiba oito filhos:

3 — 1. Francico Correia de Alvarenga.
3 — 2. Pedro Correia de Alvarenga, foi casado com Benta Dias de Proença. Em título de Fernandes Povoadores, cap. 7.º § 4.º; com geração.

3 — 3. Luzia Leme.
3 — 4. Antônio Correia de Alvarenga.
3 — 5. Mateus Correia Leme.
3 — 6. João Correia.
3 — 7. Manuel de Chaves de Alvarenga.
8 — 8. Estevão Correia Ribeiro.

CAPíTULO 4.º

1 — 2. Luiz Monteiro, nobre cidadão de S. Paulo; foi casado com Merência Vaz natural da capitania do Espírito-Santo, donde veio com seu irmão Gaspar Vaz Guedes, que foi marido de Francisca Cardoso, filhos de Antônio Vaz Guedes, natural de Mesânfrio, e de Margarida Correia. Em título de Guedes. Merência Vaz faleceu em Santos em 1666 aos 19 de julho, e foi sepulta no colégio dos jesuitas, por não estar a matriz nova ainda acabada (livro de óbitos a fl. 16). Em S. Paulo faleceu Luiz Monteiro com testamento em 1609. (Orph. de S. Paulo, L... Inv. maço 1.º n. 24). E teve filho único:

§ único.

2 — „. Antônio Monteiro de Alvarenga: faleceu em Santos a 19 de julho de 1666, sepultado no colégio (óbitos fl. 77). Foi nobre cidadão de S. Paulo, em cuja matriz casou a 17 de julho de 1639, com Violante de Siqueira filha de Antônio Alves Couceiro, e de sua mulher Maria Ramires (a qual fizeram os antigos ser natural de Portugal de donde viera com seu pai Gonçalo Vaz Pinto, saindo da Baía com o governador geral D. Francisco de Sousa, que chegou a S. Paulo em 1599; porem isto foi engano, porque quando Gonçalo Vaz Pinto veio, era viuvo, e trouxe só o filho Francisco Pinto; e ele faleceu em Santos com testamento a 19 de agosto de 1680). E o dito Couceiro, foi natural de Portugal, irmão de Francisco Borges, marido de Hilária Rodrigues, e faleceu em S. Paulo com testamento a 12 de setembro de 1641 (Orph. de S. Paulo, maço 3.º de inv. letra A. n. 4.º) Este Antônio Monteiro se estabeleceu na vila de Mojí-das-Cruzes. E teve sete filhos que são os que descobrimos por documentos, e ignoramos se foram mais:

3 — 1. Antônio Pedroso de Alvarenga Pinto.
3 — 2. Luiz Monteiro de Alvarenga.
3 — 3. Ana Pedroso de Alvarenga.
3 — 4. Maria Pinto de Alvarenga.
3 — 5. Isabel de Siqueira.
3 — 6. Maria Ramires.
3 — 7. Inês Monteiro.

3 — 1. Antônio Pedroso de Alvarenga Pinto, natural de Mojí-das-Cruzes, onde casou a 29 de setembro de 1671 com Maria do Rosário de Torres, natural da mesma vila onde faleceu com testamento a 10 de dezembro de 1731 (Orph. de Mojí, inv. letra M. n. 11); filha de André Gonçalves de Freitas, e de sua mulher Maria da Luz. Esta Maria da Luz é descendente de Lázaro de Torres, um dos primeiros povoadores de S. Paulo, e já em 1604 estava casado com Maria de Macedo (era irmã de Francisco Ramalho senhor da aldeia de Guanga, chamado por alcunho o Tamarutaca, que faleceu em 1718, e no inventário feito dos bens de Francisco Ramalho consta que Lázaro de Torres era seu cunhado, casado com sua irmã Maria de Macedo) de cujo matrimônio foi filha Margarida de Torres, que na matriz de S. Paulo casou a 16 de agosto de 1634 com Sebastião Fernandes Preto, filho de Sebastião Fernandes Preto. Francisco Ramalho e sua irmã Maria de Macedo mulher de Lázaro de Torres, foram netos de João Ramalho, o progenitor de muitas famílias de São Paulo que foi o fundador da povoação de S. André da Borda do Campo, que se aclamou vila em 8 de abril de 1553, sendo então o dito Ramalho guarda-mor, e alcaide-mor do campo, e tinha o foro de cavaleiro, (Arquivo da câmara de S. Paulo, livro 1.º de registros da vila de S. André fls. e fls. Este João Ramalho veio de Portugal (era natural de Bar-

celos comarca de Vizeu) na companhia de Martim Afonso de Sousa no fim do ano de 1530, que como governador das terras da costa do Brasil por carta do senhor rei Dom João III datada na vida do Crato a vinte de novembro de 1530 (Cart. da prov. da Fazenda livro de reg. de sesmarias, título 1554 pg. 42 e pg. 103) fundou a vila de S. Vicente que foi cabeça de capitania por 100 léguas da qual foi senhor donatário por mercê do mesmo rei passada em Évora a 20 de janeiro de 1535 (Arq. da câmara de S. Paulo, livro de registros, título 1620, pág. 45 e seg.); e o dito Ramalho foi pai de Joana Ramalho mulher de Jorge Ferreira, que tinha o foro de cavaleiro fidalgo, e sendo povoador e morador de S. Vicente foi desta capitania capitão-mor e governador, e ouvidor pelos anos de 1556 por mercê do donatário Martim Afonso de Sousa. (Cart. prov. da Fazenda, livro de sesmarias, título 1554 79, 1.º 1562 pág. 17). Para ser a povoação de S. André aclamada em vila, fez João Ramalho a sua custa construir uma cerca, e dentro dela formou 4 baluartes, em que se cavalgaram peças de artilharia para varejarem contra os repetidos assaltos com que o gentio *Tamoio* da ribeira do Rio Paraiba costumava invadir aos moradores de Santo André, até que cessaram as hostilidades, e penetravam os PP. jesuitas em janeiro de 1554 os campos de Piratininga, e celebrou-se a primeira missa no dia 25 de janeiro de 1555, (*Vide que nesta última época há erro*) que por ser dedicada à conversão do apóstolo S. Paulo ficou a terra tomando o nome deste grande santo. A Vila de S. André da Borda do Campo transmigrou-se para Piratininga de São Paulo pelos anos de 1567 (*Creio que há erro nesta época de* 1567, *e deve ser* 1560) por ordem do governador geral do Estado Mem de Sá, que vindo a São Vicente triunfante do poder dos *Tamoios,* e forças de Nicolau Villagailhon, na enseada do Rio-de-Janeiro, lhe pediram os jesuitas do colégio desta vila se mudassem os moradores da de S. André para o campo de Piratininga, visto que já o cacique Teviriçá estava feito cristão (na sagrada ficou chamando-se Martim Afonso Teviriçá em contemplação do donatário assim chamar-se), e os PP. conservando boa harmonia com todos os vassalos do dito Teviriçá; e com efeito logo se executou esta transmigração, ficando com ela sendo vila o campo de Piratininga de S. Paulo desde o ano de 1567. Do matrimônio de Antônio Pedroso de Alvarenga Pinto, e Maria do Rosario, nasceram na vila de Mojí seis filhos:

4 — 1. Rosa Pedroso de Alvarenga.
4 — 2. Joaquim Pedroso.
4 — 3. Maria Pedroso.
4 — 4. Inês Pedroso.
4 — 5. Violante Pedroso.
4 — 6. Joana Pedroso.

NOTA — Deve-se examinar quem foi João de Torres de Macedo. que casou com Maria Pinto de Alvarenga, de cujo matrimônio foram filhos naturais de Mojí, Antônio Pinto de Alvarenga, que faleceu a 7 de junho de 1735, casado com Maria da Cunha Correia (Resid. ecles. A. n. 4) — e Manuel Pinto de Alvarenga.

4 — 1. Rosa Pedroso de Alvarenga, faleceu com testamento no 1.º de setembro de 1750, e foi casada com Antônio Coelho de Azevedo, natural da vila de Bastos, lugar de Adafe, freg. de S. Miguel de Gêmios (irmão direito de frei João Batista, religioso leigo de S. Francisco da cidade de Lisboa, onde faleceu adornado de letras e virtudes, deixando alguns livros que compôs com muita erudição e vastidão de notícias, entre as quais tem muita aceitação o *Paraiso Seráfico,* em três tomos em fólio; e foi comissário da casa santa) que faleceu em 27 de janeiro de 1735 (Orph. de Mojí, inv. letra A. n. 60 e R. n. 3). E teve sete filhos naturais de Mojí:

5 — 1. Frei Domingos Coelho de Santa Rosa, carmelita que existe em 1769 (* Faleceu em 1777) no convento de S. Paulo, tendo acabado (por querer descansar alem dos seus achaques) de comércio de terceiros, que exercitou muitos anos com grande zelo do bem espiritual dos seus irmãos terceiros, e igual desinteresse e fervor em utilidade do aumento e ornato da capela no estado completo, em que se acha; tinha já ocupado os lugares graves da sua religião: foi prior trienal nos conventos de Mojí e Santos, visitador dos conventos de S. Paulo, Santos e Itú, e tambem definidor da província do Rio-de-Janeiro.

5 — 2. José Coelho de Azevedo, casou com Maria do Rosário.

5 — 3. Vitória Pedro Coelho, casou com Francisco Leme.

5 — 4. Ana Pedroso, casou com o capitão Manuel da Fonseca Coelho.

5 — 5. Maria Pedroso Coelho, casou com Bento de Araujo Ferraz.

5 — 6. Catarina Pedroso Coelho, casou com Antônio Rodrigues Freire. Vide Godói.

5 — 7. Josefa Pedroso, casou com Antônio Francisco Franco.

4 — 2. Joaquim Pedroso, casou em Guaratinguetá, com Arcângela de tal, e foram para a Ioruoca.

4 — 3. Maria Pedroso, casou com Miguel de Sampaio Adorno, da vila de Santos, e faleceu no primeiro parto do qual teve filha:

5 — 1. Ana Pedroso de Alvarenga, que existe casada em Santos com João Martins: sem geração.

4 — 4. Inês Pedroso, casou com Manuel Carvalho da Silva, do Porto, e tiveram filhos.

4 — 5. Violante Pedroso, casou com Antônio Garcia da Silva de Lisboa, e teve um filho único.

4 — 6. Joana Pedroso, casou com João Romeiro, natural de Jacareí, filho de João Angelo, estrangeiro.

3 — 2. Luiz Monteiro de Alvarenga (filho de Antônio Monteiro de Alvarenga do § único retro), faleceu na vila de Mojí, com testamento a 10 de dezembro de 1713 (Orph. de Mojí, inv. letra. L. n. 1, e Resíduo da ouvidor. de S. Paulo, testamento de Luiz Monteiro de Alvarenga). Foi casado duas vezes; primeira com Ana Pedroso (legítima descendencia de Manuel Afonso Gaia, e de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, natural de Penaióia. Em título de Afonsos Gaios, cap. 1.º do n. 3.) que faleceu repentinamente na praia da Bertioga em 1687, (Obitos de Santos, fl. 61) de quem teve três filhos) casou segunda vez com Catarina de Freitas, na vila de Mojí a 20 de fevereiro de 1689, onde faleceu com testamento a 12 de dezembro de 1726. (Orph. de Mojí, inv. letra C. n. 1, e Resíduo da ouvidoria de S. Paulo o testamento de Catarina de Freitas), filha de André Gonçalves de Freitas, de quem já falamos no n. 3—1 retro *in princ.* E teve quatro filhos do segundo matrimônio:

4 — 1. Violante de Siqueira, mulher de Manuel Pinto.
4 — 2. Catarina de Sampaio.
4 — 3. Diogo Adorno de Sampaio, que se supõe casou na vila de Mojí-das-Cruzes. 2.º matrimônio com Catarina de Freitas.

4 — 4. João Monteiro.
4 — 5. Maria Monteiro, foi casada com Bento Ferreira de Queiroz.
4 — 6. Antônio Monteiro.
4 — 7. Timóteo.

3 — 3. Ana Pedroso de Alvarenga, casou em Mojí a 13 de outubro de 1670, com Francisco Martins, filho de Domingos Martins de Souza, e de sua mulher Maria de Gouveia. (Livro 1.º título 1670 dos casamentos de Mojí-das-Cruzes).

3 — 4. Maria Pinto de Alvarenga, casou em Mojí a 17 de setembro de 1673, com João de Torres, filho de Lázaro de Torres e de sua mulher Maria de Macedo.

3 — 5. Isabel de Siqueira, faleceu na vila de Mojí com testamento a 25 de agosto de 1709, e foi casada com Nuno de Góis Moniz, natural da capitania do Espírito-Santo como consta do testamento e inv. de sua mulher Isabel de Siqueira. (Orph. de Mojí, inv. letra I. n. 20, e Resíduo da ouvidoria de S. Paulo testamento de Isabel de Siqueira. E teve seis filhos:

4 — 1. Matias de Góis.
4 — 2. Leandro de Góis.
4 — 3. Tomé de Góis.
4 — 4. José de Góis.
4 — 5. Salvador de Góis.
4 — 6. Margarida Vaz, casou com Luiz de Cândia.

3 — 6. Maria Ramires (filha de Antônio Monteiro de Alvarenga), primeira mulher de Baltazar Pinto de Menezes, de cujo matrimônio foi filha 4— Maria Ramires, que casou com .... Caldeira, de cujo matrimônio foi filha 5—1 Margarida Correia mulher do capitão João Dias Mendes, de cujo matrimônio foi filho 6—1 Marcelino Correia que é pai de Marcelino Correia de Matos, casado com Maria Rodrigues Fróis. Em título de Morais, cap. 2.º § 6.º e seg.

3 — 7. Inês Monteiro de Alvarenga, foi casada com Diogo Adorno de Sampaio, natural da vila de Santos (da nobre descendência de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio) filho de João Tomé Adorno de Sampaio. Em título de Afonso Gaios, n. 3 cap. 1.º § 1.º. E tiveram:

4 — 1. João Correia de Alvarenga, natural da vila de Santos, faleceu com testamento em Guaratinguetá a 9 de março de 1719, casado com Maria da Silva Ferreira. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra J. maço 1.º n. 13.) E teve dois filhos: Ana e Francisca.

CAPÍTULO V

1 — 5. Estevão Ribeiro de Alvarenga, foi nobre cidadão de S. Paulo, e teve estabelecimento de grandes culturas em Juquirí: foi casado com Maria Missel, natural de S. Paulo, onde ela faleceu com testamento a 11 de maio de 1660, filha de João Missel, que era estrangeiro e progenitor deste apelido na capitania de S. Paulo e de sua mulher Isabel Gonçalves. (Cart. do 2.º tabelião de S. Paulo, maço de inv. antigos de Maria Missel com testamento, e caderno de notas 18 de fevereiro de 1609 n. 27 fl. 14 na escritura de dote feito no dito dia, mês e ano, à filha Isabel Gonçalves mulher de Rodrigo Alves). E teve seis filhos nascidos em S. Paulo:

2 — 1. Isabel Ribeira de Alvarenga .... § 1.º
2 — 2. Maria Ribeira de Alvarenga .... § 2.º
2 — 3. Catarina Rodrigues de Alvarenga ...... § 3.º
2 — 4. Antônio Rodrigues de Alvarenga ...... § 4.º
2 — 5. João Ribeiro Baião .... § 5.º
2 — 6. Sebastião Pedroso .... § 6.º

2 — 1. Isabel Ribeira de Alvarenga, faleceu em S. Paulo com testamento a 4 de outubro de 1687, tendo sido casada com Diogo Martins da Costa, natural de Évora, (filho de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Inês Martins) que faleceu em São Paulo com testamento a 23 de abril de 1647. (Cart. de Orph. de S. Paulo, inv. letra I. maço 2.º, n. 17, letra D. maço 2.º n. 11). Foram senhores do sítio e fazenda do moinho velho em Buaçava, que no ano de 1673 a vendeu Isabel Ribeira de Alvarenga a Apolônia da Costa por escritura de 14 de outubro do mesmo ano celebrada na nota do tabelião de São Paulo Antônio Pardo. Tiveram para si e seus descendentes sepultura própria na igreja do Carmo

de São Paulo dentro da quadra ao pé do altar de Santo Cristo, que ficava em altar colateral, junto ao arco da capela-mor, que hoje é porta, que da igreja sai para a sacristia pela nova construção em ficou o templo depois de reformado, ficando toda a quadra em pavimento raso com o mesmo número de jazigos, que de antes havia nele. E teve naturais de S. Paulo dezesseis filhos:

3 — 1. Simão Ribeiro.
3 — 2. Manuel Martins da Costa.
3 — 3. Baltasar Martins.
3 — 4. Diogo Martins da Costa.
3 — 5. Antônio Pedroso de Alvarenga
3 — 6. Estevão Ribeiro de Alvarenga.
3 — 7. Francisco de Alvarenga.
3 — 8. Bento de Alvarenga Puterres.
3 — 9. Frei João da Luz.
3 — 10. Frei Luiz dos Anjos.
3 — 11. Diogo Ribeiro.
3 — 12. Inês Pedroso Martins.
3 — 13. Maria Missel.
3 — 14. Isabel da Costa.
3 — 15. Isabel Ribeiro de Alvarenga.
3 — 16. Ana Ribeiro de Alvarenga.

3 — 1. Simão Ribeiro, faleceu solteiro.

3 — 2. Manuel Martins da Costa, casou na matriz de S. Paulo a 20 de abril de 1644 com Isabel da Cunha (irmã direita do padre Domingos da Cunha, que foi vigário da vara em S. Paulo, de Ana da Cunha, mulher de Domingos de Oliveira Leitão, filha de Manuel da Cunha, e de Catarina Pinto sua mulher sem geração.

3 — 3. Baltazar Martins, faleceu sem geração.

3 — 4. Diogo Martins da Costa, penetrou o sertão em tropa pelo interesse de conquistar gentios bravos, e faleceu na jornada, estando casado com Isabel Ribeira. (Orph. de S. Paulo, inv. letra D. maço 1.º n. 42 nos mesmos autos de Domingos Barbosa Calheiros). E teve três filhos:

4 — 1. Diogo Martins.
4 — 2. Matias.
4 — 3. Ana Ribeira.

3 — 5. Antônio Pedroso de Alvarenga, foi de morada para a Ilha Grande dos Reis onde teve a grande fazenda de Mambucava, com a nobre e bem ornada capela de Nossa Senhora do Rosário. Deixou nobre geração assás conhecida naquela vila, onde existem os descendentes de Antônio Pedroso, tão estimados como aplaudidos pela sua qualidade, e são os que atualmente servem na república da mesma ilha.

3 — 6. Estevão Ribeiro de Alvarenga, casou na matriz de S. Paulo a 30 de janeiro de 1682, com Catarina do Prado, filha de Matias Lopes e de Catarina do Prado sua mulher. Em título de Prados, cap. 5.º, § 4.º n. 3—1.

3 — 7. Francisco de Alvarenga, casou e teve filhos como consta nos inventários de seus pais, e não descobrimos quem foi sua mulher, nem de que família. Tambem ignoramos o número dos filhos e como se chamaram, por que faltando-nos documentos que nos dêm a certeza, já se não consegue notícia alguma, pela falta total, que há no presente tempo de homens, ou mulheres da idade antiga.

3 — 8. Bento de Alvarenga Guterres, faleceu em 1670 sem geração, tendo sido casado com Maria Pacheco de Lima filha de Manuel Pacheco de Lima. (Cart. 1.º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Bento de Alvarenga Guterres).

3 — 9. Frei João da Luz, carmelita, da província do Rio-de--Janeiro, foi batizado em S. Paulo a 16 de abril de 1644. Na sua religião foi mestre lente, e ocupou os lugares graves, posto que depois com o tempo pode mais a desafeição alheia de certo prelado, que o merecimento próprio das suas grandes letras e virtudes, por seguir o destino da grande perseguição em que flutuou seu irmão o grande Frei Luiz dos Anjos, tambem carmelita, que é o que se segue.

3 — 10. Frei Luiz dos Anjos, carmelita da província do Rio-de-Janeiro. Foi batizado na matriz de S. Paulo a 28 de abril de 1646. Na religião foi lente, e um dos maiores capelos de toda a província, e nela se fez recomendavel não só pelo sucesso, que referimos, como pelas grandes letras e virtudes e excelência igualmente na cadeira, como nos púlpitos. Perseguido da invejosa emulação de certo prelado provincial, que como grande tambem em letras e cabedal tinha atualmente as rédeas de todo o governo da província, já como provincial em um triênio, já como comissário do Rvm. padre geral e reformador, e logo sucessivamente como provincial em segundo triênio, cujo nome não esquecera saudosamente lembrado na provincia carmelitana do Rio-de-Janeiro. (Nós temos a honra de prender em parentesco de consanguinidade no 4.º grau mixto com o 3.º e a glória de que na sagrada fonte do batismo em o 1.º de julho de 1714 fosse ele o ministro deste sacramento, executado na igreja do Carmo de S. Paulo, com faculdade do pároco Bento Curvelo Maciel, sendo atualmente provincial, que então se achava em visita; e como as suas ações todas eram filhas da grandeza do seu ânimo e cabedais, fez executar este ato à sua custa, com estrondo de instrumentos músicos, formada no corpo da igreja uma pia toda coberta de sedas, e a torre e janelas do dormitório da frente da cidade com flâmulas de tafetá de várias cores como galhardetes, com que se empavesam as naus nos dias festivos; e ficaram por moveïs do mesmo convento para nos dias

mais solenes tremularem nos sineiros da torre e janelas dela, e do dormitório que se extinguiram com a morte do mesmo prelado pelos anos de 172.), embarcou o padre mestre frei Luiz dos Anjos para a corte de Lisboa, onde foi estimado pela qualidade de sua nobreza achando de Lamego muitos parentes na mesma corte. A Sra. rainha D. Maria Sofia Isabel de Neubourg, segunda mulher do Sr. rei D. Pedro II, lhe conferiu incomparaveis honras: fez gosto de ouví-lo nos púlpitos de sua capela-real pelas boas notícias, que lhe haviam dado de um excelente panegírico, que tinha recitado no convento do Carmo de Lisboa. Foi ouvido o mestre frei Luiz dos Anjos com tanta aceitação dos grandes da corte, que nela conseguiu com felicidade as dependências, que o fizeram passar a ela. A sra. rainha o honrou com a régia dádiva de uma cruz de ouro com a preciosa relíquia do sagrado Lenho, pendente de um cordão tambem de ouro. Ao tempo do seu regresso para o Rio-de-Janeiro estava acabando o triênio de provincial o mesmo prelado, que fora a causa da sua passagem a Lisboa, e o mestre frei Luiz dos Anjos trazendo motu próprio para tomar posse de provincial, acabando o atual; depois que chegou ao Rio, se passou para o convento da Ilha Grande a encher o tempo que faltava para findar o triênio, e achando-se na fazenda e capela de Nossa Senhora do Rosário sítio de Mambucava de seu irmão, Antônio Pedroso de Alvarenga do n. 3—5 retro, alí faleceu de repente com não pequenas suspeitas de veneno, malogrando esta fatalidade e bárbara tirania (se foi verdadeira a voz que então se espalhou) as bem fundadas esperanças, em que se achava toda a província. O seu nome até agora existe saudosamente lembrado e não ocultará o segredo do tempo a memória deste grande varão na sua província carmelitana, enquanto durar na capela do Rosário de Mambucava a sagrada relíquia do S. Lenho que ele deixou para existir sempre naquele templo, onde nos dizem que ainda se guarda esta relíquia na mesma cruz e cordão de ouro, com que a régia liberalidade da Sra. rainha D. Maria Sofia engrandeceu e honrou ao padre mestre frei Luiz dos Anjos.

3 — 11. Diogo Ribeiro, faleceu solteiro.

3 — 12. Inês Pedroso Martins, faleceu com testamento em 1663, estando casada com Antônio de Azevedo Magalhães, o qual faleceu em 1680. (Orph. de S. Paulo, inv. letra A. maço 4 n. 4.) E teve dois filhos:

4 — 1. Isabel de Aguiar.
4 — 2. Matias de Azevedo.

3 — 13. Maria Missel, casou duas vezes: primeira em 7 de janeiro de 1681 com Manuel da Cunha Pinto (irmão direito do padre Domingos da Cunha) natural de S. Paulo, filho de Manuel da Cunha, natural da ilha de S. Miguel (filho de Salvador Teixeira, e de sua mulher Maria Mendes) que faleceu em S. Paulo em 1674, e de sua mulher Catarina Pinto. (Orph. de S. Paulo, inv. da letra

M. maço 3 n. 21). Faleceu dito Manuel da Cunha Pinto a 29 de novembro de 1695 (Orph. de São Paulo, inv. letra M. maço 4 n. 32). E teve filho único:

4 — ". Manuel.

Casou segunda vez dita Maria Missel com Francisco Guedes Alcaforado, natural de Entre Douro e Minho, do conselho de Pena-Guião, no lugar de Sermelha, freguesia de Nossa Senhora de Sadiellos, filho de João Pereira da Fonseca Osório e de sua mulher Catarina Guedes. Faleceu dito Francisco Pinto Guedes com testamento a 15 de novembro de 1701. (Orph. de S. Paulo, inv. letra F, maço 1.º n. 6). E teve filho único Antônio Pinto Guedes, que casando com D. Branca de Almeida filha do capitão-mor governador e alcaide-mor Pedro Taques de Almeida. Em título de Taques Pompeus, cap. 3.º § 3.º. Se extinguiu a geração na filha D. Isabel Ribeira de Alvarenga.

3 — 14. Isabel da Costa, casou duas vezes, primeira com Amaro Rodrigues; segunda com André de Escudeiros. Sem geração.

3 — 15. D. Isabel Ribeira de Alvarenga, casou duas vezes; primeira com André de Góis de Siqueira, natural da Baía, provedor da fazenda R. da capitania de S. Vicente e S. Paulo, irmão do Dr. João de Góis de Araujo, Ouvidor da relação da Baía etc. Sem geração. Segunda vez com Francisco Furtado natural de S. Paulo onde faleceu com testamento a 12 de maio de 1691. Em título de Furtados, cap. 1.º: com geração de doze filhos que teve.

3 — 16. Ana Ribeira de Alvarenga (última filha de Isabel Ribeira do § 1.º), foi batizada na matriz de S. Paulo a 4 de agosto de 1647. Foi casada com Francisco da Silva que tinha sido alferes de infantaria do presídio da cidade da Baía, natural da vila de Alenquer, filho de Francisco Luiz, e de sua mulher Maria Ribeira, e faleceu em S. Paulo a 21 de maio de 1713; e sua mulher faleceu com testamento a 9 de junho de 1718, e ambos foram sepultados no jazigo próprio, que tinham dentro da quadra da igreja do Carmo ao pé da parte do Evangelho que sai para a sacristia, ou anticoro. (Cart. de Orph. de São Paulo, inv. letra F maço 2.º n. 20: letra A, maço 5.º n. 16). E teve nove filhos nascidos em S. Paulo:

4 — 1. Manuel Martins Colaço.
4 — 2. Henrique da Silva Colaço.
4 — 3. Ana de Alvarenga.
4 — 4. Francisco da Silva, faleceu solteiro.
4 — 5. João Ribeiro, faleceu solteiro.
4 — 6. Luiz Pedroso, faleceu solteiro.
4 — 7. Maria Ribeira da Silva.
4 — 8. Isabel Colaço.
4 — 9. Branca da Silva.

4 — 1. Manuel Martins Colaço, foi casado com Isabel de Almeida, da família dos Barretos de Cabeço de Vide. Faleceu em S. Paulo em 1726, e sua mulher tambem; e ambos com testamento no resíduo eclesiástico; e ambos com testamento no resíduo eclesiástico, maço 96. E teve 9 filhos nascidos em São Paulo:

5 — 1. Ana Barreto de Almeida, mulher de Inácio Moreira de Alvarenga, morador que foi dos Pinheiros. Em título de Godói, cap. 3.º § 4.º n. 3—6. E teve sete filhos, o primeiro nascido em S. Paulo e os mais no arraial de Gorapiranga em Minas Gerais:

6 — 1. Isabel Joana Moreira de Almeida, casou com Luiz José Ferreira de Gouveia coronel de Vila Rica. Sem geração.

6 — 2. João José Moreira, faleceu solteiro em Vila Rica.

6 — 3. Luiz Colaço Moreira, casou na Campanha do Rio Verde, freguesia de S. Antônio de Val de Piedade com Leonor Domingues de Camargo, natural de S. Paulo, filha de Antônio Cardoso Bicudo, e de sua mulher Maria de Camargo de Almeida.

6 — 4. Tomé Moreira de Godói, casou em Val de Piedade com Mécia Ferreira de Almeida, natural de S. Paulo, filho de Antônio Cardoso Bicudo supra, e da mesma mulher.

6 — 5. Joana Felícia Moreira, casou em Val de Piedade com Bartolomeu Gomes da Costa.

6 — 6. Manuel Luiz Moreira, casou em Val de Piedade com Rita Angélica de Toledo Taques.

6 — 7. Escolástica Moreira, solteira em 1765.

5 — 2. Bento de Alvarenga } Faleceram em
5 — 3. Francisco da Silva Colaço } Gorapiranga

5 — 4. José Moreira Colaço, casou em Gorapiranga, onde faleceu com geração de três filhos. — João. — José. — e Isabel.

5 — 5. Gonçalo de Almeida Colaço, morador na vila de S. José do Rio das Mortes, onde faleceu, estando casado, e deixou filhos.

5 — 6. João de Almeida, estudante, faleceu solteiro.

5 — 7. Maria de Almeida, mulher de Manuel dos Santos.

5 — 8. Branca de Almeida.

5 — 9. Isabel de Almeida.

4 — 2. Henrique da Silva Colaço, faleceu com testamento a 13 de maio de 1738 (Resid. Ecles. testamentos, letra E). Foi morador em Itaguicû, serra do Ajuha; e casou primeira vez com Maria de Siqueira da Rocha, filha de José de Camargo de Siqueira, e de sua mulher Domingas Franca (que segunda vez casou com João de Freitas Colaço). E foi neta dita Maria de Siqueira de Manuel Franco e de Maria da Rocha do Canto. (Orph. de S. Paulo, inv. letra D, maço 1.º n. 46.) E teve dois filhos:

5 — 1. Sebastião.

5 — 2. Ana Ribeira, mulher de João de Oliveira Sousa.

4 — 3. Ana de Alvarenga, casou três vezes: primeira com Domingos Cardoso Coutinho, excelente poeta, e autor da *Relação Panegírica,* em oitava rima da vida e ações do governador Fernão Dias Pais, descobridor das esmeraldas no reino dos *Mapaxos,* em cujo sertão acompanhou sete anos ao dito governador Fernão Dias Pais; era natural da cidade de Lamego, filho de Simão Vaz e de sua mulher Maria Dias: e faleceu com testamento em S. Paulo a 23 de setembro de 1683. Sem geração. (Cart. 2.º de notas de São Paulo, maço de inv. antigos.) Segunda vez casou com Gaspar Sardinha, de quem teve filha única:

5 — ". Catarina Sardinha.

Casou terceira vez dita Ana de Alvarenga em S. Paulo a 19 de janeiro de 1698 com Braz Ferreira Cardoso, filho de Filipe Ferreira e de Francisca Cardoso. Sem geração.

4 — 4. 4—5. 4—6. Faleceram solteiros.

4 — 7. Maria Ribeira foi casada com Joaquim Pedroso de Morais, nobre cidadão de S. Paulo, onde ocupou todos os honrosos cargos da república, filho de João de Freitas e de Ana de Morais. Em título de Morais, cap. 2.º § 7.º n. 3—3: faleceu Maria Ribeira da Silva em S. Paulo com testamento a 16 de maio de 1701. (Cart. de orph. inv. letra M, maço 6.º n. 14, e seu marido Joaquim já era falecido nas Gerais.) E teve onze filhos nascidos em S. Paulo:

5 — 1. Ana de Morais, casou em S. Paulo a 29 de agosto de 1700 com Duarte de Távora Gamboa, natural de Alhos Vedros, filho de Antônio de Távora e de sua mulher Catarina de Macedo. (Este Gamboa casou depois em Itú com Maria de Cerqueira Leme, filha de Antônio Pedroso de Oliveira e de sua mulher Maria de Almeida. Em título de Cerqueiras, cap. 5.º § 6.º n. 3—2 a n. 4—2, e se passou dito Gamboa a viver em Parnaguá.) E teve seis filhos nascidos em S. Paulo:

6 — 1. Antônio de Macedo, morador na Piedade.
6 — 2. Duarte de Távora Gamboa, que mudou o nome em Bernardino; casou em Sergipe d'El-Rei.
6 — 3. Joaquim Pedroso de Morais, morador em Parnaguá.
6 — 4. Tomé de Matos Neto, morador de Guaratinguetá.
6 — 5. Ana, faleceu solteira.
6 — 6. Emerenciana, faleceu solteira.

5 — 2. Maria Ribeira, faleceu solteira.

5 — 3. Francisca de Morais, casou com Gaspar João Barreto. Em título de Barbosas Limas.

5 — 4. José de Freitas, foi morto pelos gentios Cataguazes, solteiro.

5 — 5. Lourenço Colaço, foi morto em S. Paulo pela tirania de Valentim Pedroso.

5 — 6. Inês Pedrosa, casou com Estanisláu Corrreia Ribeiro, natural de Parnaíba, e cidadão de São Paulo, de cuja câmara foi escrivão, e faleceu em Parnaguá em 1732. filho de Lourenço Correia Ribeiro e de sua mulher Maria Pereira de Azevedo, esta natural de Parnaiba e aquele da vila de Itú. Neto por parte paterna de Serafino Correia Ribeiro, natural de Guimarães (filho de Lourenço Correia e de sua mulher Margarida Bernardes) e de sua mulher Isabel de Anhaia (irmã de João de Anhaia de Almeida, capitão-mor da vila de Itú), natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 8 de fevereiro de 1634, e ela era filha de Paulo de Anhaia, natural da cidade do Porto. Em título de Almeidas Castanhos cap. § n. E neto pela parte materna de Antônio Pereira de Azevedo, nobre cidadão de S. Paulo de onde saiu em posto de capitão da leva para a Baía em 1647 pedida por Antônio Teles da Silva, governador geral do Estado em três cartas, etc. (* As cópias delas, e o que passou, e prêmio que teve dito Antônio Pereira de Azevedo, acha-se em título de Almeidas Castanhos, pág. e seg. no n. 5—4). E teve onze filhos naturais de S. Paulo:

6 — 1. Francisco Pedroso Navarro, nobre republicano da vila de Mojí-das-Cruzes, onde tem servido todos os honrosos cargos, e existe casado com D. Ana Xavier de Jesus, irmã direita do M. R. cônego Faustino Xavier do Prado. Em título de Prados, cap. 8.º § 3.º n. 3—1 a n. 4—1. Com geração de quatro filhos, o padre Faustino Xavier de Morais, e Ana Maria do Espírito Santo mulher de José Lopes de Oliveira. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º § 1.º n. 4—6; de Isabel da Cunha Lobo e de João Lopes de Miranda.

6 — 2. Maria Pereira de Azevedo, casou com **João Cordeiro,** natural de Parnaiba. Em título de Cordeiros: **com geração.**

6 — 3. Francisco Xavier de Morais, foi casado: sem geração.

6 — 4. Lourenço Correia Ribeiro, natural de Itú, existe casado em Soracaba na família de Forquim: com geração.

6 — 5. Joaquim Pedroso de Morais, casou em Mojí-das-Cruzes: sem geração.

6 — 6. Pedro Alexandrino de Morais, natural de Parnaiba, existe nas minas da Ribeira, casou na família de Forquim, com geração.

6 — 7. Josefa Ribeiro da Silva, existe em Parnaguá, casou primeira vez com Antônio Pereira da Silva, natural de Parn. Segunda com Antônio da Costa Ramos, natural de Parnaguá: com geração de ambos matrimônios.

6 — 8. Maria Ribeira da Silva, existe em Parnaguá, casada com Vicente de Sousa Pereira: com geração.

6 — 9. Estanislau.

6 — 10. Escolástica, faleceu solteira.

6 — 11. Escolástica, faleceu solteira.

5 — 7. Isabel Ribeira (filha do n. 4—7 retro), casou com...

5 — 8. Josefa de Morais, casou duas vezes: primeira com Antônio Pereira de Azevedo, irmão inteiro de Estanislau Correia Ribeiro do n. 5—5 retro: sem geração. Segunda vez com Salvador Nunes, natural de S. Sebastião, morador no Inficionado em Minas-Gerais: com geração.

5 — 9. João de Freitas Colaço, faleceu sem geração.

5 — 10. Ana de Morais, casou com Antônio de França: sem geração.

5 — 11. Maria, faleceu solteira.

4 — 8. Isabel Colaço (filha de Ana Ribeira de Alvarenga, e Francisco da Silva do n. 3—16 retro, pág. 313) (faleceu em 1688, estando casada com Jorge Lopes Ribeiro, natural de S. Paulo. (Orph. de S. Paulo, inv. letra I, maço 2.º n. 27), filho de ......

E teve:

5 — 1. Simão Ribeiro, foi casado com Catarina Guedes, irmã direita de José Guedes, natural de S. Paulo e cidadão dela. Em título de Pintos Guedes, cap. 2.º: sem geração.

5 — 2. Isabel Colaço, foi casada com Luiz Teixeira de Azevedo, natural da cidade do Porto, freguesia de S. Nicolau, que foi ajudante das ordenanças de São Paulo com exercício na execução das ordens do governador e capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes: passou a ser morador de Parn. onde faleceu. E teve em S. Paulo sete filhos:

6 — 1. Rosa Teixeira, existe casada com Antônio Castanho da Silva morador e cidadão da Parnaiba: com geração. Em título de Laras, cap. 7.º § 3.º n. 3—9.

6 — 2. José Teixeira de Azevedo, faleceu solteiro.

6 — 3. Antônio Teixeira de Gusmão, faleceu solteiro, no Guiabá.

6 — 4. Miguel Teixeira, faleceu solteiro.

6 — 5. Luzia de Gusmão, faleceu solteira, em Parn.

6 — 6. Marta Maria de Gusmão, casou em Parn. com Manuel da Costa Santos, morador em Parn. com geração.

6 — 7. Gertrudes de Gusmão, casou em Parn. com o guarda-mor José Francisco Paiva, e alí morador: com geração.

4 — 9. D. Branca da Silva (filha última do n. 3—16), foi casada com o coronel Antônio de Oliveira Leitão, natural e cidadão de S. Paulo, cuja nobre qualidade lhe revogou a sentença de forca que lhe fora dada pela relação da Baía, e lavrou-lhe a segunda, que teve para morrer degolado em cadafalso alto. Produziu esta sentença o crime de morte que ele executou, levado de ânimo precipi-

tado e arrebatado, que lhe gerou melindres de honra antes de haver exame na ofensa dela: assim obra o ardor da néscia desconfiança quando se deixa vencer dos primeiros impulsos da cólera; e, concebendo presunções de ofensa, tirou a vida a uma filha donzela. Da imaginada culpa, e nota de impureza estava inteiramente inocente a infeliz dama, e quis a Divina Providência patentear-lhes a virtude então e para o futuro, permitindo, que o sangue que rubricou a parede do lugar da tirania (na violência do punhal, que lhe atravessou o peito, não se apagasse com o decurso do tempo; e sendo passados muitos anos ainda se conserva com viva cor para padrão da inocência. Arrebatou-se o pai pelos estímulos da paixão do primeiro impulso, e preso o discurso ao grilhão da imprudência faltou o exame, e teve lugar a barbaridade. Esta foi o agente para a execução: porque, encontrando com a filha à porta da entrada de um quarto que tinha saida para o quintal das casas, e havendo neles visto tremular um lenço que a mesma filha tinha levado para se enxugar ao sol, concebeu que era senha praticada de algum oculto ofensor, que lhe manchava a honra; e descendo as escadas para examinar ao quintal a imaginada senha encontrou no quarto baixo com a filha, que se recolhia da diligência de haver posto ao sol aquele lenço a enxugar: ficou tão cego da violenta paixão, que o dominava, que, sem mais averiguação nem assenso, sacou de uma faca de ponta, que atualmente trazia na algibeira do calção, cingindo-lhe a coxa direita (indesculpavel adorno nos moradores do Brasil, assim nacionais como europeus) e com ela lhe atravessou o peito, e caiu morta a filha. Esta mancha pos em ódio a todos os moradores, que na comarca de Ouro-Preto respeitavam com aplauso e veneração ao coronel Antônio de Oliveira Leitão, que, ocupando o lugar de ouvidor-geral e corregedor da comarca, quando estando servindo de juiz ordinário mais velho da cabeça da comarca faltou dela o proprietário. Ainda antes deste emprego desfrutava grandes estimações por sua qualidade, liberalidade e prendas morais, sendo muito destro no manejo da cavalaria, brandura de rédeas, gentileza na figura, etc. Nas festas executadas em São Paulo pela aclamação de cidade no ano de 1712, foi um dos mantenedores da escaramuça a dois fios, e no jogo das sertilhas teve aplausos pela excelência das sortes, cuja aclamação subiu a todo o auge, quando de um dos golpes separou com a espada o pescoço de um touro. Com estas prendas, grandeza de ânimo e cabedal estava o coronel Leitão muito estimado em Minas-Gerais, porem tudo caiu da estimação dos povos pelo sucesso referido, e ofendida a república, pela virtude das leis, não lhe livrou o respeito para que o Dr. Ouvidor e corregedor da comarca com o general e conde de Assumar D. Pedro de Almeida não fizesse remeter preso para a cidade da Baía, por cuja relação teve sentença contra si, que se executou cortando-se-lhe a cabeça em público e alto cadafalso no dia 16 de junho de 1721 (Orph. de S. Paulo, inv. letra A. maço 4 n. 10). Foi filho de Domingos de Oliveira Leitão, natural de Santos, que faleceu em S. Paulo com testamento a 23 de novembro

de 1691, e de sua mulher Ana da Cunha, irmã direita do R. Domingos da Cunha, de quem falamos no n. 3—1 deste parágrafo e por seu pai foi o dito coronel Leitão legítimo descendente de Antônio de Oliveira, que veio a S. Vicente em 1538, feito capitão-mor, governador e ouvidor loco-tenente do donatário Martim Afonso, e tinha o foro de cavaleiro fidalgo, e trouxe para São Vicente sua mulher, D. Genebra Leitão de Vasconcelos, cuja qualificada nobreza se tem difundido pelo Rio-de-Janeiro e Ilha Grande de Angra dos Reis. E teve cinco filhos, que foram os que se acharam vivos em 1721, nascidos em S. Paulo:

5 — 1. João de Oliveira e Vasconcelos, foi estudar gramática latina no seminário de Belem da Baía, e depois fez um tal estudo nesta língua, de sorte que no seu tempo não teria quem o excedesse. Depois de residir em Minas feito mestre de gramática, passou a Coimbra já em idade maior. Alí, depois de alguns anos de matrículas, faleceu perdendo-se as bem fundadas esperanças que davam a sua excessiva aplicação acompanhada de uma vida exemplar em costumes; faleceu em 1734 com testamento, no qual deixou a sua alma por herdeira e várias legados pios do cabedal em moeda com que se achava, alem do que se lhe devia por assinados em Minas-Gerais, onde tambem constituiu testamenteiros, que com estragada conciência têm metido em si tudo quanto cobraram e apuraram dos bens que em ditas Minas tinha deixado o testador.

5 — 2. Apolinário de Oliveira Leitão, foi de morada para o Cuiabá com sua mulher Ângela de Arruda, natural de Itú, em 1763, filha de José de Arruda, e de D. Maria de Araujo sua mulher. Em título de Arrudas, n. 1.º cap. 7.º § 5.º.

5 — 3. Simeão de Oliveira, foi na arte da cavalaria um dos mais excelentes cavaleiros do seu tempo; e tudo que nesta arte há de bom executava com a maior perfeição. Passou solteiro para o Cuiabá, onde casou.

5 — 4. Margarida de Oliveira, ainda existe em São Paulo em 1769; casou três vezes: primeira em vida de seus pais com Antônio Alves Rosa, que faleceu a 14 de janeiro de 1722, e de quem teve duas filhas; segunda com Bernardino Antunes, que faleceu no Cuiabá, sem geração; terceira vez casou, estando já quinquagenária, com José dos Santos Rosa, que existe.

Do primeiro matrimônio teve duas filhas:

6 — 1. Isabel da Rosa, mulher de Antônio Lopes Tomaz.
6 — 2. Maria de Oliveira, mulher de José de Figueiró da Silva.

5 — 5. Timótea de Oliveira (filha última do coronel Leitão), faleceu de bexigas, e foi sepultada na quadra da capela da Luz, sítio de Guaré do Rocio da cidade de S. Paulo, estando casada com José Pinto Guedes, nobre cidadão que ocupou todos os honrosos cargos da república, filho de Francisco Pinto Guedes Alcoforado, o mesmo de quem tratamos neste § 1 n. 3—13, e de sua terceira

mulher Mariana de Camargo, filha de D. Baltasar Lemos de Morais. Em título de Morais, cap. 2.º § 3.º n. 3—1. E teve somente filhas, sem varão algum, e foram tantas que passaram de dez, das quais umas são falecidas solteiras, outras se passaram para Goiazes na companhia de uma irmã casada com Miguel dos Passos da Silva, sendo soldado da companhia dos dragões das mesmas Minas; e outras passaram para a cidade do Rio-de-Janeiro, e entre todas merece particular memória Josefa de Oliveira, que existe em 1769, moradora atualmente na sua fazenda de cultura e curral de gados vacuns e cavalares do rio Piraissara, casada com Francisco Xavier Gonçalves, natural de S. Paulo, filho de Luiz Gonçalves Palmela, natural da vila deste nome, freguesia de S. Pedro (filho de Luiz Gonçalves e de sua mulher Luzia Rodrigues), e de sua mulher Águeda Vieira, natural de S. Paulo, irmã direita de Inácio Vieira Antunes, que foi casado com Maria da Cunha. Em título de Prados, cap. 6.º § 2.º n. 3—10 a 4—1; onde mostramos os pais e mães ascendentes deste Inácio Vieira Antunes e sua irmã Águeda Vieira.

§ 2.º

2 — 2. Maria Ribeira (filha de Estevão Ribeiro de Alvarenga). Foi casada duas vezes: primeira com Francisco Lourenço, da nobre família de Carvoeiros, fundadores e padroeiros da capela de Nossa Senhora da Luz no sítio de Guarê de S. Paulo, onde faleceu em 1624 (Orph. de S. Paulo, inv. letra F maço 1.º n. 3—3). E teve três filhos. Casou segunda vez com Domingos da Silva, que faleceu no sertão (Orph. de S. Paulo, inv. letra D maço 2.º n. 17). E teve dez filhos todos nascidos em S. Paulo:

3 — 1. Pedro, faleceu solteiro.

3 — 2. Francisco, faleceu solteiro.

3 — 3. Ana Ribeira, mulher de Domingos Dias; o que consta do inv. de orph. letra D maço 2.º n. 17.

Filhos do segundo matrimônio com Domingos da Silva, onze.

3 — 4. Maria Missel, casou segunda vez com Antônio Pacheco Jorge. Em título de Pachecos Jorges, com três filhos. Antes deste segundo casamento tinha sido casada dita Maria Missel com Gaspar Luiz Soares, como consta do testamento com que ela faleceu, da qual teve três filhos:

4 — 1. Isabel Ribeira Soares.
4 — 2. Catarina de Morais.
4 — 3. Domingos Luiz Soares.

4 — 1. Isabel Ribeira Soares casou duas vezes: primeira com Domingos de Almeida Viegas, de quem teve cinco filhos (Orph. de S. Paulo, inv. liv. 4 maço 1.º n. 40); segunda com Antônio das Neves Moniz (irmão de Manuel Moniz das Neves, pai do cônego Antônio Moniz), que faleceu em S. Paulo com testamento a 22 de

fevereiro de 1682, natural de S. Vicente, filho de Antônio Moniz de Gusmão e de sua mulher Maria das Neves (Orph. de S. Paulo, inv. A maço 3.º n. 41). E teve duas filhas.

Do matrimônio cinco.

5 — 1. Ana de Morais, casada com João Lisboa de Lima.

5 — 2. Maria das Neves, casada com Domingos Teixeira, com geração em Minas-Gerais, onde ainda existem os filhos seguintes. 6—1. Amaro das Neves Morais, que foi ou escrivão, ou guarda-mor das minas de Juruoca. 6—2. José Teixeira, que foi morador na Juruoca, de onde se passou com seus irmãos para Pitanguí.

5 — 3. Domingos Teixeira de Morais, existe em S. Paulo em 1774, em casas próprias, e casou em ...

5 — 4. Cosme de Almeida, casou duas vezes, e faleceu na campanha do Rio-Verde.

5 — 5. Francisco Xavier, faleceu solteiro, afogado, na Juruoca.

Do 2.º matrimônio de Isabel Ribeira Soares com Antônio das Neves Moniz:

5 — 6. Ana.

5 — 7. Maria.

4 — 2. Catarina de Morais, casou com Manuel Machado Barreto.

4 — 3. Domingos Luiz Soares, casou e teve três filhos, que foram:

5 — 1. Mateus Luiz Soares.

5 — 2. Antônia Soares, mulher de Sebastião Nunes do Passo.

5 — 3. Tomásia Ribeira, mulher de Fernão Soares de Almeida.

3 — 5. Mécia Ribeira (filha do § 2.º retro). Casou duas vezes: primeira com Manuel Gonçalves Cadime, natural da ilha de S. Miguel e cidadão de S. Paulo, onde faleceu em 1638 (Orph. de S. Paulo, inv. M maço 5.º n. 26). Viveram no sítio no Itaim para Jaraguá. A nobreza deste Manuel Gonçalves Cadime consta por justificação de títulos de maior exceção em S. Paulo no juizo eclesiástico ano de 1723, feita por seu neto Sebastião do Prado Cortês: Segunda vez casou com João Correia Marvão, natural da freguesia de Caçaraba do Rio-de-Janeiro, o qual faleceu com testamento a 3 de novembro de 1684, filho de João Correia Marvão e de sua mulher Sebastiana Fernandes (Orph. de S. Paulo, inv. J, n. 44). A dita Mécia Ribeira faleceu a 21 de agosto de 1709 (Resíduo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de Mécia Ribeira). E teve do 1.º matrimônio um filho e do 2.º outro.

Do 1.º matrimônio:

4 — 1. Antônio Gonçalves, casou com Maria Leme da Silva. Em título de Taques Pompeu, cap. 5.º § 1.º, com descendência.

Do 2.º matrimônio:

4 — 2. Tomaz Correia Marvão, sem geração.

3 — 6. Inês Pedroso (filha do § 2.º retro). Casou duas vezes: primeira com Francisco Correia, e a segunda com Miguel da Costa Gil, que foi morador no seu sítio próprio no bairro de Jaraguá, no lugar que hoje é chamado Cachoeira das Lavras de Antônio Bicudo, que é cabeceira do ribeirão Amaitinga, que comprou em 1678 a sua sogra Maria Ribeira do § 2.º retro, o qual sítio ficou depois possuindo uma filha mameluca do dito Gil chamada Antônia Rodrigues, alem da qual teve mais Gregório da Costa Gil, que existe em Mojí-Guassú e é avô da mulher de Pedro Vaz Pires. Estevão da Costa Gil, oficial de patronas, que faleceu em Parn. e Violante da Costa, que faleceu em Parn. todos mamelucos), que faleceram em 1700, sem geração.

Do 1.º matrimônio houve filho único:

4 — ". Manuel Correia de Carvalho, chamado em estudante por alcunha Melquara, casou oito vezes. Sem geração.

3 — 7. Madalena Ribeira, foi casada com Antônio da Silva, chamado capitão da pólvora, que foi morador em Santo Amaro. E teve filho único:

4 — ". Assenso Ribeiro, natural de Santo Amaro.

3 — 8. Catarina Ribeira, faleceu solteira.

3 — 9. Isabel Ribeira, casou na matriz de São Paulo a 20 de novembro de 1639 com Francisco Furtado, filho de Leonel Furtado e de sua mulher Grácia Mendes: foram morar em Santo Amaro. Em título de Furtados, cap. 1.º. Com geração.

3 — 10. Maria da Silva, casou com Manuel Gonçalves.

3 — 11. Ana Maria Ribeira (filha do § 2.º), faleceu em S. João da Atibaia com testamento a 1.º de novembro de 1684 (Orph. inv., letra A. maço 1.º n. 2.º). Casou duas vezes: primeira com João Rodrigues Preto (que já era viuvo de Branca Cabral, irmã de Luiz da Costa Cabral) e que faleceu com testamento a 27 de março de 1656 (idem letra I maço 1.º n. 8); segunda vez casou com Francisco da Fonseca (idem letra D maço 2.º n. 17). E teve do 1.º matrimônio três filhos e do 2.º seis.

Do 1.º matrimônio com João Rodrigues Preto:

4 — 1. Antônio Rodrigues Preto.
4 — 2. Estevão Ribeiro. — Cego.
4 — 3. Francisco Rodrigues Preto.

Do 2.º matrimônio com Francisco da Fonseca:

4 — 4. Lucas da Fonseca.
4 — 5. Manuel da Fonseca.
4 — 6. Antônio da Fonseca.
4 — 7. Ana Ribeira.
4 — 8. Maria da Fonseca.
4 — 9. Catarina da Fonseca.

3 — 12. Maria da Silva, filha do § 2.º no 2.º matrimônio foi casada com Manuel Gonçalves, como consta do inv. de seu pai retro citado.
3 — 13. Isabel Rodrigues.
3 — 14. Isabel da Silva (filha última do § 2.º).

§ 3.º

2 — 3. Catarina Rodrigues de Alvarenga (filha de Estevão Ribeiro do cap. 5.º), faleceu solteira.

§ 4.º

2 — 4. Antônio Rodrigues de Alvarenga, casou com Isabel Ribeira, que faleceu com testamento a 7 de julho de 1662 (Orph., inv. letra I n. 103), filha de Isabel Afonso, a qual tinha jazigo próprio para si e seus descendentes no Carmo de S. Paulo. E teve:
3 — 1. Maria Rodrigues, que faleceu com testamento a 19 de setembro de 1668, declarando o nome de seus pais e se mandou enterrar no jazigo de sua avó Isabel Afonso no Carmo, e foi casada com Domingos Afonso de Escudeiro, que faleceu em 1685 (D. 52 e M. 175). E teve dez filhos:

4 — 1. Pedro de Escudeiro, faleceu solteiro.
4 — 2. Eugênia Rodrigues, casou primeira vez com João Pinto Guedes. Em título de Pinto Guedes. Segunda vez com o alferes Diogo Alves Pestana.
4 — 3. Antônio Rodrigues de Escudeiro, casou com Maria de Siqueira Baruel D. viuva de Assenso de Morais cap. 2.º § 5.º.
4 — 4. Domingas Rodrigues, casou com Manuel Pinto Guedes (irmã do supra). Em título dito Guedes.
4 — 5. Domingos Afonso de Escudeiro.
4 — 6. Leonor Rodrigues, casou com José Rodrigues de Faria.
4 — 7. André de Escudeiro.
4 — 8. Benta, faleceu solteira.

4 — 9. Ciríaco de Escudeiro, casou com Maria de Morais. Em título de Morais, cap. 2.º § 5.º.

4 —10. Martinho, faleceu solteiro.

§ 5.º

2 — 5. João Ribeiro, casou na matriz de S. Paulo a 3 de julho de 1631 com Antônia Gago, filha de João Gago e de sua mulher Catarina do Prado. Em título de Prados, cap. 5.º § 3.º. Vide seu testamento em Itú letra I, n. 36. E teve sete filhos.

§ 6.º

2 — 6. Sebastião Pedroso, último filho de Estevão Ribeiro, do cap. 5.º, foi casado com Maria Gonçalves, filha de Gonçalo Gil e de Catarina Gonçalves (irmã de Álvaro Rodrigues e de Maria Gonçalves), que faleceu com testamento em S. Paulo a 9 de janeiro de 1637 (Orph. de S. Paulo, inv. letra C, maço 1.º n. 11). Neta materna de Clemente Alves e de sua mulher Maria Alves, o qual gastou 14 anos em exames de minas de ouro, prata e mais metais, que com efeito descobriu e manifestou à câmara de S. Paulo.

CAPÍTULO 6.º

1 — 6. Ana de Alvarenga, faleceu em S. Paulo com testamento a 22 de julho de 1644, foi casada três vezes: primeira com Domingos Rodrigues: sem geração; segunda com Pedro de Araujo natural de Regóios de Ponte de Lima, parente de Sebastião Fernandes Correia, primeiro provedor e contador da fazenda real de S. Paulo, proprietário em 1644; filho de legítimo matrimônio de Catarina de Araujo, da mesma família de que foi descendente o Rev. Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da Sé do Rio-de-Janeiro, comissário do Santo Ofício; o qual tambem é legítimo terneto de Antônio Rodrigues de Alvarenga e de D. Ana Ribeira. Este Pedro de Araujo faleceu no sertão de Paraupava no arraial do capitão da tropa Antônio Pedroso de Alvarenga, seu cunhado, em 1616 a 25 de abril (Orph. de S. Paulo, inv. letra A, maço 5.º n. 6 e letra P n. 18): terceira vez casou dita Ana de Alvarenga com Pedro da Silva, nobre cidadão de S. Paulo, que se achava viuvo de Luzia Sardinha, primeiro descobridor das minas de ouro, etc. Faleceu Pedro da Silva com testamento a 21 de março de 1666 e foi sepultado na igreja do Carmo de S. Paulo em jazigo próprio que nela tinha (2.º cart. de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Pedro da Silva). E teve dois filhos nascidos em S. Paulo.

Do 2.º matrimônio com Pedro de Araujo, teve único filho:

§ 1. Pedro de Araujo, que casou com Isabel Vaz Coelho, de quem teve três: Ana de Alvarenga, que casou na Parnaiba ao 16 de abril de 1673 com Belchior Moreira, filho de João Moreira e de Gregória da Silva. Em título de G. Lopes.

Do 3.º matrimônio com Pedro da Silva teve dois filhos:

§ 2.º Ana de Alvarenga, casou em S. Paulo a 30 de abril de 1634 com Gaspar de Godói. Em título de Godói, cap. 3.º com sua descendência.

§ 3.º Isabel da Silva, casou em S. Paulo a 4 de fevereiro de 1663 com Sebastião Gil de Godói. Em título de Godói, cap. 6.º com sua descendência.

CAPÍTULO 7.º

1 — 7. Antônio Pedroso de Alvarenga, foi nobre cidadão de S. Paulo com grande respeito, e potentado em arcos de índios, que conquistou no sertão, que penetrou em várias entradas. Depois que em 10 de junho de 1611 faleceu em S. Paulo D. Francisco de Sousa, que havia chegado em 1609 feito governador administrador geral das minas das três capitanias do Rio-de-Janeiro, do espírito-Santo e de S. Paulo, trazendo a mercê de marquês das minas com trinta mil cruzados de juro herdado, e com os mais amplos poderes que até então se tinham concedido a vassalo algum sem subordinação ao governador-geral do Estado, e com alvarás do rei para dar hábitos de Cristo aos mineiros, dar o foro de fidalgo da casa, o de cavaleiro fidalgo e o de moço da câmara; e ultimamente para em sua ausência deixar em seu lugar a quem entendesse, nada conseguiu, por que a morte atalhou o progresso dos descobrimentos a que tinha vindo; e nomeando em seu lugar ao filho D. Luiz de Sousa, este tomou posse na câmara de S. Paulo no dia 11 do mesmo mês e ano de 1611. Animando aos paulistas mais poderosos, e experientes dos sertões para a empresa de intentarem descobrimentos de minas de ouro ou prata, se encarregou desta importantíssima conduta Antônio Pedroso de Alvarenga que, formando uma grande tropa à sua custa, com ela penetrou distante de S. Paulo mais de 300 léguas, e se achou em 1616 postado no centro do sertão do grande rio Paraupava ao norte da capitania, que hoje de Goiazes, e encaminha o curso das suas águas a sepultá-las no caudaloso rio do Maranhão. No seu arraial faleceu o cunhado Pedro de Araujo, de quem tratamos no cap. retro. Recolhido desta diligência, sendo constante o seu serviço, foi depois premiado com o posto de sargento-mor da comarca da capitania de S. Vicente e S. Paulo com o soldo de 80$$000, com que o dito posto tinha sido criado, e tomou posse na câmara de S. Paulo a 27 de março de 1638 (Arquivo da câmara de S. Paulo, 1, de Reg. título 1638 pág. 48 v.). Foi o sargento-mor Antônio Pedroso de Alvarenga casado com D. Ana Correia, natural da capitania do Espírito-Santo, irmã di-

reita de Merência Vaz, mulher de Luiz Monteiro de Alvarenga, irmão do dito sargento-mor (do cap. 4). Como de seu matrimônio não houve filhos, dispuseram do seu cabedal em obras pias, fazendo de mão comum o seu testamento, no qual se vê a grandeza do católico ânimo do dito sargento-mor. Havia destinado para seu jazigo e de sua mulher D. Ana Correia o lugar da capela-mor da igreja dos RR. carmelitas debaixo da lâmpada, como se vê do dito testamento, que se acha junto aos autos do inventário dos bens do dito sargento-mor, feito em 1643 (Cart. 1.º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Antônio Pedroso de Alvarenga). Foi muito devoto de Nossa Senhora do Carmo, a cujo convento deixou o que consta do seu testamento. A viuva D. Ana Correia casou depois com o capitão Francisco Borges de Mesquita; ambos faleceram em Santos em 1673 (Óbitos de Santos, fl. 5 e fl. 32).

CAPÍTULO 8.º

1 — 8. Fr. Bento da Trindade, foi religioso carmelita da província do Rio-de-Janeiro, cujo sagrado hábito tomou ainda em vida de seus pais; e não faça equivocação com outro frei Bento da Trindade, sobrinho direito, de quem tratamos no cap. 3.º § 4.º.

CAPÍTULO 9.º

1 — 9. Tomásia de Alvarenga, faleceu com testamento a 18 de maio de 1631 (Orph. de S. Paulo, inventários, letra T, maço 1.º n. 9), e por ele consta que fora casada duas vezes: primeira com Francisco de Almeida, que, acompanhando a seu cunhado Antônio Pedroso de Alvarenga ao sertão, faleceu no arraial do rio Paraupava com testamento que alí fez a 8 de janeiro de 1616 (Orph. de S. Páulo, inv. letra F, maço 1.º n. 8); segunda vez casou, como declara no seu testamento, com Manuel Rodrigues Mexilhão, sem geração. E teve do seu 1.º matrimônio naturais de S. Paulo três filhos:

2 — 1. Isabel de Almeida .... § 1.º
2 — 2. Francisco de Almeida .... § 2.º
2 — 3. Ana Ribeira .... § 3.º

§ 1.º

2 — 1. Isabel de Almeida, casou com Fernando Dias Borges, natural de S. Paulo, filho de Simão Borges Cerqueira, moço da câmara de El-rei. Em título de Cerqueiras, cap. 1.º. Com geração.

§ 2.º

2 — 2. Francisco de Almeida, casou na matriz de S. Paulo a 13 de fevereiro de 1634 com Maria de Albernaz, filha de Luiz de Albernaz e de sua mulher Andreza Gonçalves. Ignoramos se teve filhos.

§ 3.º e último

2 — 3. Ana Ribeira, casou na matriz de S. Paulo a 8 de abril de 1630: a primeira vez com Domingos Cordeiro (viuvo de sua primeira mulher Antônia de Paiva (em título de Cordeiros Paivas), natural da vila do Espinhel, filho de Domingos Fernandes e de sua mulher Maria Luisa Cordeiro: sem geração; casou segunda vez com Manuel Alves Claro e de sua mulher Natária de Amorim), que faleceu a 29 de janeiro de 1650 (Cart. 2.º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Manuel Alves Claro, com testamento). Sem geração.

CAPÍTULO 10 e último

1 — 10. Maria Rodrigues de Alvarenga, faleceu com testamento a 20 de abril de 1646 (Cart. 1.º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Maria Rodrigues de Alvarenga, com testamento); e foi casada com Manuel Mourato Coelho. E teve filha única nascida em S. Paulo:

§ único

2 — 1. Ana Mourato, casou em S. Paulo a 5 de junho de 1634 com Valentim Cordeiro, natural da vila do Espinhel, sobrinho de Domingos Cordeiro, do cap. 9.º § 3.º retro, e filho de Gaspar Cordeiro e de sua mulher Ana Matoso; o dito Valentim Cordeiro faleceu em 1643 (Orph. de S. Paulo, inv. letra V, maço 1.º n. 4). E teve filha única.

3 — 1. Ana Matoso Mourato, casou em S. Paulo com Manuel de Lemos Conde, natural da vila de Borba, que foi provedor dos reais quintos da fazenda de Parnaguá e que em 1681 se degolou por suas próprias mãos, estando preso e sequestrado. Em título de Cordeiros. Com geração. E vide aut. *de genere*, dos netos Inácio e José Mourato. Com geração.

Entre muitos familiares que procederam da família de Alvarengas foram tambem estes:

O Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da Sé do Rio-de-Janeiro, comissário do Santo Ofício, terceiro neto do tronco.

O capitão José Vaz Cardoso de Toledo, familiar.

O R. José de Sousa Ribeiro e Araujo, doutor de capelo, arcediago, e depois tesoureiro-mor do Rio-de-Janeiro, comissário do Santo Ofício. José de Góis Moreira 4.º provedor proprietário da Fazenda Real de Santos, familiar.

ÍNDICE DO TOMO III

Lemes 1

Godoys 141

Bicudos, Carneiros, Mendonças 171

Pedrosos, Barros, Vazes 199

Primeira Adenda á Familia Rendon 215

Segunda Adenda á Familia Paes Leme 217

Costas Cabrais 223

Mesquitas 235

Penteados 239

Alvarengas Monteiros 253

Este livro foi impresso
(com filmes fornecidos pela Editora)
na Gráfica Editora Bisordi Ltda.,
à Rua Santa Clara, 54 (Brás),
São Paulo.